

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

ISABEL CRISTINA PEREIRA DOS SANTOS

RECONHECIMENTO DE TERMOS E DE VARIANTES DENOMINATIVAS A PARTIR
DOS *LOGS* DE PESQUISA DOS USUÁRIOS DA *REVISTA ANÁLISE ECONÔMICA*:
UMA ANÁLISE DA VARIAÇÃO NO ÂMBITO DA MICROECONOMIA

Porto Alegre

2021

ISABEL CRISTINA PEREIRA DOS SANTOS

RECONHECIMENTO DE TERMOS E DE VARIANTES DENOMINATIVAS A PARTIR
DOS *LOGS* DE PESQUISA DOS USUÁRIOS DA *REVISTA ANÁLISE ECONÔMICA*:
UMA ANÁLISE DA VARIAÇÃO NO ÂMBITO DA MICROECONOMIA

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Linha de pesquisa: Informação e Ciência

Orientadora: Profa. Dra. Rita do Carmo Ferreira Laipelt

Porto Alegre

2021

CIP - Catalogação na Publicação

Santos, Isabel Cristina Pereira dos
Reconhecimento de termos e de variantes
denominativas a partir dos logs de pesquisa dos
usuários da Revista Análise Econômica: uma análise da
variação no âmbito da Microeconomia / Isabel Cristina
Pereira dos Santos. -- 2021.

260 f.

Orientadora: Rita do Carmo Ferreira Laipelt.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e
Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Ciência da
Informação, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Garantia literária. 2. Linguística de corpus. 3.
Terminologia. 4. Variação denominativa. 5. Organização
do Conhecimento. I. Laipelt, Rita do Carmo Ferreira,
orient. II. Título.

ISABEL CRISTINA PEREIRA DOS SANTOS

RECONHECIMENTO DE TERMOS E DE VARIANTES DENOMINATIVAS A PARTIR
DOS *LOGS* DE PESQUISA DOS USUÁRIOS DA *REVISTA ANÁLISE ECONÔMICA*:
UMA ANÁLISE DA VARIAÇÃO NO ÂMBITO DA MICROECONOMIA

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Porto Alegre, 02 de junho de 2021.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Rita do Carmo Ferreira Laipelt - Orientadora
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof. Dr. Mario Barité
Universidad de la República (Udelar)

Prof. Dr. Rene Faustino Gabriel Junior
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof. Dr. Thiago Henrique Bragato Barros
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Para a minha família.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, pelo ensino de pós-graduação *stricto sensu* público, gratuito e de qualidade, ao qual tive a oportunidade de ter acesso e de poder realizar esta pesquisa.

À Faculdade de Ciências Econômicas e ao Programa de Pós-Graduação em Controladoria e Contabilidade da UFRGS, por permitirem o meu afastamento parcial das atividades como servidora, a fim de que eu pudesse realizar esta qualificação.

A minha orientadora, professora Rita do Carmo Ferreira Laipelt, por me apresentar ao universo dos *logs* e suas possibilidades de pesquisa. Obrigada pela troca enriquecedora durante esses dois anos de Mestrado, por compartilhar os seus conhecimentos comigo, e por acreditar no meu potencial para realizar um trabalho dentro de duas áreas que se interseccionam, que são a Terminologia e a Organização do Conhecimento!

Aos professores Mario Barité, Rene Faustino Gabriel Junior e Thiago Henrique Bragato Barros por aceitarem fazer parte da minha banca e pelas valiosas contribuições para o aperfeiçoamento da minha pesquisa.

Aos professores Ivan Colangelo Salomão (UFPR) e Sabino da Silva Pôrto Junior (UFRGS), que gentilmente aceitaram o papel de consultores especialistas para a análise e validação das lexias da área de Microeconomia pertencentes a minha pesquisa. Obrigada pela preciosa contribuição e pelo tempo que dispuseram para me auxiliar!

Aos professores Henrique Morrone e Sergio Rangel Guimarães, docentes da Faculdade de Ciências Econômicas (FCE/UFRGS), pela gentileza e disponibilidade em responder as minhas dúvidas terminológicas.

À *Revista Análise Econômica*, na qual atuei por nove anos, especialmente a sua editora, professora Ana Lúcia Tatsch, por autorizar o uso anônimo dos *logs* de pesquisa dos usuários para a realização desta pesquisa.

Ao Centro de Processamento de Dados da UFRGS, especialmente ao servidor Hauf Oliveira da Silva, pela coleta dos *logs* de pesquisa dos usuários da revista, o que me propiciou realizar esta dissertação.

Ao profissional de informática Vicente Grassi Filho, por elaborar e ceder o extrator de *logs* usado na pesquisa.

A minha mãe, Maria Sirhlei, pelo apoio e por me alimentar física e espiritualmente, com suas deliciosas receitas e suas amorosas orações.

Ao meu pai, Avelino, por todo amor que me dedicou enquanto aqui estive e que, junto com a minha mãe, trabalhou muito para que eu pudesse estudar.

Ao meu irmão, Cesar Augusto, pelo incentivo para a realização do Mestrado, e a minha cunhada, Veridiana Zechin, pelo apoio, exemplo e motivação para seguir adiante nos estudos, buscando sempre o aperfeiçoamento.

A amiga Carolina dos Santos Carboni, por me dar incentivo e coragem para ingressar no Mestrado em Ciência da Informação, área distinta da minha graduação em Letras, e por vibrar comigo em cada vitória.

Ao amigo Ivan Colangelo Salomão, pela parceria em muitos momentos e nas muitas horas que passei em frente ao computador, analisando termos da Economia e escrevendo a dissertação. Apesar da distância física, você sempre esteve aqui.

Às colegas de mestrado e bibliotecárias da FCE Jaqueline Insaurriaga Silveira e Lílian Maciel Leão, pelo apoio e pelo empenho em fazer com que os livros físicos de Economia chegassem até mim nesse período de pandemia, em que os encontros pessoais se tornaram raros e difíceis.

A Deus-Pai, por me dar capacidade infinita, por colocar todas essas pessoas maravilhosas na minha vida, oportunizando encontros produtivos e enriquecedores que me possibilitaram concluir este Mestrado.

“A língua não tem formas puras e formas impuras, é vária, diversa, percorre toda a sociedade, tanto horizontal como verticalmente. Não há contaminação, há intercâmbios, evolução, mutações. Não há nada mais mestiço que a língua.”

José Saramago

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo principal apresentar uma metodologia para o reconhecimento de termos e de variantes denominativas da Economia, a partir dos *logs* de pesquisa dos usuários da *Revista Análise Econômica*, publicação periódica eletrônica da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A análise da variação delimita-se à terminologia de Microeconomia, subdomínio recortado para a pesquisa. Pelo tratamento das expressões de busca dos usuários do *site* da revista, foi possível reunir diferentes lexias que se relacionam entre si representando um mesmo conceito, constituindo assim conjuntos ou pares de lexias candidatas a variantes denominativas. Essas lexias se vinculam a conceitos do domínio de Economia e representam também o *modus dicendi* próprio dos usuários da revista. Entende-se que esse “modo de dizer” deva ser levado em consideração quando da elaboração de uma linguagem documentária para a revista, a fim de que ela seja representativa também da linguagem do usuário, e não apenas da linguagem do especialista. Compõem o *corpus* de estudo deste trabalho os *logs* de pesquisa dos usuários da *Revista Análise Econômica* e, o *corpus* de referência, os artigos publicados na revista no período 2015-2019. A metodologia utilizada para a extração dos *logs* e da terminologia da revista foi a análise de *logs* e a Linguística de *Corpus*, respectivamente. O reconhecimento terminológico foi realizado com base em uma classificação adaptada da classificação formal de variantes denominativas de Judit Freixa e da tipologia para termos sinônimos em Economia de Mariângela de Araújo. A justificação dos termos foi realizada à luz da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), da Garantia Literária, da Garantia do Usuário e da Garantia Acadêmica. Das expressões de busca de Economia, fez-se um recorte do subdomínio de Microeconomia, conforme o Sistema de Classificação JEL, e se analisaram doze expressões – *cobb douglas*, *custos*, *custos de produção*, *custo de transação*, *custo no longo prazo*, *demandas*, *equilíbrio geral*, *externalidades*, *função de produção*, *microeconomia*, *poupança* e *renda* –, a fim de confirmar ou não a existência de variação denominativa. Dessas, explica-se detalhadamente o processo de análise de quatro lexias – *custo no longo prazo*, *cobb douglas*, *poupança* e *externalidades* –, pois foram as que apresentaram diferentes casos de variação denominativa a serem discutidos. As expressões de busca presentes nos *logs* dos usuários da revista se mostraram uma importante fonte de pesquisa semântica do universo da *Revista Análise Econômica*, pois, durante a análise dessas expressões, foi possível refletir sobre o processo de indexação, que envolve a variação denominativa e que requer uma análise diferenciada para

cada termo devido às suas especificidades. Ao final, chegou-se a uma árvore de domínio e a uma lista de palavras-chave, que reuniu termos representativos da linguagem dos usuários e dos especialistas. Em suma, a metodologia proposta deixa claro o potencial dos *logs* como fonte importante de lexias e de variantes denominativas e como garantia do usuário, estabelecendo uma forma de se trabalhar com *logs* no contexto da Organização do Conhecimento. Ademais, a pesquisa demonstra, em uma perspectiva global, a integração entre teorias e métodos da Terminologia e teorias e métodos da Organização do Conhecimento e de suas aplicações na parte empírica da pesquisa, evidenciando, assim, sua interdisciplinaridade.

Palavras-chave: Garantia literária. Linguística de *corpus*. Terminologia. Variação denominativa. Organização do Conhecimento. Economia.

ABSTRACT

This master thesis aims to present a methodology for the recognition of terms and denominative variants of Economics based on the research logs of users of the *Revista Análise Econômica*, an electronic periodical publication of the Faculdade de Ciências Econômicas at the Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). The analysis of variation is limited to the terminology of Microeconomics, the subdomain delimited for analysis. By treating the search expressions of the users of the journal website, it was possible to gather different lexias that are related to each other representing the same concept, thus constituting sets or pairs of lexias that are candidates for denominative variants. These lexias are linked to concepts in the field of Economics and also represent the *modus dicendi* of the journal's users. It is understood that this "way of saying" should be taken into account when preparing a documentary language for the journal, so that it is also representative of the user's language, and not just the experts' language. The research logs of the users of the *Revista Análise Econômica* make up the *corpus* of study of this work, and the papers published in the journal in the period 2015-2019, the *corpus* of reference. The methodology used to extract the journal's logs and terminology was the *log* analysis and *Corpus* Linguistics, respectively. Terminological recognition was performed based on a classification adapted from the formal classification of denominative variants by Judit Freixa and the typology for synonyms in Economics by Mariângela de Araújo. The justification of the terms was carried out according to the Communicative Theory of Terminology, Literary Warrant, User Warrant and Academic Warrant. From the Economics search expressions, a cut was made of the Microeconomics subdomain, according to the JEL Classification System, and twelve expressions were analyzed – *cobb douglas*, *custos*, *custos de produção*, *custo de transação*, *custo no longo prazo*, *demanda*, *equilíbrio geral*, *externalidades*, *função de produção*, *microeconomia*, *poupança e renda* –, in order to confirm or not the existence of denominational variation. Of these, the process of analyzing four lexias – *custo no longo prazo*, *cobb douglas*, *poupança e externalidades* –, is explained in detail, as they were the ones that presented different cases of denominative variation to be discussed. The search expressions present in the journal's users' logs proved to be an important source of semantic research in the *Revista Análise Econômica* universe, because, during the analysis of these expressions, it was possible to reflect on the indexing process, which involves the denominative variation and that requires a different analysis for each term due to its specificities. At the end, we arrived at a domain tree and a list of keywords, which brought together terms representative

of the users' and experts' language. In short, the proposed methodology makes clear the potential of logs as an important source of lexias and denominative variants and as a user warrant, establishing a way of working with logs in the context of Knowledge Organization. Furthermore, the research demonstrates, in a global perspective, the integration between theories and methods of Terminology and theories and methods of the Knowledge Organization and its applications in the empirical part of the study, thus evidencing its interdisciplinarity.

Keywords: Literary warrant. *Corpus* Linguistics. Terminology. Denominative variation. Knowledge Organization. Economy.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Temas de alta relevância da economia e suas interfaces com os demais campos do conhecimento social	30
Figura 2 – Conceitos abordados na Microeconomia e suas relações.....	34
Quadro 1 – Possibilidades de análise de <i>logs</i> de pesquisa de uma revista eletrônica – comportamento de busca do usuário.....	39
Quadro 2 – Classificação Formal de Variantes Denominativas de Freixa (2002).....	61
Quadro 3 – Adaptação da tipologia de Araújo (2006) para termos variantes de Economia .	67
Quadro 4 – Categoria agregada à tipologia de Araújo (2006) para termos variantes de Economia	68
Quadro 5 – Causas da variação denominativa conforme Freixa (2013).....	69
Figura 3 – Interface do extrator de <i>logs</i>	74
Figura 4 – Configuração dos <i>logs</i> de pesquisa dos usuários em Excel	75
Quadro 6 – <i>Logs</i> de pesquisa dos usuários e suas informações de acesso.....	75
Figura 5 – Organização do <i>corpus</i> de estudo.....	76
Quadro 7 – Classificação Formal de Variantes Denominativas	81
Figura 6 – Identificação das lexias por sessão de busca	83
Quadro 8 – Exemplo da classificação formal de variantes denominativas a partir das lexias candidatas a variantes encontradas na mesma sessão de busca (Grupo A)	85
Figura 7 – Frequência dos termos no <i>corpus</i> de referência.....	87
Quadro 9 – Exemplos de lexias de economia extraídas dos <i>logs</i> de pesquisa (<i>corpus</i> de estudo) e suas ocorrências no <i>corpus</i> textual especializado (<i>corpus</i> de referência).....	87
Quadro 10 – Exemplo da classificação formal de variantes denominativas a partir das lexias candidatas a variantes encontradas comparando-se o <i>corpus</i> de estudo com o <i>corpus</i> de referência (Grupo C)	88
Quadro 11 – Categorias gerais da área de Economia pelo Sistema de Classificação JEL....	90
Quadro 12 – Exemplos de candidatas a variantes encontradas na mesma sessão de busca (Grupo A) classificadas de acordo com a JEL.....	91
Figura 8 - Modelo de ficha terminológica	94
Quadro 13 – Contexto das lexias na ficha terminológica.....	100
Figura 9 – Contextos de ocorrência do termo no <i>corpus</i> de referência	102
Figura 10 – Modelo da árvore de domínio.....	105
Quadro 14 – Contexto das lexias na mesma sessão de busca (Grupo A)	106
Quadro 15 – Recorte do Grupo A: lexias candidatas a variantes encontradas na mesma sessão de busca.....	107

Quadro 16 – Recorte da classificação formal de variantes denominativas para o conjunto de lexias <i>custo no longo prazo / custos no longo prazo / custo ao longo prazo / custo longo prazo / custo</i>	107
Quadro 17 – Contexto das lexias em diferentes sessões de busca (Grupo B)	108
Quadro 18 – Recorte do Grupo B: lexias candidatas a variantes encontradas em diferentes sessões de busca	109
Quadro 19 – Recorte da classificação formal de variantes denominativas para o conjunto de lexias <i>cobb douglas / função de produção</i>	110
Quadro 20 – Contexto das lexias candidatas a variantes encontradas comparando-se o <i>corpus</i> de estudo com o <i>corpus</i> de referência (Grupo C)	110
Quadro 21 – Recorte das lexias de economia extraídas dos <i>logs</i> de pesquisa (<i>corpus</i> de estudo) e suas ocorrências no <i>corpus</i> textual especializado (<i>corpus</i> de referência).....	111
Quadro 22 – Recorte do Grupo C: lexias candidatas a variantes encontradas comparando-se o <i>corpus</i> de estudo com o <i>corpus</i> de referência	111
Quadro 23 – Recorte da classificação formal de variantes denominativas para os conjuntos de lexias <i>poupança / caderneta de poupança e poupança / conta de poupança</i>	112
Quadro 24 – Recorte da Classificação JEL das candidatas a variantes do Grupo A	113
Quadro 25 – Recorte da Classificação JEL das candidatas a variantes do Grupo B	113
Quadro 26 – Recorte da Classificação JEL das candidatas a variantes do Grupo C	113
Quadro 27 - Total de candidatas a variantes nas categorias do Sistema de Classificação JEL	114
Quadro 28 – Recorte das ocorrências das lexias da Categoria D - Microeconomia nos <i>corpora</i> de pesquisa	116
Quadro 29 – Resultados da classificação formal de variantes denominativas.....	123
Quadro 30 – Colocações do termo eponímico <i>cobb-douglas</i> nos livros-texto de Microeconomia	133
Quadro 31 – Variações do termo <i>externalidades, externalidades positivas e externalidades negativas</i>	145
Quadro 32 – Classificação final da variação denominativa dos termos de Microeconomia analisados	146
Quadro 33 – Resumo da variação encontrada nos termos de Microeconomia analisados..	149
Figura 11 – Árvore de domínio de Microeconomia, subdomínio da área de Economia de acordo com a Classificação JEL	151

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
1.1 PROBLEMA DA PESQUISA E OBJETIVOS	19
1.2 JUSTIFICATIVA DA PESQUISA	19
1.3 CONTEXTO DA PESQUISA	22
1.4 ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO.....	23
2 A ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO E A RECUPERAÇÃO DA INFORMAÇÃO.....	25
2.1 A ECONOMIA COMO DOMÍNIO DE ESTUDO NA ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO	29
2.2 ASPECTOS TEÓRICOS DA GARANTIA LITERÁRIA	34
2.2.1 Os logs de pesquisa como garantia do usuário	37
2.2.2 A estratégia de busca do usuário	40
3 AS UNIDADES DE DESIGNAÇÃO DA LÍNGUA	44
3.1 LÉXICO, PALAVRA E LEXIA.....	44
3.2 TERMO E PALAVRA-CHAVE	46
4 A TERMINOLOGIA E SUAS TEORIAS	51
4.1 TEORIA GERAL DA TERMINOLOGIA (ESCOLA DE VIENA).....	52
4.2 SOCIOTERMINOLOGIA (ESCOLA CANADENSE)	53
4.3 TEORIA SOCIOCOGNITIVA DA TERMINOLOGIA (ESCOLA SOCIOCOGNITIVA).....	54
4.4 TEORIA COMUNICATIVA DA TERMINOLOGIA (ESCOLA IBÉRICA).....	55
4.5 A VARIAÇÃO TERMINOLÓGICA	58
4.5.1 Classificação das variantes denominativas	61
4.5.2 Causas da variação denominativa	69
5 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	72
5.1 ORGANIZAÇÃO DO <i>CORPUS</i> DE ESTUDO	74
5.2 ORGANIZAÇÃO DO <i>CORPUS</i> DE REFERÊNCIA	77
5.3 RECONHECIMENTO TERMINOLÓGICO.....	79
5.3.1 Análise das lexias de Economia extraídas dos logs de pesquisa a partir da classificação formal de variantes denominativas de Freixa (2002) e da tipologia de Araújo (2006).....	83
5.3.2 Análise das lexias de Economia extraídas dos logs de pesquisa (<i>corpus</i> de estudo) e suas ocorrências no <i>corpus</i> textual especializado (<i>corpus</i> de referência).....	86

5.3.3 Classificação das candidatas a variantes dos Grupos A, B e C conforme o Sistema de Classificação JEL	90
5.3.4 Reconhecimento do subdomínio com maior ocorrência de candidatas a variantes e seleção das candidatas pertencentes a ele, fazendo-se, assim, o recorte de um subdomínio	92
5.4 GARANTIA LITERÁRIA	92
5.5 PREENCHIMENTO DAS FICHAS TERMINOLÓGICAS	94
5.6 CONSULTA A ESPECIALISTAS COMO GARANTIA ACADÊMICA.....	103
5.7 ESTABELECIMENTO DE UMA LISTA DE PALAVRAS-CHAVE E DE UMA ÁRVORE DE DOMÍNIO A PARTIR DO SUBDOMÍNIO RECORTADO	104
6 ANÁLISE DE DADOS	106
6.1 GRUPO A – LEXIAS CANDIDATAS A VARIANTES ENCONTRADAS NA MESMA SESSÃO DE BUSCA	106
6.2 GRUPO B - LEXIAS CANDIDATAS A VARIANTES ENCONTRADAS EM DIFERENTES SESSÕES DE BUSCA	108
6.3 GRUPO C – LEXIAS CANDIDATAS A VARIANTES ENCONTRADAS COMPARANDO-SE O <i>CORPUS</i> DE ESTUDO COM O <i>CORPUS</i> DE REFERÊNCIA	110
6.4 RECORTE DO SUBDOMÍNIO E DAS LEXIAS SELECIONADAS PARA ANÁLISE	112
7 RESULTADOS DA PESQUISA	121
7.1 RESULTADOS QUANTO À CLASSIFICAÇÃO FORMAL DE VARIANTES DENOMINATIVAS APLICADA AOS PARES DE LEXIAS DOS GRUPOS A, B E C	122
7.1.1 Resultados do Grupo A de lexias candidatas a variantes	124
7.1.2 Resultados do Grupo B de lexias candidatas a variantes	125
7.1.3 Resultados do Grupo C de lexias candidatas a variantes	126
7.2 ANÁLISE DE QUATRO LEXIAS CANDIDATAS A VARIANTES DO SUBDOMÍNIO D – MICROECONOMIA	128
7.2.1 <i>Lexia custo no longo prazo</i>	129
7.2.2 <i>Lexia cobb douglas</i>	131
7.2.3 <i>Lexia poupança</i>	136
7.2.4 <i>Lexia externalidades</i>	140
7.3 CLASSIFICAÇÃO FINAL DA VARIAÇÃO DENOMINATIVA DOS TERMOS DE MICROECONOMIA ANALISADOS	146
7.4 LISTA DE PALAVRAS-CHAVE.....	148
7.5 ÁRVORE DE DOMÍNIO	150

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	153
REFERÊNCIAS	157
APÊNDICE A – Tipologia para termos sinônimos em economia segundo Araújo (2006).....	164
APÊNDICE B – Códigos dos artigos que compõem o <i>corpus</i> de referência.....	167
APÊNDICE C - Lexias de Economia extraídas dos <i>logs</i> de pesquisa (<i>corpus</i> de estudo) e suas ocorrências no <i>corpus</i> textual especializado (<i>corpus</i> de referência).....	184
APÊNDICE D – Lexias candidatas a variantes encontradas na mesma sessão de busca (Grupo A).....	198
APÊNDICE E – Classificação formal das lexias candidatas a variantes encontradas na mesma sessão de busca (Grupo A)	201
APÊNDICE F – Lexias candidatas a variantes encontradas em diferentes sessões de busca (Grupo B)	204
APÊNDICE G – Classificação formal das lexias candidatas a variantes encontradas em diferentes sessões de busca (Grupo B)	207
APÊNDICE H – Lexias candidatas a variantes encontradas comparando-se o <i>corpus</i> de estudo com o <i>corpus</i> de referência (Grupo C)	211
APÊNDICE I – Classificação formal das lexias candidatas a variantes encontradas comparando-se o <i>corpus</i> de estudo com o <i>corpus</i> de referência (Grupo C).....	214
APÊNDICE J – Classificação JEL das candidatas a variantes do Grupo A	217
APÊNDICE K – Classificação JEL das candidatas a variantes do Grupo B	220
APÊNDICE L – Classificação JEL das candidatas a variantes do Grupo C	224
APÊNDICE M – Ocorrências das lexias da categoria D - Microeconomia nos <i>corpora</i> de pesquisa.....	227
APÊNDICE N – Fichas terminológicas.....	234
ANEXO A – Recorte da Classificação JEL: D – Microeconomia	256

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como objetivo principal apresentar uma metodologia para o reconhecimento de termos e de variantes denominativas da Economia, a partir dos *logs* de pesquisa dos usuários da *Revista Análise Econômica*, publicação periódica eletrônica da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Os *logs* constituem o histórico de pesquisa do usuário em um sistema informacional, e registram, entre outras informações, as *lexias* ou expressões de busca elaboradas pelo usuário em suas estratégias de recuperação da informação.

A partir do tratamento dessas *lexias* é possível reunir diferentes expressões de busca que se relacionam entre si representando um mesmo conceito, constituindo assim conjuntos ou pares de variantes denominativas. São expressões que se vinculam a conceitos do domínio de Economia e que representam também o *modus dicendi* próprio dos usuários da revista. Entende-se que esse “modo de dizer” deva ser levado em consideração quando da elaboração de uma linguagem documentária para a revista, a fim de que ela seja representativa também da linguagem do usuário, e não apenas da linguagem do especialista.

Para a estruturação de linguagens documentárias, como um vocabulário controlado ou uma lista de palavras-chave, a Terminologia é uma teoria importante, pois auxilia na resolução de problemas de informação, de classificação e de comunicação, a fim de produzir recursos para uma melhor organização e recuperação do conhecimento científico.

Fazem parte da Terminologia metodologias que estabeleçam critérios de seleção e análise de palavras ou de termos extraídos de um *corpus*, bem como a elaboração de justificativas para as suas escolhas. Essas metodologias são direcionadas a pesquisas que têm como objeto de estudo um *corpus* textual ou documentação, o qual constitui uma amostra da linguagem natural escrita, compilada para determinados fins, dependendo do propósito do pesquisador, podendo dela se extrair terminologias, dados linguísticos, como frequência, colocação e definições conceituais, para a elaboração de dicionários técnicos, glossários, linguagens documentárias etc.

Nesse sentido, optou-se por se trabalhar com dois tipos de *corpus*: um *corpus* de estudo, composto pelos *logs* de pesquisa dos usuários da *Revista Análise Econômica*, e um *corpus* de referência, composto por artigos publicados na revista no período 2015-2019, além de dicionários de Economia e do léxico geral, e de livros-texto da área de Microeconomia, subdomínio de análise delimitado na pesquisa. Para justificar a terminologia selecionada, serão aplicadas a Linguística de *Corpus* e a Garantia Literária como metodologias.

A Linguística de *Corpus* é reconhecida como uma metodologia que se baseia na coleta e exploração de *corpora* textuais, com o intuito de se obter um conjunto de dados linguísticos para fins de pesquisa. Sua aplicação encontra-se mais voltada à Lexicologia e Lexicografia, à Terminologia e Terminografia, à Tradução e à Análise do Discurso, porém, nada impede que ela se estenda à área de Organização do Conhecimento no âmbito da Ciência da Informação (CI), uma vez que tem se tornado imprescindível para a extração de terminologia de uma grande quantidade de textos. Ela permite compilar textos em formato eletrônico por meio de gerenciadores de *corpora*, obtendo, entre outros dados, uma lista de termos e sintagmas, acompanhados dos seus contextos.

Já a Garantia Literária estabelece que o *corpus* para a extração e validação de termos deve ser constituído pela literatura de um domínio, sendo o destino desses termos qualquer sistema de organização do conhecimento (BARITÉ, 2007). A Organização do Conhecimento se utiliza da garantia literária e de outras formas de validação, tais como a garantia do usuário, que considera as formulações de busca do usuário em um sistema de informação; a garantia cultural, que considera a visão de mundo do usuário (BARITÉ, 2007), mais especificamente o que a Linguística de *Corpus* chama de “variedades sociolinguísticas específicas” (SARDINHA, 2004); e a garantia acadêmica, que considera o vocabulário formal da disciplina e a opinião dos especialistas da área, como métodos de validação dos termos.

A validação de termos se dá pela verificação do sentido do termo em seu contexto de ocorrência no *corpus* de referência, que pode ser uma compilação de artigos científicos de determinada área de conhecimento organizada para esse propósito ou os livros-texto que tratam sobre o assunto. A validação é requisito importante para a escolha do repertório de termos que irá compor o vocabulário controlado. É possível aperfeiçoar esse vocabulário a partir de uma metodologia que explore a linguagem do usuário, tal como a análise dos *logs*.

A análise das unidades lexicais nesta pesquisa fundamenta-se basicamente em princípios da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT). No referencial teórico, será abordada essa teoria, com ênfase na variação denominativa, que irá nortear a análise terminológica aqui realizada.

Esta pesquisa restringe-se ao domínio da Economia, sendo a análise da variação voltada à terminologia de Microeconomia, subdomínio delimitado na pesquisa por meio da Classificação JEL, um sistema de classificação da literatura acadêmica de Economia, que também será aplicado no reconhecimento terminológico.

1.1 PROBLEMA DA PESQUISA E OBJETIVOS

Diante do exposto, tendo como base a tríade análise de *logs*, artigos e classificação do domínio, pretende-se responder o seguinte problema de pesquisa: De que forma as expressões de busca presentes nos *logs* de pesquisa dos usuários podem auxiliar no aperfeiçoamento dos processos de indexação e de recuperação da informação?

Para responder essa questão, utilizou-se, como objeto de estudo, a *Revista Análise Econômica*, tendo como objetivo principal apresentar uma metodologia para o reconhecimento de termos e de variantes denominativas da Economia, delimitando-se a análise da variação à terminologia de Microeconomia, subdomínio recortado para a pesquisa.

Por conseguinte, os objetivos específicos da pesquisa são:

- a) representar a linguagem do usuário da revista e dos especialistas em uma lista de palavras-chave que integre termos extraídos das *lexias* presentes nos *logs* de busca dos usuários e dos artigos da revista;
- b) evidenciar a capacidade de integração entre teorias e métodos da Terminologia e teorias e métodos da Organização do Conhecimento, uma vez que esta pesquisa se situa em uma área de intersecção entre essas duas áreas de conhecimento.

1.2 JUSTIFICATIVA DA PESQUISA

A ideia desta pesquisa surgiu a partir da experiência desta mestrandia como servidora da UFRGS e assistente editorial da *Revista Análise Econômica*. Atuando durante nove anos na produção desse periódico, desde a preparação dos originais (revisão textual e normalização ABNT) até a sua publicação no Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas/Open Journal Systems (Seer/OJS), foi possível perceber, em primeiro lugar, a dificuldade que é para os autores estabelecerem palavras-chave que representem a temática do seu artigo e que, ao mesmo tempo, possibilitem encontrá-lo por meio de busca no *site* da revista; e, em segundo lugar, a existência de uma incompatibilidade entre os termos buscados pelos usuários e os termos registrados como palavras-chave nos metadados de submissão dos artigos da revista, silenciando, assim, a recuperação dos artigos desejados.

O interesse desta pesquisa se direciona para a elaboração de uma metodologia, a partir dos *logs* de pesquisa da revista, visando ao reconhecimento de termos e de variantes denominativas que irão compor uma lista de palavras-chave, alternativa que poderá aperfeiçoar o sistemas de recuperação de artigos. Entende-se que, a partir dessa lista, outras possibilidades

de trabalhos terminológicos poderão ser exploradas futuramente, como a elaboração de um vocabulário controlado ou de um glossário.

Nesse contexto, em uma perspectiva socioterminológica, para a elaboração de algum instrumento que guie os autores dos artigos na escolha das palavras-chave e os usuários na recuperação dos artigos, faz-se importante observar a linguagem utilizada por esses usuários durante a sua pesquisa no *site*, a fim de se levar em consideração as expressões de busca e os termos equivalentes por eles utilizados. Quanto a essa consideração, a coleta dos *logs* de pesquisa do sistema é importante para se conhecer qual é o termo preferido do usuário durante a busca e recuperação da informação e quais são as relações existentes entre os termos escolhidos por ele em sua estratégia de busca. Essa é uma informação valiosa para a elaboração de vocabulários controlados, uma vez que ela permite obter uma noção da frequência e dos sinônimos dos termos buscados, bem como do comportamento do usuário frente à informação que ele deseja.

Quanto a produções teóricas que versam sobre *logs* de pesquisa dos usuários de sistemas de recuperação da informação (SRI), há uma escassez de trabalhos publicados. Na área de Ciência da Informação, conforme a Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI), entre 1972 e 2021, foram recuperadas somente dezessete publicações referindo-se a essa temática; destas, somente quatro utilizaram o termo “*logs*” como palavra-chave.¹ Um deles, intitulado “A análise de *logs* como estratégia para a realização da garantia do usuário” (2015a), é oriundo da tese de Laipelt (2015b), em que a autora propõe uma metodologia para a seleção de termos equivalentes e descritores de tesouros na área de Direito do Trabalho e do Direito Previdenciário a partir dos *logs* de pesquisa dos usuários do Portal LexMI do Senado Federal Brasileiro.

Em pesquisa recente, Ferreira e Maculan (2020) realizam um mapeamento da literatura sobre metodologias para a revisão e atualização de tesouros. Dos 25 trabalhos mapeados, apenas três² utilizam a análise de *logs* de busca dos usuários como um dos enfoques para essa revisão e atualização de tesouros. As autoras admitem que, com essa metodologia, é possível reconhecer variantes linguísticas para um mesmo conceito, além de se obter informações sobre o perfil e o comportamento de busca do usuário, aperfeiçoando assim os processos de indexação e de manutenção dos tesouros.

¹ A pesquisa foi realizada em março de 2021 utilizando-se a expressão de busca “logs” nos pontos de acesso “Todos”, recuperando dezessete publicações, e “Palavras-chave”, recuperando quatro publicações.

² Conforme Ferreira e Maculan (2020), esses trabalhos são: a norma internacional britânica *British Standards Institution* (BSI) ISO 25964-1 (INTERNATIONAL..., 2011), a tese de Laipelt (2015b) e o trabalho dos espanhóis Vállez *et al.* (2015).

Ferreira e Maculan (2020) acrescentam ainda uma informação importante: a maioria dos tesouros, em suas apresentações, não detalha os procedimentos utilizados no processo de atualização, mesmo tendo necessidade de revisões e atualizações periódicas em sua terminologia.

Faz-se importante destacar essa informação, pois ela também serviu de motivação para esta pesquisa, quando, na época de elaboração do projeto de dissertação, constatou-se, assim como as autoras, a falta de detalhes quanto aos procedimentos empregados na elaboração de tesouros, mais especificamente, notou-se a falta de menção explícita quanto às metodologias utilizadas para constituição de *corpus* – como a Linguística de *Corpus* e a Garantia Literária –, em grande parte dos trabalhos, em português, no âmbito da Organização do Conhecimento, que versam sobre a elaboração de linguagens documentárias. Tampouco manuais que ensinam como elaborar vocabulários controlados sugerem ferramentas de coleta de termos ou descrevem critérios que precisam ser estabelecidos para coleta e seleção dos termos ou se referem à Garantia Literária como princípio norteador de tal procedimento, apesar de a Garantia Literária ser amplamente aceita na área e de existirem normas que orientam a construção de linguagens documentárias a partir dessa teoria, como o *Guidelines for the construction, format and management of monolingual controlled vocabularies* (2005), da National Information Standards Organization.

Essa lacuna metodológica vem mais uma vez ressaltar a necessidade de trabalhos que descrevam detalhadamente metodologias para que essas possam ser replicadas³ ou servir de base para novas metodologias que sejam adaptadas conforme as necessidades das linguagens documentárias. Por isso, acredita-se que a presente pesquisa tenha a sua relevância tanto para a área de Ciência da Informação quanto para a área de Terminologia, uma vez que este seria um trabalho científico baseado em pressupostos teóricos da Teoria Comunicativa da Terminologia, da Linguística de *Corpus*, da Terminografia e da Organização do Conhecimento utilizando-se os *logs* de pesquisa dos usuários como fonte de extração de termos.

Para a área da Ciência Econômica, esta pesquisa representa uma pequena amostra terminológica, que permitirá aos pesquisadores conhecer a linguagem do usuário de um SRI dessa área, possibilitando uma reflexão sobre as possibilidades de variantes existentes na área

³ Essa falta de clareza metodológica impede que um pesquisador que se utilize da mesma metodologia descrita em outra pesquisa obtenha resultados parecidos. Em 2016, a revista *Nature* entrevistou 1.576 pesquisadores, os quais responderam a um questionário *on-line* sobre reprodutibilidade da pesquisa. Os dados revelaram que “Mais de 70% dos pesquisadores tentaram e não conseguiram reproduzir os experimentos de outro cientista, e mais da metade não conseguiu reproduzir seus próprios experimentos.” (BAKER, 2016, p. 452, tradução nossa). Segundo a Fiocruz (2019), essa dificuldade de reprodutibilidade de dados de pesquisa não ocorre apenas nas Ciências da Saúde, mas em diversas áreas do conhecimento.

e de como elas podem contribuir para a recuperação da informação. Além disso, uma metodologia que envolva o reconhecimento de termos e de variantes denominativas dessa área vem com o propósito de ser replicada por outras áreas de conhecimento, visando criar e aperfeiçoar linguagens documentárias para fins de indexação e recuperação de conteúdo.

1.3 CONTEXTO DA PESQUISA

Esta pesquisa percorre dois contextos de análise: a *Revista Análise Econômica* e a Classificação JEL.

A *Revista Análise Econômica* (RAE) é uma publicação periódica quadrimestral da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Classificada no Qualis/Capes como B1 na área de Economia no quadriênio 2013-2016,⁴ a RAE é publicada em forma impressa e eletrônica e seus artigos estão disponibilizados na íntegra, em acesso aberto. Trata-se de uma publicação especializada, escrita por especialistas e dirigida tanto a profissionais quanto a estudantes de Economia.

Desde a sua primeira edição em 1983, a RAE publica artigos de natureza teórica, histórica e empírica, refletindo assim a sua pluralidade acadêmica. Até 2008, a revista era publicada somente em formato impresso; a partir de 2009, com a inserção dos periódicos da Universidade na plataforma Seer/OJS, a revista passou a ser publicada também em formato eletrônico, com acesso aberto. A RAE serviu como fonte de coleta de dados para esta pesquisa, disponibilizando os *logs* de pesquisa dos seus usuários para análise. Também foram utilizados os artigos da revista como *corpus* de referência para a validação das expressões de busca.

Quanto ao uso de tesouro de Economia, a RAE não utiliza vocabulários controlados para a inserção de palavras-chave em seus artigos. Ela permite que os autores escolham as palavras-chave de seus artigos de forma livre, sem nenhuma orientação específica. Nas “Diretrizes para Autores” em seu *site*, a revista orienta que os artigos devem apresentar, além das palavras-chave, a Classificação JEL; no entanto, não menciona se ambos devem estar relacionados, o que desobriga o autor a ir além da inserção do código de classificação em seu artigo.

A Classificação JEL é um sistema de classificação organizado pela American Economic Association (AEA), desenvolvido para ser usado no *Journal of Economic Literature* (JEL). No

⁴ Essas informações encontram-se disponíveis na Plataforma Sucupira e se referem apenas às classificações das revistas consolidadas do Triênio 2010-2012 e Quadriênio 2013-2016. Um novo modelo do Qualis Referência se encontra em fase de discussão e aprimoramentos pelas Áreas de Avaliação e as informações deverão ser atualizadas pela Capes até a Avaliação Quadrienal em 2021. (PLATAFORMA SUCUPIRA, 2021).

entanto, tornou-se um método padrão de classificação da literatura acadêmica de Economia (teses, dissertações e livros), sendo utilizado pela maioria dos periódicos dessa área. As classificações são estruturadas por classes e subclasses, partindo de classificações gerais (primárias) para classificações específicas (secundárias e terciárias), sendo organizadas por letras seguidas de números, formando códigos. Essas classificações e códigos servem também como descritores de assunto do *EconLit*, indexador internacional de periódicos da área. A Classificação JEL, nesta pesquisa, servirá de instrumento metodológico para auxiliar na organização e classificação dos termos extraídos dos *logs* de pesquisa dos usuários, bem como para delimitar o campo temático da análise terminológica mediante ao recorte de um subdomínio.

1.4 ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

Quanto à organização desta dissertação, ela se estrutura em oito capítulos. No capítulo 1, do qual faz parte esta introdução, apresentam-se o problema, o objetivo geral, os objetivos específicos, a justificativa e o contexto da pesquisa.

No capítulo 2, traz-se à luz aspectos da Organização do Conhecimento, área na qual esta pesquisa se insere, e da recuperação da informação, destacando a Economia como domínio de estudo, uma vez que a terminologia aqui analisada faz parte dessa área. Também trazem-se aspectos teóricos da garantia literária, como os *logs* de pesquisa como garantia do usuário.

No capítulo 3, abordam-se as unidades de designação da língua, como léxico, palavra e lexia, e termo e palavra-chave, com o objetivo de diferenciá-las para melhor compreendê-las quando mencionadas em contexto.

No capítulo 4, disserta-se sobre a Terminologia e suas teorias, dando ênfase à Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), a qual orienta este estudo, e à variação terminológica, mais especificamente da variação denominativa, enfatizando a classificação formal de variantes denominativas de Freixa (2002) e a tipologia de Araújo (2006), que serviram de base para o reconhecimento das candidatas a variantes extraídas das expressões de busca dos usuários presentes nos *logs* de pesquisa da revista.

No capítulo 5, apresenta-se a metodologia da pesquisa, a qual tem dupla função: descrever a metodologia do trabalho e, ao mesmo tempo, apresentar a proposta metodológica para o reconhecimento de termos e de variantes denominativas, principal objetivo deste trabalho.

No capítulo 6, analisam-se os dados dos Grupos A, B e C de lexias candidatas a variantes denominativas.

No capítulo 7, abordam-se resultados encontrados para cada grupo de lexias, analisam-se detalhadamente quatro lexias, e apresentam-se a classificação final da variação denominativa dos termos de Microeconomia analisados, a lista de palavras-chave e a árvore de domínio.

No capítulo 8, apresentam-se as considerações finais, expondo as principais conclusões da pesquisa, bem como as perspectivas para pesquisas futuras.

Esta dissertação também conta com Referências, Apêndices e Anexos, nos quais constam, de forma completa, os quadros apresentados no decorrer da metodologia.

2 A ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO E A RECUPERAÇÃO DA INFORMAÇÃO

Como área que se insere na Ciência da Informação, a Organização do Conhecimento é responsável pela organização e pelo tratamento da informação representada nos documentos, a qual será disponibilizada em sistemas informativos para fins de recuperação por parte dos usuários desses sistemas.

Em uma perspectiva pragmática, a organização do conhecimento pode ser definida como um processo de descrição de conteúdo ou do conceito contido nos documentos que são classificados. É um processo individual que leva em consideração a maneira como o autor expõe as suas ideias no texto, bem como a necessidade do usuário de um sistema informacional, como, por exemplo, a modelagem, as relações semânticas, as relações hierárquicas etc. Também é um processo de análise de domínio, de modelagem do conhecimento, que visa à construção de representações do conhecimento, que são estruturas conceituais que representam modelos de mundo, construídas para uma finalidade específica, como, por exemplo, os sistemas de organização do conhecimento (SOC), que abrangem tesouros, taxonomias, ontologias, vocabulários controlados, dicionários, entre outros. (BRASCHER; CAFÉ, 2008; SCHIESSL; SHINTAKU, 2012).

A organização do conhecimento contribui para que se elaborem metodologias para a recuperação da informação, pois o uso da tecnologia depende de uma informação previamente organizada para poder ser recuperada. Já a recuperação da informação está intimamente ligada ao comportamento do usuário e ao funcionamento dos sistemas de recuperação da informação (SRIs).

Hjørland (2002) consegue dimensionar a importância de um sistema de informação quando menciona que a medida do sucesso dos médicos está na cura, mas que a medida do sucesso de um sistema de informação está na forma como esses sistemas identificam e comunicam o conhecimento necessário para que esses médicos curem os seus pacientes. Ou seja, é preciso organizar o conhecimento para poder acessá-lo. Para tanto, cada especialidade deve ter os recursos informacionais representados, organizados, comunicados e recuperados para atender a determinados objetivos e usuários de um domínio, engrenando assim em um fluxo contínuo de representação, organização e recuperação da informação.

Os sistemas de recuperação da informação abrangem processos como a representação, o armazenamento, a organização e a localização dos documentos (ARAÚJO, 2012). Souza (2006) destaca que é função desses sistemas:

- a) representar as informações dos documentos por meio de processos de indexação e descrição dos mesmos;
- b) armazenar e gerir, de maneira física e/ou lógica, os documentos e suas representações;
- c) recuperar as informações representadas e os próprios documentos armazenados, a fim de satisfazer as necessidades de informação dos usuários.

Em se tratando do usuário, os SRIs caracterizam-se como um mecanismo que visa especificamente à recuperação da informação. Entre os usuários e esses sistemas, estão as linguagens documentárias, que servem para organizar e comunicar a informação (ARAÚJO, 2012). Contudo, para que esse processo de organização e comunicação seja eficaz, é fundamental que a análise documental seja realizada de forma adequada.

Guimarães e Sales (2010) abordam o conceito de análise documental como uma corrente do tratamento temático da informação. Os autores definem análise documental com base em uma pesquisa realizada com pesquisadores brasileiros renomados da área da Ciência da Informação. Segundo eles,

[...] a análise documental, [...], é por natureza um conjunto de procedimentos que envolve os processos de análise, síntese e representação, cujo objeto são os conteúdos documentais, os quais, devidamente organizados, geram produtos como catálogos, notações classificatórias, índices e resumos. Os objetivos da ADC estão diretamente ligados à representação do conteúdo documental e à recuperação da informação. (GUIMARÃES; SALES, 2010, não paginado).

Os autores afirmam que duas dimensões podem ser destacadas: uma voltada à geração de produtos documentais e outra voltada à recuperação da informação, o que vem ao encontro também desta pesquisa.

Guimarães e Sales (2010) também questionaram os pesquisadores sobre as relações interdisciplinares dentro da análise documental, sistematizando o estudo em sete matrizes interdisciplinares: Matriz Cognitiva: Psicologia, Psicologia Cognitiva, Ciências Cognitivas; Matriz Filosófica: Filosofia, Filosofia da Linguagem, Fenomenologia, Hermenêutica, Teoria do Conceito, Teoria da Classificação; Matriz Histórica: História, História das Ciências, História das Ideias; Matriz Lógico-Linguística: Letras, Linguística, Semiologia, Análise do Discurso, Semântica, Linguística Textual, Terminologia, Semiótica, Psicolinguística, Teorias da Argumentação, Linguística Documentária, Lógica, Lógica Clássica, Análise de Conteúdo, Análise Fílmica; Matriz Quantitativa: Matemática; Matriz Sócio-Aplicada: Direito,

Diplomática, Comunicação, Educação; e Matriz Tecnológica: Ciência da Computação, Informática, Tecnologia da Informação. Da análise dessas matrizes, os autores constataam que

[...] disciplinas relacionadas à Linguística e à Lógica são fundamentalmente efetivas na relação de interface com a Ciência da Informação para os estudos de análise documental. O fato de as demais matrizes serem mencionadas em menos que a metade das vezes que a mais citada, permite até mesmo inferir que as disciplinas da matriz Lógico-Linguística ocupam espaço nuclear no universo interdisciplinar que auxilia a Ciência da Informação na reflexão teórico-conceitual da análise documental. (GUIMARÃES; SALES, 2010, não paginado).

Nesta pesquisa, é notável que a Terminologia, disciplina da matriz Lógico-Linguística, se destaque no universo interdisciplinar como norteadora da análise de conceitos econômicos, auxiliando na reflexão teórico-conceitual da análise documental dentro da Organização do Conhecimento. Krieger e Finatto (2017) compartilham dessa reflexão quando mencionam que “[...] a Documentação pode valer-se de princípios organizacionais da Terminografia moderna na elaboração da linguagem documentária que dá suporte aos sistemas de registro e de recuperação da informação especializada.” (KRIEGER; FINATTO, 2017, p. 59). Araújo (2012), em seus estudos sobre recuperação da informação, menciona que:

[...] os termos e expressões que identificam o conteúdo informacional de um documento são localizados nos vocabulários controlados e nos catálogos eletrônicos. Os vocabulários controlados são as ferramentas com as quais os bibliotecários reconhecem a terminologia que identifica o conteúdo informacional de um documento. Os catálogos eletrônicos são as ferramentas utilizadas pelos usuários para recuperar a informação que desejam. Nas duas situações, caracterizadas pelos processos de indexação e de busca e recuperação da informação, a linguagem especializada é a fonte de informação. (ARAÚJO, 2012, p. 142).

No caso do termo, principal representante da linguagem especializada, as ações de intermediação operam no sentido de modelá-lo dentro de uma determinada área de conhecimento, dando-lhe um único valor semântico e alçando-o assim ao papel de descritor, elemento de representação e divulgação do conhecimento. Os descritores são termos-chave, relevantes para um processo de indexação, em que a precisão terminológica é fundamental para a representação do conteúdo de um documento, a fim de recuperá-lo posteriormente. Nesse contexto, pode-se depreender que uma visão positivista, normalizadora, do uso da informação se aplicaria como definição no universo dos sistemas de recuperação da informação.

No entanto, organizar um sistema de recuperação da informação levando em conta apenas a precisão no uso dos termos pode limitar a recuperação da informação por parte do usuário. Em uma perspectiva socioterminológica, faz-se necessário buscar reunir aspectos

linguísticos e conceituais da linguagem do usuário num sistema de representação da informação, disponibilizando variantes denominativas, ou seja, termos equivalentes que sirvam de remissivas para a recuperação dos assuntos desejados.

Souza (2006) chama a atenção sobre a exploração das potencialidades da linguagem natural internalizada nos textos e da semântica presente nos próprios documentos para automatizar e aperfeiçoar os processos de indexação, organização e recuperação de informações. Para a autora, os SRIs que costumam usar palavras isoladas como descritores e unidades de recuperação falham ao não considerarem o contexto informacional que está implícito nas consultas, pois não estão preparados para atender os tipos de relacionamentos existentes entre essas palavras e os conceitos.

Esses relacionamentos, na prática, determinam as minúcias e especificidades dos assuntos pesquisados. Dessa forma, perdem-se informações fundamentais sobre o escopo em que as palavras estejam sendo utilizadas e, em conseqüência, a pertinência da pesquisa diminui. Pesquisas nessa área incluem o uso de estruturas profundas da linguagem natural, como os sintagmas verbais e nominais, para indexação e recuperação [...]; e de ferramentas de representação de relacionamentos semânticos e conceituais, como os tesouros, para ampliar a gama de informações recuperadas e aferição de contextos, além de outras estratégias derivadas da lingüística e da ciência da informação. (SOUZA, 2006, p. 172).

Fujita e Redigolo (2009, p. 128) explicam que

As linguagens documentárias são auxiliares na atividade de representação e recuperação de informações, e atuam nos sistemas de informação orientando o profissional indexador sobre quais os melhores termos para representação do assunto de um documento e orientando os pesquisadores na elaboração das estratégias de busca de informações no sistema.

Assim, acredita-se que linguagens, como vocabulários controlados, possam ser modeladas pelo indexador conforme o domínio, a estrutura e o desempenho do sistema, levando em consideração também a linguagem do usuário, que é a linguagem natural – rica em variantes denominativas –, podendo ser representada pelas lexias extraídas dos *logs* de pesquisa dos usuários, principal objeto de estudo da presente dissertação e um dos tipos de garantia que será pormenorizado nos próximos capítulos.

2.1 A ECONOMIA COMO DOMÍNIO DE ESTUDO NA ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

Com o intuito de contextualizar os termos que serão repertoriados nesta pesquisa aplicada de Organização do Conhecimento, faz-se importante dissertar sobre o domínio de Economia e sobre um de seus subdomínios, a Microeconomia, o qual foi delimitado para a análise.

A Economia, também chamada de Ciências Econômicas, é uma ciência social que estuda a atividade econômica de uma sociedade. A etimologia da palavra “economia” deriva do grego *oikonomía* (de *oikos*, casa; *nomos*, lei). Significa então “administração da casa”, sendo mais tarde associada à “administração da coisa pública” (VASCONCELLOS; GARCIA, 2014, p. 2). Em sua origem, no século XVII, a denominação usual da ciência era “Economia Política”, isso porque, nesse período, os pensadores pós-renascentistas a definiam como uma ciência voltada apenas para a administração do Estado, mas, com o tempo, o adjetivo caiu em desuso, passando esta a se chamar apenas “Economia” (ROSSETTI, 2016).

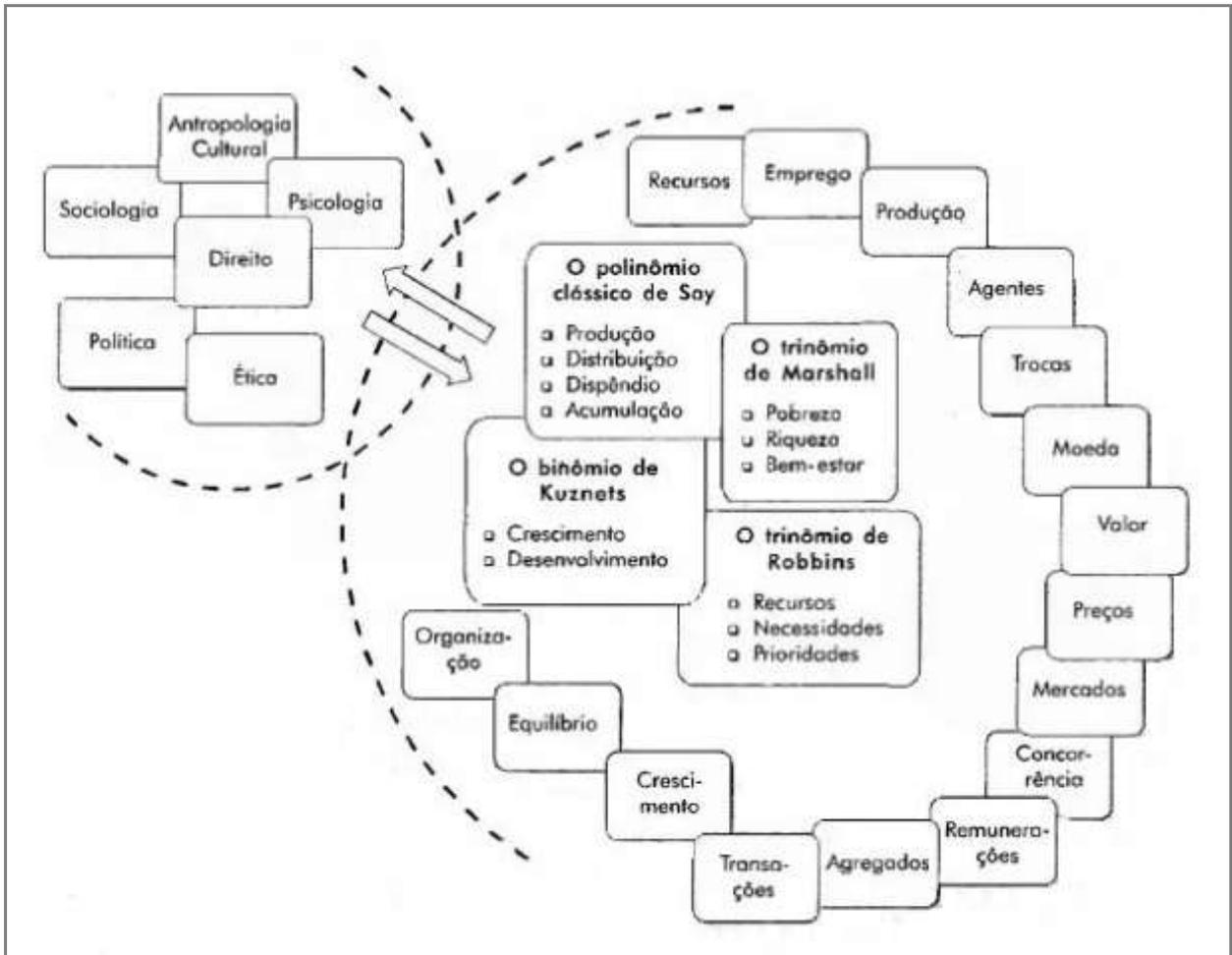
Por meio da teoria econômica, ela nos leva a conhecer como funciona o universo que nos rodeia, analisando os problemas econômicos e propondo soluções para eles. Vasconcellos e Garcia (2014, p. 2) definem Economia como “[...] a ciência social que estuda de que maneira a sociedade decide (escolhe) empregar recursos produtivos escassos na produção de bens e serviços, de modo a distribuí-los entre várias pessoas e grupos da sociedade, a fim de satisfazer as necessidades humanas.”

Conforme Vasconcellos e Garcia (2014, p. 16), para fins metodológicos e didáticos, a análise econômica se divide em quatro áreas de estudo:

- a) Microeconomia (ou Teoria de Formação de Preços): analisa como se dá a formação de preços em mercados específicos;
- b) Macroeconomia: estuda a economia como um todo, com enfoque no curto prazo, analisando a determinação e o comportamento de agregados nacionais, como renda, produto interno bruto (PIB), taxa de juros, taxa de câmbio, emprego e desemprego etc.;
- c) Economia internacional: analisa as relações econômicas entre os residentes e não residentes do país, as quais envolvem comércio internacional, taxa de câmbio, balanço de pagamentos etc.;
- d) Desenvolvimento econômico: discute estratégias de longo prazo para a melhoria do padrão de vida da coletividade, as quais abrangem a industrialização, progresso tecnológico, estratégias para o crescimento etc.

Mas afinal: do que a Economia se ocupa? Na Figura 1, Rossetti (2016, p. 6-8) apresenta uma relação sintetizada dos grandes temas dos quais a Economia se ocupa. São eles: escassez, emprego, produção, agentes econômicos; sistema de trocas, valor; moeda; preços, mercados, concorrência, remunerações, agregados (PIB e renda nacional), transações, crescimento, equilíbrio, organização.

Figura 1 – Temas de alta relevância da Economia e suas interfaces com os demais campos do conhecimento social



Fonte: Rossetti (2016, p. 18).

Apesar de a terminologia ser uma prática bastante antiga, foi na segunda metade do século XVIII e início do século XIX que houve um desenvolvimento expressivo das linguagens especializadas, uma vez que as ciências, bem como as relações de trabalho, começaram a apresentar a necessidade de estabelecer a sua própria terminologia.

O desenvolvimento da Botânica, da Zoologia, da Química, entre outras ciências taxionômicas, no século XVIII, marcou o estabelecimento de nomenclaturas técnico-

científicas, constituídas por um sistema binário, formado por afixos e radicais latinos e gregos, dando a esses termos um caráter unívoco e universal, propiciando assim a internacionalização da ciência (KRIEGER; FINATTO, 2017).

Com o advento da Revolução Industrial nesse mesmo período, surgiu a produção em série e o comércio de insumos e ferramentas para o manejo da produção. Houve a necessidade de denominar e definir conceitos, matérias-primas, ferramentas, processos, objetos de determinada área de conhecimento com precisão terminológica, a fim de se obter uma comunicação profissional eficiente.

No campo epistemológico das Ciências Econômicas, novas concepções estavam se desenvolvendo nessa mesma época. A preocupação central dos teóricos era com a riqueza das nações, e não mais com o fortalecimento do Estado. A publicação de duas obras clássicas – *Tableau économique* (1758), de François Quesnay, e *An inquiry into nature and causes of the wealth of nations* (1776),¹ de Adam Smith – deu início à era clássica na Economia, que coincidiu com o Iluminismo ou a Idade da Razão. Pelo conceito clássico, todo o processo econômico que estava surgindo a partir da formação, consumo, acumulação e distribuição da riqueza, precisaria ser detalhadamente investigado e classificado. “Daí resultariam seus núcleos de sustentação: conjuntos interconsistentes de princípios, teorias e leis explicativas da realidade econômica” (ROSSETTI, 2016, p. 21).

A organização do conhecimento científico que estava se consolidando nessa época passava pela categorização lógica dos sistemas conceituais, pelo reconhecimento de vocábulos específicos de determinado domínio do saber especializado. O surgimento de linguagens científicas fez com que cientistas passassem a se preocupar com determinadas estratégias que pudessem manter a padronização e a univocidade da comunicação científica em nível mundial e, para tanto, seria necessário estabelecer padrões terminológicos (KRIEGER; FINATTO, 2017).

É difícil estabelecer onde se inicia exatamente a história das nomenclaturas, que, em boa medida, está relacionada com a das classificações e da sistematização. A situação varia de um ramo a outro da ciência, embora poderia considerar que o ponto de partida se encontra na última parte do século XVII e que adquire uma grande importância ao longo do XVIII – a ideia de que a ciência deveria utilizar uma “linguagem bem feita”. Essa concepção, portanto, perfeitamente lógica e unívoca, relaciona-se em grande medida com a concepção de uma razão transparente e coerente típica do século das luzes, e sobretudo, do século XIX, ao amparo do positivismo e sob o impulso das sociedades científicas; embora existam notáveis precursores e antecedente em outros tempos e períodos de dedicação à ciência. (GUTIÉRREZ RODILLA, 1998, p. 207² *apud* KRIEGER; FINATTO, 2017, p. 26).

¹ Mais conhecida em português sob o título de *A riqueza das nações*.

² GUTIÉRREZ RODILLA, B. M. *La ciencia empieza en la palabra*. Análisis e historia del lenguaje científico. Barcelona: Ediciones Península, 1998.

As pesquisas e contribuições à Ciência Econômica no século XXI têm sido marcadas pela ascensão de uma nova área, que é a Economia da Informação, e também por um aumento no reconhecimento do valor de pesquisas em áreas já consagradas, como a Microeconomia e a Economia da Cooperação (PINHO, 2011). Juntam-se a essas contribuições, as preocupações com as mudanças climáticas e as inovações tecnológicas na análise macroeconômica de longo prazo, bem como estudos sobre a mitigação da pobreza global por meio de políticas públicas (THE NOBEL PRIZE, 2018).

Segundo Rossetti (2016, p. 9), todos os temas econômicos “[...] são passíveis de alguma forma de mensuração”, porém, pode-se incluir nessa lista também uma questão mais comportamental, o que Pinho (2011) chama de “linguagem global do medo”, em que se destaca um conjunto de temores, como o temor de uma guerra nuclear e de uma crise financeira global e de suas consequências. A autora acrescenta que “Muitos desses problemas são objetos de pesquisas acadêmicas e podem ser observados, por exemplo, em trabalhos selecionados pelo Comitê do Prêmio Nobel de Economia.” (PINHO, 2011, p. 26).

Para esta pesquisa terminológica, é importante destacar que a Economia, como as demais ciências, não está fechada em torno de si mesma; ela conversa com outras ciências, em uma dupla direção, assumindo assim, segundo Rossetti (2016), um caráter biunívoco. Sobre isso, ele menciona o seguinte:

De um lado, porque a economia busca alicerçar seus princípios, conceitos e modelos teóricos não apenas na sua própria consistência e aderência à realidade, mas ainda no desenvolvimento dos demais campos do conhecimento social. De outro lado, porque pode influir nos princípios e nos desenvolvimentos conceituais dos demais campos. E vai além, abrindo fronteiras à filosofia e à ética; à história, e às diferentes manifestações da religião; à tecnologia e aos variados ramos que se ocupam do estudo do meio ambiente. (ROSSETTI, 2016, p. 5).

Trazendo essa concepção para o campo da Terminologia, é por essas relações biunívocas com outros ramos do conhecimento, é por esses pontos de contato com outras ciências, tais como a Física, a Biologia, a Política, a Matemática, a Estatística, a História, a Filosofia, a Geografia, o Direito, que a Economia apresenta variantes linguísticas e ambiguidades terminológicas em sua literatura. É uma teia complexa de relações semânticas com outros ramos do conhecimento que se configura na interface da Economia, onde, muitas vezes, os conceitos não têm uma referência rigorosamente determinada, uma vez que um mesmo conceito pode se manifestar em uma ou mais áreas.

Os termos tratados neste estudo pertencem a subárea de Microeconomia. Segundo Goolsbee, Levitt e Syverson (2018, p. 75), a Microeconomia é “O ramo da economia que estuda as escolhas específicas feitas por consumidores e produtores.”

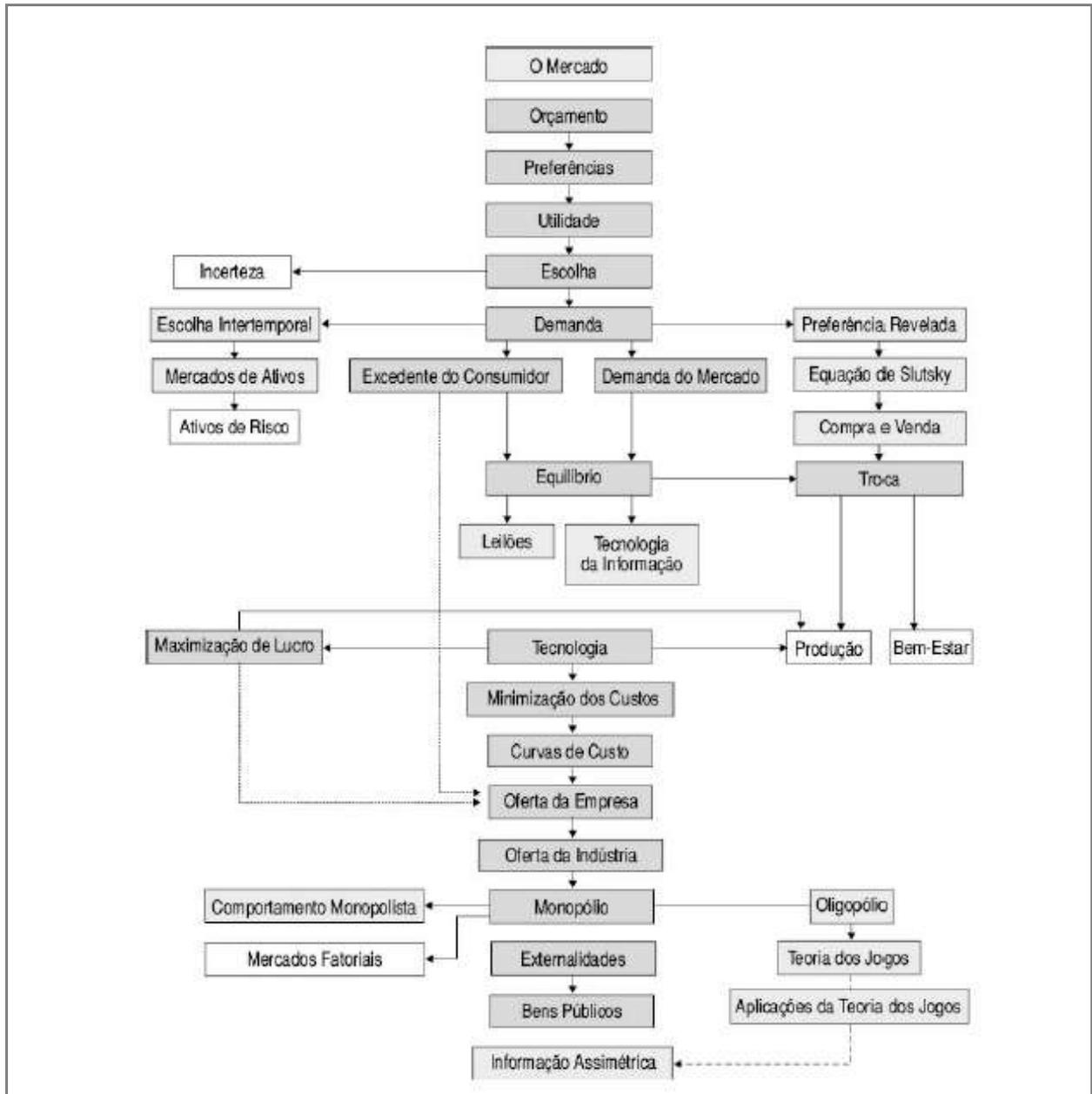
Pindyck e Rubinfeld (2013, p. 3) ampliam essa definição, mencionando que “A microeconomia trata do comportamento das unidades econômicas individuais. Estas incluem consumidores, trabalhadores, investidores, proprietários de terra, empresas — na realidade, qualquer indivíduo ou entidade que tenha participação no funcionamento de nossa economia.”

Já Pinho (2016, p. 26) argumenta que a Microeconomia está envolvida na tomada de decisões de consumidores, produtores, trabalhadores, investidores e empresas: “A Microeconomia é uma área da economia que estuda a tomada de decisões racionais por parte dos agentes económicos num contexto de escassez de recursos.”

Todos esses autores tecem uma comparação entre a Micro e a Macroeconomia. Segundo eles, enquanto a Micro foca-se nas escolhas e nos comportamentos individuais dos agentes econômicos, a Macro apresenta uma visão mais ampla e descreve um sistema mais complexo, que é a relação entre consumidores e empresas. Pindyck e Rubinfeld (2013) destacam que a fronteira entre essas duas subáreas tem se tornado cada vez menos nítida, pois, para se compreender os dados da Macroeconomia, tais como mercados de bens e serviços, mão de obra e títulos de empresas, e o seu funcionamento, é preciso compreender também o comportamento das empresas, dos consumidores, dos trabalhadores e dos investidores que constituem esses mercados e que são objetos de estudo da Microeconomia.

O diagrama da Figura 2 é apresentado por Varian (2015) para ilustrar as relações de dependência entre os capítulos do seu livro *Microeconomia: uma abordagem moderna*. Por ele, é possível visualizar os principais conceitos abordados na Microeconomia e suas relações.

Figura 2 – Conceitos abordados na Microeconomia e suas relações



Fonte: Varian (2015, p. 11).

Parece apropriado apresentar aqui esse diagrama, uma vez que ele traz um apanhado dos conceitos pertencentes a essa subárea, ilustrando-os de maneira ampla, sendo que alguns desses conceitos e suas variantes serão abordados neste estudo.

2.2 ASPECTOS TEÓRICOS DA GARANTIA LITERÁRIA

De maneira geral, a garantia literária pode ser definida como uma abordagem teórico-metodológica utilizada para justificar a seleção (inclusão e exclusão) e hierarquização de termos

que irão compor as linguagens documentárias. Ela estabelece que o *corpus* para a extração e validação de termos deve ser constituído pela literatura de um domínio, sendo o destino desses termos qualquer sistema de organização do conhecimento. São as coleções existentes nas bibliotecas que fundamentam os sistemas de classificação e fomentam a sua atualização. Barité *et al.* (2010) destacam que:

[...] a documentação atua como catalisadora do processo pelo qual se passa do estado-da-arte de uma disciplina ou espaço temático até a sua reconfiguração sob a forma de uma estrutura conceitual destinada à classificação e à indexação de documentos e recursos de informação de qualquer natureza, com vista a sua recuperação em face das demandas concretas de usuários com distintos níveis de instrução e com variados interesses e necessidades de informação. (BARITÉ *et al.*, 2010, p. 124).

Barité *et al.* (2010, p. 124) reconhecem que “[...] a garantia literária pode ser considerada uma ferramenta privilegiada de justificação e de avaliação de terminologia fundamentando, em cada caso, a contribuição que pode dar esse centenário princípio.” Como teoria, a garantia literária pode ser aplicada em todas as áreas de conhecimento, pois aumenta o valor do conhecimento registrado nos documentos, tornando-se um padrão comum da cultura científica e tecnológica (BARITÉ, 2018).

Na literatura científica, Barité (2018) identificou 21 tipos de garantias; alguns tipos citados eventualmente, outros, ainda sem perspectiva de respaldo. Porém, os que mais receberam atenção e tiveram maior impacto na literatura juntamente com a garantia literária, foram a garantia do usuário, a garantia cultural, a garantia organizacional, e, mais recentemente, a garantia epistêmica.

A garantia do usuário é defendida por alguns autores como tão importante quanto a garantia literária no processo de seleção de termos, uma vez que ela leva em consideração as formulações de busca do usuário em um sistema de informação. Um exemplo de garantia do usuário são as expressões de busca, também chamadas de *lexias*, extraídas dos *logs* de acesso dos usuários de um sistema informacional. Os *logs* são os arquivos que contêm o histórico de pesquisa dos usuários e sobre eles será dissertado mais detalhadamente na próxima seção.

Já a garantia cultural é considerada uma extensão da garantia literária. Ela deve levar em conta a visão de mundo do usuário, mais especificamente o que a Linguística de *Corpus* chama de “variedades sociolinguísticas específicas”, a fim de que os sistemas de organização do conhecimento sejam a ele adaptados. Essas variedades sociolinguísticas específicas podem ser observadas no conteúdo dos textos ao se comparar a linguagem do usuário com a linguagem dos especialistas dentro de um mesmo domínio, como, por exemplo, quando um usuário de um

sistema de informação da área médica pesquisa sobre *toxoplasmosse* usando a expressão *doença do gato*; ou sobre *diabetes mellitus* usando a expressão *açúcar no sangue*; ou sobre *hidrocefalia* usando a expressão pejorativa *cabeça d'água*. Por pertencer a um local, a uma cultura, ou até mesmo a uma ideologia diferente, o usuário pode ter uma interpretação diferente ao buscar determinado assunto e pode não encontrá-lo representado dentro de um sistema, o que é possível de se verificar pela ausência de resposta durante a busca.

Outro exemplo de garantia cultural é quando as variedades sociolinguísticas específicas exigem do organizador de um sistema uma interpretação ideológica para a tomada de decisão quanto à inclusão ou não de um termo em um sistema informacional. É o caso dos termos de Economia *ajuste fiscal* e *arrocho fiscal*, que, se levados ao pé da letra, são antagônicos, mas, se interpretados ideologicamente, podem ter sentidos distintos: alguns economistas diriam que o *ajuste fiscal* serve para equilibrar a economia, tendo uma visão positiva do processo; já outros diriam que o *ajuste fiscal* nada mais é do que o *arrocho fiscal*, pois fatalmente pioraria a qualidade de vida das pessoas, pois impactaria negativamente suas finanças.

Então, o organizador de um sistema poderá se deparar com contextos que apresentem esses dois sentidos como garantia de validação da terminologia. Sobre isso, Beghtol (1986, p. 110, tradução nossa) afirma que “A garantia cobre suposições e decisões conscientes ou inconscientes sobre quais tipos e quais unidades de análise são apropriadas para incorporar e transportar o significado ou uso de uma classe para o classificador [...]”.¹ Assim, caberá ao organizador decidir, nesse caso, com a ajuda de um especialista (garantia acadêmica), a melhor definição para os termos. Destaca-se que qualquer decisão tomada deve vir apoiada por uma garantia.

A garantia organizacional é mais utilizada durante a construção de vocabulários controlados para fins corporativos, em que os usuários são o público – trabalhadores, técnicos, clientes – da organização. Essa garantia considera a preferência de uso do termo por esses usuários e o contexto em que o termo é usado dentro da organização (BARITÉ, 2007).

Acrescenta-se ainda ao rol de garantias citadas, a garantia acadêmica, mencionada por Barité *et al.* (2017), que consiste na validação de termos por meio de consulta a especialistas acerca da identificação de subáreas de determinado domínio.

Diante do exposto, é possível perceber que as garantias parecem estar interligadas umas com as outras: a garantia do usuário, muitas vezes, depende da garantia cultural que, por vezes, depende da garantia acadêmica, para um melhor entendimento ou elaboração da definição dos

¹ “Warrant covers conscious or unconscious assumptions and decisions about what kinds and what units of analysis are appropriate to embody and to carry the meaning or use of a class to the classifier [...]”. (BEGHTOL, 1986, p. 110).

termos. Conforme aponta Barité (2007), a garantia literária é um conceito aberto e em plena evolução, e todas essas garantias são modalidades qualificadas, que foram incorporadas a ela e que a complementam em sua atribuição de legitimar e justificar a terminologia extraída e as relações paradigmáticas (associativas) necessárias para a elaboração de um sistema de informação.

2.2.1 Os logs de pesquisa como garantia do usuário

Os *logs* podem ser comparados a rastros deixados pelo usuário, pois permitem identificar o caminho percorrido por ele durante a pesquisa dentro de um sistema informativo. Segundo Vasconcelos (2017, p. 3), “Logs são arquivos que armazenam o registro de ações de usuários ou de sistemas para uma análise posterior, que pode ser realizada por motivos de segurança ou para compreender o comportamento sobre os dados registrados”.

De acordo com Jansen e Pooch (2001),

Os logs de transações são um método comum de capturar características de interações do usuário com sistemas de RI. Dada a natureza atual da Web, os logs de transações parecem ser o meio mais razoável e não invasivo de coletar informações de pesquisa de um grande número de usuários. A análise do log de transações (ALT) usa os logs de transações para discernir atributos do processo de pesquisa, como as ações do pesquisador, a interação entre o usuário e o sistema e a avaliação dos resultados pelo pesquisador. (JANSEN; POOCH, 2001, p. 236, tradução nossa).²

Pela análise dos *logs* de pesquisa é possível identificar a linguagem utilizada pelos usuários durante a recuperação da informação (incluindo as variantes denominativas), avaliar a eficiência da busca por meio dos termos utilizados pelos usuários, analisar os padrões de *download* (os temas mais baixados), realizar estudos longitudinais sobre a necessidade de busca de informação,³ entre outros estudos, partindo-se do próprio sistema de recuperação da informação.

Para Laipelt (2015a), a análise de *logs* de pesquisa dos usuários mostra-se uma grande aliada na elaboração de vocabulários controlados e de aperfeiçoamento de sistemas de recuperação de informação:

² “Transaction logs are a common method of capturing characteristics of user interactions with IR systems. Given the current nature of the Web, transaction logs appear to be the most reasonable and nonintrusive means of collecting user-searching information from a large number of users. Transaction log analysis (TLA) uses transaction logs to discern attributes of the search process, such as the searcher’s actions, the interaction between the user and the system, and the evaluation of results by the searcher.” (JANSEN; POOCH, 2001, p. 236).

³ Sobre estudos longitudinais do comportamento de usuário em sistemas de busca, ver Aires e Alufio (2003, p. 8).

[...] a análise de logs de pesquisa representa uma nova alternativa de fonte de coleta de termos e descritores tanto para tesouros como para a gestão de catálogos de autoridades, pois, desse modo, é possível verificar de forma direta as expressões utilizadas pelos usuários para a recuperação da informação sem a interferência do bibliotecário e/ou do pesquisador. Além disto, também são uma ótima fonte para a identificação de demandas e necessidades dos usuários de um sistema de informação. (LAIPELT, 2015a, p. 159).

A coleta dos *logs* de pesquisa dos usuários do sistema é importante para realizar a garantia do usuário, ou seja, para conhecer qual o termo preferido do usuário durante a busca e recuperação da informação. Essa é uma informação valiosa para a elaboração de vocabulários controlados, uma vez que ela permite obter uma noção da frequência e dos sinônimos dos termos buscados, bem como do comportamento do usuário frente à informação que ele deseja. Sobre essa forma de garantia, Barité (2007) ressalta que:

A tendência mais recente sugere que os tesouros e outras linguagens documentais podem ajustar sua estrutura de conhecimento às estruturas cognitivas dos usuários, à sua linguagem e à sua maneira de buscar informações. No entanto, a maneira de colocar em prática essa afirmação deve ser mais elaborada do que uma mera referência aos dados quantitativos de ocorrências dos termos em um sistema de informação. (BARITÉ, 2007, p. 4, tradução nossa).⁴

Jansen e Pooch (2001) propõem uma padronização da nomenclatura das métricas em estudos com usuários, especialmente em níveis de análise, pois variados nomes para a mesma métrica dificultam a comparação entre estudos. Para os autores, deve-se tentar a análise em três níveis: sessão, consulta e termo.

As sessões compreendem a sequência de pesquisa e o tempo em que o usuário demandou nessa sequência, sendo esse usuário identificado pelo IP. Segundo Jansen e Pooch (2001), o foco da análise é o número de pesquisa por pesquisador. Aires e Aluísio (2003) chamam a atenção para a possibilidade de que diferentes usuários podem usar o mesmo computador. Nesse caso, seria preciso delimitar o tempo máximo de uma sessão para se extrair a informação de cada usuário (AIRES; ALUÍSIO, 2003).

As consultas compõem as sessões. Elas são formadas pela sequência de caracteres, tal qual foram digitados pelos usuários no sistema de recuperação de informação, o que inclui operadores booleanos e erros de digitação. Jansen e Pooch (2001) explicam que as consultas ocorrem de diferentes formas: consulta inicial, que é a primeira consulta de uma sessão;

⁴ “La tendencia más reciente apunta a que los tesouros y otros lenguajes documentales puedan ajustar su estructura de conocimiento a las estructuras cognitivas de los usuarios, a su lenguaje y a su manera de buscar información. Sin embargo, la forma de llevar a la práctica esta afirmación debería ser más elaborada que la mera referencia al dato cuantitativo de ocurrencias de los términos dentro de un sistema de información.” (BARITÉ, 2007, p. 4).

consulta repetida, que é uma consulta subsequente às sessões, mas idêntica à primeira consulta; e consulta modificada, que é uma consulta subsequente às sessões, mas diferente das demais consultas. A diferença entre essas formas de consulta requer discussões e pode incluir termos, letras maiúsculas ou ordem de termos, e, para a análise da consulta, seria interessante determinar a duração, a complexidade e a taxa de falhas da consulta (JANSEN; POOCH, 2001). Aires e Aluísio (2003) complementam que:

Neste nível de análise, são levantadas estatísticas sobre o número de usuários que utilizam operadores booleanos, que utilizam características avançadas do sistema de busca e que fazem as consultas por meio de frases e, também, sobre o número de termos por consulta, se há usuários fazendo buscas de forma que o sistema não previa, entre outras. (AIRES; ALUÍSIO, 2003, p. 7).

Os termos são formados por sequências de caracteres separados por um delimitador, que pode ser um espaço, dois pontos ou ponto (JANSEN; POOCH, 2001). Operadores booleanos, como “and”, “or”, “+”, “-”, não são considerados termos (AIRES; ALUÍSIO, 2003).

Com base nas colocações de Aires e Aluísio (2003) sobre possibilidades de análise de *logs* nesses três níveis em páginas da Web, apresenta-se o Quadro 1, com as possibilidades de análise que podem ser realizadas em *logs* de usuários de uma revista eletrônica, também nesses três níveis.

Quadro 1 – Possibilidades de análise de *logs* de pesquisa de uma revista eletrônica –
Comportamento de busca do usuário

Possibilidade	O que fazer
Verificar se os usuários repetem uma consulta.	Observar se a consulta é diferente da anterior: pela ordem das palavras, pelo número de palavras, pelo tamanho da consulta, entre outras.
Verificar se os usuários visitam a mesma página mais de uma vez.	Verificar o IP para saber quantas vezes o usuário visitou uma determinada página e em que intervalo de tempo.
Verificar se os usuários utilizam funções de busca, busca avançada e operadores booleanos.	Observar se os <i>logs</i> aparecem repetidos (busca, busca avançada) e se os operadores aparecem junto à sequência de caracteres.
Verificar quais são os temas mais procurados, quais são as áreas de interesse dos usuários.	Analisar os <i>logs</i> e classificá-los a partir de um tesauro do domínio ou do subdomínio em estudo, se houver.
Verificar o número de palavras por consulta.	Analisar a consulta.
Verificar com que frequência os usuários modificam uma consulta.	Analisar como as consultas foram alteradas, se acrescentando ou subtraindo termos ou se apenas trocando um termo por outro.

Fonte: Elaboração própria a partir de Aires e Aluísio (2003, p. 7-8).

Sobre o comportamento dos usuários nos sistemas de busca da Web, Aires e Aluísio (2003) concluem que:

[...] os usuários fazem pesquisas simples: fazem poucas consultas; formulam consultas com poucos termos; poucos são os que acrescentam ou removem termos ao tentar novamente uma consulta; em geral, apenas trocam um termo por outro; checam poucas páginas de resultados; visitam poucos *links*; e poucos utilizam técnicas avançadas de busca, operadores booleanos e o *feedback de relevância*. (AIRES; ALUÍSIO, 2003, p. 8, grifo do autor).

Pelo referencial teórico apresentado nesta subseção é possível constatar as várias possibilidades de pesquisa que os *logs* dos usuários de um sistema de recuperação da informação podem proporcionar a estudiosos de diferentes áreas do conhecimento, com diferentes propósitos de pesquisa. No entanto, o interesse desta pesquisa é a linguagem do usuário, representada pelas *lexias* contidas nos *logs*, com foco na extração da terminologia do usuário, o que inclui seus termos preferidos e suas variantes. A seção a seguir trata das estratégias de busca, a fim de se compreender como as *lexias* analisadas nesta pesquisa foram pensadas pelo usuário.

2.2.2 A estratégia de busca do usuário

Os três níveis de análise de *logs* – sessão, consulta, termo – propostos por Jansen e Pooch (2001) estão intimamente ligados à estratégia de busca dos usuários e fazem parte da relação do usuário com o sistema de recuperação da informação. Com o intuito de situar o presente estudo no contexto da recuperação da informação, faz-se necessário entender o processo de formação das *lexias* que recuperam a informação.

As estratégias de busca do usuário são representadas pelas expressões de busca empregadas por ele durante a recuperação da informação. A estratégia de busca representa a forma mais global da tomada de decisão e pode ser definida como uma técnica ou conjunto de regras que possibilita, através da expressão de busca, criar uma relação entre a pergunta formulada e a informação armazenada em uma base de dados (FURNIVAL; ABE, 2008; LOPES, 2002).

Por serem parte de um processo mental rápido, as expressões de busca, também chamadas de *lexias*, não apresentam possibilidades de correções, o que faz com que elas carreguem consigo aspectos importantes do comportamento do usuário no ato da pesquisa.

Ao montar essas estratégias de busca o usuário utiliza, além de termos simples e sintagmas, diversos artifícios, como os operadores booleanos e as preposições. No entanto, o usuário menos experiente costuma montar estratégias utilizando desde termos simples até frases mais complexas, o que torna a sua busca ineficiente. Ao utilizar termos simples, o usuário gera

um ruído na recuperação, trazendo à tona um número elevado de documentos aleatórios; ao utilizar frases complexas que especificam demais a busca, gera o que Chaumier (1988, p. 63) chama de “silêncio” ou ausência de resposta, não recuperando nenhum documento.

Furnival e Abe (2008) realizaram estudo exploratório sobre o comportamento de busca de informação dos usuários em salas comunitárias que promovem o acesso gratuito à internet. Segundo as autoras, a grande quantidade de informação disponível na internet, e que tende a crescer ainda mais, mostra-se como um desafio aos desenvolvedores de sistemas de recuperação da informação, porque, apesar das melhorias que as interfaces desses sistemas vêm sofrendo ao longo dos anos, considerando o processamento de linguagem natural, os usuários ainda precisam adequar a sua estratégia de busca aos termos de uso dessas bases, e não o contrário. E isso implica que o usuário deva conhecer a lógica booleana. Situação análoga acontece com os usuários do sistema de busca da ferramenta Seer/OJS, plataforma em que a *Revista Análise Econômica* está inserida e de onde foram extraídos os *logs* analisados nesta pesquisa.

A *Revista Análise Econômica* é voltada para um público especializado, uma vez que se configura como uma revista acadêmica, que publica pesquisas na área da pós-graduação em Economia. Assim, entende-se que seu usuário seja representado por dois níveis de especialização: um altamente especializado, composto por economistas e professores-doutores, autores dos artigos publicados, e outro semiespecializado, composto por estudantes de pós-graduação. Apesar de a revista ser direcionada a usuários específicos, quando se trata de *logs* de pesquisa, obviamente torna-se difícil mensurar com precisão que tipo de usuário está acessando o *site* para recuperar artigos; no entanto, estima-se que objetivo principal do usuário que recorre ao sistema de pesquisa da revista é recuperar artigos pertinentes a temática de Economia, dentro de um *corpus* significativo de textos organizado naquele sistema.

Para uma melhor compreensão e entendimento de como as expressões de busca analisadas neste estudo foram elaboradas pelos usuários da revista, é preciso antes entender que tipo de busca e limitações o sistema da revista oferece.

As orientações de como realizar a pesquisa de artigos estão disponíveis ao usuário na área de pesquisa do *site* da revista e são denominadas “Dicas para a pesquisa”. Essas dicas são as seguintes:

- O sistema de busca não diferencia maiúsculas ou minúsculas
- Termos irrelevantes são ignorados pelo sistema de busca
- São recuperados por padrão apenas artigos contendo todos os termos de busca (ex.: AND é implícito)
- Combine múltiplos termos com OR para encontrar artigos contendo um ou outro termo; ex.: educação OR pesquisa
- Use parênteses para criar buscas mais complexas; ex.: arquivo ((revista OR conferência) NOT teses)

- Use aspas duplas para recuperar o termo exato; ex.: "Acesso Livre à informação"
- Exclua termos utilizando - ou NOT; ex.: online -políticas ou online NOT políticas
- Use * como caracter coringa; ex.: soci* moralidade recuperará documentos contendo "sociedade" ou "sociológico" (REVISTA ANÁLISE ECONÔMICA, 2020a).

Como se pode observar, as “Dicas para pesquisa” não são totalmente claras para o usuário. Não é compreensível, por exemplo, a expressão “termos irrelevantes”, que, segundo as dicas, serão ignorados pelo sistema de busca. O que seria um “termo irrelevante”, para o mecanismo de busca, dentro da pesquisa do usuário? Ou o que seria uma “recuperação por padrão”? Provavelmente o usuário não saiba o que isso signifique e venha a ignorar essas duas dicas.

É possível observar também que o Seer/OJS incentiva o usuário a criar estratégias de busca usando os operadores booleanos AND, OR e NOT, parênteses e asterisco. Dessa forma, o usuário precisa saber montar uma estratégia de busca para recuperar os artigos com a temática que ele deseja. O sistema permite ainda procurar um termo separado ou termos unidos por aspas, quando se deseja localizar um sintagma como palavra-chave, como, por exemplo, “desigualdade de renda”.

No entanto, o Seer/OJS não revela ao usuário as suas limitações. Nesta pesquisa, foi possível constatar que o mecanismo de busca do sistema se limita apenas aos seus metadados, que são título, resumo e palavras-chave (termos controlados), não incluindo em sua varredura o texto completo, que está disponível em PDF, ou seja, o sistema não faz a leitura do PDF, não sendo possível, portanto, recuperar artigos usando qualquer outro termo que neles estejam representados. Então, apesar de existir a opção de busca “texto completo”, ela se mostra inútil.

Outra limitação do sistema é que ele não acompanha o dinamismo das estratégias de busca. O usuário, por uma questão de pressa ou agilidade, ou até mesmo porque está familiarizado a pesquisas no Google, tende a cometer erros de grafia, apagar letras, preposições, acentos e outros sinais gráficos da expressão de busca. Apesar de essas estratégias funcionarem no Google, dentro do Seer/OJS elas se revelam um empecilho para a recuperação da informação, uma vez que os metadados das revistas contemplam apenas a forma normativa da língua, não dando margem a erros de grafia de termos.

Ao desconhecer o funcionamento e a complexidade do processo de busca, as interações do usuário com o sistema ficam também limitadas, podendo fazê-lo desistir de sua busca antes mesmo de obter resultados possíveis de serem obtidos dentro das limitações do sistema.

Fez-se importante descrever aqui as limitações do sistema para uma melhor compreensão do comportamento do usuário – o porquê de tantas tentativas e correções de busca

encontradas no histórico de um único usuário – e da formação estrutural das lexias. Sempre que o usuário tenta pesquisar por “texto completo” ou deixa de buscar o termo tal qual ele aparece no artigo, cometendo erros de grafia e apagamento de letras, acentos e preposições, ele tende a repetir a busca inúmeras vezes com o intuito de corrigir ou de melhorar a sua estratégia de recuperação. Essas tentativas acabam gerando uma grande quantidade de lexias na mesma sessão de busca, muitas delas elaboradas em um processo mental de relações semânticas com outras lexias, formando, nos *logs*, um agrupamento de várias lexias que podem representar um mesmo conceito, surgindo daí variantes denominativas, objeto de estudo desta pesquisa.

3 AS UNIDADES DE DESIGNAÇÃO DA LÍNGUA

Segundo a psicologia experimental, na mente humana, o conhecimento especializado se organiza de maneira simultânea ao conhecimento não especializado, sendo que a aquisição de um novo conhecimento especializado se dá sempre sobre os conhecimentos geral e especializado adquiridos anteriormente. Nesse sentido, pode-se admitir que palavras e termos compartilham espaços de conhecimento comum e que os falantes, que são ao mesmo tempo falantes e profissionais, possuem um profundo conhecimento associado às unidades lexicais, que, de acordo com a situação comunicativa em que são empregadas, podem ativar ou não um valor especializado (ADELSTEIN; CABRÉ, 2003).

Com base nesse compartilhamento de espaços de conhecimento comum entre termos e palavras, unidades de designação da língua, apresentam-se as seções a seguir, tendo como objetivo esclarecer a relação existente entre eles, uma vez que são conceitos fundamentais relacionados à metodologia proposta nesta pesquisa.

3.1 LÉXICO, PALAVRA E LEXIA

A língua representa dois tipos de sistemas: um sistema de comunicação e um sistema de classificação. O objetivo principal da língua é a comunicação entre os indivíduos que, além de se expressarem, usam as palavras para designar, classificar e relacionar objetos, plantas, animais, entre outros, criando estruturas conceituais que representam modelos de mundo.

Basilio (2011) afirma que o léxico está diretamente ligado ao funcionamento desses dois sistemas, uma vez que fornece unidades de designação, que são as palavras, para a construção de enunciados. Esse tipo de léxico representaria o léxico externo, ou seja, aquele que pode ser evidenciado nos enunciados de uma língua e, por conseguinte, dicionarizado. Em uma perspectiva mental, configura-se o léxico interno, aquele que permite ao falante expressar não apenas as palavras que ele já conhece, como também formar novas palavras, uma vez que esse falante tem internalizado padrões gerais de estruturação gramatical. O léxico, de forma simplificada, seria então o conjunto de palavras de uma língua (BASILIO, 2011).

Mas como definir “palavra”? Welker (2004) explica que este é um dos conceitos mais controversos da Linguística. Normalmente descrita como uma unidade de significação, a palavra é conceituada de formas diferentes na fala (palavra fonológica) e na escrita (palavra ortográfica), isso porque a palavra oral sofre influências de fenômenos de elisão, ligação ou de constituição de sílabas, o que a faz, muitas vezes, não corresponder à palavra gráfica. Quanto à

escrita, Basilio (2011, p. 11) define palavra gráfica como “sequência de caracteres que aparece entre espaços e/ou pontuação”. Tendo em vista diferentes enfoques, a palavra pode ainda ser conceituada como: lexema (quando a palavra congrega diferentes formas, como, por exemplo, o verbo *ver* e suas declinações *vi*, *viste*, *viu* etc.); vocábulo (quando a palavra faz parte de uma língua ou de um universo discursivo); *lexical unit*, *word form* e *lemma* (usados por Sinclair em seus estudos de *corpora*).

Welker (2004), baseado em diversos autores, faz uma diferenciação importante para conceitos relacionados à palavra quando da determinação da extensão de um *corpus*. Em um *corpus*, há as chamadas palavras-ocorrências, conhecidas em inglês como *tokens*, quando correspondem ao número total de palavras, independente de quantas vezes elas aparecem no texto, ou *types*, quando correspondem a ocorrências da mesma palavra ou forma de palavra no texto. O autor cita como exemplo a frase “Vi a mãe e a filha, não vi o pai, mas ele me viu”, em que há 14 *tokens* e 12 *types*; então, contando todos os *tokens*, o *corpus* se torna muito maior do que se contando todos os *types*. Segundo ele, os *tokens* e os *types* também podem ser reduzidos a lexemas. “Na frase dada como exemplo, o verbo *ver* é o lexema, que se manifesta em dois *types*, ou formas de palavras (*vi* e *viu*), e a forma *vi*, por sua vez, aparece em dois *tokens*.” (WELKER, 2004, p. 18). Esses conceitos são empregados em estudos de *corpora* pela Linguística de *Corpus*.

Pottier (1974¹ *apud* WELKER, 2004; SILVA, 2006), em suas pesquisas, emprega o termo *lexia* para se referir a diferentes tipos de palavras e conjuntos de palavras, sendo, a palavra em si classificada como uma *lexia* simples. Existem *lexias* simples (*casa*, *casas*, *dormir*, *dormiu*, *bonito*, *bonita*); *lexias* compostas (palavras compostas, como *mestre-de-obras*, e palavras derivadas, como *deslizar*); *lexias* complexas (*guerra de nervos*, *conjunto habitacional*, *luz negra*); e *lexias* textuais (uma *lexia* complexa que alcança o nível de um enunciado ou de um texto) (WELKER, 2004).

Lexias são “[...] formas e estruturas lingüísticas de natureza diferente. Suas características comuns consistem em que elas estão acumuladas no léxico, na parte da consciência lingüística que abrange as unidades denominativas, e em que elas exercem uma função denominativa para fenômenos da realidade.” (SILVA, 2006, p. 11). As *lexias*, então, representam os signos que configuram o léxico interno do indivíduo, expressas em seu discurso e representadas por palavras.

¹ POTTIER, B. *Linguistique générale: théorie et description*. Paris, Klincksieck, 1974.

No caso desta pesquisa, o léxico interno do usuário de um sistema de recuperação é expresso graficamente por uma sequência de caracteres, tal qual foram digitados no sistema no momento em que o usuário realiza a busca, o que inclui erros de digitação. Essa sequência de caracteres, que será extraída dos *logs* de pesquisa, será denominada de *lexia*.

As *lexias* possuem algumas características semelhantes as que Adelstein e Cabré (2003) atribuem às unidades lexicais, tais como: a) unidades de uma competência léxica que integra tanto o conhecimento léxico geral quanto o conhecimento léxico especializado do usuário de um sistema informacional; b) podem se realizar no discurso como não termo (palavra) ou como termo, ou seja, podem adquirir um valor especializado ou não; c) a ativação de um valor especializado se dá pelo reconhecimento de determinados traços semânticos da *lexia* ou de algumas propriedades desses traços; d) critérios pragmáticos, semânticos e discursivos ativam o valor especializado de uma *lexia* em um contexto determinado, alçando-a ao *status* de termo.

As *lexias* de busca dos usuários representam essa informação, uma vez que podem adquirir valor especializado depois de uma análise aprofundada, como será demonstrado no capítulo de metodologia. A construção de uma lista de palavras-chave permite representar as *lexias* de busca do usuário que adquiriram o *status* de termo, representando assim, em um modelo de organização terminológica, a linguagem do usuário.

3.2 TERMO E PALAVRA-CHAVE

Termo não é uma palavra comum, mas é uma palavra que tem um conteúdo específico, que se comporta de acordo com seu contexto de uso em uma determinada especialidade. Pode ser uma palavra, um sintagma ou uma sigla (sempre que esta se converta em termo).

Segundo Coseriu (1980, p. 104), nas linguagens especializadas, “[...] os significados coincidem com as designações (no sentido de que são objetivamente motivados), pertencem à tradição que se refere ao conhecimento das ‘coisas’ [...]”. Percebe-se, por essa citação, que o autor corrobora as ideias de Saussure, para o qual o signo é uma entidade de dupla face: significado/significante. Nesse caso, o termo é o significante, é uma unidade linguística que designa algo e faz parte da língua funcional, e nessa unidade linguística se insere o conceito.

O autor menciona ainda que tais termos não são conhecidos por todos os falantes de uma comunidade linguística, mas apenas por certos grupos que pertencem a determinadas áreas profissionais. Por essa razão, ao contrário de outros autores, para Coseriu (1980), os termos técnico-científicos não pertencem ao léxico da língua comum, mas sim a ciência das “coisas”.

Segundo Wüster (1998, p. 21, tradução nossa), termo é “[...] uma ‘palavra’ a qual se atribui um conceito como seu significado; para a maioria dos linguistas contemporâneos, a ‘palavra’ é uma unidade inseparável composta por forma e conteúdo”.² Para esse autor, termo não é palavra comum, termo não se associa a um significado, mas sim a um conceito, aproximando-se a concepção de signo de Saussure.

Já Gouadec (1990, p. 3, tradução nossa) destaca que os termos não se limitam a especificar objetos concretos, mas sim conceitos, processos e abstrações: “Um termo é uma unidade linguística que designa um conceito, objeto ou processo. O termo é a unidade de designação de elementos do universo percebido ou concebido. Raramente se confunde com palavra ortográfica.”³

Cabré (2001b) chama os termos de “unidades terminológicas” e propõe que eles, ao mesmo tempo em que são singulares, são semelhantes a outras unidades de comunicação dentro de um sistema global de representação da realidade, admitindo a variação conceitual e denominativa. Fazem parte da linguagem natural e da gramática que descreve cada língua. O caráter de termo é ativado por seu uso em contextos e situações comunicativas em um determinado domínio e se dá por uma seleção de traços morfossintáticos gerais e por traços semânticos e pragmáticos específicos que descrevem o caráter do termo dentro desse domínio. “Os termos não pertencem a um domínio, mas são usados em um domínio com um valor exclusivamente específico.”⁴ (CABRÉ, 2001b, p. 24, tradução nossa).

Faulstich (2006, p. 28) propõe uma releitura da definição de termo de acordo com a teoria variacionista, “[...] a fim de que se compreenda melhor por que um termo varia. Assim uma unidade terminológica pode ter ou assumir diferentes valores, de acordo com a função que uma dada variável desempenha nos contextos de ocorrência”. Para a autora, termos são “(i) signos que encontram sua funcionalidade nas linguagens de especialidade, de acordo com a dinâmica das línguas; (ii) entidades variantes, porque fazem parte de situações comunicativas distintas; (iii) itens do léxico especializado que passam por evoluções, por isso devem ser analisados no plano sincrônico e no plano diacrônico das línguas” (FAULSTICH, 1999⁵ *apud* FAULSTICH, 2006, p. 28).

² “[...] una *palabra* a la cual se le asigna un concepto como su significado, mientras que para la mayoría de los lingüistas actuales, la palabra es una unidad inseparable compuesta de forma y contenido.” (WÜSTER, 1998, p. 21, grifo do autor).

³ “Un terme est une unité linguistique désignant un concept, un objet ou un processus. Le terme est l'unité de désignation d'éléments de l'univers perçu ou conçu. Il ne se confond que rarement avec le mot orthographique.” (GOUADEC, 1990, p. 3).

⁴ “Los términos no pertenecen a un ámbito sino que son usados en un ámbito con un valor singularmente específico.” (CABRÉ, 2001b, p. 24).

⁵ FAULSTICH, E. A função social da terminologia. *Humanitas*, São Paulo, FFLCH, USP, p. 167-183, 1999.

Pavel e Nolet (2002, p. 18-19) compartilham da denominação dada por Cabré (2001b), nomeando o termo de “unidade terminológica”, e complementam as ideias anteriores, destacando: “A unidade terminológica é a etiqueta de um conceito em uma árvore conceitual. Pode ser uma palavra, sintagma, símbolo, fórmula química ou matemática, nome científico em latim, acrônimo, sigla ou a denominação ou o título oficial de um cargo, organismo ou entidade administrativa”. Como se pode constatar, essas autoras admitem praticamente todos os tipos de elementos, sejam verbais, sejam não verbais.

Pavel e Nolet (2002) mencionam uma série de características que identificam o termo, tais como: a) o termo se diferencia de uma palavra do léxico geral por ter uma relação de univocidade com o conceito especializado que designa; b) a situação do termo é explicitada por sua frequência e por seu contexto de uso (coocorrência) relativamente fixo, bem como por sua tipografia, como o uso de letras cursivas, negrito, aspas etc.; c) o termo pode ser identificado por suas estruturas morfológicas e lexicais: substantivo (simples, derivado ou composto), verbo, sintagma nominal, adjetival ou verbal.

Quanto às estruturas morfológicas e lexicais do termo, o conhecimento sobre elas auxilia o pesquisador na identificação dos termos durante a coleta e seleção destes. Pavel e Nolet (2002, p. 20) apresentam alguns exemplos dessas estruturas:

- a) Termos simples: *conta, correio, frutos*;
- b) Termos compostos: *conta-corrente, correio eletrônico, frutos do mar*;
- c) Termos derivados: *átomo, atômico, atomizar, atomização, atomizador; falsificação, falsificar, falsificador, falsificado*;
- d) Sintagmas: *taxa de câmbio, caderneta de poupança, pagamento à vista*;
- e) Acrônimos: *CEASA (Central de Abastecimento S. A.), ANATEL (Agência Nacional de Telecomunicações)*.

Segundo as autoras, o conhecimento dessas estruturas também pode ajudar o terminólogo “[...] a criar e propor novos termos ou **neologismos** para preencher as lacunas existentes na **designação** de **conceitos** novos, e garantir o uso correto e uniforme dos termos atestados.” (PAVEL; NOLET, 2002, p. 20, grifo do autor). Elas descrevem dois tipos de neologismos: os semânticos e os morfológicos.

Os neologismos semânticos ou de sentido não alteram a forma do termo, mas ampliam o seu significado vigente ao lhe estruturar um novo significado, como, por exemplo, *vírus* e *vacina*. Os neologismos morfológicos ou de forma se estabelecem por derivação (*escâner-*

escanear); composição (*internauta*); parassíntese⁶ (*descobrimento*); abreviação, por meio de acrônimos (*ANATEL*, de Agência Nacional de Telecomunicações) e empréstimos⁷ de outras línguas (*abajur*, do francês) ou de outra área especializada (*colapso*, da Medicina, e *depressão*, da Geomorfologia, ambos usados em Economia) (PAVEL; NOLET, 2002).

A motivação para o aparecimento de neologismos, de acordo com as autoras, deriva da necessidade de se criar uma nova denominação para conceitos devido à determinada situação de comunicação. De forma semelhante, Assirati (1998) destaca que a motivação principal para a criação de neologismos terminológicos vem da necessidade de se nomear novidades tecnológicas que não param de surgir atualmente em nossa sociedade.

Na perspectiva de um sistema de recuperação da informação, os termos presentes em textos especializados podem ser convertidos a palavras-chave, as quais irão compor os metadados desse sistema. Faz-se importante destacar que toda palavra-chave é um “termo”, porém, para que um termo seja alçado à palavra-chave, ele precisa ser uma estrutura representativa do tema, podendo fazer parte de determinada linguagem especializada ou da língua geral, sendo a sua frequência no texto não tão relevante para essa classificação.

As palavras-chave são palavras escolhidas pelo autor para representar a temática do seu texto. Elas podem ser escolhidas de forma livre ou impostas por vocabulários controlados ou por alguma classificação da área, como a Classificação JEL, por exemplo, no caso da Economia.

Cabré (2001b) as define como unidades de conhecimento especializado (UCE), isto é, o conjunto de unidade cujo traço definatório é a representação do conhecimento especializado de uma área. Essas unidades podem ou não ser linguísticas, podendo incluir um ou mais termos.

Para Borba, Van der Laan e Chini (2012), palavras-chave são “[...] unidades de recuperação da informação e, conseqüentemente, de representação” em artigos científicos.

Segundo Fujita (2004),

A palavra-chave é uma representação do conteúdo significativo do texto e também é utilizada para representar uma necessidade de informação na estratégia de busca. A palavra-chave pode ser indicada por meio do conteúdo do texto ou escolhida em vocabulários livres e/ou controlados. Assim, a determinação de palavras chaves constitui-se como representação documentária no processo de indexação documentária e na recuperação da informação [...]. (FUJITA, 2004, p. 258).

⁶ “Processo de criação de novas palavras por meio da adição de prefixos e sufixos, ao mesmo tempo, a uma base. Exemplo: **anoitecer**”. (PAVEL; NOLET, 2002, p. 126, grifo nosso).

⁷ Krieger e Finatto (2017) diferenciam neologismos e empréstimos, esclarecendo que o primeiro se refere à criação de palavras dentro de um mesmo sistema linguístico, enquanto o segundo constitui-se de uma unidade lexical originária de um outro idioma.

Dessa forma, pode-se concluir que palavra-chave, assim como o termo, não é uma palavra comum, mas é uma unidade especializada com valor preferencial por representar parte significativa do conteúdo de um texto para fins de recuperação da informação.

4 A TERMINOLOGIA E SUAS TEORIAS

Para a descrição e análise do comportamento dos termos técnico-científicos da área de Economia, esta dissertação fundamenta-se em pressupostos teóricos da Terminologia, uma vez que visa fazer o reconhecimento dos termos em suas dimensões linguística e pragmática, ou seja, o reconhecimento da linguagem do usuário.

A Terminologia, em um sentido restrito e especializado, pode ser definida como uma disciplina linguística que trata da língua funcional, também conhecida como linguagem de especialidade. O principal objeto de estudo da Terminologia são as unidades lexicais especializadas, também chamadas de termos técnico-científicos, quando adquirem esse *status* no âmbito das comunicações especializadas.

Krieger e Finatto (2017) afirmam que “terminologia” é um termo polissêmico, pois pode se referir tanto ao conjunto de termos específicos de uma área quanto a disciplina ou campo de estudo aplicado aos termos técnico-científicos. Assim, para diferenciar esses conceitos, no primeiro caso, “terminologia” é grafada com “t” minúsculo, e, no segundo, com “T” maiúsculo.

Como teoria, a Terminologia tem por objetivo descrever de maneira formal, semântica e funcional as unidades que podem adquirir valor de termo, explicar como esse valor pode ser ativado e esclarecer as relações com outros signos do mesmo sistema ou de sistemas diferentes, a fim de ampliar o conhecimento sobre a comunicação especializada e suas unidades. Como uma ciência aplicada, o seu objetivo é compilar os termos em um tema ou situação específicos, estabelecendo as suas características de acordo com a situação (CABRÉ, 2001a, 2001b).

Metodologicamente, a terminologia se divide em terminologia representacional e comunicacional, as quais têm diferentes finalidades. A terminologia representacional atende às finalidades normatizadoras da comunicação internacional, como no caso das nomenclaturas científicas, que não pertencem à linguagem natural; às finalidades da documentação, a qual necessita recuperar a informação a partir dos termos controlados em tesouros e classificações; às finalidades de certas políticas linguísticas estritamente intervencionistas; e às finalidades da engenharia do conhecimento, que se propõe a simplificar e controlar ao máximo as variações. Já a terminologia comunicacional se aplica à tradução, à expressão especializada e às línguas inseridas em contextos sociolinguísticos regulados por políticas que admitem a variação (CABRÉ, 2001b).

Cabré (2001b) menciona ainda que, inicialmente, todo o trabalho terminológico é descritivo. Somente depois da descrição é que se pode chegar a uma forma de referência que predomine sobre as demais. A partir daí, o trabalho passa a ser prescritivo, pois sua finalidade

não é refletir o uso, mas sim orientá-lo. Apesar de a divisão metodológica mencionada por Cabré (2001b) enquadrar as finalidades da documentação como uma aplicação da terminologia representacional, acredita-se que essas finalidades também possam ser enquadradas na terminologia comunicacional, uma vez que atualmente, na organização de linguagens documentárias, admite-se, não apenas um trabalho prescritivo, destinado a representar unidades unívocas, mas também um trabalho descritivo das unidades especializadas, considerando o emprego de termos variantes como formas remissivas para a recuperação da informação. Nesse caso, conforme a autora, as variantes denominativas e/ou suas reduções constituem uma representação dos termos normalizados.

Por sua interdisciplinaridade e pela diversidade de contextos em que pode ser aplicada, a terminologia abrange uma gama de opções e finalidades. Conforme Cabré (2018, p. 24), a terminologia é:

- a) para a linguística, um subconjunto do léxico do falante, especializado temática e pragmaticamente;
- b) para as especialidades, um reflexo formal da organização conceitual de uma especialidade, um meio inevitável de comunicação profissional;
- c) para o usuário em geral, um conjunto de unidades de comunicação, úteis e práticas na comunicação especializada;
- d) para a planificação linguística,³ um dos campos de comunicação de uma língua que deseja ser apta para todos os usos comunicativos.

A seguir, apresentam-se as teorias que podem fundamentar as pesquisas em Terminologia.

4.1 TEORIA GERAL DA TERMINOLOGIA (ESCOLA DE VIENA)

A Teoria Geral da Terminologia (TGT) foi elaborada pelo engenheiro austríaco Eugen Wüster nos anos 1950, a partir de seu trabalho aplicado à normalização de termos técnicos e de seu dicionário publicado em 1938, intitulado *The Machine Tool*. Sua metodologia, orientada por princípios da Escola de Viena, tinha um caráter idealista, reducionista e positivista, uma vez que via o termo somente como uma entidade unívoca, que carregava um único conceito, ignorando qualquer tipo de variação terminológica. Essa metodologia mostrava-se suficiente

³ Segundo Krieger e Finatto (2017, p. 28), a planificação linguística “[...] corresponde a um programa de valorização e desenvolvimentos das línguas regionais, caso do francês, no Canadá, e do Catalão, no território espanhol.”

apenas para determinados tipos de trabalhos, nos quais a univocidade deveria prevalecer, a fim de estabelecer um conceito preciso para os termos e evitar erros de interpretação.

A teoria de Wüster se mostrou extremamente eficiente em atividades industriais, em que um equívoco na nomenclatura de máquinas ou peças poderia acarretar falhas mecânicas, prejuízos financeiros e acidentes de trabalhos. Nesses casos, o caráter positivista de estabelecer conceitos precisos para os termos se mostra uma prática necessária e indiscutível.

Apesar de sua perspectiva mais fechada em relação ao termo, a TGT é considerada o pilar da Terminologia. Segundo Krieger e Finatto (2017),

A teoria wüsteriana justifica seu papel de referência porque auxiliou a Terminologia a estabelecer-se como campo de conhecimento com fundamentos epistemológicos e objeto próprio de investigação. Ao desenvolver importantes reflexões sobre a Terminologia como disciplina, bem como sobre as unidades terminológicas em muitas de suas feições, Wüster recorre a elementos da Linguística, ciência que integra a interdisciplinaridade com que concebeu a Terminologia. (KRIEGER; FINATTO, 2017, p. 32).

Nesse sentido, a TGT ficou marcada por defender a univocidade do termo e por seu caráter positivista, que buscava padronizar e controlar os termos, por meio de uma metodologia prescritiva, para uma comunicação eficiente. No entanto, foi a prática da terminologia que impulsionou o seu desenvolvimento, pois, com o passar do tempo, a própria TGT foi se mostrando insuficiente para responder questões mais complexas que cercavam os termos e seus usos, fazendo surgir então outras reflexões acerca das características do termo.

4.2 SOCIOTERMINOLOGIA (ESCOLA CANADENSE)

A socioterminologia tem origem como nova corrente de pensamento no início dos anos 1990, quando se intensificaram os estudos sobre o comportamento do termo. Nessa época, a TGT passou a sofrer várias críticas, por meio dos trabalhos de Boulanger e Auger, uma vez que não mais se admitia a Terminologia como uma ciência prescritiva, que via a monosemia como o caráter ideal de um termo. O surgimento de novos estudos mostrou que a padronização terminológica seria apenas um dos aspectos a ser investigado sobre o comportamento do termo, em toda a sua complexidade.

Nesse contexto, François Gaudin, crítico da terminologia prescritiva, propôs em sua tese de doutorado, num movimento semelhante ao que levou a linguística estrutural à sociolinguística, uma terminologia que levasse em consideração o real funcionamento da

linguagem e que reconhecesse a variação terminológica nas comunicações especializadas, estabelecendo assim a socioterminologia (KRIEGER; FINATTO, 2017, p. 35).

Na definição de Faulstich (2006),

A socioterminologia é, portanto, um ramo da terminologia que se propõe a refinar o conhecimento dos discursos especializados, científicos e técnicos, a auxiliar na planificação lingüística e a oferecer recursos sobre as circunstâncias da elaboração desses discursos ao explorar as ligações entre a terminologia e a sociedade. (FAULSTICH, 2006, p. 29).

Assim, a socioterminologia analisa o comportamento do termo em seu contexto de uso, de acordo com o seu valor no texto especializado. Segundo Faulstich (2006),

[...] o termo é uma entidade variante porque pode assumir formas diferentes em contextos afins. Quando os termos tiverem as mesmas condições de uso, serão considerados variantes um do outro. Nesse caso, eles têm formas parcial ou totalmente diferentes para um mesmo significado referencial e estão disponíveis para o uso corrente. (FAULSTICH, 2006, p. 28).

Essa teoria reconhece o caráter variacionista do termo, em contrapartida à teoria tradicional cunhada por Wüster. A terminologia teria então uma função social, uma vez que, o valor de um termo está diretamente relacionado ao funcionamento da língua, aos contextos comunicativos, às situações sociais em que esses termos estão inseridos.

4.3 TEORIA SOCIOCOGNITIVA DA TERMINOLOGIA (ESCOLA SOCIOCOGNITIVA)

Às teorias que consideram a variação terminológica acrescenta-se a Teoria Sociocognitiva da Terminologia (TST), proposta por Rita Temmerman. Segundo a autora, tornou-se muito difícil analisar termos seguindo apenas os princípios da TGT, a qual ela considera uma Teoria Tradicional da Terminologia, uma vez que seria um equívoco da Escola de Viena ter difundido os seus princípios de padronização como sendo uma Teoria Geral da Terminologia. Quanto a isso, ela explica que “Os princípios e métodos da teoria tradicional não levam em conta o fato de que a terminologia também é importante para muitas outras situações comunicativas e cognitivas.” (TEMMERMAN, 2004, p. 33).

Krieger e Finatto (2017) esclarecem que:

Em razão do enfoque hermenêutico que privilegia, para a Teoria Sociocognitiva da Terminologia, os termos são unidades de compreensão e de representação, funcionando em modelos cognitivos e culturais. Nessa perspectiva, o conhecimento corresponderia a um padrão sociocognitivamente modelado, constituído em diferentes

módulos que podem alcançar desde informações históricas, categoriais até informações relativas a procedimentos. (KRIEGER; FINATTO, 2017, p. 37).

Na TST, poucos conceitos existem objetivamente. Eles são tratados como “unidades de interpretação”, que podem ser unidades metafóricas, formadas por termos e palavras em determinado contexto e situação, que são interpretados em um processo cognitivo, ou seja, em um processo de compreensão. Além disso, as unidades de interpretação apresentam uma estrutura prototípica, que seria aquela mais representativa dentro de um sistema cognitivo.

Temmerman (2004) defende que a TST, para se estabelecer como uma disciplina completamente desenvolvida, além de princípios, deve apresentar métodos e técnicas de análise terminológica de dados, a fim de que os pesquisadores possam testar a validade dos princípios, e de que os terminógrafos possam obter dados para descrever o comportamento dos termos.

4.4 TEORIA COMUNICATIVA DA TERMINOLOGIA (ESCOLA IBÉRICA)

A partir da necessidade de rever conceitos da TGT, que não mais davam conta de descrever os termos em toda sua complexidade, Maria Teresa Cabré, pesquisadora catalã e principal referência teórica desse tema, deu continuidade aos novos estudos sobre o comportamento do termo. A autora levantou questões sobre o estudo dos termos que propiciaram uma mudança no posicionamento epistemológico da Terminologia, desde os postulados de Wüster, que defendia a univocidade do termo, até a constatação da ocorrência de variação terminológica nos textos técnico-científicos (CABRÉ, 2018).

Em sua trajetória de pesquisa, Cabré propôs novos conceitos e princípios para a Terminologia, estabelecendo assim a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), considerada uma teoria mais abrangente para descrever os termos, uma vez que leva em consideração a complexidade do léxico especializado, como a existência da variação terminológica nos processos comunicativos, tanto gerais como especializados, que dependem do assunto emitido, das condições comunicativas, do contexto sociocultural, linguístico ou científico, em que o emissor se situa (CABRÉ, 2001a, p. 19).

Contrapondo às ideias de Wüster, o qual defendia a univocidade e a prescrição dos termos, tendo um olhar sob a terminologia *in vitro*, em que a nomenclatura era definida por um consenso de especialistas, Cabré passou a considerar que variações e sinônimas também ocorrem na linguagem especializada. Para a autora, a padronização terminológica tem o seu valor em um contexto determinado; no entanto, não se pode ignorar as diferentes variedades

terminológicas existentes. A variação se constitui como uma força da língua e não pode ser desprezada.

De acordo com o princípio comunicativo, uma unidade lexical pode assumir o caráter de termo em função de seu uso em um contexto e situação determinados. Consequentemente, o conteúdo de um termo não é fixo, mas relativo, variando conforme o cenário comunicativo em que se inscreve. Tais proposições levam a TCT a postular que a priori não há termos, nem palavras, mas somente unidades lexicais, tendo em vista que estas adquirem estatuto terminológico no âmbito das comunicações especializadas. (KRIEGER; FINATTO, 2017, p. 35).

A partir desse paradigma, a terminologia passou a ser vista por uma perspectiva *in vivo*, considerando o comportamento dinâmico do termo. O termo se comporta conforme o contexto em que é colocado. Daí começa a surgir uma teoria descritiva dos usos do termo, em que se admite o seu caráter poliédrico.

Cabré (2018, 2009) defende que o termo é poliédrico no sentido de ter caráter cognitivo, linguístico e social, ou seja, um termo pode ter um único conceito formado por vários eixos ou características. Cognitivo porque representam a categorização da realidade por parte das especialidades, diferenciando conhecimento especializado de não especializado. Linguístico porque são signos linguísticos, pertencem às línguas naturais e, por isso, fazem parte da gramática do léxico geral e são descritos pelas mesmas propriedades das unidades linguísticas; seu valor especializado é estabelecido pelo seu contexto real de uso. Social porque servem para a comunicação entre especialistas, para formar novos especialistas e para divulgar o conhecimento especializado; além disso, identificam grupos socioprofissionais e as diferentes situações comunicativas que condicionam o seu uso.

Dessa forma, é possível perceber a intencionalidade do termo a partir de suas características e, assim, escolher a melhor definição, aquela que melhor se adapta ao conceito intencionado em determinado contexto ou domínio.

Como a metodologia proposta nesta pesquisa será gerada a partir dos pressupostos da TCT, apresentam-se aqui os seus princípios metodológicos fundamentais, conforme Cabré (2001b):

- a) Adequação: cada trabalho pode adotar uma estratégia em função da sua temática, objetivos, contexto, elementos implicados e recursos disponíveis, sempre respeitando os mínimos metodológicos obrigatórios que definem e particularizam a atividade terminológica.

- b) A unidade terminológica é concebida como uma unidade conceitual e denominativa poliédrica. Poliédrica no sentido de vir a ser analisada pelos planos linguístico, cognitivo e social.
- c) A forma e o conteúdo dos termos são sistemáticos tanto em relação à língua geral como no interior de cada área de especialidade: os termos devem respeitar os critérios linguísticos que orientam os mecanismos de formação do idioma. Esses mecanismos estão incluídos nos processos de criação de novas palavras (neologismos), de formação léxica (morfológica, fonológica, sintática e semântica) e de empréstimos de outros idiomas. Em uma especialidade, costuma adotar mecanismos de analogia denominativa.
- d) Os conceitos usados em uma área especializada mantêm relações diversas entre si, fazendo com que o conjunto formado constitua uma representação da referida área. O valor do termo é determinado por sua presença na área especializada.
- e) A metodologia é necessariamente descritiva e consiste na compilação dos termos em seu uso real pelos especialistas de uma área em diferentes situações comunicativas, o que pressupõe um *corpus* heterogêneo e representativo.
- f) A categoria gramatical básica dos termos é a nominal, podendo ter unidades adjetivas e verbais de caráter terminológico relacionadas a esses termos nominais. Existem também locuções de valor terminológico compostas de preposições e sintagmas nominais. Em uma perspectiva denominativa, a maioria dos termos é substantivo.
- g) Os termos estão associados a categorias gramaticais (caracterização gráfica, fonológica, morfológica, sintática e semântica) e pragmáticas (usos dos termos e seus efeitos, áreas temáticas, zonas geográficas ou organismos, nível de especialização de cada denominação, conotações relacionadas ao termo, frequência de uso etc.).
- h) Os termos reais podem ser polissêmicos no sentido de que uma denominação pode aparecer em outra área de especialidade com um significado parcialmente distinto, podendo também compartilhar a denominação de um conceito com outros sinônimos.
- i) A variação, em um trabalho descritivo, deve ser representada segundo a temática do trabalho, o nível de especialização, os destinatários, o grau de normalização que se deseja representar, as finalidades do trabalho etc.

- j) A metodologia deve partir do princípio que a realidade dos dados comporta a variação em toda a sua dimensionalidade e, por isso, deve-se mapeá-la e associá-la aos termos.

Apresentados esses princípios metodológicos, disserta-se a seguir sobre variação, a qual pode ser identificada por meio dos contextos comunicativos da terminologia das áreas de especialidade. Dá-se atenção especial a proposta de Freixa (2002), que trata da classificação formal de variantes denominativas, separando-a por tipos, em que os termos apresentam sinônimos ou sinônimos parciais devido a causas diversas.

4.5 A VARIAÇÃO TERMINOLÓGICA

Como mencionado no capítulo 3, o léxico de uma língua é o conjunto de palavras dessa língua, ou seja, o seu vocabulário. A criação irrestrita de novas palavras para representar conceitos em um sistema comunicativo se tornaria pouco eficiente, pois a memória do falante ficaria sobrecarregada. É por isso que, no desenvolvimento de um sistema comunicativo, a formação de equivalentes se dá a partir do material já existente no léxico (BASILIO, 2011).

O uso de uma mesma palavra para nomear “coisas” diferentes é um fenômeno linguístico próprio das línguas naturais. Sendo a linguagem de especialidade um componente da língua natural, a variação afeta também as terminologias; por isso, variantes linguísticas, sinônimos e homônimos também fazem parte do seu repertório. Como o termo é a unidade linguística que “carrega” o conceito na língua funcional, as variantes linguísticas especializadas são denominadas de variantes terminológicas.

A grande maioria das palavras do léxico é polissêmica. Até o surgimento da Socioterminologia, que realizou novos estudos sobre o comportamento do termo, os termos técnicos eram considerados monossêmicos, ou seja, tinham um único significado. Contudo, a partir dela, a terminologia passou a ser observada *in vivo*, e a forte presença da variação linguística não pôde mais ser desprezada. A Socioterminologia passou a considerar a existência de diferentes movimentos de relação conceitual, reconhecendo que um mesmo objeto pode ser denominado de diferentes maneiras por diferentes grupos sociais.

Cada cultura possui fenômenos linguísticos próprios, os quais podem afetar a descrição e, conseqüentemente, a recuperação de conteúdos. Fenômenos como a polissemia, a sinonímia e a homonímia geram a necessidade de normalização terminológica, tendo como alternativa de controle o uso de vocabulários controlados (SCHIESSL; SHINTAKU, 2012).

Rey-Debove (1984, p. 2) explica que “Uma palavra pode ser monossêmica (*lingüista*) ou polissêmica (*língua*). Chama-se ‘sentido’ duma palavra polissêmica ao significado de cada conjunto codificado de ocorrências oposto a outros conjuntos codificados de ocorrências da mesma palavra: por exemplo, *língua*, ‘órgão bucal’, e *língua*, ‘sistema de expressão comum a um grupo social’”.

A polissemia surge quando uma palavra representa vários significados. Welker (2004) explica que geralmente existe um primeiro significado, mais concreto, sendo os outros oriundos, por extensão desse significado, de processos de metáfora ou de metonímia. Muitas vezes, a relação entre os significados só é possível de ser percebida por meio de pesquisas etimológicas. A polissemia é um fenômeno recorrente entre domínios e requer uma atenção especial da Organização do Conhecimento.

A sinonímia ocorre quando duas ou mais palavras representam o mesmo significado. É opinião corrente entre os linguistas a de que não existe sinonímia perfeita nas línguas naturais. Quanto a essa questão, Lyons (1987) divide a sinonímia em completa e absoluta:

O significado [...] pode ser descritivo, expressivo e social; e muitos lexemas combinam pelo menos dois deles, senão três. Se a **sinonímia** for definida como identidade de significado, poderemos dizer que os lexemas são **completamente sinônimos** (em uma certa faixa de contextos) se, e somente se, tiverem o mesmo significado descritivo, expressivo e social (na faixa de contextos em questão). Poderão ser descritos como **absolutamente sinônimos** se, e somente se, tiverem a mesma distribuição e forem completamente sinônimos em todos os seus significados e contextos de ocorrência. (LYONS, 1987, p. 143, grifo do autor).

Lyons (1987) dimensiona a sinonímia baseado em três valores que podem coexistir no significado dos lexemas: o descritivo, o expressivo e o social. Uma sinonímia completa, em que os lexemas possuem o mesmo significado, equivalendo-se em pelo menos dois valores, em uma determinada faixa de contextos, é relativamente rara de ocorrer. Já uma sinonímia absoluta é praticamente inexistente, pois os lexemas devem ser completamente sinônimos, isto é, intercambiáveis em todos os valores coexistentes e nos contextos de ocorrência. O autor complementa que a sinonímia absoluta ocorreria apenas em vocabulários altamente especializados, que são puramente descritivos.

O que normalmente ocorre em casos como este é que, embora um par, ou conjunto, de termos possa coexistir entre os especialistas durante um curto período de tempo, um deles passa a ser o termo-padrão, aceito para aquele significado. Qualquer outro termo que dispute aquele mesmo significado com ele ou desaparece ou adota um novo significado. (LYONS, 1987, p. 144).

A obra de Lyons foi originalmente publicada em 1981. Percebe-se que, até esse período, os termos técnicos ainda eram considerados apenas monossêmicos, ou seja, tinham um único significado. Isso porque Wüster, precursor dos estudos sobre terminologia, ignorava a polissemia, pois a considerava uma perturbação, apesar de já a ter identificado no comportamento nos termos. Ele acreditava que a exatidão conceitual, como a univocidade e monorreferencialidade, eram imprescindíveis para a precisão e o caráter normalizador, ideal terminológico clássico da Escola de Viena.

A homonímia ocorre quando duas palavras possuem escrita e pronúncia idênticas, mas representam dois significados completamente independentes, ou seja, não há nenhuma relação entre eles. Nesse caso, as palavras são homônimas e homógrafas ao mesmo tempo e, dependendo do contexto em que estejam colocadas, podem gerar ambiguidade no enunciado. Um exemplo disso é a palavra *banco*, que, dependendo do contexto, pode se referir à instituição bancária ou ao móvel com assento.

No entanto, existem também palavras homônimas e não homógrafas, chamadas de homófonas, as quais podem gerar ambiguidade na fala, mas não na escrita, tais como *sexta*, *cesta* e *sesta*. A relação entre polissemia e homonímia é indeterminada, e depende basicamente da decisão do organizador da obra terminológica.

A variação terminológica é um fenômeno que pode afetar a descrição e a recuperação de conteúdos. Quando se trabalha com *logs* de pesquisa, pode-se encontrar uma lexia de busca em forma de paráfrase do termo, pois, muitas vezes, o usuário não se lembra do termo exato, mas lembra da sua definição. Nesse caso, relações substitutivas e sintagmáticas entre sentidos, representadas por expressões maiores substituindo o termo, também podem equivaler a uma variante desse termo. Quanto a essa questão, Lyons (1987) explica o seguinte:

Não apenas os lexemas, mas também expressões maiores compostas de lexemas, podem ter um sentido. E exatamente as mesmas relações substitutivas e sintagmáticas podem existir entre um lexema e uma expressão mais complexa, não-lexêmica, ou entre duas de tais expressões, da mesma maneira como existem entre os lexemas. Parece razoável afirmar, então, que conhecer o sentido de um lexema envolve também um conhecimento de suas relações com expressões não-lexêmicas relevantes: saber, por exemplo, que 'solteirona' tem o mesmo sentido que 'mulher não-casada' (ou talvez de 'mulher que nunca casou'). Evidentemente tal conhecimento adicional é impossível sem o conhecimento das regras gramaticais da língua e da contribuição que estas trazem, se houver, para o sentido de expressões sintaticamente complexas. Uma das deficiências de trabalhos bem mais antigos de semântica foi que não só se restringiam à estrutura lexical, mas também deixavam passar o fato de que o sentido dos lexemas não podia ser devidamente descrito sem uma descrição paralela das relações entre os sentidos de lexemas e de expressões mais complexas. (LYONS, 1987, p. 150).

A linguística textual destaca a comunicação especializada como importante fonte de estudo para descrição da variação conceitual, devido aos usos dos termos, aos aspectos discursivos e as situações comunicativas nas quais eles estão inseridos. Já a variação denominativa surge na comunicação especializada como consequência do emprego de diferentes denominações para um mesmo conceito, que pode apresentar diferentes tipos de causa, como será abordado na subseção 4.5.2.

4.5.1 Classificação das variantes denominativas

Em sua tese de doutorado, Freixa (2002) propõe uma análise exaustiva daquilo que autores de diferentes correntes terminológicas chamam de “sinonímia”: a variação terminológica. Fundamentada em bases teóricas da TCT, a autora propõe uma classificação detalhada para a variação denominativa existente nos discursos especializados, mais precisamente, da área ambiental. A autora destaca que as variantes terminológicas podem ser de natureza denominativa ou conceitual. A forma de variação denominativa ocorre quando diferentes denominações correspondem a um mesmo conceito, dentro de uma mesma área de especialidade (por exemplo, *passivo em moeda estrangeira* e *dívida em dólar*). Já a forma de variação conceitual ocorre quando diferentes conceitos correspondem a uma única denominação (por exemplo, *indexação* em Biblioteconomia e *indexação* em Economia).

O Quadro 2 apresenta a Classificação Formal de Variantes Denominativas de Freixa (2002), a qual será utilizada para o reconhecimento dos pares de lexias candidatas a variantes denominativas identificados no *corpus* de estudo desta pesquisa.

Quadro 2 – Classificação Formal de Variantes Denominativas de Freixa (2002)

I VARIACIONES GRÁFICAS	
1. Termo e forma artificial	
a) Termo e símbolo	<i>cobre / Cu</i>
b) Termo e fórmula química	<i>amoníaco / NH₃</i>
c) Termo e outra forma artificial	<i>ley de residuos industriales de 1983 / ley 6/1983</i>
2. Termo e abreviação	
a) Termo e sigla	<i>clorofluorocarbono / CFC</i>
b) Termo e abreviatura	<i>acero inoxidable / acer inox.</i>
3. Mudança ortográfica	
a) Presença e ausência de acentuação	<i>atmósfera / atmosfera</i>
b) Presença e ausência de hífen	<i>micro-organismo / microorganismo</i>
c) Erros de grafia, como acréscimo e supressão de letras	<i>espray / spray</i> <i>dissolución / disolución</i>
d) Presença e ausência de espaço entre as palavras	<i>tetra brik e tetrabrik</i>

continua...

conclusão...

II VARIAÇÕES MORFOSSINTÁTICAS	
1. Mesma estrutura	
a) Ausência e presença de artigo	<i>gestión de residuos / gestión de los residuos</i>
b) Alteração de número	<i>contaminación del agua / contaminación de las aguas</i>
c) Alteração de preposição	<i>condiciones del condensador / condiciones en el condensador</i>
d) Alteração de gênero	<i>máxima absoluta / máximo absoluto</i>
2. Estrutura diferente	
e) [N+A] / [N +SP] [nome + adj.] / [nome + sintagma prepos.]	<i>residuos mineros / residuos de la minería</i>
f) Monolítico / polilítico	<i>producto ecológico / ecoproducto</i>
g) Outras alterações de estrutura	<i>materia primera / primera materia</i>
III REDUÇÕES	
1. Reduções da extensão	<i>aguas residuales / aguas ciclo de vida / ciclo semiconductor-electrólito / semiconductor ahorro de recursos naturales / ahorro de recursos recogida selectiva de residuos / recogida selectiva metal pesante tóxico / metal pesante tiempo de residencia del gas / tiempo de residència filtro de control de contaminación / filtro</i>
2. Reduções da base	<i>planta depuradora / depuradora gas CFC / CFC espuma de poliestireno / poliestireno</i>
3. Outras reduções	<i>emisiones de compuestos químicos tóxicos / emisión tóxica</i>
IV VARIAÇÕES LEXICAIS	
1. Unidades monolíticas	<i>contaminación / polución</i>
2. Unidades polilíticas	
a) Alterações da base	<i>bien de consumo / producto de consumo abono químico / fertilizante químico destrucción de la capa de ozono / degradación de la capa de ozono</i>
b) Alterações da extensão	<i>depósito de asentamiento / depósito de decantación agricultura ecológica / agricultura biológica aguas residuales / aguas de la alcantarilla</i>
V DIFERENTES VARIAÇÕES COMPLEXAS	
1. Com parentesco formal	
a) Monolítico / polilítico	<i>alimento / producto alimentario</i>
b) Polilítico / polilítico	<i>lodo digerido / residuo de digestión</i>
2. Sem parentesco formal	
a) Monolítico / polilítico	<i>vertedero / depósito de residuos</i>
b) Polilítico / polilítico	<i>pesticida de síntesis / plaguicida químico</i>

Fonte: Adaptado de Freixa (2014, p. 316-317).

A classificação formal de variantes denominativas de Freixa (2002) se divide em cinco blocos, de acordo com o tipo de alteração linguística produzida. A autora estabeleceu, como limite para a sua classificação, o critério de restringir a sua análise a pares de variantes denominativas, embora reconheça que sua análise poderia ter sido aplicada a todos os grupos denominativos, independentemente do número de denominações para um mesmo conceito (FREIXA, 2002, p. 273).

O primeiro bloco da classificação trata das alterações gráficas, onde se enquadram as variações entre termo e forma artificial (símbolo, fórmula química e outra forma artificial),

entre termo e abreviação (sigla e abreviatura) e mudança ortográfica. No quadro de classificação original, não constam os subtipos do tipo “Mudança ortográfica”, quais sejam “presença e ausência de acentuação”, “presença e ausência de hífen” e “erros de grafia, como acréscimo e supressão de letras”, porém, em seu texto, a autora menciona esses subtipos, caracterizando-os como casos heterogêneos, que, na maioria das vezes, se alternam entre formas normativas e não normativas, ou seja, construções com vocábulos que estão dentro e fora da norma culta, embora também ocorram casos entre duas formas normativas iguais, como, por exemplo, *quatorze* e *catorze*, *parênteses* e *parêntesis*, *enfarte* e *infarto* etc. Entende-se que seja importante explicitar esses subtipos no quadro, uma vez que eles possam vir a justificar um grande número de ocorrências de lexias extraídas dos *logs*.

O segundo bloco trata das variações morfossintáticas, ou seja, das relações formais entre os constituintes do termo, que podem acarretar mudanças na estrutura do termo. Divide-se em dois tipos: “Mesma estrutura”, em que ocorre a manutenção da estrutura original, por meio da presença ou ausência de artigo, alteração de número (singular e plural), alteração de preposição e alteração de gênero (masculino e feminino); e “Estrutura diferente”, em que ocorre a alteração da extensão do termo, passando de um adjetivo (*mineros*) para um sintagma preposicional (*de la mineria*); e a alternância entre a estrutura substantivo e adjetivo (*producto ecológico*) e uma unidade monoléxica (*ecoproducto*), em que o adjetivo (*ecológico*) da unidade sintagmática é representado por um prefixo (*eco*) no monoléxico (*ecoproducto*) (FREIXA, 2002).

O terceiro bloco trata das variações denominativas oriundas das reduções dos sintagmas. Freixa (2002) explica que a redução pode ser entendida como a supressão de um ou mais constituintes de um sintagma, e que essa supressão contribui para a economia linguística, assim como ocorrem com os acrônimos, mecanismo utilizado para encurtar um termo. Para classificar os casos de redução, a autora adotou três critérios: primeiro, conforme a parte da unidade onde ocorre a redução, se na extensão ou na base do sintagma; segundo, conforme o número de elementos reduzidos; e terceiro, conforme a estrutura do sintagma. As reduções de extensão são as mais comuns. De acordo com a autora, as reduções são principalmente anafóricas. Entende-se por anafóricas as reduções que, quando aplicadas em um contexto textual, retomam um sintagma usado anteriormente no mesmo discurso, como, por exemplo, *ciclo de vida / ciclo* e *espuma de poliestireno / poliestireno*, onde *ciclo* e *poliestireno* são os elementos anafóricos que retomam e remetem às formas completas do termo que já foram mencionadas antes no contexto.

O quarto bloco trata das variações lexicais, que, segundo a autora, correspondem aos casos de sinonímia propriamente ditos. Divide-se em unidades monoléxicas, que classifica os casos que apresentam alterações lexicais em unidades monoléxicas, como, por exemplo,

contaminación / polución; e unidades poliléxicas, que classifica os casos que apresentam alterações lexicais em unidades poliléxicas, dependendo do tipo de alteração que ocorre na estrutura do sintagma, se de base ou de extensão, como, por exemplo, *bien de consumo / producto de consumo* (alteração de base) e *agricultura ecológica / agricultura biológica* (alteração de extensão).

O quinto e último bloco trata de diferentes variações complexas, classificadas em subtipos “com parentesco formal” e “sem parentesco formal” entre os pares de variantes, que se dividem em “monoléxico / poliléxico” e “poliléxico / poliléxico”, como, por exemplo, *alimento / producto alimentario* (monoléxico / poliléxico com parentesco formal) e *vertedero / depósito de residuos* (monoléxico / poliléxico sem parentesco formal).

Laipelt (2015b), que classificou variantes denominativas da área do Direito do Trabalho e do Direito Previdenciário, chama a atenção para a necessidade de se fazer uma análise atenta, pois aspectos muito específicos da variação podem deixar dúvidas quanto às possibilidades de classificação de variantes em algumas categorias:

[...] ao compararmos duas variantes entre si, é preciso observar com atenção as alterações produzidas, visto que a presença ou ausência de um único aspecto é fator determinante para correta classificação. Por exemplo, qual a diferença entre uma alteração de estrutura morfossintática que ocasiona a mudança de uma unidade monoléxica para uma unidade poliléxica, e as reduções de extensão, visto que na categoria reduções também encontramos unidades poliléxicas que, devido à redução, se tornam monoléxicas? A diferença está no resultado da alteração obtida. No caso das alterações morfossintáticas, um dos termos da unidade poliléxica, geralmente, o adjetivo, de acordo com Freixa (2002), se transforma em prefixo da forma monoléxica, sem que o termo perca sua especificidade, como se pode verificar no exemplo a seguir: *producto ecológico / ecoproducto*. No caso de várias alterações complexas, é o radical do substantivo que se torna prefixo da unidade monoléxica resultante, como pode-se verificar nesse exemplo: **Agricultura ecológica / Agroecología**. (LAIPELT, 2015b, p. 50, grifo do autor).

Nesta pesquisa, a justificativa para o uso da classificação formal de variantes denominativas de Freixa (2002) se dá pela necessidade de se estabelecer critérios claros para o reconhecimento terminológico, tendo em vista as especificidades de cada lexia de busca do usuário. No caso de um sistema informacional, as lexias ou expressões de busca são a representação gráfica de uma construção mental do usuário, sem revisões ou correções. Elas são expressas pelo usuário conforme ele vai criando estratégias de busca durante a recuperação da informação. Nesse processo, o usuário cria associações semânticas e morfológicas nas suas tentativas de recuperar a informação e, dessas associações, podem surgir variantes denominativas que poderão ser reconhecidas apenas dentro de uma sessão de *logs*, sem um contexto textual especializado.

Conforme já mencionado na explicação sobre *logs*, as consultas dos usuários compõem as sessões, e as sessões compreendem a sequência de pesquisa e o tempo em que o usuário demandou nessa sequência, sendo esse usuário identificado pelo IP. Elas são formadas pela sequência de caracteres, tal qual foram digitados pelos usuários no sistema de recuperação de informação, o que incluem operadores booleanos; erros de digitação; apagamento de letras, acentos, preposições, artigos; alteração e redução de base e de extensão dos sintagmas. Dessa forma, entende-se que o método analítico para candidatos a termos extraídos de *logs* se diferencie um pouco do método analítico aplicado a candidatos a termos extraídos de um *corpus* textual pela ausência de um contexto textual que justifique o seu *status* de termo.

As variantes analisadas dentro de um contexto textual são mapeadas e analisadas por sua colocação. No entanto, para as variantes que ocorrem dentro dos *logs*, não há um contexto textual, nem colocação, mas sim um contexto informacional, composto por sessões, históricos de busca, frutos de uma construção mental rápida do usuário e sem possibilidades de correções. A validação no contexto de uso se dá pela garantia literária, etapa subsequente ao reconhecimento terminológico. Assim sendo, é preciso verificar qual foi a construção mental que o usuário realizou – redução ou ampliação de um sintagma, apagamento de letras, acentos ou preposições, utilização de variantes com ou sem parentesco formal – para que se possa identificar essas lexias como variantes denominativas.

Para tanto, faz-se necessário estabelecer parâmetros para o reconhecimento de variantes denominativas, a fim de se analisar o *corpus* de estudo de maneira satisfatória. Entende-se que a classificação de Freixa (2002) dá conta, em parte, dos aspectos formais característicos das lexias de busca oriundas de *logs* de pesquisa da internet. Em parte, porque, como explicado anteriormente, as lexias extraídas dos *logs* de pesquisa apresentam características formais específicas e são independentes de contexto textual.

Por esse motivo, no caso dos *logs*, é preciso direcionar uma maior atenção aos casos de reduções, principalmente aos casos de redução de extensão, como, por exemplo, em *finanças pessoais / finanças*, em que um termo poliléxico se converte a um termo monoléxico, tornando-se mais genérico. Nesse caso, claramente ocorre perda de sentido do termo poliléxico, uma vez que, sem um contexto textual no qual se possa identificar o caráter anafórico do termo reduzido, não é possível afirmar que esse termo seja uma variante do termo poliléxico.

Acrescenta-se ao quadro da classificação formal de variantes denominativas de Freixa (2002) dois outros tipos de classificação presentes na tese da professora Mariângela de Araújo intitulada *A elaboração de um dicionário de Economia: aspectos da sinonímia nos discursos especializados* (2006): “a) Sinonímia entre um termo vernáculo e um termo estrangeiro”, que

inclui o subtipo “a.4) Termos decalcados” e “d) Sinonímia entre termo formado com elemento(s) descritivo(s) e termo formado com elemento(s) não descritivo(s)”, que inclui o subtipo “d.1) Sinonímia entre termo descritivo e termo eponímico”. Em sua pesquisa, Araújo (2006) aborda o estudo da sinonímia em textos especializados da área de Economia, analisando e descrevendo os termos sinônimos segundo seus aspectos formais e semânticos, chegando, assim, a uma tipologia semelhante à de Freixa (2002), porém específica para termos sinônimos da área de Economia.

A autora optou pelo uso de “sinonímia” em vez de “variação” em sua tese, por entender que sinonímia e variação são conceitos diferentes. Ela explica que as formas sinônimas são *concorrentes*,

[...] uma vez que poderão ser comutadas em um mesmo discurso ou texto especializado, concorrendo entre si e sendo dependentes apenas da escolha do produtor do discurso. Ao contrário, as formas variantes são *coocorrentes*, uma vez que coexistirão em discursos especializados diferentes e não concorrerão entre si porque caracterizarão exatamente as diferenças entre os discursos, não podendo, portanto, serem comutadas, dentro de um mesmo discurso. (ARAÚJO, 2006, p. 63, grifo da autora).

Assim, tendo em vista que seu *corpus* de estudo foi composto por textos com o mesmo nível de especialização, com o mesmo recorte histórico, e com diferenças regionais que não se fazem perceber (apesar de os textos terem sido escritos por autores pertencentes a diferentes regiões do Brasil), a autora optou pelo uso do conceito “sinonímia”.

Ao contrário de Araújo (2006), que entende que formas sinônimas são as que podem ser comutadas entre si em um mesmo discurso na mesma área de especialidade, neste trabalho, optou-se pelo uso do conceito de variação por se entender que não existe sinonímia absoluta, e que esse intercâmbio proposto pela autora não seria possível devido à perda semântica ocasionada pela falta de cem por cento de equivalência entre os termos em seus contextos de uso. Por isso, optou-se pela teoria de Freixa sobre variação denominativa, a qual abrange variantes e sinônimos, por se reconhecer que não há uma separação nítida entre os conceitos de variação e sinonímia, principalmente nos casos entre variações morfológicas e sintáticas ou em casos em que se combinam variações diversas, conforme explicitado por Freixa (2002).

Nesse sentido, por uma questão de síntese, os dois tipos presentes na classificação de Araújo (2006) serão representadas no Quadro 3 e serão adaptados para “a) Variação entre um termo vernáculo e um termo estrangeiro”, que inclui o subtipo “Variação entre um termo vernáculo e um termo decalcado (decalque)” e “b) Variação entre termo formado com elemento descritivo e termo formado com elemento não descritivo”, que inclui o subtipo “Variação entre

termo descritivo e termo eponímico”, seguindo a proposta desta pesquisa, a qual trata do fenômeno de variação conforme a abordagem de Freixa (2002). A tipologia completa proposta por Araújo (2006) está disponível no Apêndice A.

Quadro 3 – Adaptação da tipologia de Araújo (2006) para termos variantes de Economia

I ASPECTOS FORMAIS DOS TERMOS EM ECONOMIA	
1 Variação entre termos totalmente diferentes	
a) Variação entre um termo vernáculo e um termo estrangeiro	<i>retorno realmente praticado / actual return</i> <i>tarifa dupla / two-part-tariff</i>
a.1) Variação entre um termo vernáculo e um termo decalcado (decalque)	<i>efeitos externos / externalidades (externality)</i>
II ASPECTOS SEMÂNTICOS DAS VARIANTES EM ECONOMIA	
b) Variação entre termo formado com elemento descritivo e termo formado com elemento não descritivo	
b.1) Variação entre termo descritivo e termo eponímico	<i>modelo de Chamberlin / solução de Chamberlin</i> <i>(substantivo + SP)</i> <i>modelo de Sweezy / modelo da curva de demanda quebrada</i>

Fonte: Elaboração própria a partir de Araújo (2006).

No Quadro 3, o primeiro bloco, que trata dos aspectos formais das variantes, abrange o tipo “variação entre termos totalmente diferentes”, sendo os subtipos “variação entre um termo vernáculo e um termo estrangeiro” e “variação entre um termo vernáculo e um termo decalcado”. O primeiro subtipo abrange os termos e seus equivalentes em língua estrangeira, podendo ocorrer também variação entre o termo vernáculo e a sigla do seu termo equivalente em língua estrangeira. O segundo subtipo abrange ocorrências que sofreram interferência linguística, mais precisamente, casos em que uma língua interfere na outra, ou interferências por analogia do tradutor. Exemplos dessas interferências em Economia são os termos decalcados *externalidades*, uma tradução de *externality*, e *inovativo*, provavelmente uma tradução feita por analogia para *innovative*, uma vez que *inovador*, seu equivalente em português, já se encontra dicionarizado em obras do léxico geral, ao contrário dos termos decalcados, que não estão dicionarizados.

O segundo bloco, que trata dos aspectos semânticos das variantes, abrange o tipo “variação entre termo formado com elemento descritivo e termo formado com elemento não descritivo”, que inclui o subtipo “variação entre termo descritivo e termo eponímico”, ocorrência bastante comum nos textos de Economia. Muitos termos de Economia costumam ser formados por epônimos, que são vocábulos provenientes de um nome próprio. Nesse caso, a estrutura do sintagma é formada pelo nome de um cientista da área. Araújo (2006) explica que para os termos eponímicos em Economia há casos em que as variantes conservam o epônimo em sua extensão, como, por exemplo, *modelo de Chamberlin / solução de Chamberlin*, e há casos também em que

as variantes apresentam um sintagma descritivo no lugar do epônimo, como, por exemplo, *modelo de Sweezy* / *modelo da curva de demanda quebrada*.

Quanto ao último exemplo, *modelo de Sweezy*, a autora explica que, para aqueles que conhecem o trabalho de Sweezy, o termo eponímico mantém um significado, mas, para os que desconhecem, há um “[...] esvaziamento semântico do nome e o termo eponímico torna-se obscuro e pouco elucidativo” (ARAÚJO, 2006, p. 95). Já a variante formada por um elemento descritivo, *modelo da curva de demanda quebrada*, traz mais informações sobre o conceito, propiciando um melhor entendimento, uma vez que descreve o *modelo*. Também podem ocorrer casos de variação entre um sintagma eponímico e um epônimo terminológico, monotermino ou termo derivado, como, por exemplo, *teoria de Marx* / *marxismo*.

Apesar do uso desses dois quadros que abrangem a classificação de Freixa (2002) e a tipologia de Araújo (2006), em decorrência dos dados levantados nesta pesquisa, fez-se necessário inserir mais uma categoria de classificação para a análise: a de “Termo decalcado [decalque] e termo estrangeiro”. Essa categoria, proposta por esta analista, foi agregada ao primeiro bloco da tipologia de Araújo (2006), que trata dos aspectos formais das variantes e abrange o tipo “variação entre termos totalmente diferentes”, conforme o Quadro 4.

Quadro 4 – Categoria agregada à tipologia de Araújo (2006)
para termos variantes de Economia

I ASPECTOS FORMAIS DOS TERMOS EM ECONOMIA	
1 Variação entre termos totalmente diferentes	
Termo decalcado [decalque] e termo estrangeiro	<i>externalidades</i> [externality] / <i>spillovers</i>

Fonte: Elaboração própria.

A motivação para essa proposta de categoria se dá pela ocorrência de variação do tipo “termo decalcado [decalque] e termo estrangeiro” no *corpus* de referência. Esse fenômeno linguístico foi observado no par de *lexias externalidades* / *spillovers*, em que um termo decalcado (*externalidades*) apresenta como candidata a variante um termo estrangeiro (*spillovers*), não se enquadrando assim em nenhuma das categorias propostas por Araújo (2006) ou por Freixa (2002).

4.5.2 Causas da variação denominativa

Em trabalho posterior a sua tese, Freixa (2013, p. 38) faz uma revisão crítica das causas da variação denominativa, trazendo novos aspectos para a discussão. O Quadro 5 apresenta a classificação dessas causas.

Quadro 5 – Causas da variação denominativa conforme Freixa (2013)

Tipos	Causas
1. Causas prévias	A redundância linguística A arbitrariedade do signo linguístico As possibilidades de variação da língua
2. Causas dialetais	Variação geográfica Variação cronológica Variação social
3. Causas funcionais	Adequação ao nível de língua Adequação ao nível de especialização
4. Causas discursivas	Evitar a repetição Economia linguística Criatividade, ênfase e expressividade
5. Causas interlinguísticas	Convivência do termo "local" com o empréstimo Diversidade de propostas alternativas
6. Causas cognitivas	Imprecisão conceitual Distanciamento ideológico Diferenças na conceitualização

Fonte: Freixa (2013, p. 39, tradução nossa).

Freixa (2013) explica que, com relação às causas prévias, a variação ocorre porque as línguas são redundantes; porque o signo linguístico é arbitrário, pois não há nada que justifique o vínculo entre a denominação e o referente; e porque é próprio das línguas variar a maneira de dizer as coisas, pois a variação é uma característica intrínseca da língua.

A variação por causas dialetais – geográfica, cronológica e social – ocorre quando vários falantes utilizam denominações diferentes para um mesmo referente, sendo, por isso, uma variação necessariamente externa, segundo a autora.

A variação por causas funcionais – adequação ao nível de língua e adequação ao nível de especialização – ocorre quando um mesmo falante utiliza denominações diferentes levando em consideração o contexto comunicativo, sendo, por isso, considerada uma variação interna. Por exemplo, textos mais especializados tendem à precisão e à univocidade dos termos; já textos menos especializados, tendem a apresentar maior incidência de variantes (FREIXA, 2013).

A variação por causas discursivas, segundo Freixa (2013), se dá principalmente por questões de estilo de escrita do autor, que tem por objetivo evitar repetição dos termos, usando outras denominações; economizar termos, fazendo uso de siglas, abreviaturas, acrônimos

(variantes gráficas) e reduções por anáfora (variantes lexicais); e ser criativo, dar ênfase e ser mais expressivo em seu texto, utilizando-se de paráfrases e metáforas. Entre todas as causas, a que mais se destaca é a para evitar repetições, o que, dependendo da área de especialidade e do gênero textual, pode vir a ser um problema, pela falta de univocidade entre os termos, como por exemplo, o uso de variação em manuais explicativos ou metodológicos, que, por serem voltados a uma aplicação prática, precisam ser mais diretos e precisos.

A variação por causas interlinguísticas está relacionada aos empréstimos de outras línguas. De acordo com Freixa (2013), uma das causas desse tipo de variação, por um lado, seria a convivência do termo “local” com o empréstimo, e, por outro lado, as tentativas de se evitar esse empréstimo, propondo outros termos como alternativa. Complementando essa causa proposta por Freixa (2013), faz-se importante trazer a reflexão crítica de Assirati (1998), em que ela menciona que o surgimento de híbridos, como por exemplo, o uso do termo *getar* como verbo, oriundos dos termos emprestados, ocorre pelo comportamento linguístico de especialistas ou usuários de determinada área de especialidade, o qual reflete o comodismo ou a falta de tempo destes para consultar o dicionário. No caso de *getar*, a definição seria “entrar no sistema”. Segundo a autora, esse termo poderia ter sido evitado apenas se o usuário optasse por sua tradução, que é “entrar, ter acesso”.

A variação por causas cognitivas relaciona-se mais comumente à imprecisão conceitual, ao distanciamento ideológico e às diferenças na conceitualização. Segundo Freixa (2013), as causas cognitivas não ocorrem no mesmo nível das causas prévias, nem das causas dialetais, funcionais e interlinguísticas, pois a imprecisão dos conceitos ocorre primeiro no nível dos conceitos e depois no processo e no resultado da denominação.

Com base nos seus estudos, Freixa (2013) recomenda examinar as variações denominativas pelos seguintes pontos de vista:

- a) segundo o tipo de alteração formal que as denominações mantêm entre si;
- b) segundo as diferenças conceituais que as denominações apresentam entre si;
- c) segundo a causa que provocou essa variação.

Assim como a autora, acredita-se que o item c seja bastante subjetivo e complexo para se aplicar em qualquer pesquisa, uma vez que seria preciso contato com os autores dos textos, por meio de pesquisas e questionários individuais, a fim de obter informações sobre as razões que os levaram a usar determinada variante em seus textos. Por isso, na análise das variantes coletadas nesta pesquisa, possíveis causas da variação serão mencionadas, porém não serão aprofundadas.

Nesse contexto, a partir das tipologias aqui detalhadas e de suas causas, considera-se que se tenham subsídios suficientes para o reconhecimento terminológico das lexias extraídas dos *logs* de pesquisa da área de Economia.

5 METODOLOGIA DA PESQUISA

Esta é uma pesquisa baseada em *corpus* e de natureza aplicada, pois visa ao emprego concreto em um sistema de recuperação da informação. Pretende-se, com esta pesquisa, aprofundar conhecimentos já estudados e gerar conhecimentos novos, a fim de contribuir para estudos aplicados de Terminologia, que visem atender as necessidades de usuários de sistemas informativos, principalmente do Seer/OJS.

Quanto à abordagem, esta pesquisa se classifica como quantitativa e qualitativa. Quantitativa porque se seleciona a quantidade de textos que irão compor o *corpus* de referência, o que constitui uma amostra representativa da população, sendo que os resultados da pesquisa são tomados como se constituíssem um retrato real de toda a população alvo da pesquisa. Qualitativa, porque se descrevem os dados obtidos na análise terminológica em fichas, disserta-se sobre eles e apresenta-se um modelo léxico representado por uma lista de palavras-chave, buscando-se uma forma de compatibilizar a linguagem do usuário e a linguagem do especialista para melhor organizar um sistema de recuperação da informação (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009).

Nesse contexto, para que esta pesquisa possa ser replicada por pesquisadores que pretendam empreender trabalho semelhante, descrevem-se, neste capítulo, de forma detalhada, as etapas metodológicas que foram seguidas até se chegar a um pequeno protótipo de uma lista de palavras-chave.

O percurso metodológico que será executado está dividido nas seguintes etapas:

- 1) Organização do *corpus* de estudo;
- 2) Organização do *corpus* de referência;
- 3) Reconhecimento terminológico:
 - 3.1) Análise das lexias de Economia extraídas dos *logs* de pesquisa a partir da classificação formal de variantes denominativas de Freixa (2002) e da tipologia de Araújo (2006), separando-se as lexias candidatas a variantes nos seguintes grupos: Grupo A – Lexias candidatas a variantes encontradas na mesma sessão de busca; e Grupo B – Lexias candidatas a variantes encontradas em diferentes sessões de busca;
 - 3.2) Análise das lexias de Economia extraídas dos *logs* de pesquisa (*corpus* de estudo) e suas ocorrências no *corpus* textual especializado (*corpus* de referência), e aplicação da classificação formal de variantes denominativas de Freixa (2002) e da tipologia de Araújo (2006), separando-se as lexias

candidatas a variantes no seguinte grupo: Grupo C – Lexias candidatas a variantes encontradas comparando-se o *corpus* de estudo com o *corpus* de referência;

- 3.3) Classificação das candidatas a variantes dos Grupos A, B e C conforme o Sistema de Classificação JEL;
- 3.4) Reconhecimento do subdomínio com maior ocorrência de candidatas a variantes e seleção das candidatas pertencentes a ele, fazendo-se, assim, o recorte de um subdomínio;
- 4) Garantia literária: validação das candidatas a variantes no *Dicionário de Economia do século XXI* (2016); no *Novíssimo Dicionário de Economia* (1999); no *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (2009); e nas obras de referência representativas do subdomínio de Economia recortado;
- 5) Preenchimento das fichas terminológicas;
- 6) Consulta a especialistas para validar as candidatas a variantes selecionadas;
- 7) Estabelecimento de uma lista de palavras-chave e de uma árvore de domínio a partir do subdomínio recortado.

Assim, nas seções que seguem, abordam-se as etapas do procedimento detalhadamente. Na seção 5.1, descrevem-se os procedimentos adotados para a organização do *corpus* de estudo, a extração das lexias dos *logs* de pesquisa dos usuários da revista para, a partir delas, selecionar candidatas a variantes terminológicas. Na seção 5.2, descreve-se como foi organizado o *corpus* de referência, o qual abrange a codificação dos textos que compõem o *corpus* e a compilação destes por meio do software *Sketch Engine*. Na seção 5.3, descrevem-se as etapas de reconhecimento terminológico. Na seção 5.4, apresentam-se as obras que irão fundamentar a garantia literária. Na seção 5.5, apresenta-se um modelo de ficha terminológica e detalha-se o preenchimento dos seus campos. Na seção 5.6, aborda-se a consulta a especialistas da área, garantia acadêmica que consiste em validar as informações da ficha terminológica, bem como as candidatas a variantes selecionadas para análise. Finalizando, na seção 5.7, descreve-se como será a lista de palavras-chave para a apresentação das variantes legitimadas pelas garantias, e apresenta-se um modelo de árvore de domínio.

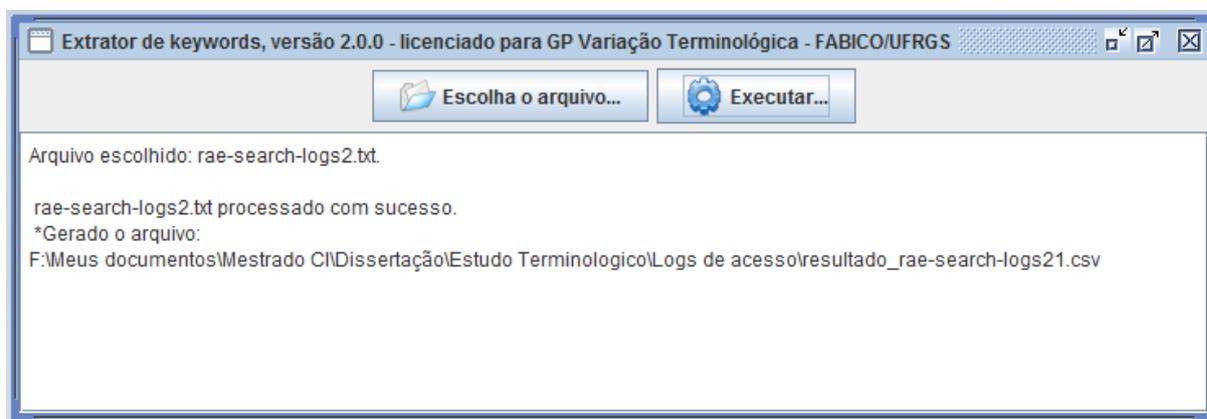
Entende-se que essas etapas são fundamentais para o alcance do objetivo proposto e têm dupla função: a de descrição metodológica e a de proposta de metodologia, uma vez que se trata da aplicação prática da pesquisa.

5.1 ORGANIZAÇÃO DO *CORPUS* DE ESTUDO

Compõem o *corpus* de estudo deste trabalho os *logs* de pesquisa dos usuários da *Revista Análise Econômica*. Os *logs* de pesquisa foram extraídos do *site* da revista, localizado na plataforma do Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (Seer/OJS). Para se obter esses dados, foi necessário contato com a equipe do Suporte Seer, na Central de Processamento de Dados (CPD) da UFRGS. Segundo o Suporte Seer, no servidor ficam armazenados os *logs* referentes aos últimos 52 dias de pesquisa no *site*; *logs* mais antigos ficam armazenados em fitas de *backup*. Para cada ano de *log* que se queira restaurar, é necessário localizar de 10 a 12 fitas, o que demandaria um tempo extra de trabalho ao CPD. Por isso, optou-se por coletar os *logs* de 52 a 52 dias, uma vez que eles ficam armazenados no servidor, e o tempo de envio dos *logs* pelo CPD é mais rápido.

O arquivo com os *logs* foram salvos pelo CPD em formato .txt. Para converter o arquivo .txt em um arquivo .csv em Excel, utilizou-se um extrator de *logs*, o qual foi elaborado pelo profissional da área de Informática Vicente Grassi Filho. A Figura 3 mostra a interface do extrator de *logs*.

Figura 3 – Interface do extrator de *logs*



Fonte: Arquivo pessoal.

O extrator converte um arquivo .txt em um arquivo .csv, ou seja, em um arquivo com um formato de texto simples, com os valores separados por vírgula, conforme a Figura 4.

Figura 4 – Configuração dos *logs* de pesquisa dos usuários em Excel

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K
19	177.235.37.yyy	2019	5	31	23	19	21	Brasil	"envoltória"		
20	177.235.37.yyy	2019	5	31	23	19	38	Brasil	"regressão"		
21	177.235.37.yyy	2019	5	31	23	19	59	Brasil	"regressão"		
22	177.235.37.yyy	2019	5	31	23	20	1	Brasil	"regressão"		
23	177.235.37.yyy	2019	5	31	23	20	12	Brasil	"regressão"		
24	177.235.37.yyy	2019	5	31	23	20	32	Brasil	"regressão"		
25	40.77.167.yyx	2019	6	1	15	2	55	Brasil	"petroleo"		
26	179.187.66.xxy	2019	6	2	14	13	13	Brasil	"pampa desenvolvimento"		
27	179.187.66.xxy	2019	6	2	14	13	21	Brasil	"mineração"		
28	179.187.66.xxy	2019	6	2	14	13	34	Brasil	"microrregiao"		
29	179.187.66.xxy	2019	6	2	14	13	42	Brasil	"microrregiao"		
30	177.54.57.zzz	2019	6	4	12	34	43	Brasil	"simples nacional"		
31	187.6.24.xxx	2019	6	5	22	51	59	Brasil	"risco país"		
32	187.6.24.xxx	2019	6	5	22	52	59	Brasil	"risco país"		
33	187.6.24.xxx	2019	6	5	22	53	3	Brasil	"risco país"		
34	187.6.24.xxx	2019	6	5	22	53	7	Brasil	"risco país"		
35	187.6.24.xxx	2019	6	5	22	53	9	Brasil	"risco país"		
36	187.6.24.xxx	2019	6	5	22	53	15	Brasil	"risco soberano"		
37	187.6.24.xxx	2019	6	5	22	53	23	Brasil	"risco de default"		
38	187.6.24.xxx	2019	6	5	22	53	30	Brasil	"risco de default"		
39	197.235.000.00	2019	6	6	5	48	4	Brasil	"crise bancaria"		
40	197.235.000.00	2019	6	6	5	48	35	Brasil	"crise bancaria"		
41	177.10.kkk.k	2019	6	6	15	0	55	Brasil	"economia brasileira 2012"		
42	177.10.kkk.k	2019	6	6	15	1	9	Brasil	"economia brasileira 2012"		
43	177.10.kkk.k	2019	6	6	15	1	48	Brasil	"economia brasileira 2012"		

Fonte: Dados da pesquisa.

Os *logs* dispostos na planilha em Excel, extensão .csv, já aparecem separados em colunas, as quais designam, respectivamente, o IP¹ do usuário que fez a pesquisa no *site* da revista; o ano, o mês, o dia, a hora, o minuto, e o segundo em que o usuário fez a pesquisa; o país do acesso; e o termo pesquisado (sempre entre aspas).

No Quadro 6, constam três *logs* referentes a três *lexias* pesquisadas pelo mesmo usuário.

Quadro 6 – *Logs* de pesquisa dos usuários e suas informações de acesso

IP	Ano	Mês	Dia	Hora	Min.	Seg.	País	Lexia de busca
187.6.24.xxx	2019	6	5	22	51	59	Brasil	"risco país"
187.6.24.xxx	2019	6	5	22	53	15	Brasil	"risco soberano"
187.6.24.xxx	2019	6	5	22	53	23	Brasil	"risco de default"

Fonte: Elaboração própria.

É possível saber que é o mesmo usuário, porque o número do IP é o mesmo para os três *logs*. Além disso, o usuário levou aproximadamente dois minutos para pesquisar três *lexias*. Tudo indica que essas *lexias* sejam equivalentes ou possuam relação semântica. Com uma

¹ "O endereço IP é a identificação de um dispositivo em uma rede. Cada computador possui um endereço IP único, e através dele uma máquina se comunica com as demais na Internet." (KINGHOST, 2021, on-line).

análise mais aprofundada e de validação dessas lexias, é possível descobrir qual delas seria o termo preferido e quais seriam as variantes desse termo.

Para uma maior transparência na pesquisa, é possível verificar o local de acesso do IP. No Google, há inúmeros *sites* gratuitos que oferecem esse rastreamento, informando a cidade, o estado, o país, a latitude e a longitude do IP do usuário.² No entanto, por uma questão de privacidade e anonimato do usuário, neste trabalho, optou-se por substituir os últimos números do endereço IP por letras, conforme o Quadro 6. Salienta-se que os *logs* de pesquisa que por ventura tenham sido gerados por esta analista no momento de teste dos recursos do sistema Seer foram excluídos desta pesquisa.

Após a extração e disposição dos *logs* na planilha em Excel, eles foram ordenados por IP. Por meio das lexias de busca correspondente a cada IP, pode-se identificar candidatos a termos e suas possíveis variantes, ou seja, as lexias usadas pelo mesmo usuário em uma única busca. Feito isso, excluem-se os *logs* que contêm lexias idênticas repetidas no mesmo IP, a fim de tornar mais clara a análise, e destacam-se os *logs* órfãos, ou seja, os correspondentes a um único IP (a um único usuário), a uma única busca, com a finalidade de se encontrar lexias pesquisadas por usuários diferentes e que possam ser variantes entre si.

Assim, tem-se uma planilha em que os *logs* encontram-se organizados por IPs e em que é possível identificar as prováveis variantes contidas nas lexias de busca, conforme Figura 5.

Figura 5 – Organização do *corpus* de estudo

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q
13	143.255.191.xxx	2020	5	18	8	50	8	Brasil	"planejamento financeiro familiar"								
14	143.255.191.xxx	2020	5	18	8	50	17	Brasil	"planejamento financeiro"								
15	130.234.205.yy	2019	9	11	11	22	35	Brasil	"inflação"								
16	130.234.205.yy	2019	9	11	11	24	16	Brasil	"inflação"								
17	184.163.147.xxx	2020	7	16	17	55	7	Brasil	"Pib and erroz"								
18	184.163.147.xxx	2020	7	16	17	55	22	Brasil	"Pib OR erroz"								
19	185.225.214.yy	2020	4	20	17	25	23	Brasil	"rodovia"								
20	185.225.214.yy	2020	4	20	17	26	25	Brasil	"morte"								
21	185.225.214.yy	2020	4	20	17	26	58	Brasil	"causa morte"								
22	185.225.214.yy	2020	4	20	17	54	49	Brasil	"acidentes"								
23	185.225.214.yy	2020	4	20	17	35	0	Brasil	"trânsito"								
24	185.225.214.yy	2020	4	20	17	35	8	Brasil	"mortalidade"								
25	185.225.214.yy	2020	4	20	17	35	15	Brasil	"rodovias"								
26	185.225.214.yy	2020	4	20	17	40	7	Brasil	"veículos"								
27	185.225.214.yy	2020	4	20	17	40	24	Brasil	"saúde"								
28	188.121.110.xxx	2020	4	15	8	26	23	Brasil	"terras livres"								
29	188.121.110.xxx	2020	4	15	8	26	27	Brasil	"mercado"								
30	188.121.110.xxx	2020	4	15	8	26	35	Brasil	"botânica"								
31	177.129.250.yy	2020	7	8	11	24	53	Brasil	"LEI DO SIMPLES NACIONAL"								
32	177.129.250.yy	2020	7	8	11	25	3	Brasil	"SIMPLES NACIONAL"								
33	177.129.250.yy	2020	7	8	11	25	37	Brasil	"simples nacional"								
34	177.129.250.yy	2020	7	8	11	26	59	Brasil	"POLITICA"								
35	177.129.250.yy	2020	7	8	11	27	13	Brasil	"POLITICA DO SIMPLES NACIONAL"								
36	177.129.250.yy	2020	7	8	11	27	27	Brasil	"IRRS"								
37	177.129.250.yy	2020	7	8	11	27	41	Brasil	"IMPOSTO DE RENDA"								
38	177.132.196.xxx	2019	12	17	20	50	52	Brasil	"publicar"								
39	177.132.196.xxx	2019	12	17	20	50	56	Brasil	"ajuda"								
40	177.177.172.xxx	2020	7	8	11	13	57	Brasil	"gastos recursos humanos"								
41	177.177.172.xxx	2020	7	8	11	14	19	Brasil	"gastos"								
42	177.177.172.xxx	2019	11	8	1	20	22	Brasil	"DIFERENCIAS DE SALÁRIOS POR GÊNERO NO BRASIL: LIMA ANÁLISE REGIONAL"								
43	177.177.172.xxx	2019	11	8	1	20	47	Brasil	"DIFERENCIAS DE SALÁRIOS POR GÊNERO NO BRASIL"								
44	177.177.172.xxx	2019	11	8	1	24	5	Brasil	"DIFERENCIAS DE SALÁRIOS POR GÊNERO NO BRASIL"								

Fonte: Dados da pesquisa.

² Ao informar um endereço IP em um *site* localizador, é possível saber o local onde foi realizada a busca. Optou-se pelo *site* <https://king.host/wiki/geoip> para localizar os IPs, por ele ser gratuito, de fácil acesso e fornecer apenas os dados básicos necessários para esta pesquisa, sem muitos detalhes sobre o acesso do usuário.

Nessa planilha, foram excluídos os *logs* que continham lexias idênticas repetidas no mesmo IP, processo de limpeza essencial que resulta em um *corpus* menos poluído para a análise. A partir desse momento, ocorreu um processo de eliminação de *logs* dos quais as lexias de busca não correspondiam a assuntos ou termos da área de Economia. Ao término da análise, foram selecionadas para compor o *corpus* de estudo desta pesquisa lexias específicas da área de Economia.

5.2 ORGANIZAÇÃO DO *CORPUS* DE REFERÊNCIA

Os artigos da revista são essenciais para o propósito deste trabalho e têm dupla função: servem como *corpus* de referência e como garantia literária para as lexias extraídas dos *logs* de pesquisa do usuário. Essa garantia se dá pela comparação e validação das lexias no contexto dos artigos. Segundo Fujita e Redigolo (2009),

O contexto faz a intermediação entre a situação real dentro da unidade de informação e a representação dos itens indexados – vistos como sistema lingüístico. O contexto é uma variável importante, porque estabelece e delimita o desempenho do indexador dentro da unidade, de modo que esses catalogadores precisam exercer as suas atividades de acordo com o interesse dos usuários que utilizam o sistema de busca [...]. (FUJITA; REDIGOLO, 2009, p. 128).

Assim, faz-se importante essa comparação e validação das lexias no contexto dos artigos a fim de se saber a representatividade de determinado termo no universo da revista, o qual deveria responder às estratégias de busca dos usuários durante a recuperação da informação.

A metodologia utilizada aqui é a Linguística de *Corpus*, a qual “[...] ocupa-se da coleta e da exploração de *corpora*, ou conjuntos de dados linguísticos textuais coletados criteriosamente, com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística” (SARDINHA, 2004, p. 3). Entende-se por dados linguísticos aqueles que servem para pesquisa de uma língua ou variedade linguística, como, por exemplo, frequência, colocação, concordância e definições conceituais.

Em pesquisas atuais de estudos da linguagem, a Linguística de *Corpus* tornou-se um método imprescindível. O surgimento de textos em formato eletrônico, bem como de ferramentas computacionais de processamento de *corpora* possibilitam um mapeamento terminológico mais extenso e preciso, uma vez que se pode compilar uma grande quantidade de textos para um propósito específico, como, por exemplo, a extração de terminologia.

De acordo com Sardinha (2004), um *corpus* deve ter uma função representativa, que pode ser maior ou menor conforme a sua extensão. Ao se analisar um *corpus* especializado a fim de se mapear sua terminologia, é possível que haja uma série de probabilidades de ocorrência de termos, porém, para se obter termos de baixa frequência, que podem ser muito importantes como representantes de uma área temática, deve-se utilizar um *corpus* mais extenso, pois quanto maior o número de palavras, maior a possibilidade de se mapear palavras pouco frequentes. A adequação do *corpus* deve ser feita conforme os propósitos do pesquisador, o qual deve ter em mente um *corpus* específico que o ajude a responder determinadas questões da pesquisa.

Assim, o *corpus* de referência para esta pesquisa foi extraído de uma população de 644 artigos, em língua portuguesa, publicados na *Revista Análise Econômica* ao longo de seus 37 anos de existência. Optou-se por selecionar uma amostra desses artigos dentro do período 2015-2019 para a extração de termos e, para isso, utilizou-se a calculadora de amostragem disponível no *site* da Solvis,³ a fim de confirmar se o total de artigos que compunham o período 2015-2019 correspondia a uma amostra representativa do *corpus*.

A opção de se analisar os termos de um determinado período se justifica porque a escolha dos artigos não pode ser realizada aleatoriamente, uma vez que os discursos de uma área de especialidade variam de forma diacrônica, variando, também, a sua terminologia, ou seja, determinados termos podem ser muito usados em uma área científica em um intervalo de dez anos e, depois, podem não ser mais tão usados ou serem substituídos por novos termos. Um discurso pode substituir o outro. Logo, a forma aleatória para a escolha dos artigos não seria a ideal. Por isso, optou-se pelo cálculo de amostragem, a fim de se obter o tamanho da amostra (*corpus*) a ser analisada.

Do *site* da *Revista Análise Econômica*, foi realizado o *download* dos artigos publicados no período 2015-2019, a fim de se estabelecer o *corpus* de referência. Todos os artigos apresentam a mesma estrutura: título em português, título em inglês, minicurrículo dos autores, resumo, palavras-chave, *abstract*, *keywords*, *JEL Classification*, introdução, desenvolvimento separado por subtítulos, considerações finais, referências e, algumas vezes, anexos e/ou apêndices.

Antes da compilação do *corpus* de referência, cada artigo recebeu um código de identificação (ID) correspondente à edição a qual pertence, para que as fontes do termo e de seu contexto possam ser reconhecidas depois da compilação dos artigos. Esse código permite ao

³ SOLVIS. *Cálculos de amostragem*. Disponível em: <https://www.solvis.com.br/calculos-de-amostragem>. Acesso em: 12 mar. 2020.

pesquisador identificar a referência do artigo durante a análise da colocação do termo em determinado contexto. Por exemplo, o código “RAE1501” corresponde ao primeiro artigo de 2015 publicado na revista; o código “RAE1502” corresponde ao segundo artigo de 2015 e, assim, sucessivamente. O Apêndice B apresenta os códigos dos textos que compõem o *corpus* de referência desta pesquisa.

Para a compilação do *corpus* de referência e extração dos termos, foi utilizado o software *Sketch Engine*. Esse *software* é um gerenciador de *corpus* que permite ao pesquisador compilar grandes coleções de textos de acordo com o seu propósito; neste caso, a identificação de termos ou palavras-chave em seus contextos. Ele apresenta ferramentas de concordância (contextos e co-textos), além de se poder obter lista de palavras (por frequência e por classe), extração de palavras-chave e colocações (combinação de palavras). Uma das vantagens desse *software* é que é possível fazer o *upload* dos textos em .pdf, não sendo necessário convertê-los para .txt para que ele os reconheça. Porém, foi importante limpar o *corpus*, retirando a “sujeira”, ou seja, as palavras e partes do texto que não interessam para a pesquisa, tais como cabeçalhos e rodapés, *abstract*, *keywords*, e a lista de referências, e isso só é possível com a conversão.

Uma vez que os textos foram coletados e limpos, fez-se o *upload* dos mesmos para o *software Sketch Engine*, a fim de se fazer o reconhecimento terminológico e de se verificar a colocação estatística dos termos. O *software* destaca as colocações das unidades terminológicas mapeadas e fornece o número exato de colocações no *corpus*, bem como os seus contextos de ocorrência, o que será demonstrado na seção a seguir.

5.3 RECONHECIMENTO TERMINOLÓGICO

Findada a organização dos *corpora* de estudo e de referência, inicia-se o reconhecimento dos candidatos a termos e variantes contidos nas lexias extraídas dos *logs* de pesquisa dos usuários. Segundo Krieger e Finatto (2017, p. 129), “O reconhecimento terminológico é o primeiro passo concreto na produção de obra de referência”. Nesta etapa, deve-se levar em consideração não só o reconhecimento das lexias em si como termos e variantes, mas também as relações que outros possíveis candidatos a termos e variantes estabelecem com elas, e que podem, muitas vezes, auxiliar no esclarecimento de sentidos. As autoras chamam a atenção para que, nessa etapa, “[...] se pondere se as unidades que se registram como termos são realmente representativas do conhecimento de uma área do saber e se ‘dizem’ algo para o usuário da obra ou para o usuário da base de dados que se organiza” (KRIEGER; FINATTO, 2017, p. 129).

Para o reconhecimento de candidatas a termos e variantes terminológicas, esta pesquisa norteia-se pelos princípios da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), mais precisamente pelos trabalhos de Cabré (2001a, 2001b, 2018) e Freixa (2002), por entender que tal teoria é a que melhor descreve os padrões de uso dos termos e das unidades especializadas, depreendendo considerável importância à variação denominativa, característica da metodologia aqui proposta.

O maior desafio desta etapa é se certificar de que a lexia em análise é realmente um termo representativo da área de Economia. A seleção primeiramente se dá pelo conhecimento prévio do analista, que, frente a uma palavra ou sintagma, deve-se perguntar: “Isto é um termo?” E assim fazer o recorte do termo.

Sendo a Economia uma área interdisciplinar, ela tem como objeto de estudo temas cujos conceitos pertencem a outras áreas de conhecimento, como, por exemplo, a soja, a contabilidade, a tecnologia da informação, a agropecuária, o agronegócio, o audiovisual, o suicídio, a saúde, etc. No entanto, fez-se necessário uma reflexão mais apurada sobre as lexias encontradas nos *logs* e também conversas com os especialistas, a fim de diferenciar termos de temáticas, e de que a pesquisa pudesse abranger unidades terminológicas mais específicas do domínio.

Destaca-se, no Quadro 7, a classificação formal de variantes denominativas adaptada da classificação de Freixa (2002) e da tipologia de Araújo (2006) para ser utilizada como base analítica do *corpus* de estudo deste trabalho, conforme mencionado no capítulo 4. Nesse quadro, como exemplos de variantes, foram usadas as variantes encontradas nos *corpora* de estudo e de referência desta pesquisa; porém, nas categorias para as quais não foram encontrados exemplos de variação em Economia, tais como “Termo e outra forma artificial” e “Estrutura diferente: monoléxico / poliléxico” mantiveram-se os exemplos propostos por Freixa (2002) em sua classificação original por se entender que candidatas a variantes para essas categorias podem ser encontradas se o *corpus* de estudo for ampliado futuramente.

Quadro 7 – Classificação formal de variantes denominativas

I VARIACÕES GRÁFICAS	
1. Termo e forma artificial	
a) Termo e símbolo	<i>capital / K</i> <i>força de trabalho / L</i>
b) Termo e fórmula	<i>função de produção / $Q = f(L, K, t)$</i> <i>função de produção cobb-douglas / $q = AK^\alpha L^\beta$</i>
c) Termo e outra forma artificial	<i>ley de residuos industriales de 1983 / ley 6/1983</i>
2. Termo e abreviação	
a) Termo e sigla	<i>fernando henrique cardoso / FHC</i> <i>índice de desempenho ambiental / IDA</i>
b) Termo e abreviatura	<i>cadastro unico / CadÚnico</i>
2. Mudança ortográfica	
a) Presença e ausência de acentuação ou de til	<i>desenvolvimento econômico / desenvolvimento economico</i> <i>valoração / valorização</i>
b) Presença e ausência de hífen	<i>parcerias público-privadas / parceria público privada</i> <i>heckscher-ohlin / heckscher ohlin</i>
c) Erros de grafia, como troca, acréscimo e supressão de letras	<i>valor adicionado / valor adivionado</i> <i>unflação / inflação</i>
2. Mudança ortográfica	
d) Presença e ausência de espaço entre as palavras	<i>risco país/ riscopaís</i> <i>neoestruturalismo / neo estrutalismo</i>
e) Termo vernáculo e termo estrangeiro	<i>parcerias público-privadas / public private partnership</i> <i>ong / ngo</i> <i>repasse cambial / pass-through</i>
f) Termo decalcado [decalque] e termo vernáculo	<i>externalidades [externality] / economias externas</i>
g) Termo decalcado [decalque] e termo estrangeiro	<i>externalidades [externality] / spillovers</i>
II VARIACÕES MORFOSSINTÁTICAS	
1. Mesma estrutura	
a) Ausência e presença de artigo	<i>ciclos de negócios / ciclos dos negócios</i> <i>assimetria de informação / assimetrias da informação</i>
b) Alteração de número	<i>barreiras tarifárias / barreira tarifária</i> <i>custos no longo prazo / custo no longo prazo</i>
c) Alteração e ausência de preposição	<i>custo no longo prazo / custo ao longo prazo</i> <i>assimetria de informação / assimetria informação</i>
d) Alteração de gênero	<i>novo-keynesiana / novo keynesiano</i>
2. Estrutura diferente	
e) [N+A] / [N +SP] [nome + adj.] / [nome + sintagma prepos.]	<i>previdência fechada / fundos de pensão</i>
f) Monolítico / polilítico	<i>producto ecológico / ecoproduto</i>
g) Outras alterações de estrutura	<i>passivo em moeda estrangeira / dívida em dólar</i> <i>collor I / plano brasil novo</i>
III REDUÇÕES	
1. Reduções da extensão	
	<i>fundos de pensão / fundos</i> <i>bolsa de valores / bolsa</i> <i>demanda marshalliana / demanda</i> <i>oaxaca blinder / oxaxaca</i>
2. Reduções da base	
	<i>lei do simples nacional / simples nacional</i> <i>efeitos do cambio / cambio</i> <i>governo lula / lula</i> <i>analise dos custos / custos</i>
3. Outras reduções	
	<i>teoria econômica evolucionista / teoria evolucionista</i>

continua...

conclusão...

IV VARIAÇÕES LEXICAIS	
1. Unidades monoléticas	<i>BOVESPA / bolsa</i> <i>DEA / envoltória</i> <i>desenvolvimento / crescimento</i>
2. Unidades poliléticas	
a) Alterações da base	<i>austeridade fiscal / ajuste fiscal / arrocho fiscal</i> <i>propostas de investimento / projeto de investimento</i> <i>produção industrial / atividade industrial</i>
b) Alterações da extensão	<i>valor adicionado / valor agregado</i> <i>risco soberano / risco de default</i>
V DIFERENTES VARIAÇÕES COMPLEXAS	
1. Com parentesco formal	
a) Monolético / polilético	<i>economia / ciência econômica</i>
b) Polilético / polilético	<i>comunidade andina / grupo andino</i>
c) Termo eponímico e termo descritivo	<i>david ricardo / teoria do valor de ricardo</i> <i>thirlwall / lei de thirlwall</i>
2. Sem parentesco formal	
a) Monolético / polilético	<i>mandioca / manihot esculenta crantz</i>
b) Polilético / polilético	<i>desigualdade de renda / diferença de rendimentos</i>
c) Termo eponímico e termo descritivo	<i>cobb douglas / função de produção</i>

Fonte: Adaptado de Freixa (2002) e Araújo (2006).

Por meio dessa classificação foi possível identificar e fundamentar as variações encontradas entre as lexias, tais como variações gráficas (abreviaturas, siglas e alterações ortográficas), variações morfossintáticas (ausência e presença de artigo, plural e singular, alteração de preposição, alteração de gênero, e mudança de estrutura do termo), reduções (da extensão e da base), variações lexicais (da extensão e da base), entre outras.

A classificação formal de variantes denominativas de Freixa (2002) e da tipologia de Araújo (2006) (Quadro 7) foi aplicada nas etapas 1 e 2 do percurso de reconhecimento terminológico que segue:

- 1) Análise das lexias de Economia extraídas dos *logs* de pesquisa, separando-se as lexias candidatas a variantes nos seguintes grupos: Grupo A – Lexias candidatas a variantes encontradas na mesma sessão de busca; e Grupo B – Lexias candidatas a variantes encontradas em diferentes sessões de busca;
- 2) Análise das lexias de Economia extraídas dos *logs* de pesquisa (*corpus* de estudo) e suas ocorrências no *corpus* textual especializado (*corpus* de referência), separando-se as lexias candidatas a variantes no seguinte grupo: Grupo C – Lexias candidatas a variantes encontradas comparando-se o *corpus* de estudo com o *corpus* de referência;
- 3) Classificação das candidatas a variantes dos Grupos A, B e C conforme o Sistema de Classificação JEL;

- 4) Reconhecimento do subdomínio com maior ocorrência de candidatas a variantes e seleção das candidatas pertencentes a ele, fazendo-se, assim, o recorte de um subdomínio;

Nas subseções que seguem, abordam-se essas etapas detalhadamente.

5.3.1 Análise das lexias de Economia extraídas dos logs de pesquisa a partir da classificação formal de variantes denominativas de Freixa (2002) e da tipologia de Araújo (2006)

Para o reconhecimento de termos e variantes em seus aspectos formais, foi utilizada a classificação formal de variantes denominativas de Freixa (2002) e parte da tipologia de Araújo (2006) apresentada no Quadro 7, o qual serviu como guia para o reconhecimento das variantes que foram identificadas no rol de lexias extraídas dos logs de pesquisa dos usuários (Apêndice C).

O primeiro passo desta etapa é analisar o *corpus* de estudo. Com os logs ordenados por IP, é possível identificar lexias que ocorrem na mesma sessão de busca e as lexias que ocorrem em sessões diferentes, conforme a Figura 6.

Figura 6 – Identificação das lexias por sessão de busca

	A	B	C	D	E	F	G	H	I
1	179.100.xx.yy	2019	5	31	8	26	51	Brasil	"ORGANIZAÇÃO INDUSTRIAL"
2	177.235.zz.yyy	2019	5	31	23	4	39	Brasil	"eficiência DEA"
3	177.235.zz.yyy	2019	5	31	23	16	7	Brasil	"eficiência OR DEA"
4	177.235.zz.yyy	2019	5	31	23	16	28	Brasil	"eficiência"
5	177.235.zz.yyy	2019	5	31	23	18	42	Brasil	"DEA"
6	177.235.zz.yyy	2019	5	31	23	19	21	Brasil	"envoltória"
7	177.235.zz.yyy	2019	5	31	23	19	38	Brasil	"regressão"
8	40.77.xxx.yyy	2019	6	1	15	2	55	Brasil	"petroleo"
9	179.187.xx.kkk	2019	6	2	14	13	13	Brasil	"pampa desenvolvimento"
10	179.187.xx.kkk	2019	6	2	14	13	21	Brasil	"mineração"
11	179.187.xx.kkk	2019	6	2	14	13	34	Brasil	"microrregiao"
12	177.54.aa.bbb	2019	6	4	12	34	43	Brasil	"simples nacional"
13	187.6.yy.xxx	2019	6	5	22	51	59	Brasil	"risco país"
14	187.6.yy.xxx	2019	6	5	22	53	15	Brasil	"risco soberano"
15	187.6.yy.xxx	2019	6	5	22	53	23	Brasil	"risco de default"
16	197.235.bbb.aa	2019	6	6	5	48	4	Brasil	"crise bancaria"
17	177.10.xxx.y	2019	6	6	15	0	55	Brasil	"economia brasileira 2012"
18	2804:14c:b181:1394:6025:aaaa:yyyy:xxxx	2019	6	9	12	40	30	Brasil	"finanças pessoais"
19	201.17.ooo.zzz	2019	6	9	14	46	13	Brasil	"repasse cambial"
20	201.17.ooo.zzz	2019	6	9	14	48	9	Brasil	"taxa de câmbio"
21	177.170.xxxx.yyyy	2019	6	11	12	30	13	Brasil	"CONTABILIDADE AMBIENTAL"
22	150.161.yy.xx	2019	6	11	14	52	16	Brasil	"Estratégia e planejamento para startups"
23	200.235.ooo.xxx	2019	6	11	16	54	47	Brasil	"rurak"
24	200.235.ooo.xxx	2019	6	11	16	54	52	Brasil	"rural"
25	200.235.ooo.xxx	2019	6	11	16	57	34	Brasil	"clima"

Fonte: Dados da pesquisa.

Faz-se importante mencionar que, assim como Freixa (2002), as lexias foram classificadas em pares, pois, acredita-se que, em uma análise prévia, intuitivamente, tem-se a tendência de reuni-las assim. O que autoriza esse tipo de organização é a intuição de que as lexias de um mesmo par são semanticamente equivalentes. No entanto, essa intuição só irá se confirmar na etapa de garantia literária.

O segundo passo da etapa surge desse ordenamento por IP, em que foram reunidos dois grupos de lexias candidatas a variantes denominativas:

Grupo A – Lexias candidatas a variantes encontradas na mesma sessão de busca:

são lexias reunidas conforme o IP do usuário. No histórico de cada IP, é possível verificar como o usuário construiu a sua estratégia de busca para a recuperação da informação, podendo-se, assim, mapear candidatas a variantes denominativas em uma mesma sessão de busca. Exemplo:

DEA / envoltória
risco soberano / risco de default
oaxaca blinder / oaxaca

Nesse grupo, lendo de forma horizontal, as candidatas a variantes foram listadas conforme a ordem cronológica em que aparecem no histórico do usuário, ou seja, a primeira lexia (*DEA*) foi pesquisada, pelo usuário, antes da segunda (*envoltória*). Como se está trabalhando com lexias pesquisadas por um mesmo usuário, é importante manter essa ordem para se poder verificar as relações semânticas construídas pelo usuário durante a sua estratégia de busca. O usuário normalmente procura pelo mesmo conceito, mas de outra forma. Assim sendo, pode-se identificar a ocorrência de variação denominativa nesse grupo de candidatas.

Grupo B – Lexias candidatas a variantes encontradas em diferentes sessões de

busca: são lexias que se encontram em IPs de diferentes usuários e que podem ser reunidas por associação. Esse processo exige do analista uma visão ampla do seu *corpus* de análise, a fim de observá-lo detalhadamente, realizando associações entre os termos e verificando possíveis reduções de extensão e de base, entre outras alterações. Nesse grupo, as candidatas a variantes foram reunidas em uma lista. Exemplo:

mincer / minceriana
novo keynesiano / novo keynesianos
investimentos / aplicações financeiras

Nesse grupo, não se seguiu a ordem cronológica dos *logs* por se tratar de estratégias de busca realizadas por usuários diferentes. As candidatas a variantes foram reunidas

primeiramente por suas relações formais (*mincer / minceriana*); em seguida, por as suas relações semânticas (*investimentos / aplicações financeiras*), o que envolve conhecimentos prévios e extratextuais do analista, ou seja, o quanto ele sabe, mesmo que de forma leiga, sobre o domínio que ele está pesquisando, para criar certas relações entre candidatas a variantes desprovidas de traços formais. É claro que esse procedimento faz parte de uma pré-análise dos termos, pois o que vai legitimar essa relação semântica é a garantia literária e a garantia acadêmica.

Concomitantemente ao segundo passo, ocorre o terceiro passo, que é a identificação e classificação das candidatas a variantes dos Grupos A e B. Cada grupo de variantes foi classificado em seu respectivo quadro. O Quadro 8 apresenta alguns exemplos de candidatas a variantes do Grupo A.

Quadro 8 – Exemplo da classificação formal de variantes denominativas a partir das lexias candidatas a variantes encontradas na mesma sessão de busca (Grupo A)

I VARIAÇÕES GRÁFICAS	
1. Termo e forma artificial	
a) Termo e símbolo	<i>Não ocorre</i>
b) Termo e fórmula química	<i>Não ocorre</i>
c) Termo e outra forma artificial	<i>Não ocorre</i>
2. Termo e abreviação	
a) Termo e sigla	<i>fernando henrique cardoso / fhc índice de desempenho ambiental / ida</i>
b) Termo e abreviatura	<i>Não ocorre</i>
3. Mudança ortográfica	
a) Presença e ausência de acentuação ou de til	<i>desenvolvimento econômico / desenvolvimento economico desigualdade gênero / desigualdade genero</i>
b) Presença e ausência de hífen	<i>parcerias público-privadas / parceria público privada heckscher-ohlin / heckscher ohlin</i>
c) Erros de grafia, como troca, acréscimo e supressão de letras	<i>valor adicionado / valor adivionado unflação / inflação</i>
d) Presença e ausência de espaço entre as palavras	<i>Não ocorre</i>
e) Termo vernáculo e termo estrangeiro	<i>parcerias público-privadas / public private partnership repassse cambial / pass-through</i>
f) Termo decalcado [decalque] e termo vernáculo	<i>Não ocorre</i>
g) Termo decalcado [decalque] e termo estrangeiro	<i>Não ocorre</i>
II VARIAÇÕES MORFOSSINTÁTICAS	
1. Mesma estrutura	
a) Ausência e presença de artigo	<i>Não ocorre</i>
b) Alteração de número	<i>ong / ongs custos no longo prazo / custo no longo prazo</i>
c) Alteração e ausência de preposição	<i>custo no longo prazo / custo ao longo prazo assimetria de informação / assimetria informação</i>
d) Alteração de gênero	<i>novo-keynesiana / novo keynesiano</i>

continua...

conclusão...

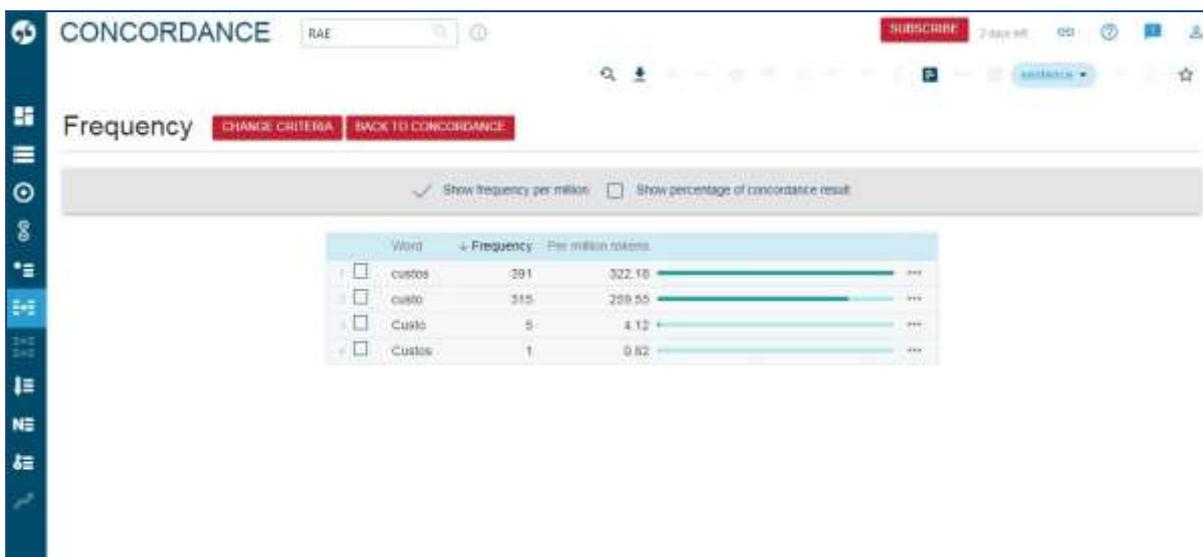
2. Estrutura diferente	
e) [N+A] / [N +SP] [nome + adj.] / [nome + sintagma prepos.]	<i>Não ocorre</i>
f) Monoléxico / poliléxico	<i>Não ocorre</i>
g) Outras alterações de estrutura	<i>passivo em moeda estrangeira / dívida em dólar dlsp / setor publico</i>
III REDUÇÕES	
1. Reduções da extensão	<i>fundos de pensão / fundos oaxaca blinder / oxaca</i>
2. Reduções da base	<i>efeitos do cambio / cambio governo lula / lula</i>
3. Outras reduções	<i>teoria novo-clássica / teoria macroeconômica novo-clássica</i>
IV VARIAÇÕES LEXICAIS	
1. Unidades monoléticas	<i>BOVESPA / bolsa DEA / envoltória</i>
2. Unidades poliléticas	
a) Alterações da base	<i>ajuste fiscal / arrocho fiscal produção industrial / atividade industrial</i>
b) Alterações da extensão	<i>valor adicionado / valor agregado risco soberano / risco de default</i>
V DIFERENTES VARIAÇÕES COMPLEXAS	
1. Com parentesco formal	
a) Monolético / polilético	<i>neodesenvolvimentismo / novo desenvolvimentismo</i>
b) Polilético / polilético	<i>Não ocorre</i>
c) Termo eponímico e termo descritivo	<i>david ricardo / teoria do valor de ricardo</i>
2. Sem parentesco formal	
a) Monolético / polilético	<i>mandioca / manihot esculenta crantz</i>
b) Polilético / polilético	<i>Não ocorre</i>
c) Termo eponímico e termo descritivo	<i>Não ocorre</i>

Fonte: Adaptado de Freixa (2002) e Araújo (2006).

5.3.2 Análise das lexias de Economia extraídas dos logs de pesquisa (*corpus* de estudo) e suas ocorrências no *corpus* textual especializado (*corpus* de referência)

Esta etapa constitui o terceiro grupo de possíveis variantes. Nela, compara-se o *corpus* de estudo com o *corpus* de referência, verificando-se a ocorrência das lexias de Economia extraídas dos logs de pesquisa no *corpus* textual especializado. Também se verifica a ocorrência de variantes para essas lexias na linguagem do especialista.

Para a verificação das ocorrências das lexias no *corpus* textual especializado, utiliza-se o recurso KWIC (*Key Word in Context*) do *software* gerenciador de *corpus* *Sketch Engine*. A partir desse recurso é possível verificar as diferentes formas de uma palavra e suas frequências no *corpus*, conforme a Figura 7.

Figura 7 – Frequência dos termos no *corpus* de referência

Fonte: Sketch Engine (2021).

O Quadro 9 apresenta uma amostra dos resultados dessa etapa, em que consta a lexia extraída dos *logs* de pesquisa dos usuários, se ela ocorre ou não ocorre no *corpus* especializado, bem como a quantidade de vezes em que ela ocorre. No caso das lexias classificadas como variantes denominativas com alterações gráficas, observa-se que elas não ocorrem no *corpus* especializado por estarem na forma não normativa; no entanto, nesse *corpus*, ocorre a forma normativa e essa informação também é especificada no quadro.

Quadro 9 – Exemplos de lexias de Economia extraídas dos *logs* de pesquisa (*corpus* de estudo) e suas ocorrências no *corpus* textual especializado (*corpus* de referência)

Nº	Lexia de busca	Ocorrência (nº de ocorrências)
100	"custo ao longo prazo"	Não ocorre
101	"custo de transação"	Ocorre (11), e ocorre também "custos de transação" (24) e "custo de transações" (1)
102	"custo longo prazo"	Não ocorre
103	"custo no longo prazo"	Não ocorre
104	"custo transação"	Não ocorre
105	"custo uep"	Não ocorre
106	"custo"	Ocorre (320)
107	"CUSTOS DE PRODUÇÃO"	Ocorre (25), e ocorre também "custo de produção" (13)
108	"custos no longo prazo"	Não ocorre
109	"custos"	Ocorre (392)

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da pesquisa.

O quadro completo com as lexias e suas ocorrências no *corpus* textual especializado encontra-se disponível no Apêndice C.

Essa análise deu origem ao terceiro grupo de lexias candidatas a variantes terminológicas:

Grupo C – Lexias candidatas a variantes encontradas comparando-se o *corpus* de estudo com o *corpus* de referência: são lexias que foram reunidas durante a verificação das ocorrências das lexias extraídas dos *logs* dos usuários nos artigos da revista. Dessa forma, foi possível verificar a frequência de uso dessas lexias pelos especialistas, bem como a existência de uma possível variação denominativa. Nesse grupo, as candidatas a variantes foram reunidas em uma lista. Exemplos:

teoria geral keynes / teoria geral de keynes

Bovespa / Bolsa de São Paulo

teoria evolucionista / teoria econômica evolucionista / teoria evolucionária / teoria evolucionária neoschumpeteriana / teoria neoschumpeteriana

Nesse grupo, lendo de forma horizontal o conjunto de lexias, a primeira lexia (*teoria geral keynes*) é a proposta pelo usuário em sua estratégia de busca, seguida pelas candidatas a variantes encontradas no *corpus* de referências (*teoria geral de keynes*).

Ao mesmo tempo em que se cria essa lista, classificam-se as candidatas a variantes no Quadro 10, o qual apresenta alguns exemplos.

Quadro 10 – Exemplo da classificação formal de variantes denominativas a partir das lexias candidatas a variantes encontradas comparando-se o *corpus* de estudo com o *corpus* de referência (Grupo C)

I VARIAÇÕES GRÁFICAS	
1. Termo e forma artificial	
a) Termo e símbolo	<i>Não ocorre</i>
b) Termo e fórmula química	<i>Não ocorre</i>
c) Termo e outra forma artificial	<i>Não ocorre</i>
1. Termo e abreviação	
a) Termo e sigla	<i>IDH / índice de desenvolvimento humano PIB / produto interno bruto</i>
b) Termo e abreviatura	<i>cadastro unico / CadÚnico</i>
2. Mudança ortográfica	
a) Presença e ausência de acentuação ou de til	<i>política cambial / política cambial valoração / valorção</i>
b) Presença e ausência de hífen	<i>risco país / risco-país insumo-produto / insumo produto</i>
c) Erros de grafia, como troca, acréscimo e supressão de letras	<i>autoregulação / autorregulação balanço de pagamentos / balanço de pagamentos</i>

continua...

conclusão...

2. Mudança ortográfica	
d) Presença e ausência de espaço entre as palavras	<i>risco país / riscopaís</i>
e) Termo vernáculo e termo estrangeiro	<i>Não ocorre</i>
f) Termo decalcado [decalque] e termo vernáculo	<i>externalidades [externality] / economias externas externalidades [externality] / efeitos externos externalidades [externality] / efeitos de transbordamento</i>
g) Termo decalcado [decalque] e termo estrangeiro	<i>externalidades [externality] / spillovers</i>
II VARIAÇÕES MORFOSSINTÁTICAS	
1. Mesma estrutura	
a) Ausência e presença de artigo	<i>desigualdades de renda / desigualdades da renda ciclos de negócios / ciclos dos negócios</i>
b) Alteração de número	<i>externalidades / externalidade custos de produção / custo de produção</i>
c) Alteração e ausência de preposição	<i>reforma previdencia / reforma da previdência teoria geral keynes / teoria geral de keynes</i>
d) Alteração de gênero	<i>Não ocorre</i>
2. Estrutura diferente	
e) [N+A] / [N +SP] [nome + adj.] / [nome + sintagma prepos.]	<i>Não ocorre</i>
2. Estrutura diferente	
f) Monolítico / polilítico	<i>Não ocorre</i>
g) Outras alterações de estrutura	<i>Não ocorre</i>
III REDUÇÕES	
1. Reduções da extensão	<i>Estado Novo (1937 a 1945) / Estado Novo risco / risco-país</i>
2. Reduções da base	<i>poupança / caderneta de poupança poupança / conta de poupança</i>
3. Outras reduções	<i>teoria evolucionista / teoria evolucionária neoschumpeteriana envoltória / análise envoltória de dados</i>
IV VARIAÇÕES LÉXICAS	
1. Unidades monolíticas	<i>gastos / despesas</i>
2. Unidades polilíticas	
a) Alterações da base	<i>lei de thirlwall / modelo de thirlwall</i>
b) Alterações da extensão	<i>teoria evolucionista / teoria evolucionária / teoria neoschumpeteriana</i>
V DIFERENTES VARIAÇÕES COMPLEXAS	
1. Com parentesco formal	
a) Monolítico / polilítico	<i>economia / ciência econômica</i>
b) Polilítico / polilítico	<i>Não ocorre</i>
c) Termo eponímico e termo descritivo	<i>thirlwall / lei de thirlwall</i>
2. Sem parentesco formal	
a) Monolítico / polilítico	<i>Não ocorre</i>
b) Polilítico / polilítico	<i>Não ocorre</i>
c) Termo eponímico e termo descritivo	<i>Não ocorre</i>

Fonte: Adaptado de Freixa (2002) e Araújo (2006).

Na etapa a seguir, classificam-se as candidatas a variantes dos Grupos A, B e C conforme o Sistema de Classificação JEL.

5.3.3 Classificação das candidatas a variantes dos Grupos A, B e C conforme o Sistema de Classificação JEL

A Classificação JEL é usada como instrumento de apoio para o reconhecimento terminológico das candidatas a variantes. Ela auxilia na organização da classificação dos termos dentro do domínio da Economia, para um posterior recorte de subdomínio para fins de análise.

O Sistema de Classificação JEL divide a área de Economia em categorias conforme o Quadro 11.

Quadro 11 – Categorias gerais da área de Economia pelo Sistema de Classificação JEL

Código	Categorias Gerais
A	Economia Geral e Ensino
B	História do Pensamento Econômico, Metodologia, e Abordagens Heterodoxas
C	Métodos Matemáticos Quantitativos
D	Microeconomia
E	Macroeconomia e Economia Monetária
F	Economia Internacional
G	Economia Financeira
H	Economia Pública
I	Economia da Saúde, Educação e Bem-Estar
J	Economia do Trabalho e Demografia Econômica
K	Direito e Economia
L	Organização Industrial
M	Administração de Empresas e Economia Empresarial • Marketing • Contabilidade • Economia dos Recursos Humanos
N	História Econômica
O	Desenvolvimento Econômico, Inovação, Mudança Tecnológica e Crescimento
P	Sistemas Econômicos
Q	Economia Agrícola e dos Recursos Naturais • Economia do Meio Ambiente e da Ecologia
R	Economia Urbana, Rural, Regional, Imobiliária e de Transportes
Y	Categorias Diversas
Z	Outros Tópicos Especiais

Fonte: American Economic Association (2020, on-line, tradução nossa).

Cada uma dessas categorias gerais se subdivide em categorias específicas, as quais podem ser consultadas na íntegra no *site* da American Economic Association (2020).

Para efeitos de demonstração, apresenta-se, no Anexo A, a categoria D – Microeconomia estendida. As subcategorias encontram-se nas linhas coloridas e as palavras-chave correspondentes, em itálico. Para localizar o assunto e incluir o termo na categoria, pesquisou-se a candidata à variante dentro da JEL, por meio do comando de CNTRL + L do Microsoft Word (ou Excel).

As palavras-chave, que são sugeridas pela própria JEL, podem auxiliar na classificação dos candidatos a termos e variantes extraídos dos *logs* de pesquisa dos usuários, uma vez que muitos se encontram já representados por essas palavras-chave em suas categorias. A partir dessa classificação é possível começar a elaborar uma árvore de domínio, classificando os termos em seus determinados subdomínios, ou seja, partindo-se de uma categoria geral para categorias específicas, até chegar ao termo preferido.

Concomitantemente à seleção das possíveis variantes e sua divisão nos Grupos A, B, e C, as mesmas foram classificadas conforme o Sistema de Classificação JEL, visando, assim, a uma melhor organização desses termos em seus subdomínios. Cada grupo de variantes foi classificado em seu respectivo quadro. O Quadro 12 apresenta alguns exemplos de candidatas a variantes do Grupo A classificadas conforme a JEL.

Quadro 12 – Exemplos de candidatas a variantes encontradas na mesma sessão de busca (Grupo A) classificadas de acordo com a JEL

Nº	Lexias candidatas a variantes	JEL
01	david ricardo / teoria do valor de Ricardo	B31
03	oaxaca blinder / oaxaca	C2
05	micro / microeconomia	D11
09	analise dos custos / custos	D23
23	macro / macroeconomia	E0
36	marshal lerner / marshal	F11
53	análise / análise de valor	G10
70	lei do simples nacional / simples nacional	H25
88	salário / salário mínimo	J38
91	sociedade civil / civil society	K15
98	ong / ongs	L31
107	fhc / fernando henrique cardoso	N16
109	neodesenvolvimentismo / novo desenvolvimentismo	O10
112	capitalismo / origem do capitalismo	P10
115	mandioca / manihot esculenta crantz	Q1
119	economia do pará / economia no pará	R11

Fonte: Elaboração própria.

No caso de uma das variantes estar reduzida a termo simples, como em *análise / análise de valor*, é o sintagma *análise de valor* que determina a classificação JEL, por ser mais específico.

Na etapa a seguir, contabilizam-se os subdomínios da JEL das candidatas a variantes classificadas nos quadros dos Grupos A, B e C, a fim de fazer o reconhecimento do subdomínio de maior ocorrência para recorte e continuação da pesquisa.

5.3.4 Reconhecimento do subdomínio com maior ocorrência de candidatas a variantes e seleção das candidatas pertencentes a ele, fazendo-se, assim, o recorte de um subdomínio

Após a Classificação JEL das possíveis variantes dos três grupos, verifica-se qual a categoria JEL predominante, fazendo-se a contagem das subcategorias encontradas. O subdomínio que reunir mais termos será objeto desta pesquisa.

Esse recorte da categoria é muito importante como critério de pesquisa, uma vez que possibilita, num universo amplo de termos, restringir a análise a um número menor de termos, por uma questão de tempo e de precisão da pesquisa. Nessa etapa, a Classificação JEL se mostrou um instrumento metodológico imprescindível para a organização e seleção dos termos.

Após o recorte do subdomínio da Economia conforme a Classificação JEL, passa-se para a etapa de garantia literária das candidatas a variantes.

5.4 GARANTIA LITERÁRIA

A Garantia Literária é uma metodologia aplicada para justificar a escolha dos termos que irão compor as linguagens documentárias. Ela estabelece que o *corpus* para a extração e validação de termos deva ser constituído pela literatura de um domínio, sendo o destino desses termos qualquer sistema de organização do conhecimento.

Como garantia literária para validação dos termos, além dos artigos da RAE listados no Apêndice B, serão utilizados:

Dicionários:

- a) SANDRONI, P. (Org.). *Dicionário de Economia do século XXI*. 8. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2016.
- b) SANDRONI, P. (Org.). *Novíssimo dicionário de Economia*. São Paulo: Best Seller, 1999.
- c) HOUAISS, A. (Org.). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

Livros-texto sobre a área recortada:

- d) GOOLSBEE, A.; LEVITT, S.; SYVERSON, C. *Microeconomia*. 2. ed. Trad. Teresa Cristina Padilha de Souza. São Paulo: Atlas, 2018.
- e) PINDYCK, R. S.; RUBINFELD, D. L. *Microeconomia*. 8. ed. Trad. Daniel Vieira. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2013.

- f) VARIAN, H. R. *Microeconomia: uma abordagem moderna*. 9. ed. Trad. Regina Célia Simille de Macedo. Rio de Janeiro: Elsevier, 2015.

Faz-se importante esclarecer o porquê da escolha dessas obras como obras de referência para a garantia literária dos termos.

Em primeiro lugar, optou-se por utilizar dicionários especializado e do léxico geral por se entender que eles são uma fonte de referência oficial da inclusão de determinado termo em seu respectivo domínio ou de determinado verbete em seu respectivo idioma, e também para poder comparar o termo com o verbete. Krieger (2012) defende essa ideia, mencionando que:

[...] o registro sistematizado do léxico confere ao dicionário o estatuto de instância de legitimação das palavras de uma língua. Essa condição o torna uma espécie de “cartório de palavras”, porquanto fornece a certidão de nascimento das unidades lexicais praticadas por uma comunidade linguística. Ao mesmo tempo, essa legitimação é também uma das razões pelas quais o dicionário monolíngue, a mais prototípicas das obras lexicográficas, é considerado o paradigma linguístico basilar dos usos e sentidos das palavras e expressões de um idioma. Dessa forma, é neste quadro das funções linguísticas e sociais desempenhadas pelos dicionários da língua, que se alinha aquela que o constitui em espelho e testemunho da memória social da língua. (KRIEGER, 2012, p. 391-392).

Dessa forma, a consulta ao dicionário especializado objetiva verificar se o termo ou a candidata a variante encontram-se dicionarizados, ou seja, se algum deles já faz parte do repertório de determinada linguagem técnica, para, assim ser elevado ao *status* de termo, bem como esclarecer e desambiguar conceitos por meio das definições lá descritas.

Serão utilizadas duas versões do dicionário de Economia, o *Dicionário de Economia do século XXI* (2016) e o *Novíssimo dicionário de Economia* (1999), porque, durante pesquisa terminológica, constatou-se que havia termos no dicionário de 1999 que não constavam na versão de 2016, uma lacuna que possivelmente tenha ocorrido por um erro de revisão da obra.¹ Apesar dessas incongruências, optou-se pela utilização desse dicionário por ele ser a principal obra terminológica da área de Economia em língua portuguesa, tendo inclusive sido agraciada pelo Prêmio Jabuti – tradicional prêmio literário brasileiro, concedido pela Câmara Brasileira do Livro - nos anos de 1995 e 2000.

Também foi utilizado um dicionário de léxico geral - o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (2009) – para que se possa diferenciar termos específicos da área de Economia de

¹ Conforme os créditos e a Introdução da obra, é possível constatar que o principal dicionário de Economia da área não foi elaborado por terminólogos, mas por economistas, o que certamente incidiu em muitas lacunas e incertezas terminológicas. Porém, não cabe a esta pesquisa fazer uma análise crítica dos elementos macro e microestruturais do dicionário. Essa análise poderá ser realizada em um estudo futuro, com um embasamento teórico aprofundado sobre o tema.

termos simples (monoléxicos), os quais fazem parte do léxico geral da língua portuguesa. Os verbetes que compõem as entradas do *Dicionário Houaiss* podem ser palavras simples (*economia*), palavras compostas (*conta-corrente*) e um elemento mórfico da língua (*micro-*), uma locução, uma redução (*poupança, PIB*) e, em casos raros, pequenas frases (HOUAISS, 2009). Esses verbetes, quando classificados em alguma área de especialidade, recebem uma etiqueta que os identificam como pertencentes ao léxico especializado.

Em segundo lugar, optou-se por se utilizar livros-texto sobre a área recortada, porque eles são ricos em definições, uma vez que são usados no ensino de graduação; ao contrário dos artigos (que compõem o *corpus* especializado), que, por terem como público-alvo especialistas, conhecedores dos conceitos da área, são pobres em definições. Isso justifica a utilização de livros-texto para o esclarecimento dos conceitos durante o reconhecimento terminológico.

Os critérios para a escolha dos três livros-texto foram o recorte da área na Classificação JEL (D – Microeconomia), a disponibilidade das obras em formato eletrônico e a importância dessas obras como fins didáticos para ensino da disciplina. Nesse último quesito, os especialistas foram consultados.

5.5 PREENCHIMENTO DAS FICHAS TERMINOLÓGICAS

A ficha terminológica é um elemento importante na organização de repertórios de terminologias e um dos itens fundamentais para a organização de obras terminográficas. É um registro completo e organizado de informações referentes a um determinado termo (KRIEGER; FINATTO, 2017). Ela é preenchida antes da elaboração da árvore de domínio, uma vez que reunirá informações que possibilitam o entendimento dos termos extraídos dos *logs* e sua classificação em seus determinados subdomínios. Apresenta-se, na Figura 8, o modelo de ficha terminológica usado na pesquisa.

Figura 8 - Modelo de ficha terminológica

Termo: microeconomia								
Sigla: - Informação de categoria gramatical: s.f. Frequência/distribuição do termo no <i>corpus</i> de referência: 17/131 art.					Área: Economia (Sub)Domínio: Microeconomia Classificação JEL: D00 - Geral			
Contexto da lexia nos logs dos usuários								
Lexia	IP	Ano	Mês	Dia	Hora	Min.	Seg	Local
“microeconomia”	200.235.xxx.yy	2019	6	26	14	10	12	Viçosa - MG

"micro"	200.235.xxx.yy	2019	6	26	13	51	26	Viçosa - MG
"microeconomico"	187.127.xxx.yy	2019	7	1	9	2	34	Belo Horizonte - MG

Termo dicionarizado: microeconomia

Definição 1: “Ramo da ciência econômica que estuda o comportamento das unidades de consumo representadas pelos indivíduos e pelas famílias; as empresas e suas produções e custos; a produção e o preço dos diversos bens, serviços e fatores produtivos. Em outras palavras, a microeconomia ocupa-se da forma como as unidades individuais que compõem a economia — consumidores privados, empresas comerciais, trabalhadores, produtores de bens ou serviços particulares etc. — agem e reagem umas sobre as outras. Surgiu no início da década de 30, quando a ciência Econômica se dividiu em dois ramos: a microeconomia e a macroeconomia (esta se ter essa pelo estudo dos agregados como a produção, o consumo e a renda do conjunto da população). Embora esses dois ramos da ciência econômica caminhem por canais distintos, a separação é frágil, pois o fenômeno econômico requer o inter-relacionamento das teorias que se inserem nesses dois âmbitos. Apresentando uma visão “microscópica” dos fenômenos econômicos, a microeconomia engloba a teoria do consumidor, que oferece subsídios para a análise da procura; a teoria da firma que se desdobra nas teorias da produção, dos custos e dos rendimentos constitui o alicerce da análise da oferta. Os preços relativos constituem a preocupação fundamental desse ramo da ciência econômica, tanto que ela é igualmente conhecida como a teoria dos preços. Na teoria do consumidor, a microeconomia analisa a intenção dos indivíduos de se apropriarem de determinada quantidade de bens, que satisfaça ao máximo suas necessidades. Na teoria da firma, é enfocado o empresário que procura combinar os fatores de produção de modo a maximizar seus lucros. Mediante essa análise, obtêm-se os elementos necessários para a derivação das ofertas individuais e de mercado. A combinação das quantidades de fatores de produção, bens e serviços, que os consumidores estão dispostos a adquirir, com as quantidades desses elementos que os empresários têm condições de oferecer impõe a determinação de um denominador comum, que é o preço. Assim, é a determinação desse preço que a microeconomia se propõe ao estudar a questão sob dois ângulos: o dos fatores de produção e o dos bens e serviços. A microeconomia caracteriza-se como uma ciência de natureza dedutiva ou teórica. Esse caráter dedutivo é decorrência da complexidade e entrelaçamento de influências que subjazem às situações reais que são objeto de seu estudo. O caráter dedutivo é realçado pelo fato de que muitas das variáveis consideradas pela microeconomia não podem ser observadas ou mensuradas. É o caso, por exemplo, do grau de utilidade que os consumidores desfrutam ao dispor de certos bens ou serviços. A microeconomia lança mão de modelos, ou seja, construções compostas por uma série de hipóteses, a partir das quais as conclusões são extrapoladas. São modelos a forma como os indivíduos efetuam suas decisões, a maneira como as firmas procedem etc. A partir da situação do mundo real, são selecionadas as variáveis mais significativas do fenômeno que se estuda, permitindo que a complexidade desse mundo real seja manipulada. Uma segunda característica da microeconomia é sua natureza estático-comparativa, ou seja, ela tende a confrontar duas ou mais situações de equilíbrio, sem se preocupar com o período intermediário entre essas situações inicial e final. A terceira característica é seu enquadramento dentro do ramo da ciência positiva ou científica. Isso implica a ausência de juízo de valor ou conotação ética nas teorias microeconômicas, que se mantêm exclusivamente descritivas. A quarta característica é seu caráter de análise de equilíbrio parcial. Esse tipo de análise consiste na adoção de uma hipótese, pressupondo-se que todas as demais condições que influenciem o relacionamento entre duas variáveis, funcionalmente dependentes, sejam mantidas constantes. A microeconomia encontra bastante aplicação no mundo atual, podendo ser utilizada como elemento de previsão condicionado à ocorrência de determinado evento. É importante na elaboração de modelos que retratam as situações do mundo de forma simplificada. Desempenha importante papel na teoria do comércio internacional e encontra-se presente no mundo dos negócios como auxiliar de decisões administrativas relacionadas com a procura, estrutura de custos empresariais, métodos de fixação de preços etc. Veja também Macroeconomia.”

Fonte: Sandroni (2016, p. 1001-03).

Termos relacionados no dicionário: macroeconomia

Definição 2: “ciência que trata do modo como as entidades individuais que compõem a economia – consumidores privados, empresas comerciais, trabalhadores, grandes proprietários de terras, produtores de bens ou serviços particulares etc. – atuam reciprocamente. ETM *micr(o) + economia*.”

Fonte: Houaiss (2009, p. 1287).

Definição 3: “Ramo da economia que estuda as escolhas específicas feitas pelos consumidores e produtores.”

Fonte: Goolsbee, Levitt e Syverson (2018, p. 1892)

Definição 4: “Ramo da economia que lida com o comportamento de unidades econômicas individuais — consumidores, empresas, trabalhadores e investidores —, assim como com os mercados que essas unidades englobam.”

Fonte: Pindyck e Rubinfeld (2013, p. 708).

Exemplos de ocorrências no *corpus* de referência:

“Com o posterior desenvolvimento da teoria dos jogos com informações privadas, fundando a teoria dos incentivos e contratos, abrem-se outras novas fronteiras na **microeconomia**.” (RAE1611, grifo nosso).

“No entanto, as teorias clássicas da localização não explicam o porquê das atividades econômicas se concentrarem e/ou se dispersarem no espaço endogenamente com o uso de modelos econômicos fundamentados na **microeconomia** do comportamento.” (RAE1612, grifo nosso).

Variante 1: micro

Frequência/distribuição do termo no *corpus* de referência: 08/131 art.

Observação: “Micro” é usado como variante de termos nos quais atua como prefixo, como, por exemplo, “microeconomia” e “microeconômico”, principalmente quando ocorre em contextos juntamente com os termos “macroeconomia” e “macroeconômico”. Trata-se de uma redução para os termos formados por esse prefixo. Ex.: “micro e macroeconomia” e “micro e macroeconômico”.

Exemplos de ocorrências no *corpus* de referência:

“O spread bancário pode ser analisado também pelas óticas **micro** e macroeconômicas.” (RAE1505, grifo nosso)

“Os agentes financeiros responsáveis por tal desempenho foram os seguintes: Banco do Brasil, Banrisul, Bradesco, Caixa Econômica Federal e Itaú, todos com amplas redes de varejo e tradição de operar com o mercado de **micro**, pequenas e médias empresas (MPMES).” (RAE1610, grifo nosso).

Variante 2: microeconômico

Frequência/distribuição do termo no *corpus* de referência: 09/131 art.

Exemplos de ocorrências no *corpus* de referência:

“Tal enfoque subdividiu os estudos sobre o tema, e os trabalhos sobre essa nova subdivisão seguem o que a literatura denomina de internalização da produção, fornecendo um respaldo **microeconômico** a um tema abordado, até então, sob o ponto de vista macroeconômico.” (RAE1723, grifo nosso).

“Com base em Hermann (1993, p. 20-26), as estruturas financeiras propostas por Minsky são analisadas em um enfoque **microeconômico**.” (RAE1828, grifo nosso).

Variante 3: microeconomico

Frequência/distribuição do termo no *corpus* de referência: 0/131 art.

Observação: Variante proposta pelo usuário durante a recuperação da informação. Observa-se o apagamento do acento gráfico, característica comum em estratégias de busca na internet. Nesse caso, não se verificou ocorrência em textos especializados, pois se trata de linguagem informal.

Dados da coleta

Responsável pela coleta: Isabel Cristina Pereira dos Santos

Especialista consultado: Prof. Dr. Ivan Salomão

Data da entrada: 08/01/2021.

Última revisão: 21/01/2021.

Fonte: Elaboração própria.

A ficha apresentada na Figura 8 foi adaptada conforme as necessidades desta pesquisa. Para a sua elaboração, levaram-se em consideração as informações que um indexador precisa saber sobre um determinado termo. A seguir, descrevem-se os campos da ficha, conforme a ordem de disposição na mesma.

Termo

O primeiro campo da ficha, o termo preferido, por ser o principal objeto de estudo desta pesquisa, requer muita reflexão, pois, como já destacado pela TCT, é uma unidade complexa, multifacetada, e o preenchimento da ficha terminológica estimula esse processo de reflexão, uma vez que lida com o tratamento e a descrição das unidades terminológicas.

O processo de reflexão para inclusão do termo no repertório e, conseqüentemente, na ficha, inicia-se com o reconhecimento terminológico a partir da classificação proposta no Quadro 7, adaptado da classificação formal de variantes denominativas de Freixa (2002) e da tipologia proposta por Araújo (2006). Nesse caso, faz-se o reconhecimento das características dos termos e de suas variantes, verificando-se se ocorrem alterações gráficas, alterações e reduções de base e extensão e alterações lexicais.

Como se trata de uma pesquisa baseada em *corpus*, o qual retrata o uso real da terminologia, também serão registradas na ficha as formas não normativas dos termos. Estas costumam ocorrer no *corpus* de estudo, ou seja, são oriundas da linguagem do usuário, com, por exemplo, as alterações gráficas. Isso porque, quando da recuperação da informação, o usuário, de um modo geral, costuma variar a língua, omitindo acentos, hífen e outros sinais gráficos. No entanto, apesar de este trabalho se propor a considerar a linguagem do usuário em seu repertório de termos, esta só será privilegiada com *status* de termo preferido se estiver na forma normativa, pois, em um processo de indexação, os termos devem ser escritos corretamente. Em um catálogo de bibliotecas, privilegia-se sempre a forma normativa, sendo as formas não normativas tratadas como variantes do termo preferido.

Nesse sentido, registra-se, como termo preferido, a forma proposta pelo usuário se esta estiver na forma normativa. Caso contrário, registra-se a forma com maior número de ocorrências no *corpus* de referência, ou seja, a mais utilizada pelos especialistas.

Quanto aos aspectos formais do termo na ficha, eles podem ser monoléxicos ou poliléxicos e singular ou plural. O que determina o número é a ocorrência do termo no *corpus* de referência, ou seja, na linguagem do especialista, como, por exemplo, no caso dos termos *custo* e *custos*, ambos foram pesquisados pelo usuário, mas o termo *custos*, no plural, é a forma usada pelos especialistas, estando presente inclusive no repertório do dicionário especializado.

Sigla

Este campo abrange, além da sigla, acrônimo, abreviatura, fórmula ou símbolo. Ele pode variar na ficha conforme o tipo de ocorrência encontrada. Em casos onde não há ocorrência dessas formas, optou-se por sinalizar o campo com um traço e deixar o termo “sigla” como nomenclatura padrão deste campo.

No reconhecimento terminológico, foram classificadas todas as siglas encontradas no *corpus* de estudo e no *corpus* de referência, independentes de serem siglas criadas pelos autores ou siglas institucionalizadas na área de Economia. Porém, ao se analisar um termo e sua sigla como variante, faz-se importante uma reflexão nesse sentido, a fim de saber até que ponto uma sigla pode ser considerada uma variante representativa para a área, se ela faz parte apenas da linguagem de um autor em particular, que, por uma questão de economia linguística, para evitar a repetição do termo completo, decidiu criar uma sigla em seu texto científico.

Caso a sigla esteja institucionalizada, ela poderá ser indicada no campo “sigla” e “variante”, concomitantemente na ficha.

Informação de categoria gramatical

Este campo informa a categoria gramatical do termo preferido, conforme classe, gênero e número, e as seguintes abreviaturas:

Classe	Gênero	Número
substantivo: s.	masculino: m.	singular: sing.
sintagma nominal: SN	feminino: f.	plural: pl.

Um exemplo para o campo categoria gramatical é o termo *custos de produção*, que recebe a informação SN m. pl., que significa “sintagma nominal masculino plural”.

O termo preferido geralmente é um termo monoléxico, ou seja, um substantivo, ou um termo poliléxico, ou seja, um sintagma nominal. Nas áreas de especialidade, os sintagmas nominais são mais numerosos, e há predominância de substantivos também, porém, da mesma forma, adjetivos podem adquirir *status* de termo (KRIEGER; FINATTO, 2017).

Frequência/distribuição do termo no *corpus* de referência

A frequência corresponde ao número de vezes que um termo ocorre no *corpus* de referência, e a distribuição corresponde ao número de artigos que constituem esse *corpus*. No caso do termo *microeconomia*, ele ocorre 17 vezes em um universo de 131 artigos. Em contrapartida, a sua variante *micro* ocorre oito vezes no mesmo universo de artigos. Esse dado é importante, pois é o critério que define qual termo encabeçará a ficha terminológica.

Área, subdomínio e Classificação JEL

Segundo Krieger e Finatto (2017, p. 138), “Os termos, sejam unidades sígnicas ou lexicais, são vinculados à área temática pelo significado ou pela funcionalidade. No primeiro caso, [...], trata-se de pertinência temática propriamente dita, e, no segundo, de pertinência pragmática.” Cabré (2001a) menciona que palavras adquirem *status* de termo em uma determinada área por seu valor específico dentro de um contexto naquela área. Como nesta pesquisa a área foi delimitada antes da seleção dos termos, a delimitação que precisou ser feita durante o reconhecimento terminológico foi a do subdomínio, e isso se deu pela maior ocorrência de termos em uma determinada categoria da Classificação JEL. No entanto, é na etapa de garantia literária que é possível confirmar o *status* de termo de determinada lexia.

Contexto da lexia

Este campo trata do histórico de busca de determinada lexia e de sua possível variante. É a fonte da coleta dos dados, uma vez que as lexias extraídas dos *logs* de pesquisa dos usuários não remetem a um contexto textual, fonte de extração dos termos, mas sim a um contexto de busca, também chamado de sessão. Neste campo, conforme o Quadro 13, procurou-se informar apenas uma ocorrência para cada lexia, pois muitos usuários podem ter utilizado a mesma expressão de busca em diferentes históricos, e citar todas seria uma tarefa longa e desnecessária.

Quadro 13 – Contexto das lexias na ficha terminológica

Contexto da lexia nos logs dos usuários								
Lexia	IP	Ano	Mês	Dia	Hora	Min.	Seg.	Local
“microeconomia”	200.235.xxx.yy	2019	6	26	14	10	12	Viçosa - MG
“micro”	200.235.xxx.yy	2019	6	26	13	51	26	Viçosa - MG
"microeconomico"	187.127.xxx.yy	2019	7	1	9	2	34	Belo Horizonte - MG

Fonte: Elaboração própria.

Observa-se, no contexto de busca, que as lexias *microeconomia* e *micro* foram pesquisadas pelo mesmo usuário, o que evidencia que, por estarem na mesma sessão, a lexia *micro* pode ser uma variante da lexia *microeconomia*. Já a lexia *microeconomico* foi pesquisada por um segundo usuário; por estarem em sessões diferentes, cabe ao indexador reunir as lexias sem considerar o usuário, cogitando a possibilidade de essa lexia ser uma variante ou não de *microeconomia*, uma vez que não há garantia do usuário para tal conclusão.

Termo dicionarizado

É o termo repertoriado no dicionário específico de Economia, garantia literária que reúne termos com grande importância terminológica para a área.

Termos relacionados no dicionário

Listam-se os termos relacionados no dicionário com o termo preferido que encabeça a ficha. Esses termos têm alguma relação semântica com o termo preferido e entre si e propiciam ao consulente ampliar seus conhecimentos sobre o termo preferido.

Definições

A definição é um elemento essencial para o entendimento do conceito. Segundo Krieger e Finatto (2017, p. 92-93), a definição terminológica é “[...] um enunciado-texto que dá conta de significados de termos ou de expressões de uma técnica, tecnologia ou ciência no escopo de uma situação comunicativa profissional, veiculando, assim, conceitos de uma área de conhecimento. Nesse caso, *grosso modo*, definir corresponde a expressar um determinado saber, uma porção desse conhecimento especializado.”

Não é objetivo desta pesquisa elaborar definições para os termos repertoriados, por isso, não serão abordados critérios para a elaboração de definições, tópico este bastante extenso e complexo. Na ficha, optou-se por inserir as definições encontradas nas obras de referência. A “definição 1” se refere à definição do termo no dicionário especializado; a “definição 2”, à definição do termo no dicionário do léxico geral; e a “definição 3” em diante, à definição encontrada nos livros-texto sobre a área recortada, organizadas por ano da obra em ordem decrescente. Todas as definições apresentam a fonte.

Variantes

Neste campo, são registradas as variantes denominativas – gráficas, morfossintáticas, lexicais, reduções – que mantêm uma relação parcial de sinonímia entre si e com o termo preferido. A maioria das variantes foi extraída do *corpus* de estudo (*logs* dos usuários) e do *corpus* de referência (artigos da revista) e ordenadas na ficha conforme a distribuição, em ordem decrescente. No entanto, algumas variantes foram extraídas dos livros-texto, que serviram como material de apoio, uma vez que foram identificadas durante a pesquisa.

São registradas variantes que ocorrem no singular ou no plural em ambos os *corpus*, bem como variantes oriundas da linguagem informal, propostas pelo usuário durante a recuperação da informação; nesse último caso, costuma ocorrer apagamento de acento gráfico e de preposição, além da troca de letras, característica comum em estratégias de busca na internet.

Todas as variantes apresentam como fonte o *corpus* de estudo e/ou o *corpus* de referência, de forma geral, pois podem ter sido encontradas tanto em um quanto em outro; quando a fonte é o *corpus* de estudo, não há fonte específica, pois se trata dos *logs* dos usuários, descritos no campo “Contexto da lexia nos *logs* dos usuários” da ficha; porém, quando a fonte é o *corpus* de referência, as fontes são devidamente identificadas nos exemplos de ocorrência dispostos na ficha logo a seguir.

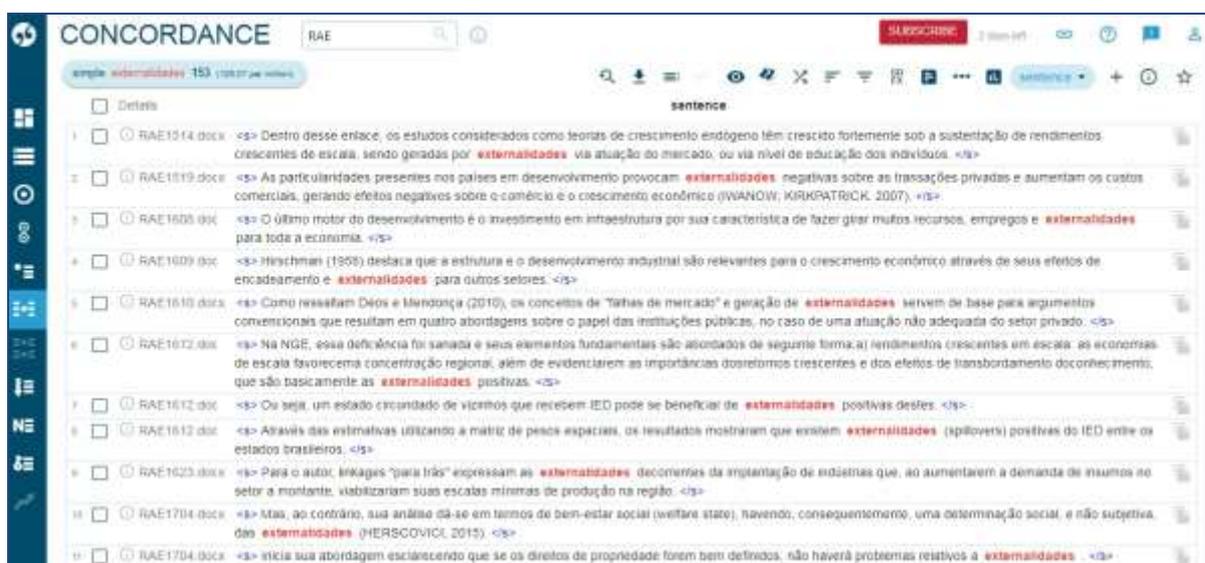
No caso das variantes, além da garantia do usuário e da garantia literária, foi importante também a garantia acadêmica, que se constitui na contribuição do especialista para a revisão dos termos e confirmação de suas variantes em seu contexto de uso.

Exemplos de ocorrências no *corpus* de referência

Os exemplos de ocorrência ilustram o uso do termo em seu contexto e servem como garantia literária, pois constituem uma evidência da colocação desse termo nos textos de especialidade. Por meio dos contextos de ocorrência, é possível verificar se há alteração do sentido do texto quando da substituição de um termo por sua variante.

Para a verificação dos contextos de ocorrência dos termos no *corpus* textual especializado, utiliza-se o recurso Concordância (*Concordance*) do software gerenciador de *corpus Sketch Engine*. A partir desse recurso é possível verificar as colocações dos termos em seus contextos, bem como a fonte das ocorrências, conforme a Figura 9.

Figura 9 – Contextos de ocorrência do termo no *corpus* de referência



Fonte: Sketch Engine (2021).

Conforme a Figura 9, a fonte das ocorrências aparece no formato codificado, como foi explicado na seção “Organização do *corpus* de referência”.

Observações

Campo destinado a comentários ou esclarecimentos sobre o conceito ou o uso do termo.

Dados da coleta

São dados de revisão e servem como forma de controle para a atualização dos termos, que são revisados constantemente, e, em alguns casos, por pessoas diferentes de um grupo de pesquisa. Os principais dados de coleta são o nome do terminógrafo ou indexador (responsável pela coleta), o nome do especialista consultado, a data de entrada do termo, e a data da última revisão da ficha.

Finalizado o preenchimento da ficha terminológica, percebe-se que ela se mostra um instrumento imprescindível ao indexador, uma vez que traz informações capazes de desambiguar unidades terminológicas durante o processo de indexação.

5.6 CONSULTA A ESPECIALISTAS COMO GARANTIA ACADÊMICA

O processo de elaboração de uma linguagem documentária, como um vocabulário controlado, por exemplo, não deve se basear apenas no *corpus* textual; ele também necessita da colaboração de especialistas do domínio dos termos que estão sendo tratados. Esse contato com os especialistas é imprescindível, pois serve de apoio e embasamento à tomada de decisões do organizador da linguagem.

Segundo Krieger e Finatto (2017, p. 127), “Em meio a essas questões [sobre o termo], e mesmo antes de respondê-las, importa saber que a colaboração de especialistas das áreas de conhecimento em foco é indispensável, além de considerar que trabalhos modernos não comportam mais simples atualizações críticas de uma obra antecedente similar.”

Barros (2004, p. 209) detalha que “No caso de domínios ensinados em escolas técnicas e faculdades, a assessoria de um professor da matéria é muito produtiva. O terminólogo não conhecedor do campo pode beneficiar-se da didática desse tipo de assessor.”

Esse procedimento metodológico é também chamado de garantia acadêmica e abrange o vocabulário formal das disciplinas, a opinião de especialistas e consenso entre eles (BARITÉ, 2019, 2009).

A garantia acadêmica como justificativa dos termos candidatos à incorporação em sistemas de organização do conhecimento, “com base nos acordos alcançados por cientistas ou especialistas em cada área do conhecimento, quanto à denominação de seus objetos de estudo e o alcance conceitual que é dado a cada um” (Barité, 2009), tal como nas restantes garantias, não abrange apenas os termos, mas também as relações que se estabelecem entre eles. (BARITÉ ROQUETA, 2011, p. 163, tradução nossa).⁵

Seguindo as recomendações da Terminologia e da Organização do Conhecimento, esta pesquisa contou com a colaboração de dois docentes da área de Economia □ o professor Ivan Colangelo Salomão, da Universidade Federal do Paraná (UFPR), e o professor Sabino da Silva Pôrto Junior, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) □, os quais gentilmente aceitaram participar do reconhecimento terminológico como consultores especialistas.

O professor Ivan Colangelo Salomão⁶ é doutor em Economia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor do Departamento de Economia e do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Econômico da Universidade Federal do Paraná (UFPR), tem experiência na área de Economia, com ênfase em História Econômica, atuando principalmente nos temas História Econômica do Brasil e Pensamento Econômico no Brasil. É também editor-chefe dos periódicos Revista de Economia (UFPR) e História Econômica & História de Empresas (ABPHE) e editor adjunto da Revista Análise Econômica (UFRGS).

O professor Sabino da Silva Pôrto Junior⁷ é doutor em Economia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor do Departamento de Economia e Relações Internacionais e do Programa de Pós-Graduação em Economia da UFRGS, ministra, na graduação, as disciplinas Teoria Microeconômica II, Tópicos Especiais em Microeconomia e Economia Regional. Tem experiência na área de Economia, com ênfase em Economia Regional, atuando principalmente nos temas polarização, cadeias de Markov, crescimento endógeno, crescimento e sistema financeiro e crescimento.

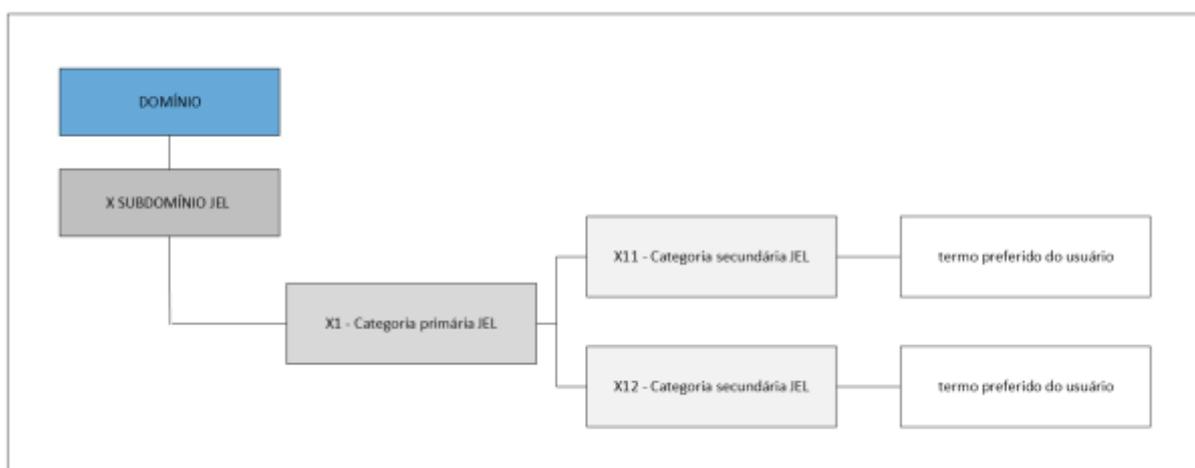
Ambos os docentes prestaram valioso auxílio à pesquisa. O professor Ivan atuou como consultor em tempo integral, desde a etapa de classificação das lexias de acordo com o Sistema de Classificação JEL, procedimento que foi determinante para o recorte do subdomínio analisado, até a etapa de revisão das fichas terminológicas e confirmação das variantes denominativas. O professor Sabino atuou como revisor das fichas terminológicas e consultor das variantes denominativas mais complexas da área de Microeconomia.

5.7 ESTABELECIMENTO DE UMA LISTA DE PALAVRAS-CHAVE E DE UMA ÁRVORE DE DOMÍNIO A PARTIR DO SUBDOMÍNIO RECORTADO

Com base nas fichas terminológicas dos termos selecionados do subdomínio recortado, dispõe-se uma lista de palavras-chave, em ordem alfabética. Essa lista é representativa da linguagem do usuário e dos especialistas, e, numa aplicação prática, poderá ser convertida para uma versão eletrônica, com *hiperlinks* que direcionem os usuários às respectivas variantes dos termos, bem como à Classificação JEL e aos termos relacionados.

Acompanha a lista de palavras-chave uma árvore de domínio, que, segundo Krieger e Finatto (2017, p. 134), “[...] é um diagrama hierárquico composto por termos-chave de uma especialidade, semelhante a um organograma”. Ela serve para tornar mais clara as hierarquias básicas de determinada área de conhecimento, bem como as relações semânticas entre os termos. A Figura 10 apresenta um modelo de árvore do domínio da área de Economia de acordo com a Classificação JEL.

Figura 10 – Modelo da árvore de domínio



Fonte: Elaboração própria.

Na árvore, observa-se uma clara relação hierárquica entre domínio e subdomínio, que se divide em outra categoria de subdomínio, que se divide ainda em categorias mais específicas, onde se encaixam os termos.

Os termos recortados de um subdomínio da Economia são dispostos na árvore, com base nas informações preenchidas nas fichas terminológicas. A árvore de domínio é uma referência, que só se conclui ao término do reconhecimento terminológico. De posse dessa árvore de domínio, pode-se apresentar ao usuário um conjunto de termos, com *hiperlinks*, agrupados por área temática, em vez de uma lista em ordem alfabética.

6 ANÁLISE DE DADOS

Por se tratar de uma proposta metodológica, a análise de dados é um capítulo imprescindível nesta dissertação, pois visa à reprodutibilidade da pesquisa. Embora seja comum as pesquisas apresentarem análise de dados e resultados em um único capítulo, entende-se que os resultados são o produto da análise dos dados, e a junção desses capítulos descaracterizaria esta proposta, uma vez que, do ponto de vista metodológico, apresentar “como fazer” a análise é o que se pretende com este capítulo.

Dito isso, para exemplificar a análise de dados, acompanha-se o percurso percorrido por três lexias propostas pelo usuário: *custo no longo prazo* (Grupo A), *cobb douglas* (Grupo B) e *poupança* (Grupo C). Para iniciar a análise, identificou-se o contexto dessas lexias nos logs de pesquisa dos usuários da revista, que estão na planilha em Excel obtida pela extração dos logs na etapa “Organização do *corpus* de estudo”, conforme segue.

6.1 GRUPO A – LEXIAS CANDIDATAS A VARIANTES ENCONTRADAS NA MESMA SESSÃO DE BUSCA

O primeiro passo desta etapa é analisar o *corpus* de estudo. Pelo método da observação, ou seja, olhando o *corpus* de estudo, foi possível identificar, no histórico dos usuários, que um mesmo usuário (IP) tentou recuperar artigos utilizando várias expressões de busca. No Quadro 14, estão as expressões *custo no longo prazo* / *custos no longo prazo* / *custo ao longo prazo* / *custo longo prazo* / *custo*.

Quadro 14 – Contexto das lexias na mesma sessão de busca (Grupo A)

Contexto da lexia nos logs dos usuários								
Lexia	IP	Ano	Mês	Dia	Hora	Min.	Seg.	Local
"custos no longo prazo"	2804:d51:e6d:7b00:f485:aaa a:xxxx:yyyy	2019	10	31	17	25	0	Santa Maria - RS
"custo no longo prazo"	2804:d51:e6d:7b00:f485:aaa a:xxxx:yyyy	2019	10	31	17	25	16	Santa Maria - RS
"custo ao longo prazo"	2804:d51:e6d:7b00:f485:aaa a:xxxx:yyyy	2019	10	31	17	25	39	Santa Maria - RS
"custo longo prazo"	2804:d51:e6d:7b00:f485:aaa a:xxxx:yyyy	2019	10	31	17	25	53	Santa Maria - RS
"custo"	2804:d51:e6d:7b00:f485:aaa a:xxxx:yyyy	2019	10	31	17	26	11	Santa Maria - RS

Fonte: Elaboração própria.

Nesse caso, por apresentarem parentesco formal, foi possível, por analogia, concluir que as expressões *custo no longo prazo / custos no longo prazo / custo ao longo prazo / custo longo prazo / custo* se relacionam semanticamente e que poderiam ser variantes entre si. Assim, depois de identificadas, essas lexias foram incluídas no Quadro 15, sendo consideradas candidatas a variantes.

Quadro 15 – Recorte do Grupo A: Lexias candidatas a variantes encontradas na mesma sessão de busca

Nº	Lexias candidatas a variantes	JEL
09	análise dos custos / custos	D23
10	custo no longo prazo / custos no longo prazo	D23
11	custo no longo prazo / custo ao longo prazo	D23
12	custo ao longo prazo / custo longo prazo	D23
13	custo ao longo prazo / custo	D23
14	gráfico de custos / gráfico	D23

Fonte: Elaboração própria.

O quadro completo com a verificação de todas as lexias que ocorrem na mesma sessão de busca encontra-se disponível no Apêndice D.

Concomitantemente a essa verificação ocorreu a classificação das lexias candidatas a variantes conforme a classificação formal de variantes denominativas. O Quadro 16 apresenta um recorte dessa classificação para o conjunto de lexias *custo no longo prazo / custos no longo prazo / custo ao longo prazo / custo longo prazo / custo*.

Quadro 16 – Recorte da classificação formal de variantes denominativas para o conjunto de lexias *custo no longo prazo / custos no longo prazo / custo ao longo prazo / custo longo prazo / custo*

II VARIAÇÕES MORFOSSINTÁTICAS	
1. Mesma estrutura	
b) Alteração de número	<i>custos no longo prazo / custo no longo prazo</i> <i>exportação / exportações</i>
c) Alteração e ausência de preposição	<i>custo no longo prazo / custo ao longo prazo</i> <i>custo ao longo prazo / custo longo prazo</i> <i>economia do pará / economia no pará</i>
III REDUÇÕES	
1. Reduções da extensão	<i>valor / valor adicionado</i> <i>custo ao longo prazo / custo</i>

Fonte: Adaptado de Freixa (2002) e Araújo (2006).

O quadro completo com a classificação de todas as lexias que ocorrem na mesma sessão de busca encontra-se disponível no Apêndice E.

6.2 GRUPO B - LEXIAS CANDIDATAS A VARIANTES ENCONTRADAS EM DIFERENTES SESSÕES DE BUSCA

As lexias que estão em sessões de busca diferentes constituíram o Grupo B de lexias. No Quadro 17, apresenta-se o histórico de busca de dois usuários.

Quadro 17 – Contexto das lexias em diferentes sessões de busca (Grupo B)

Usuário 1								
Lexia	IP	Ano	Mês	Dia	Hora	Min.	Seg.	Local
“micro”	200.235.xxx.yy	2019	6	26	13	51	26	Viçosa - MG
"função de produção"	200.235.xxx.yy	2019	6	26	13	53	59	Viçosa - MG
“microeconomia”	200.235.xxx.yy	2019	6	26	14	10	12	Viçosa - MG
Usuário 2								
Lexia	IP	Ano	Mês	Dia	Hora	Min.	Seg.	Local
"economia da produção"	177.129.xx.yyy	2020	10	21	16	18	30	Viçosa - MG
"cobb douglas"	177.129.xx.yyy	2020	10	21	16	19	29	Viçosa - MG
"elasticidade de produção"	177.129.xx.yyy	2020	10	21	16	19	47	Viçosa - MG
"CES"	177.129.xx.yyy	2020	10	21	16	24	7	Viçosa - MG

Fonte: Elaboração própria.

Por esta analista ser leiga em Economia, constatar que existe uma relação entre as lexias *cobb douglas* e *função de produção*, sendo elas expressões de busca utilizadas por usuários diferentes, não foi muito fácil. Nesse exemplo, não há um parentesco formal entre as lexias que torne visível uma relação entre elas, nem a analista possui um conhecimento prévio e extratextual capaz de chegar a uma constatação. Assim, uma vez que se trata de termos especializados bastante restritos ao domínio da Economia, a busca por definições se tornou uma prática constante para que se pudesse criar possíveis relações entre as lexias.

Sem traços formais entre as lexias *cobb douglas* e *função de produção* que possam dar pistas de que se trata de uma possível variação, a confirmação só se deu apenas quando se buscou a definição de *cobb douglas* no *Dicionário de Economia do Século XXI* (2016), proposto como garantia literária. Veja-se:

COBB-DOUGLAS (Função de Produção). Uma função com a fórmula $Q = A.La.Kb$, em que Q é a produção, A , a e b são constantes e L e K são, respectivamente, o trabalho e o capital. A função é homogênea do grau $a + b$, uma vez que a multiplicação de L e K por uma constante c elevará o resultado na proporção de $ca + b$. Assim, $Q1 = A.cLa.cKb = Ka + b(A.LaKb)$. Se a soma dos expoentes for igual à unidade, a função Cobb-Douglas é linear homogênea, isto é, o retorno será uma constante em relação à escala de produção: se, por exemplo, o capital e o trabalho

empregados aumentarem 50%, o produto também aumentará em 50%; se esta soma for maior do que a unidade, a função terá retornos crescentes à escala; e se a soma for inferior à unidade, o retorno será decrescente à escala. Veja também **Função Homogênea**. (SANDRONI, 2016, p. 276, grifo do autor).

FUNÇÃO DE PRODUÇÃO COBB-DOUGLAS. Veja **Cobb-Douglas (Função de Produção)**. (SANDRONI, 2016, p. 662, grifo do autor).

O conceito função de produção Cobb-Douglas é apresentado no dicionário especializado com duas entradas: “Cobb-Douglas (Função de Produção)” e “Função de produção Cobb-Douglas”. A primeira entrada contém a definição do termo e a segunda entrada, apesar de ser a que mais ocorre em textos especializados, como será visto mais adiante, é apresentada como remissiva, remetendo o consulente à primeira entrada.

Apenas com essa primeira consulta ao dicionário, foi possível constatar que a lexia *cobb douglas*, pesquisada em outubro de 2020 pelo usuário 177.129.xx.yyy, possui relação semântica com a lexia *função de produção*, pesquisada em junho de 2019 pelo usuário 200.235.xxx.yy. Porém, só será possível legitimar essa relação como uma relação entre variantes nas etapas “Garantia Literária” e “Consulta a especialistas”.

Observa-se que as etapas de reconhecimento terminológico se entrelaçam ao longo do percurso, pois, ao mesmo tempo em que se faz o reconhecimento do termo dentro do domínio, verifica-se a garantia literária desse termo, ou seja, as etapas ocorrem concomitantemente. É possível também perceber, ao longo do percurso metodológico, uma intersecção entre a Garantia Literária e a Linguística de *Corpus* como metodologias e teorias de análise, uma vez que identificando a frequência e colocações do termo por meio do *software*, pode-se justificar esse termo tendo como base o seu contexto de uso. E evidenciar essa intersecção entre a Terminologia e a Organização do Conhecimento, não só na teoria, mas também na prática, é um dos objetivos específicos desta pesquisa.

Assim, depois de identificadas, essas duas lexias foram incluídas no Quadro 18, sendo consideradas candidatas a variantes.

Quadro 18 – Recorte do Grupo B: Lexias candidatas a variantes encontradas em diferentes sessões de busca

Nº	Lexias candidatas a variantes
18	teoria da firma / teoria da firma sob concorrência perfeita
19	cobb douglas / função de produção
20	elasticidade / elasticidade de produção

Fonte: Elaboração própria.

O quadro completo com a verificação de todas as lexias que ocorrem em diferentes sessões de busca encontra-se disponível no Apêndice F.

Ao mesmo tempo em que acontece essa verificação, ocorre a classificação das lexias candidatas a variantes conforme a classificação formal de variantes denominativas. O Quadro 19 apresenta um recorte dessa classificação para o conjunto de lexias *cobb douglas / função de produção*.

Quadro 19 – Recorte da classificação formal de variantes denominativas para o conjunto de lexias *cobb douglas / função de produção*

V DIFERENTES VARIAÇÕES COMPLEXAS	
2. Sem parentesco formal	
c) Termo descritivo e termo eponímico	<i>cobb douglas / função de produção</i>

Fonte: Adaptado de Freixa (2002) e Araújo (2006).

O quadro completo com a classificação de todas as lexias que ocorrem em diferentes sessões de busca encontra-se disponível no Apêndice G.

6.3 GRUPO C – LEXIAS CANDIDATAS A VARIANTES ENCONTRADAS COMPARANDO-SE O *CORPUS* DE ESTUDO COM O *CORPUS* DE REFERÊNCIA

As lexias que constituem o Grupo C são as que, na comparação do *corpus* de estudo com o *corpus* de referência, surgiram como candidatas a variantes. Nessa etapa, verificam-se as ocorrências de todas as lexias que formam o *corpus* de estudo no *corpus* de referência, a fim de se encontrar candidatas a variantes na linguagem do especialista. Acompanha-se, no Quadro 20, a lexia *poupança*, proposta pelo usuário.

Quadro 20 – Contexto das lexias candidatas a variantes encontradas comparando-se o *corpus* de estudo com o *corpus* de referência (Grupo C)

Lexia	IP	Ano	Mês	Dia	Hora	Min.	Seg.	Local
“investimento”	200.137.xx.yy	2019	7	16	17	47	21	Vitória - ES
“poupança”	200.137.xx.yy	2019	7	16	17	50	14	Vitória - ES

Fonte: Elaboração própria.

Observa-se, no Quadro 20, que um mesmo usuário buscou por *investimento* e *poupança*. Nesse caso, descarta-se a possibilidade de variação entre ambas as lexias, uma vez que, em uma pré-análise, *poupança* seria um “tipo de” investimento, assim como outras aplicações

financeiras. Nesse contexto, pode-se afirmar que há uma relação de hiponímia entre elas, em que uma lexia é mais específica (*poupança*) e outra mais genérica (*investimento*).

Utilizando-se o *software Sketch Engine*, verificaram-se 281 ocorrências da lexia *poupança* no *corpus* de referência, que são os artigos da revista. Além dessa lexia, pelos contextos dos artigos, foi possível observar também a ocorrência de outras duas candidatas a variantes: *caderneta de poupança* (3) e *conta de poupança* (2), as quais foram anotadas no Quadro 21.

Quadro 21 – Recorte das lexias de Economia extraídas dos *logs* de pesquisa (*corpus* de estudo) e suas ocorrências no *corpus* textual especializado (*corpus* de referência)

Nº	Lexia de busca	Ocorrência (nº de ocorrências)
69	"cobb douglas"	Não ocorre, mas ocorre “função de produção Cobb-Douglas” (5), e “função de produção do tipo Cobb-Douglas” (1).
100	"custo ao longo prazo"	Não ocorre
102	"custo longo prazo"	Não ocorre
103	"custo no longo prazo"	Não ocorre
106	"custo"	Ocorre (320)
108	"custos no longo prazo"	Não ocorre
109	"custos"	Ocorre (392)
209	"função de produção"	Ocorre (46), e ocorre também “funções de produção” (6)
394	"poupança"	Ocorre (281), e ocorre também “caderneta de poupança” (3), e “conta de poupança” (2).

Fonte: Elaboração própria.

O Quadro 21 é um recorte do Apêndice C, que contém todas as lexias que fazem parte do *corpus* de estudo. Depois de se identificar as possíveis variantes para essas lexias no *corpus* de referência, as candidatas foram dispostas no Quadro 22.

Quadro 22 – Recorte do Grupo C: Lexias candidatas a variantes encontradas comparando-se o *corpus* de estudo com o *corpus* de referência

Nº	Lexias candidatas a variantes
20	demanda / procura
21	poupança / caderneta de poupança
22	poupança / conta de poupança
23	análise dos custos / análise do custo

Fonte: Elaboração própria.

O quadro completo com a verificação de todas as lexias candidatas a variantes encontradas comparando-se o *corpus* de estudo com o *corpus* de referência está disponível no Apêndice H.

Após esses dois procedimentos, ocorreu a classificação das lexias candidatas a variantes conforme a classificação formal de variantes denominativas. O Quadro 23 apresenta um recorte dessa classificação para os conjuntos de lexias *poupança / caderneta de poupança* e *poupança / conta de poupança*.

Quadro 23 – Recorte da classificação formal de variantes denominativas para os conjuntos de lexias *poupança / caderneta de poupança* e *poupança / conta de poupança*

III REDUÇÕES	
2. Reduções da base	<i>poupança / caderneta de poupança</i> <i>poupança / conta de poupança</i>

Fonte: Adaptado de Freixa (2002) e Araújo (2006).

O quadro completo com a classificação de todas as lexias candidatas a variantes encontradas comparando-se o *corpus* de estudo com o *corpus* de referência encontra-se disponível no Apêndice I.

6.4 RECORTE DO SUBDOMÍNIO E DAS LEXIAS SELECIONADAS PARA ANÁLISE

Reunidas todas as candidatas a variantes em seus respectivos grupos, o próximo passo é realizar a classificação das mesmas conforme o Sistema de Classificação JEL.

Para exemplificar, e por uma questão de espaço, apresenta-se, no Anexo A, apenas uma categoria estendida da Classificação JEL com as palavras-chave representando os assuntos tratados. Objetivando classificar as lexias candidatas a variantes, primeiramente, tentou-se localizá-las dentro da JEL; em caso de ausência dessas lexias dentro da JEL, tentou-se, por analogia, relacioná-las à categoria. Nesse caso, foi preciso confirmar com o especialista se a classificação realizada estava correta. O especialista, nesse momento, foi imprescindível para que as variantes fossem encaixadas corretamente dentro de seus respectivos assuntos.

Os Quadros 24, 25 e 26 apresentam um recorte da classificação das candidatas a variantes conforme o Sistema de Classificação JEL. Os quadros completos de cada grupo estão disponíveis nos Apêndices J, K e L.

Quadro 24 – Recorte da Classificação JEL das candidatas a variantes do Grupo A

Nº	Lexias candidatas a variantes	JEL
D - Microeconomia		
05	análise dos custos / custos	D23
06	custos no longo prazo / custo no longo prazo	D23
07	custo no longo prazo / custo ao longo prazo	D23
08	custo ao longo prazo / custo	D23
09	custo ao longo prazo / custo longo prazo	D23
10	gráfico de custos / gráfico	D23

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 25 – Recorte da Classificação JEL das candidatas a variantes do Grupo B

Nº	Lexias candidatas a variantes	JEL
D - Microeconomia		
01	análise econômica / análise econômico	D0
02	financeiro / planejamento financeiro	D14
03	economia / economia colaborativa	D16
04	teoria da firma / teoria da firma sob concorrência perfeita	D21
05	cobb douglas / função de produção	D24
06	elasticidade / elasticidade de produção	D24

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 26 – Recorte da Classificação JEL das candidatas a variantes do Grupo C

Nº	Lexias candidatas a variantes	JEL
D - Microeconomia		
06	demanda / procura	D11
07	poupança / caderneta de poupança	D14
08	poupança / conta de poupança	D14
09	análise dos custos / análise do custo	D23

Fonte: Elaboração própria.

A seguir, contabilizam-se os subdomínios da JEL das variantes classificadas nesses quadros, a fim de fazer o reconhecimento do subdomínio de maior ocorrência para recorte e continuação da pesquisa. O Quadro 27 apresenta o total de candidatas a variantes em cada categoria do Sistema de Classificação JEL.

Quadro 27 - Total de candidatas a variantes nas categorias do Sistema de Classificação JEL

Categoria JEL	Grupo A	Grupo B	Grupo C	Total
B	02	03	05	10
C	02	11	09	22
D	18	26	45	89
E	11	09	07	27
F	18	18	17	53
G	18	20	08	46
H	17	05	02	24
I	00	02	02	04
J	04	07	02	13
K	01	00	00	01
L	14	10	06	30
M	00	01	00	01
N	03	03	02	08
O	02	09	04	15
P	02	08	03	13
Q	06	10	06	22
R	01	03	01	05
Z	00	01	00	01

Fonte: Elaboração própria.

Observa-se no Quadro 27 que a categoria JEL que apresentou mais ocorrências foi categoria D – Microeconomia, com 89 pares de candidatas a variantes, somando-se os Grupos A, B e C. Seguindo essas etapas, chegaram-se aos termos *custo no longo prazo*, *cobb douglas* e *poupança*, escolhidos para ilustrar esta análise de dados.

Esses 89 pares de candidatas a variantes são formados por 68 lexias de busca. Parte dessas lexias é apresentada no Quadro 28. O quadro completo está disponível no Apêndice M.

O Quadro 28 mostra um recorte das ocorrências das lexias da categoria D - Microeconomia nos *corpora* de pesquisa. Esse recorte possui 12 lexias, que foram extraídas dos seguintes pares de lexias candidatas a variantes:

micro / microeconomia
microeconomico / microeconômico
demanda / procura
custos no longo prazo / custo no longo prazo
custo no longo prazo / custo ao longo prazo
custo ao longo prazo / custo
custo ao longo prazo / custo longo prazo
custo de transação / custo transação
custos / custos de produção
cobb douglas / função de produção
renda / rendimento
poupança / caderneta de poupança
poupança / conta de poupança
custo de transação / custos de transação

custo de transação / custo de transações
custos de produção / custo de produção
função de produção / funções de produção
renda / rendas
equilíbrio geral / equilíbrio geral
externalidades / externalidade
externalidades / spillovers
externalidades / efeitos de transbordamento
externalidades / economias externas
externalidades / efeitos externos

A partir do Quadro 28, começa a etapa de garantia literária, com a verificação da presença das lexias nos artigos da revista, nos dicionários e livros-texto de Microeconomia.

Faz-se importante esclarecer como se chegou a esse recorte com 12 lexias (no Quadro 28, destacadas em cinza). Acontece que, nessa etapa de verificação de ocorrência das 68 lexias nos *corpora*, verificou-se que apenas 15 delas encontravam-se dicionarizadas no *Dicionário de Economia do Século XXI* (2006). Destas, apenas 12 apresentaram garantias de ocorrência de variação com outras lexias. Além disso, como já mencionado anteriormente, segue-se o pensamento de Krieger (2012, p. 391), que defende o dicionário como “certidão de nascimento das unidades lexicais praticadas por uma comunidade linguística”. Tem-se, então, como critério de seleção de lexias para análise o seu registro no dicionário especializado, pois ele se constitui como fonte de referência oficial e de legitimação de um termo em determinado domínio, e a ocorrência de possíveis variantes.

Quadro 28 – Recorte das ocorrências das lexis da categoria D - Microeconomia nos *corpora* de pesquisa

Nº	Lexia de busca	JEL	Corpus de referência	Dicionário de Economia do século XXI (2016)	Dicionário Houaiss da língua portuguesa (2009)	Goolsbee, Levitt e Syverson (2018)	Varian (2015)	Pindyck e Rubinfeld (2013)
01	microeconomia	D00	Ocorre (17)	Ocorre	Ocorre	Ocorre	Ocorre	Ocorre
02	micro	D00	Ocorre (18)	Não ocorre	Ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Ocorre
03	microeconomico	D00	Não ocorre, mas ocorre “microeconômico” (9).	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre, mas ocorre “microeconômico”.	Não ocorre, mas ocorre “microeconômicos”.	Não ocorre, mas ocorre “microeconômicos”.
07	demanda marshalliana	D11	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre
08	demanda	D11	Ocorre (809), e ocorre também “procura” (30).	Ocorre, e ocorre também “procura” como variante.	Ocorre	Ocorre	Ocorre	Ocorre
14	poupança	D14	Ocorre (281), e ocorre também “caderneta de poupança” (3) e “conta de poupança” (2).	Ocorre	Ocorre, e ocorre também “pecúlio” como variante.	Ocorre, e ocorre também “conta de poupança” e “contas de poupança”.	Ocorre	Ocorre (10), e ocorre também “caderneta de poupança”, “conta de poupança” e “contas de poupança”.
19	custo	D23	Ocorre (320)	Não ocorre	Ocorre, e também “preço” e “despesa” como variantes.	Ocorre	Ocorre	Ocorre
20	custos	D23	Ocorre (392)	Ocorre	Não ocorre	Ocorre	Ocorre	Ocorre
22	custos no longo prazo	D23	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Ocorre	Ocorre
23	custo no longo prazo	D23	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Ocorre	Não ocorre	Ocorre
24	custo ao longo prazo	D23	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre
25	custo longo prazo	D23	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre

continua...

continuação...

Nº	Lexia de busca	JEL	Corpus de referência	Dicionário de Economia do século XXI (2016)	Dicionário Houaiss da língua portuguesa (2009)	Goolsbee, Levitt e Syverson (2018)	Varian (2015)	Pindyck e Rubinfeld (2013)
29	custo de transação	D23	Ocorre (11), e ocorre também “custos de transação” (24) e “custo de transações” (1).	Não ocorre, mas ocorre “custos de transação”	Não ocorre	Não ocorre, mas ocorre “custos de transação”.	Ocorre	Não ocorre, mas ocorre “custos de transação”.
30	custo transação	D23	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre
31	custos de produção	D24	Ocorre (25), e ocorre também “custo de produção” (13).	Ocorre	Ocorre	Ocorre	Ocorre	Ocorre
34	cobb douglas	D24	Não ocorre, mas ocorre “função de produção Cobb-Douglas” (5), e “função de produção do tipo Cobb-Douglas” (1).	Não ocorre, mas ocorre “Cobb-Douglas (Função de Produção)” e “Função de produção Cobb-Douglas” como remissiva.	Não ocorre	Não ocorre, mas ocorre “função produção de Cobb-Douglas”.	Não ocorre, mas ocorre “função de produção de Cobb-Douglas”.	Não ocorre, mas ocorre “função de produção de Cobb-Douglas” e “funções de produção de Cobb-Douglas”.
35	função de produção	D24	Ocorre (46), e ocorre também “funções de produção” (6).	Ocorre	Não ocorre	Não ocorre, mas ocorre “função da produção”.	Ocorre	Ocorre
39	renda	D31	Ocorre (1918), e ocorre também “rendas” (144).	Ocorre	Ocorre	Ocorre, e ocorre também “rendas”.	Ocorre, e ocorre também “rendas”.	Ocorre, e ocorre também “rendas”.
40	rendimento	D31	Ocorre (123) e ocorre também “rendimentos” (244).	Não ocorre, mas ocorre “rendimentos” como remissiva para “renda”.	Ocorre	Ocorre, e ocorre também “rendimentos”.	Ocorre, e ocorre também “rendimentos”.	Ocorre, e ocorre também “rendimentos”.

continua...

conclusão...

Nº	Lexia de busca	JEL	Corpus de referência	Dicionário de Economia do século XXI (2016)	Dicionário Houaiss da língua portuguesa (2009)	Goolsbee, Levitt e Syverson (2018)	Varian (2015)	Pindyck e Rubinfeld (2013)
61	equilíbrio geral	D58	Não ocorre, mas ocorre “equilíbrio geral” (57).	Não ocorre, mas ocorre “equilíbrio geral”.	Não ocorre	Não ocorre, mas ocorre “equilíbrio geral”.	Não ocorre, mas ocorre “equilíbrio geral”.	Não ocorre, mas ocorre “equilíbrio geral”.
62	equilíbrio geral computável	D58	Não ocorre, mas ocorre “equilíbrio geral computável” (10).	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre
63	modelo de equilíbrio geral	D58	Não ocorre, mas ocorre “modelo de equilíbrio geral” (21).	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre, mas ocorre “modelo de equilíbrio geral”.	Não ocorre
65	externalidades	D62	Ocorre (153), e ocorre também “externalidade” (32), “spillovers” (15), “efeitos de transbordamento” (7), “economias externas” (6), e “efeitos externos” (4).	Ocorre, e ocorre também “economias externas” como variante.	Não ocorre	Ocorre, e ocorre também “efeitos externos”.	Ocorre	Ocorre

Fonte: Elaboração própria.

Nota: O quadro é formado por nove colunas. A primeira coluna identifica o número atribuído à lexia para fins de organização; a segunda coluna apresenta a lexia de busca, que é o conceito analisado; a terceira coluna identifica o código de Classificação JEL da lexia; a quarta coluna informa se a lexia ocorre ou não ocorre no *corpus* de referência, bem como apresenta as outras possíveis denominações relacionadas a ela (o número entre parênteses se refere ao número de ocorrências da lexia e/ou de ocorrências de suas possíveis denominações no *corpus*); as demais colunas informam a ocorrência da lexia nas demais fontes de garantia, que são os dicionários e os livros-texto de Microeconomia.

Feito esse recorte das lexias, passou-se ao preenchimento das fichas terminológicas e à consulta a especialistas para validar as candidatas a variantes selecionadas. Foram preenchidas doze fichas com as lexias presentes no Quadro 28, que são: *cobb douglas*, *custos*, *custos de produção*, *custo de transação*, *custo no longo prazo*, *demanda*, *equilíbrio geral*, *externalidades*, *função de produção*, *microeconomia*, *poupança* e *renda*. Todas as fichas estão disponíveis no Apêndice N.

Das 12 lexias, quatro foram escolhidas para serem analisadas mais detalhadamente – *custo no longo prazo*, *cobb douglas*, *poupança* e *externalidades* –, por se entender que são os casos que mais podem enriquecer a discussão. A escolha da lexia *custo no longo prazo* não segue o critério de ocorrência no dicionário especializado. Nesse caso, abriu-se uma exceção, pois se considera este um exemplo importante de ser analisado, uma vez que a alteração de preposição em “*em*” *longo prazo* e “*a*” *longo prazo* é uma estratégia recorrente nas buscas realizadas pelos usuários.

Faz-se importante destacar aqui como funciona a garantia literária na prática. Partindo-se dos *logs* de pesquisa, conforme o usuário cria estratégias de busca, ele tende a reduzir os termos. A primeira impressão que se tem é a de que entre duas lexias como *poupança* / *caderneta de poupança* ocorre variação por redução, pois se trata de um termo monoléxico e de um sintagma, em que há grande possibilidade de ocorrer uma variação desse tipo.

Para descartar a possibilidade de *poupança* ser uma redução de *caderneta de poupança*, mas sim ser um conceito diferente, recorre-se ao dicionário e ao *corpus* de referência para validar os termos. Pela definição e pelo contexto de uso é possível identificar se dois termos são variantes ou não. Caso exista definição para os dois, trata-se de conceitos diferentes. Caso contrário, não há como garantir a existência de variação por redução pelos *logs*, pois não há um contexto textual em que se possa identificar a anáfora do termo (*poupança*), ou seja, não há como identificar se esse termo remete ao sintagma completo (*caderneta de poupança*). Confirmar a existência de variação nas reduções só seria possível verificando-se os contextos de uso dentro do *corpus* de referência, porém isso seria um árduo trabalho, pois se teria que ampliar a leitura dos contextos para verificar se se trata mesmo de redução e anáfora, metodologia que foge ao escopo desta pesquisa.

Assim, se existe um *corpus* que dê sentido ao termo pelo seu contexto de uso, consegue-se verificar se um termo monoléxico é uma redução, por ele ser um elemento anafórico, ou seja, um elemento de retomada do termo completo ou sintagma. No entanto, se a finalidade for a inclusão do termo em um catálogo de bibliotecas, recomenda-se tomar muito cuidado com as reduções, justamente porque nos *logs* não existe um contexto de uso; as reduções podem ser

variantes ou não, e o uso de termos simples ou reduzidos pode gerar ruídos para o usuário durante a recuperação da informação, uma vez que amplia a sua estratégia de busca, recuperando documentos fora do assunto desejado.

Tendo em vista tudo o que foi mencionado, ao se analisar os pares de lexias deve-se fazer a seguinte pergunta: Cada lexia do par de lexias apresenta uma definição própria?

- 1) Sim. Nesse caso, pode-se comparar as duas definições e verificar se o conceito é o mesmo. Se o conceito não for o mesmo, considera-se que são dois termos independentes, não sendo, portanto, variantes.
- 2) Não. Nesse caso, as definições são iguais, portanto, são variantes. Aqui, pode-se considerar as reduções como variantes também.

Assim, finaliza-se a análise de dados. As demais etapas da metodologia – consulta a especialistas e estabelecimento de uma lista de palavras-chave e de uma árvore de domínio a partir do subdomínio recortado – trazem os resultados da pesquisa e serão apresentadas no próximo capítulo.

7 RESULTADOS DA PESQUISA

Para a organização do *corpus* de estudo, foram coletados, junto ao CPD da UFRGS, *logs* no período de 31 de maio de 2019 a 26 de novembro de 2020, totalizando 1.907 *logs*. No entanto, após a exclusão dos *logs* que continham lexias idênticas repetidas no mesmo IP, dos 1.907 *logs* obtidos originalmente, restaram 1.162 *logs* para análise.

A partir desse momento, ocorreu um processo de eliminação de *logs*, dos quais as lexias de busca não correspondiam a assuntos ou termos da área de Economia. Ao término da análise, foram selecionadas para compor o *corpus* de estudo desta pesquisa 507 lexias da área de Economia. A lista completa das lexias está disponível no Apêndice C.

Para a organização do *corpus* de referência, foram compilados no gerenciador de *corpus* *Sketch Engine*, 131 artigos em português publicados na *Revista Análise Econômica* no período 2015-2019. Esses 131 artigos foram extraídos de uma população de 644 artigos, publicados na revista ao longo de seus 37 anos de existência.

Por meio do *site* da *Solvis*, realizou-se o cálculo de amostragem, verificando-se que, em um total de 644 artigos em língua portuguesa, admitindo-se uma margem de erro de 10%, seria necessária uma amostra de, no mínimo, 62 artigos. Assim, como se pretendia identificar termos nos artigos publicados no período 2015-2019, os 131 artigos publicados nesse período foram suficientes para se obter um *corpus* representativo do domínio, ficando a margem de erro em 6,44%. A lista completa dos artigos está disponível no Apêndice B.

Os dados da etapa 1 foram obtidos pela análise das lexias de Economia extraídas dos *logs* de pesquisa. As lexias candidatas a variantes foram separadas nos seguintes grupos:

Grupo A – Lexias candidatas a variantes encontradas na mesma sessão de busca: foram encontrados 119 pares de lexias.

Grupo B – Lexias candidatas a variantes encontradas em diferentes sessões de busca: foram encontrados 146 pares de lexias.

Grupo C – Lexias candidatas a variantes encontradas comparando-se o *corpus* de estudo com o *corpus* de referência: foram encontrados 119 pares de lexias.

Como se pode evidenciar, das 507 lexias de busca reunidas da área de Economia, foi possível estabelecer prováveis relações semânticas entre elas, primeiro, analisando-as na mesma sessão de busca (Grupo A); segundo, analisando-as em sessões de busca diferentes (Grupo B); e, terceiro, comparando-se o *corpus* de estudo com o *corpus* de referência, realizando-se assim a garantia literária das lexias de busca dos usuários no *corpus* textual especializado, composto pelos artigos da *Revista Análise Econômica*, bem como a extração de

candidatas a variantes (Grupo C). Somando-se todas essas prováveis relações, foram extraídos 384 pares de lexias candidatas a variantes terminológicas da área de Economia.

Esses 384 pares de lexias, separados nos Grupos A, B e C, foram classificados em quadros adaptados conforme a classificação formal de variantes denominativas de Freixa (2002) e da tipologia de Araújo (2006). Depois disso, os pares de lexias foram classificados de acordo com o Sistema de Classificação JEL, em que predominou o subdomínio D – Microeconomia, definindo assim as lexias candidatas a variantes a serem analisadas na pesquisa.

Tendo em vista esse percurso metodológico, os resultados da pesquisa se dividem em cinco seções. Na seção 7.1, apresentam-se os resultados quanto à classificação formal de variantes denominativas aplicada aos pares de lexias dos Grupos A, B e C. Na seção 7.2, analisam-se quatro lexias candidatas a variantes do subdomínio D – Microeconomia – *custo no longo prazo, cobb douglas, poupança e externalidades* –, descrevendo-se o que foi evidenciado sobre os conceitos durante os processos de garantia literária e garantia acadêmica. Na seção 7.3, classificam-se os doze termos de Microeconomia analisados, conforme ao quadro adaptado da classificação de variantes denominativas de Freixa (2002) e da tipologia de Araújo (2006). Na seção 7.4, apresenta-se a lista de palavras-chave; e, finalmente, na seção 7.5, a árvore de domínio dos termos de Microeconomia.

7.1 RESULTADOS QUANTO À CLASSIFICAÇÃO FORMAL DE VARIANTES DENOMINATIVAS APLICADA AOS PARES DE LEXIAS DOS GRUPOS A, B E C

A classificação formal de variantes denominativas foi uma etapa muito importante da pesquisa, pois sem ela o reconhecimento terminológico ficaria desorganizado e pouco abrangente. Destaca-se que a classificação se mostrou importante para nortear a análise no processo de reconhecimento dos termos.

O Quadro 29 apresenta uma síntese dos tipos possíveis de variantes denominativas encontradas nos Grupos A, B e C de lexias candidatas a variantes.

Quadro 29 – Resultados da classificação formal de variantes denominativas

Tipo	Subtipo	Grupo A	Grupo B	Grupo C	Exemplos
VARIACÕES GRÁFICAS	Termo e abreviação				
	Termo e sigla	4 pares	0 par	22 pares	<i>fernando henrique cardoso / fhc</i> <i>VEC / vetor autorregressivo</i> <i>PIB / produto interno bruto</i>
	Termo e abreviatura	0 par	0 par	1 par	<i>cadastro único / CadÚnico</i>
	Mudança ortográfica				
	Presença e ausência de acentuação ou de til	2 pares	6 pares	37 pares	<i>desenvolvimento econômico / desenvolvimento economico</i> <i>câmbio / cambio</i> <i>valoração / valoração</i>
	Presença e ausência de hífen	2 pares	1 par	2 pares	<i>heckscher-ohlin / heckscher ohlin</i> <i>oaxaca-blinder / oxaxaca blinder</i> <i>risco país / risco-país</i>
	Erros de grafia, como troca, acréscimo e supressão de letras	14 pares	5 pares	5 pares	<i>valor adicionado / valor adivionado</i> <i>análise econômica / analise econômico</i> <i>autoregulação / autorregulação</i>
	Presença e ausência de espaço entre as palavras	0 par	1 par	1 par	<i>neoestruturalismo / neo estruturalismo</i> <i>risco / riscopaís</i>
	Termo vernáculo e termo estrangeiro	9 pares	1 par	0 par	<i>repasso cambial / pass-through</i> <i>comércio / trade</i>
	Termo decalcado [decalque] e termo vernáculo	0 par	0 par	3 pares	<i>externalidades / economias externas</i> <i>externalidades / efeitos externos</i> <i>externalidades / efeitos de transbordamento</i>
Termo decalcado [decalque] e termo estrangeiro	0 par	0 par	1 par	<i>externalidades / spillovers</i>	
VARIACÕES MORFOSSINTÁTICAS	Mesma estrutura				
	Ausência e presença de artigo	0 par	0 par	5 pares	<i>ciclos de negócios / ciclos dos negócios</i>
	Alteração de número	7 pares	6 pares	24 pares	<i>barreiras tarifárias / barreira tarifária</i> <i>incentivo fiscal / incentivos fiscais</i> <i>externalidades / externalidade</i>
	Alteração e ausência de preposição	6 pares	0 par	3 pares	<i>economia do pará / economia no pará</i> <i>teoria geral de keynes / teoria geral keynes</i>
	Alteração de gênero	1 par	0 par	0 par	<i>novo-keynesiana / novo keynesiano</i>
	Estrutura diferente				
	[N+A] / [N +SP] [nome + adj.] / [nome + sintagma prepos.]	0 par	1 par	0 par	<i>previdência fechada / fundos de pensão</i>
Outras alterações de estrutura	3 pares	2 pares	0 par	<i>passivo em moeda estrangeira / dívida em dólar</i> <i>collor I / plano brasil novo</i>	

continua...

conclusão...

Tipo	Subtipo	Grupo A	Grupo B	Grupo C	Exemplos
REDUÇÕES	Reduções da extensão	32 pares	76 pares	3 pares	<i>bens / bens públicos</i> <i>crise / crise econômica</i> <i>Estado Novo (1937 a 1945) / Estado Novo</i>
	Reduções da base	19 pares	31 pares	2 pares	<i>governo lula / lula</i> <i>bolsa família / programa bolsa família</i> <i>poupança / caderneta de poupança</i>
	Outras reduções	2 pares	0 par	3 pares	<i>teoria novo-clássica / teoria macroeconômica novo-clássica</i> <i>teoria evolucionista / teoria econômica evolucionista</i>
VARIAÇÕES LEXICAIS	Unidades monoléticas	4 pares	7 pares	2 pares	<i>BOVESPA / bolsa</i> <i>desigualdade / disparidade</i> <i>demanda / procura</i>
	Unidades poliléticas				
	Alterações da base	8 pares	3 pares	1 par	<i>ajuste fiscal / arrocho fiscal</i> <i>desenvolvimento econômico / crescimento econômico</i> <i>lei de thirlwall / modelo de thirlwall</i>
	Alterações da extensão	2 pares	0 par	2 pares	<i>valor adicionado / valor agregado</i> <i>teoria evolucionista / teoria evolucionária</i>
DIFERENTES VARIAÇÕES COMPLEXAS	Com parentesco formal				
	Monolético / polilético	1 par	0 par	1 par	<i>neodesenvolvimentismo / novo desenvolvimentismo</i> <i>economia / ciência econômica</i>
	Polilético / polilético	1 par	0 par	0 par	<i>comunidade andina / grupo andino</i>
	Termo eponímico e termo descritivo	1 par	2 pares	1 par	<i>david ricardo / teoria do valor de Ricardo</i> <i>marx / marxista</i> <i>thirlwall / lei de thirlwall</i>
	Sem parentesco formal				
	Monolético / polilético	1 par	1 par	0 par	<i>mandioca / manihot esculenta</i> <i>crantz</i> <i>investimentos / aplicações financeiras</i>
	Polilético / polilético	0 par	2 pares	0 par	<i>desigualdade de renda / diferença de rendimentos</i>
Termo eponímico e termo descritivo	0 par	1 par	0 par	<i>cobb douglas / função de produção</i>	

Fonte: Elaboração própria.

Tendo em vista as especificidades de cada grupo de lexias, os resultados serão analisados separadamente por grupo.

7.1.1 Resultados do Grupo A de lexias candidatas a variantes

De acordo com o Quadro 29, no Grupo A de lexias, predominam as reduções de extensão como tipo de variação, com 32 pares, seguidas pelas reduções de base, com 19 pares; pelos erros de grafia, como troca, acréscimo e supressão de letras, com 14 pares; pelos termos

vernáculos e estrangeiros, com 9 pares; pelas alterações de base, como 8 pares; pelas alterações de número, 7 pares; pelas alterações e ausência de preposição, com 6 pares; e pela relação termo e sigla, com 4 pares. As demais tipologias apresentaram menos de quatro pares ou não apresentaram ocorrências.

A explicação para esse alto índice de pares de lexias com redução de extensão e de base está no tipo de estratégia de busca realizada pelo usuário da *Revista Análise Econômica*. Nesse Grupo A, especificamente, uma vez que é possível analisar o histórico de busca de cada usuário por meio do seu IP, consegue-se visualizar nitidamente a estratégia utilizada por ele. Pelo histórico, visualiza-se qual lexia um mesmo usuário pesquisou primeiro e qual ele pesquisou posteriormente, o que evidencia não só a sua estratégia de busca como também o seu processo mental em criar relações entre as lexias pesquisadas.

Como mostram os dados da pesquisa, em sua estratégia de busca, o usuário frequentemente reduz a extensão ou a base do termo, isto é, geralmente a estratégia parte de um termo simples (*crise*) para um termo composto (*crise econômica*), uma vez que o usuário se dá conta de que aplicando apenas termos simples pode vir a recuperar uma grande quantidade de documentos aleatórios, pois tornou a sua busca muito genérica. Como já mencionado, lexias classificadas como “por redução” perdem o sentido original quando o sintagma se reduz; por isso, no caso dos *logs*, muitas vezes não podem ser consideradas variantes.

Os erros de grafia, como troca, acréscimo e supressão de letras, também se destacam nesse grupo; isso porque o usuário tende a corrigir imediatamente a lexia, assim que se dá conta de que esse tipo de erro impossibilita qualquer recuperação, uma vez que o sistema informacional da revista reconhece apenas as expressões gráficas que seguem o padrão normativo da língua e que estão representadas nos seus metadados. Por estarem fora do padrão normativo, não foi possível validar essas lexias nas etapas garantia literária e/ou garantia acadêmica; no entanto, como garantia do usuário, elas podem ser legitimadas como variantes, uma vez que representam a linguagem natural do usuário, servindo de forma útil na recuperação de documentos em sistemas adaptados que levem em consideração esse tipo de variação da linguagem.

7.1.2 Resultados do Grupo B de lexias candidatas a variantes

Conforme o Quadro 29, no Grupo B de lexias, predominam as reduções. De um total de 146 pares classificados, 76 pares são por reduções de extensão e 31 por reduções de base. Ao contrário do Grupo A, em que se observava a estratégia de busca do usuário e o seu processo

mental em criar possíveis relações semânticas entre as lexias, no Grupo B, as possíveis relações semânticas são criadas pelo analista/indexador, uma vez que as lexias ocorrem em diferentes sessões de busca. Ou seja, é o analista que relaciona as lexias, propostas por diferentes usuários, formando os pares.

Quando as variantes estão na mesma sessão (Grupo A), é possível verificar se há ou não redução, pois se consegue compreender a lógica usada pelo usuário para eleger um termo como variante de outro. No entanto, quando as variantes estão em sessões diferentes (Grupo B), não é possível garantir se há ou não redução, pois as lexias não são garantidas pelo usuário. Não há como garantir que a *poupança* pesquisada por um usuário é uma redução de *caderneta de poupança* pesquisada por outro. Em pesquisas de dois usuários diferentes, não há como afirmar que os pares de lexias reunidos pelo indexador apresentam ou não redução, exceto se uma das lexias não apresentar definição própria.

Pensando-se em indexação, busca-se um retrato mais próximo da linguagem que a área de conhecimento está usando, nesse caso, da linguagem do usuário potencial da *Revista Análise Econômica*. Por isso, ao se trabalhar apenas com o contexto do usuário na mesma sessão, as possíveis relações semânticas estariam mais limitadas do que ao se trabalhar com contextos de usuário de sessões diferentes, em que o indexador precisa considerar as diferentes necessidades dos usuários, precisa reconhecer que existe um usuário pesquisando sobre *café* como *commodity* e outro pesquisando sobre *café*, mas como *período do café*, um período histórico, representado por esse usuário por uma redução, ou seja, pelo termo simples *café*.

Nesse caso, o indexador precisaria verificar termo por termo para atender as necessidades do usuário. Isso explica o número elevado de pares de candidatas a variantes por redução de extensão e de base encontrado, pois eles foram reunidos pelo analista/indexador em diferentes sessões de busca, prevendo as possíveis relações semânticas que os usuários poderiam estabelecer em sua busca. No entanto, é imprescindível que o analista estude as variantes antes de indexá-las, uma vez que, na indexação, preza-se sempre pelo termo mais específico, no caso, o sintagma, e quando esse sintagma se reduz, a redução perde informações semânticas, perdendo assim o seu sentido original.

7.1.3 Resultados do Grupo C de lexias candidatas a variantes

Conforme o Quadro 29, no Grupo C de lexias, ocorreram mais casos de variações gráficas e de variações morfossintáticas. Predominam a presença e ausência de acentuação ou

de til, com 37 pares, seguida por alteração de número, com 25 pares, e variações gráficas entre termo e sigla, com 22 pares. Os pares de lexias que formam esse grupo foram reunidos por meio da comparação entre as lexias propostas pelos usuários na mesma sessão de busca e em sessões de busca diferentes (*corpus* de estudo) e os termos presentes nos artigos da *Revista Análise Econômica* (*corpus* de referência).

Os resultados do Grupo A e do Grupo B evidenciam a metodologia de Garantia do Usuário para legitimar os pares de lexias candidatas a variantes. Já os resultados do Grupo C, evidenciam a Garantia Literária como metodologia aplicada. Nessa etapa, ocorre a primeira fase da garantia literária, que é a legitimação das lexias propostas pelos usuários na linguagem do especialista. O predomínio de variações gráficas encontradas na legitimação, principalmente de presença ou ausência de acentuação ou de til, 37 pares, é um fenômeno bastante previsível, uma vez que se está comparando a linguagem do usuário presente nos *logs*, que é natural e sem revisões, com a linguagem do especialista, a qual passou por revisões e está de acordo com a norma culta da língua portuguesa, requisito para publicação em periódicos.

No caso das alterações de número, foram legitimados 25 pares de lexias candidatas a variantes no *corpus* de referência. Muitas vezes, o usuário busca o termo no singular e no plural, como *barreira tarifária* / *barreiras tarifárias*, mas no *corpus* ocorre apenas no plural, *barreiras tarifárias*, pois é a forma mais usual para aquele termo, e vice-versa.

No caso de termo e sigla, foram legitimados 22 pares. Por economia linguística, o usuário também busca os conceitos pela sigla, como uma forma de variação gráfica e também de redução do termo completo, como, por exemplo, *VEC* para *vetor autorregressivo* e *PIB* para *produto interno bruto*. Foi observado também que muitos usuários costumam usar a sigla em inglês em sua estratégia de busca, como, por exemplo, *CES* para *elasticidade de substituição constante*, *DEA* para *análise envoltória de dados* e *IMF* para *função de modo intrínseco*.

Para *IMF*, sigla em inglês de *intrinsic mode function*, no *corpus* de referência, encontraram-se as variações *função de modo intrínseco*, *funções de modo intrínseco* e *funções do modo intrínsecos*, mas não se encontrou *intrinsic mode function*. Interessante é que os autores costumam usar o termo completo em português e a sigla em inglês, não a traduzindo para *FMI*, talvez porque a sigla *FMI* em Economia seja mais usual para o termo completo *Fundo Monetário Internacional*, que, em inglês, apresenta a mesma sigla de *intrinsic mode function*, ou seja, *IMF*. Tem-se aqui um exemplo de variação conceitual, ou seja, mesma denominação (*IMF*) para diferentes conceitos (*intrinsic mode function* e *International Monetary Fund*), podendo a sigla *IMF* ser considerada um empréstimo quando se refere ao termo completo *função de modo intrínseco*.

No caso das reduções, as ocorrências neste grupo de lexias candidatas a variantes foram mínimas, uma vez que essa categoria no *corpus* de referência não se mostra tão aparente. Conforme já mencionado, para mapear as reduções presentes nos artigos, seria necessária uma leitura atenta de todo o texto, a fim de localizar as anáforas do termo preferido, ou seja, se ele foi repetido de forma reduzida no mesmo contexto ou em outro contexto no mesmo texto. Estopà (2001) evidencia esse fenômeno em seus estudos:

As UT monoléxicas simples são difíceis de tratar automaticamente porque seu carácter especializado é totalmente idiosincrático. São, pois, um tipo de unidades que não possui características, nem morfológicas, nem sintáticas explícitas, que permitam detectá-las automaticamente. Por conseguinte, temos que recorrer a estratégias léxicas e/ou contextuais para poder acessá-las. A análise de corpus lexicográficos e textuais demonstra que o número de termos simples em relação a outras unidades especializadas é muito baixo. Não obstante, é interessante poder extrair dos textos as UT simples porque são uma peça-chave do léxico especializado [...]. (ESTOPÀ, 2001, p. 69, tradução nossa).¹

No entanto, das reduções que se mostraram evidentes em seus contextos, pode-se afirmar que *Estado Novo* é uma redução de extensão de *Estado Novo (1937 a 1945)*, pois não há alteração de sentido entre elas, mas apenas um acréscimo de informação, que são os anos que compõem esse período histórico. No entanto, não se pode afirmar que *poupança* seja uma redução de base de *caderneta de poupança*, uma vez que, como já mencionado, o termo completo *caderneta de poupança* perde informações semânticas ao se reduzir para *poupança*, que, como termo simples, pode ganhar outro sentido, conforme será analisado na seção a seguir.

7.2 ANÁLISE DE QUATRO LEXIAS CANDIDATAS A VARIANTES DO SUBDOMÍNIO D – MICROECONOMIA

Nesta seção, disserta-se, mais detalhadamente, sobre as quatro lexias recortadas do grupo das 12 lexias da Categoria D – Microeconomia. São elas: *custo no longo prazo*, *cobb douglas*, *poupança* e *externalidades*.

¹ “Las UT monoléxicas simples son difíciles de tratar automáticamente porque su carácter especializado es totalmente idiosincrático. Son, pues, un tipo de unidades que no poseen características, ni morfológicas, ni sintáticas explícitas, que permitan detectarlas automáticamente. Por consiguiente, hemos de recorrer a estrategias léxicas y/o contextuales para poder acceder a ellas. El análisis de corpus lexicográficos y textuales demuestra que el número de términos simples en relación con otras unidades especializadas es muy bajo. No obstante, es interesante poder extraer de los textos las UT simples porque son una pieza clave del léxico especializado [...]” (ESTOPÀ, 2001, p. 69).

7.2.1 Lexia *custo no longo prazo*

Grupo A – Lexias candidatas a variantes encontradas na mesma sessão de busca:

custo no longo prazo / custos no longo prazo

custo no longo prazo / custo ao longo prazo

custo no longo prazo / custo longo prazo

custo no longo prazo / custo

Conforme os *logs* de busca do usuário, nestas lexias pertencentes ao Grupo A, o mesmo usuário buscou primeiro pela expressão *custo no longo prazo* (no singular), ampliando em seguida a sua busca pelas expressões *custos no longo prazo* (no plural), *custo ao longo prazo* (alteração da preposição), *custo longo prazo* (apagamento da preposição) e *custo* (redução da extensão do termo).

Como mencionado na metodologia, esse termo não se encontra dicionarizado no *Dicionário de Economia do século XXI* (2016), principal obra terminográfica da área de Economia, porém considera-se importante a sua análise pela reflexão que ele pode proporcionar à pesquisa ao se tratar de variação, uma vez que locuções adverbiais de tempo podem alterar o sentido do termo.

O termo *custo no longo prazo* refere-se à avaliação monetária de todos os bens materiais e imateriais de uma empresa –o custo - ao longo do tempo. O longo prazo é o período de tempo em que todos os custos são variáveis e ajustáveis, tendo a empresa muito mais flexibilidade para escolher a combinação de insumos que seja capaz de minimizar os custos de produção de determinado produto. Não é um período preciso de tempo, porque depende das especificidades de cada empresa (SANDRONI, 2016; PINDYCK; RUBINFELD, 2013).

No par de lexias *custo no longo prazo / custos no longo prazo*, ocorre variação por alteração de número (singular/plural). Os contextos extraídos dos livros-texto apresentam essas colocações:

Para a isoquanta $Q = 30$, no entanto, as combinações entre curto prazo e longo prazo são diferentes. No curto prazo, quando o capital é fixado em 6 unidades, caso a firma deseje produzir 30 unidades ela terá que utilizar a combinação de insumos no ponto Z' , com 14 unidades de mão de obra. Mas observe que Z' está fora (ou seja, a maior distância da origem) da linha de isocusto $C = \$ 300$, a qual faz a tangência com a combinação de insumos que minimizam o **custo no longo prazo** no ponto Z (que utiliza 11 unidades de mão de obra). Em vez disso, Z está sobre a linha de isocusto $C = \$ 360$. Em outras palavras, é mais dispendioso para a Ivor's Motores produzir 30

motores no curto prazo, quando não tem a capacidade de ajustar os seus insumos de capital. Isto se dá porque ela é forçada a utilizar maior quantidade de mão de obra e menos capital do que faria se pudesse livremente modificar todos os seus insumos. (GOOLSBEE; LEVITT; SYVERSON, 2018, p. 675-76, grifo nosso).

Essa equação demonstra que a quantidade minimizadora de custos do fator variável no longo prazo é aquela que a empresa escolheria no curto prazo – caso tivesse a quantidade de fator fixo que minimiza os **custos no longo prazo**. (VARIAN, 2015, p. 543, grifo nosso).

Embora se reconheça que não há equivalência de cem por cento nesse tipo de variação, uma vez que se parte de algo individual (*custo no longo prazo*) para algo mais amplo (*custos no longo prazo*), os contextos extraídos do *corpus* de referência não evidenciaram diferenças semânticas entre as colocações, ou seja, caso elas fossem intercambiadas, contribuiriam da mesma maneira para a manutenção do sentido.

O par de lexias *custo no longo prazo* / *custo ao longo prazo* apresenta alteração da preposição *em* (*em + o = no*) para a preposição *a* (*a + o = ao*). Essas expressões foram pesquisadas pelo usuário na mesma sessão de busca dos *logs*; no entanto, somente *custo no longo prazo* foi evidenciado nos contextos dos artigos e dos livros-texto. Mesmo assim, não há como ignorar a existência de *custo ao longo prazo*, uma vez que o usuário emprega essa expressão em suas estratégias de busca. Assim, analisando-as, é possível constatar que ambas as lexias têm função sintática de locução adverbial de tempo, com o sentido de “ao longo do tempo”, dando ao custo uma característica de “custo variável”, uma vez que esse período de tempo é o que o diferencia de outros tipos de custo, como o custo fixo, por exemplo. Embora apresentem construções morfossintáticas diferentes, *custo no longo prazo* / *custo ao longo prazo* preservam o mesmo sentido nas mesmas situações de uso na área de Economia. Isso foi evidenciado pelos especialistas consultados, que não identificaram diferença entre o uso de uma e outra expressão, uma vez que as duas fazem alusão ao mesmo tipo de custo.

No par de lexias *custo no longo prazo* / *custo longo prazo*, a variação se manifesta pelo apagamento da contração prepositiva *no* em *custo longo prazo*, característica comum em estratégias de busca na internet. Obviamente, para essa expressão, não há garantia literária, uma vez que ela representa uma variante não normativa do termo preferido, não havendo assim colocações para ela nos artigos, tampouco nos livros-didáticos. No entanto, em termos de recuperação da informação, ela deve ser levada em consideração por representar uma das formas de linguagem utilizada pelo usuário nos sistemas de busca.

Finalmente, no par de lexias *custo no longo prazo* / *custo*, há uma redução da extensão, porém não se pode considerar esse par de lexias variantes, mesmo elas ocorrendo no contexto

de busca de um mesmo usuário. Conforme comentado na subseção 7.1.1, deve-se ter cuidado com as reduções, porque o termo reduzido (*custo*) pode perder o sentido original do sintagma (*custo no longo prazo*), o que seria o caso desse par de lexias. Ademais, o termo simples *custo* / *custos* tem a sua própria definição, tendo assim sentido diferente do termo *custo no longo prazo*. Veja-se:

CUSTOS. Avaliação, em unidades de dinheiro, de todos os bens materiais e imateriais, trabalho e serviços consumidos pela empresa na produção de bens industriais, bem como aqueles consumidos também na manutenção de suas instalações. Expresso monetariamente, o custo resulta da multiplicação da qualidade dos fatores de produção utilizados pelos seus respectivos preços. (SANDRONI, 2016, p. 402, grifo do autor).

Faz-se importante observar que o termo *custo* está dicionarizado como *custos*, no plural (cf. SANDRONI, 2016, p. 402). No *corpus* de referência, em um total de 131 artigos, pôde-se evidenciar que *custos*, no plural, é a forma predominante, com 392 ocorrências; já *custo*, no singular, apresentou 320 ocorrências (ver ficha terminológica do termo *custos* no Apêndice N). Assim, por *custos* ser a base do termo *custos no longo prazo*, dentre as variantes *custos no longo prazo* / *custo no longo prazo* / *custo ao longo prazo* / *custo longo prazo*, considerar-se-á *custos no longo prazo*, no plural, como termo preferido, o qual irá encabeçar a ficha terminológica.

7.2.2 Lexia *cobb douglas*²

Grupo B – Lexias candidatas a variantes encontradas em diferentes sessões de busca:

cobb douglas / *função de produção*

Ao se observar os *logs* dos usuários, foi possível verificar que essas duas lexias foram pesquisadas por dois usuários diferentes, sendo, por isso, classificadas no Grupo B. Obviamente a ausência de parentesco formal entre as elas impossibilita que se relacione uma expressão com a outra. Conforme explicado anteriormente no capítulo de metodologia, para se chegar a uma correlação entre essas lexias, primeiro se buscou por *cobb douglas* no *Dicionário de Economia do século XXI* (2016), a fim de conhecer a sua definição:

² O termo eponímico *cobb-douglas* é formado pela junção dos sobrenomes do economista Paul Douglas e do matemático Charles Cobb. Douglas (1892-1976) foi professor da Universidade de Chicago e também senador dos Estados Unidos (EUA); Cobb (1875-1949) foi professor da Faculdade de Amherst, em Massachusetts, EUA (VARIAN, 2015).

COBB-DOUGLAS (Função de Produção). Uma função com a fórmula $Q = A.L^a.K^b$, em que Q é a produção, A , a e b são constantes e L e K são, respectivamente, o trabalho e o capital. A função é homogênea do grau $a + b$, uma vez que a multiplicação de L e K por uma constante c elevará o resultado na proporção de c^{a+b} . Assim, $Q1 = A.c^a.L^a.c^b.K^b = c^{a+b}(A.L^a.K^b)$. Se a soma dos expoentes for igual à unidade, a função Cobb-Douglas é linear homogênea, isto é, o retorno será uma constante em relação à escala de produção: se, por exemplo, o capital e o trabalho empregados aumentarem 50%, o produto também aumentará em 50%; se esta soma for maior do que a unidade, a função terá retornos crescentes à escala; e se a soma for inferior à unidade, o retorno será decrescente à escala. Veja também **Função Homogênea**. (SANDRONI, 2016, p. 276, grifo do autor).

FUNÇÃO DE PRODUÇÃO COBB-DOUGLAS. Veja **Cobb-Douglas (Função de Produção)**. (SANDRONI, 2016, p. 662, grifo do autor).

Percebe-se, pelas próprias entradas do dicionário, que *cobb douglas* e *função de produção* são lexias que se relacionam. A partir disso, partiu-se então para uma análise aprofundada desse par de lexias, buscando legitimá-las como variantes ou não variantes, aplicando-se a garantia literária e a garantia acadêmica.

Pelas entradas do dicionário, observa-se que a lexia *cobb douglas* tem como variantes *cobb-douglas (função de produção)* e *função de produção cobb-douglas*. Em ambas, o termo eponímico *cobb-douglas* apresenta hífen, diferente da expressão *cobb douglas* proposta pelo usuário. No primeiro caso, que aparenta ser o termo preferido, pois apresenta a definição, a estrutura do termo *cobb-douglas (função de produção)* causa estranhamento ao consulente, uma vez que a expressão *função de produção* aparece entre parênteses, dando a impressão de que ela não seria parte integral do termo, mas uma variante. Na verdade, a expressão *função de produção* não deveria aparecer entre parênteses na estrutura do termo, uma vez que, como será visto a seguir, ela constitui outro termo, com sentido próprio.

Já, no segundo caso, desfaz-se essa ambiguidade: em *função de produção cobb-douglas*, o termo descritivo antecede ao eponímico, formando um sintagma com um sentido completo, que leva o consulente a constatar que *cobb douglas* seria um “tipo de” função de produção, não uma variação do termo, como leva falsamente a crer a primeira entrada. Essa entrada, contrariando a escolha do dicionarista, poderia ocupar satisfatoriamente o lugar de termo preferido. Como se verá mais adiante nas colocações, os usuários e especialistas não costumam usar parênteses na formação de termos, sendo *cobb-douglas (função de produção)* uma construção bastante precária, pois este não seria o termo mais usual nos contextos de uso.

No entanto, é preciso verificar também se para a lexia *função de produção* existe uma definição própria. Caso exista, *cobb douglas / função de produção* não serão variantes. Veja-se:

FUNÇÃO DE PRODUÇÃO. É a relação entre a produção de um bem e os insumos ou fatores de produção necessários para produzi-lo. Uma função de produção pode ser apresentada na forma genérica $Q = f(L, K, t)$, em que Q é o produto, L é a força de trabalho, K é o capital e t é o progresso técnico. Outros fatores de produção, como as matérias-primas, podem fazer parte também da função de produção. Embora tenha sido elaborada originalmente no âmbito da teoria da firma, é possível estender o conceito para uma economia em que o produto nacional resultaria do emprego dos fatores de produção existentes. Nesse caso a função de produção é uma função de produção agregada e teria a mesma forma anterior, sendo, no entanto, o Q equivalente ao Produto Nacional Bruto, e K e L o total de capital e de força de trabalho empregados, respectivamente. Veja também **Cobb-Douglas (Função de Produção)**. (SANDRONI, 2016, p. 661, grifo do autor).

Como se pode perceber, o dicionário apresenta também entrada para *função de produção*. Apesar de as definições não deixarem clara para um leigo a diferença entre os termos, conclui-se que, por terem entradas diferentes, *cobb douglas / função de produção* representam conceitos diferentes.

No entanto, para sanar dúvidas quanto à definição, foi preciso ir mais além. Nesse caso, os livros-texto de Microeconomia se mostraram grandes aliados. Segundo a literatura microeconômica, a princípio, a função Cobb-Douglas foi aplicada para se estudar o comportamento da produção, sendo **um dos tipos mais comuns de função de produção** utilizados pelos economistas (GOOLSBEE; LEVITT; SYVERSON, 2018; VARIAN, 2015, grifo nosso). Todavia, os livros revelaram uma nova possibilidade para a lexia *cobb douglas* proposta pelo usuário. Conforme as ocorrências nos livros, o termo eponímico *cobb-douglas* não se refere apenas à *função de produção*, mas se refere também a outros termos, que o incorporam em sua estrutura, conforme o Quadro 30.

Quadro 30 – Colocações do termo eponímico *cobb-douglas* nos livros-texto de Microeconomia

Referência	Terminologia
Goolsbee, Levitt e Syverson (2018)	<i>função Cobb-Douglas</i> <i>função utilidade convencional de Cobb-Douglas</i> <i>função utilidade de Cobb-Douglas</i> <i>função produção de Cobb-Douglas</i> <i>fórmula funcional de Cobb-Douglas</i> <i>equação padrão de Cobb-Douglas</i> <i>funções de Cobb-Douglas</i>
Varian (2015)	<i>preferências cobb-douglas</i> <i>função de utilidade Cobb-Douglas</i> <i>função de utilidade de Cobb-Douglas</i> <i>curvas de indiferença Cobb-Douglas</i> <i>função Cobb-Douglas</i> <i>forma Cobb-Douglas</i> <i>forma funcional Cobb-Douglas</i> <i>consumidor Cobb-Douglas</i>

continua...

conclusão...

Referência	Terminologia
Varian (2015)	<i>funções de demanda Cobb-Douglas</i> <i>demanda Cobb-Douglas</i> <i>função de produção de Cobb-Douglas</i> <i>isoquantas de Cobb-Douglas</i> <i>função oferta da empresa Cobb-Douglas</i> <i>tecnologia de Cobb-Douglas</i>
Pindyck e Rubinfeld (2013)	<i>função utilidade de Cobb-Douglas</i> <i>Função de utilidade Cobb-Douglas</i> <i>função de produção de Cobb-Douglas</i> <i>funções de produção de Cobb-Douglas</i>

Fonte: Elaboração própria.

Com os resultados apresentados no Quadro 30, não se pode afirmar que todo *cobb-douglas* está relacionado à *função de produção*, pois ele pode se referir também à *função utilidade de Cobb-Douglas*, à *forma funcional Cobb-Douglas*, a *preferências Cobb-Douglas*, a *isoquantas de Cobb-Douglas*, à *tecnologia de Cobb-Douglas* etc. Esses resultados fizeram com que se repensasse a proposta do usuário registrada nos logs de pesquisa, ou seja, o que realmente o usuário gostaria de recuperar quando utilizou a expressão *cobb douglas* em sua estratégia de busca?

Para responder essa questão, é preciso compreender a diferença entre os termos *função produção de Cobb-Douglas* e *função utilidade de Cobb-Douglas*. Goolsbee, Levitt e Syverson (2018, p. 535) definem *função produção de Cobb-Douglas* como “O tipo de função produção na qual capital e mão de obra são individualmente elevados a uma determinada potência e, depois disso, multiplicados entre si (como em $Q = K_{0,5}L_{0,5}$ apresentada anteriormente)”. Segundo o professor Sabino da Silva Pôrto Junior, especialista consultado, “A forma funcional da Cobb-Douglas implica retornos decrescentes para cada variável e retornos constantes de escala para o conjunto das variáveis. Isso pode ocorrer para função utilidade com utilidade marginal decrescente para cada bem consumido.” Por essas definições, entende-se, grosso modo, que *função produção de Cobb-Douglas* e *função utilidade de Cobb-Douglas* são representações que se diferenciam por seus objetivos e pelas variações da forma funcional Cobb-Douglas, a qual sofre adaptações de suas variáveis conforme os objetivos de análise econômica.

Entre as infinitudes de possibilidades relacionadas no Quadro 30, cabe ao analista retornar ao histórico de busca do usuário, a fim de verificar se ele utilizou outros termos em sua estratégia que podem delimitar o conceito pretendido. Nesse contexto, verificou-se que as lexias relacionadas a *cobb douglas* pelo usuário foram *economia da produção*, *elasticidade de produção* e *CES* (sigla em inglês para *elasticidade de substituição constante*), ou seja, todas

pertencentes à teoria da produção, o que conecta imediatamente a lexia *cobb douglas* ao termo *função de produção cobb-douglas* e descarta a sua conexão com *função de utilidade Cobb-Douglas*, termo pertencente à teoria do consumidor. Assim, delimitou-se a análise da lexia neste estudo à sua relação com a função de produção.

Quanto às variantes para *função de produção cobb-douglas*, termo preferido, nos artigos da revista foi encontrada apenas *função de produção do tipo Cobb-Douglas*. Vejam-se as colocações de ambas:

No modelo de Solow (1956, 1957) existem quatro variáveis que compõem a **função de produção Cobb-Douglas**: o trabalho (L), o capital (K), a tecnologia (A) e o produto (Y). (RAE1606, grifo nosso).

O produto é definido por uma **função de produção do tipo Cobb-Douglas**, homogênea de grau 1. (RAE1905, grifo nosso).

Já nos livros-texto de Microeconomia, apesar de eles não serem fonte de coleta de termos para análise, evidenciaram-se algumas variações para o termo *função de produção cobb-douglas*, tais como *função produção de Cobb-Douglas*, *função de produção de Cobb-Douglas* e *funções de produção de Cobb-Douglas*. Vejam-se:

A **função produção de Cobb-Douglas** apresenta retornos constantes de escala. Por conseguinte, a curva de custo médio de longo prazo é horizontal, enquanto a curva do custo total de longo prazo é uma linha reta com inclinação ascendente. (GOOLSBEE; LEVITT; SYVERSON, 2018, p. 1817, grifo nosso).

Vejam agora qual é a aparência do comportamento maximizador do lucro quando se utiliza a **função de produção de Cobb-Douglas**. (VARIAN, 2015, p. 530, grifo nosso).

As produções das empresas pequenas, assim como das empresas grandes, podem ser descritas por **funções de produção de Cobb-Douglas**. (PINDYCK; RUBINFELD, 2013, p. 267, grifo nosso).

Note-se que o que diferencia um termo do outro é a ausência/presença da preposição *de*, como em *função produção de Cobb-Douglas* / *função de produção de Cobb-Douglas*, e a alteração de número, como em *função de produção de Cobb-Douglas* e *funções de produção de Cobb-Douglas*. Também é possível perceber a questão da padronização de uso do termo pelos autores: Goolsbee, Levitt e Syverson (2018) optaram pelo apagamento da primeira preposição *de*, e Varian (2015) e Pindyck e Rubinfeld (2013), pela manutenção desta.

Em síntese, as lexias *cobb douglas / função de produção* não podem ser consideradas variantes, porque: a) *cobb douglas* representa a redução do termo *função de produção cobb-douglas*, que é um “tipo de” função de produção. Nas palavras do especialista consultado, “*função cobb-douglas é um tipo de função de produção. O termo geral é função de produção.*” O usuário ao reduzir o termo, fez com que ele perdesse o sentido que teria no sintagma, dando-lhe um sentido incerto, devido às inúmeras possibilidades discursivas; b) ambos os termos – *função de produção cobb-douglas* e *função de produção* – possuem entradas distintas no dicionário especializado, apresentando duas definições diferentes.

7.2.3 Lexia *poupança*

Grupo C – Lexias candidatas a variantes encontradas comparando-se o *corpus* de estudo com o *corpus* de referência:

poupança / caderneta de poupança

poupança / conta de poupança

De acordo com os *logs*, o usuário utilizou a expressão *poupança* em sua estratégia de busca. Por não haver candidatas a variantes na mesma sessão de busca, nem em sessões de busca diferentes, aplicou-se a regra do Grupo C de lexias, em que se buscaram colocações de *poupança* no *corpus* formado pelos artigos da revista, de onde foi possível estabelecer os pares de lexias *poupança / caderneta de poupança* e *poupança / conta de poupança*. A intenção aqui é saber se *caderneta de poupança* e *conta de poupança* podem ser variantes de *poupança* ou vice-versa.

O primeiro passo é verificar a garantia literária; se há definições para esses termos no dicionário especializado, no dicionário do léxico geral e nos livros-texto de Microeconomia. Veja-se:

POUPANÇA. Em economia, parte da renda nacional ou individual que não é utilizada em despesas, sendo guardada e aplicada depois de deduzidos os impostos. [...]. Veja também **Consumo**; **Investimento**. (SANDRONI, 2016, p. 1271, grifo do autor).

¹**poupança** *s.f.* 1 ato ou efeito de poupar 2 despesa moderada; economia. 3 *infrm.* característica do que não gosta de gastar e prefere amearhar; sovínice 4 ECON fração da renda nacional ou individual que não é aplicada em serviços e bens de consumo. ETIM *poupar + ança*. PAR. *popança*(*s.f.*) ²**poupança** *s.f.* ECON red. de caderneta de

poupança. SIN/VAR ver sinonímia de peculio. (HOUAISS, 2009, p. 1534, grifo do autor).

CADERNETA DE POUPANÇA. Contas sobre cujos depósitos são creditados mensalmente (lei de agosto de 1983) juros e correção monetária, uma vez observada a condição de que saques e depósitos sejam feitos em épocas predeterminadas. [...]. Veja também **BNH; Desilusão Monetária; Plano Collor; Plano Real; Plano Verão.** (SANDRONI, 2016, p. 191, grifo do autor).

caderneta de poupança ECON tipo de depósito bancário em que a quantia não movimentada por determinado período de tempo rende juros e recebe correção monetária. ETIM caderno + eta \ê\ (HOUAISS, 2009, p. 357, grifo do autor).

Sumariamente, observa-se que *poupança*, na área de Economia, apresenta duas definições:

- a) “[...] parte da renda nacional ou individual que não é utilizada em despesas, sendo guardada e aplicada depois de deduzidos os impostos.” (SANDRONI, 2016, p. 1271); “fração da renda nacional ou individual que não é aplicada em serviços e bens de consumo” (HOUAISS, 2009, p. 1534); e
- b) redução do termo *caderneta de poupança* (HOUAISS, 2009, p. 1534).

A definição “b” para *poupança*, oriunda do *Dicionário Houaiss*, dicionário do léxico geral, apresenta dois problemas: primeiro, não há um texto que a defina e, para “decifrá-la”, o consulente precisa verificar a definição de *caderneta de poupança*, a fim de confirmar se realmente *poupança* pode ser considerada uma redução desse termo; segundo, tendo *poupança* a sua própria definição no *Houaiss*, para a Terminologia, ela seria outro termo, outro conceito, não podendo assim ser considerada uma redução de *caderneta de poupança*, ainda mais estando etiquetada na mesma área de conhecimento, que é a Economia.

A redução proposta pelo *Dicionário Houaiss* é plenamente aceitável em contextos informais, em que o intercâmbio entre *poupança* e *caderneta de poupança* assume o mesmo sentido; no entanto, em contextos especializados, esses termos assumem sentidos específicos, objetivando cada um a sua univocidade, respeitando o contexto comunicativo da Economia área de conhecimento em que ele está inserido.

Pindyck e Rubinfeld (2013) definem *caderneta de poupança* como um ativo isento de risco, que paga juros (geralmente mensais) que são reinvestidos na própria conta. Dos três livros-texto de Microeconomia consultados, esses autores foram os únicos que usaram o termo em seu texto:

Às vezes, é necessário decidir o grau de risco que estamos dispostos a assumir. Por exemplo, o que você deveria fazer com suas economias? Será que deveria investir seu dinheiro em algo seguro, como uma **caderneta de poupança**, ou em algo mais

arriscado, porém com maior potencial de rendimentos, como o mercado de ações? (PINDYCK; RUBINFELD, 2013, p. 151).

Também nos artigos da *Revista Análise Econômica* foram encontradas três ocorrências para o termo *caderneta de poupança*:

[...] o financiamento imobiliário depende essencialmente de recursos direcionados da **caderneta de poupança** e do FGTS, cujos montantes, em grande parte, são provenientes de bancos públicos (a Caixa Econômica Federal detém aproximadamente 70% desse mercado); [...]. (RAE1616, grifo nosso).

Nas obras consultadas, não se encontrou definição para o termo *conta de poupança*, porém se encontraram ocorrências para ele. Dos três livros-texto consultados, Goolsbee, Levitt e Syverson (2018) foram os únicos que usaram esse termo em seu texto:

Suponha que, quando você tinha um ano de idade, sua avó tenha lhe dado uma pequena moeda de prata de um dólar. Seus pais colocaram essa moeda de prata de um dólar em uma **conta de poupança** com taxa de juros garantida de 9%, e logo depois esqueceram isso. (GOOLSBEE; LEVITT; SYVERSON, 2018, p. 1393, grifo nosso).

Também no universo de artigos da *Revista Análise Econômica* foram encontradas duas ocorrências para *conta de poupança* e uma para *contas de poupança*:

Uma evolução semelhante ocorreu com o número de clientes com **conta de poupança**, que registrou alta de 41,1% na mesma base de comparação, alcançando 82,1 milhões no final de 2007 (58,2 milhões em 2002). (RAE1506, grifo nosso).

Passou-se, também, a destacar outras modalidades de serviços financeiros para esse público, como microsseguros, cartões de pagamento e de crédito, além de **contas de poupança** e de depósito simplificadas. (RAE1610, grifo nosso).

Após essa reflexão para se entender os conceitos das lexias *caderneta de poupança* e *conta de poupança*, pelos contextos apresentados, entende-se que elas são variantes entre si, sofrendo alteração de base *caderneta / conta*, não alterando o sentido original do sintagma caso sejam intercambiadas no mesmo contexto de uso.

Retornando a análise do conceito *poupança*, o segundo passo agora é verificar a garantia do usuário. Nesse caso, os *logs* de pesquisa podem auxiliar o analista/indexador a conhecer qual o sentido de *poupança* que o usuário está buscando. De acordo com os *logs*, o usuário utilizou a expressão *poupança* em sua estratégia de busca, imediatamente após a expressão *investimento* (cf. ficha terminológica no Apêndice N). Segundo Goolsbee, Levitt e Syverson (2018), pela definição econômica,

[investimento] implica a aquisição de algum tipo de capital, na esperança de um retorno futuro. Todavia, [...], poupança e investimento [...] são, de fato, interligados. Essa ligação resulta do funcionamento dos mercados de capitais. Essencialmente, os poupadores proporcionam fundos que os investidores utilizam para comprar capital. Os investidores compensam os poupadores pagando de volta uma parcela dos retornos do investimento. (GOOLSBEE; LEVITT; SYVERSON, 2018, p. 1393).

Relacionando-se essas duas lexias, tudo leva a crer que o usuário estaria pensando *poupança* como um “tipo de” investimento. Nesse caso, acredita-se que o usuário, assim como o *Dicionário Houaiss*, não faz distinção entre o termo reduzido *poupança* e os sintagmas *caderneta de poupança / conta de poupança*. O que é compreensível, pois a tendência do usuário de um sistema de informação é reduzir o termo de busca. No entanto, observou-se que nos três livros-texto de Microeconomia consultados, nenhum dos autores utiliza o termo *poupança* com o sentido de *caderneta de poupança*, mas sim com o sentido de parte de uma renda que não é utilizada. O mesmo ocorre com os artigos da revista:

Mais especificamente, a contribuição de Keynes pode ser entendida a partir do debate sobre a relação **poupança** /investimento e a problemática do financiamento. (RAE1508, grifo nosso).

Portanto, o timing dos impostos tem impactos sobre as decisões de consumo e **poupança** das famílias. (RAE1520, grifo nosso).

À medida que o investimento é realizado, a atividade industrial é estimulada e geram-se rendas que serão divididas entre consumo e **poupança**. (RAE1701, grifo nosso).

O terceiro passo da análise corresponde à garantia acadêmica ou consulta a especialistas. Nas palavras do professor Ivan Salomão, especialista consultado, “*Caderneta* ou *conta de poupança* não são exatamente a mesma coisa que *poupança*. As duas primeiras podem ser lidas como um tipo de investimento, ao passo que o termo *poupança*, desacompanhado, significa todo e qualquer tipo de não gasto, ou seja, todos os recursos que não são empenhados em despesas ou consumos.”

A opinião do especialista só vem a corroborar as informações levantadas nos *corpora* de estudo e de referência. Em suma, nos contextos de uso da área de Economia, *poupança* não pode ser considerada uma redução dos termos *caderneta de poupança* e *conta de poupança*, uma vez que representa um conceito diferente desses dois termos, tendo sua própria definição.

7.2.4 Lexia *externalidades*

Grupo C – Lexias candidatas a variantes encontradas comparando-se o *corpus* de estudo com o *corpus* de referência:

externalidades / externalidade

externalidades / spillovers

externalidades / economias externas

externalidades / efeitos externos

externalidades / efeitos de transbordamento

A expressão *externalidades* foi utilizada pelo usuário em sua estratégia de busca nos logs de pesquisa. Por não haver candidatas a variantes na mesma sessão de busca, nem em sessões de busca diferentes, aplicou-se a regra do Grupo C de lexias, em que se buscaram colocações de *externalidades* no *corpus* formado pelos artigos da revista, de onde foi possível estabelecer os pares de lexias *externalidades / externalidade*, *externalidades / economias externas*, *externalidades / spillovers*, *externalidades / efeitos externos* e *externalidades / efeitos de transbordamento*. A intenção aqui é saber se *economias externas*, *spillovers*, *efeitos externos* e *efeitos de transbordamento*, que não apresentam parentesco formal com *externalidades*, podem ser variantes desse termo.

Para começar a análise, verifica-se a garantia literária; se há definições para essas lexias no dicionário especializado, no dicionário do léxico geral e nos livros-texto de Microeconomia. Veja-se:

EXTERNALIDADES. Veja **Economias Externas**. (SANDRONI, 2016, p. 600, grifo do autor).

ECONOMIAS EXTERNAS (Externalidades). Benefícios obtidos por empresas que se formam (ou já existentes) em decorrência da implantação de um serviço público (por exemplo, energia elétrica) ou de uma indústria, proporcionando à primeira vantagens antes inexistentes. Por exemplo, a construção de uma rodovia pode permitir aos produtores agrícolas próximos custos de transporte mais baixos e acesso mais rápido aos mercados consumidores. A existência de economias externas permite em geral uma redução de custos para as empresas e significa uma importante alavanca do desenvolvimento econômico. Muitas empresas, antes de tomar a decisão de se instalar em determinados locais, avaliam seu potencial presente e futuro de economias externas. O contrário acontece quando a instalação de certas atividades traz aumentos de custos para as empresas ou afugenta clientes ou, ainda, desestimula a demanda de certos produtos. Nesse caso, ocorrem as “deseconomias externas”, como, por exemplo, quando indústrias contaminam com chumbo as pastagens e águas

adjacentes: o leite produzido na região pode ter sua demanda em queda não apenas por constatar-se que o produto contém aquele metal, como pelo simples fato de que os consumidores, sabendo da origem do leite, se recusam a comprá-lo, por precaução. Veja também **Coase, Ronald; Teorema de Coase**. (SANDRONI, 2016, p. 509, grifo do autor).

O conceito *externalidades* é apresentado no *Dicionário de Economia do século XXI* (2016) com duas entradas: “economias externas (externalidades)” e “externalidades”. A primeira entrada contém a definição do termo, e a segunda, apesar de ser a que mais ocorre em textos especializados, é apresentada como remissiva, remetendo o consulente à primeira entrada.

Repete-se em “economias externas (externalidades)” o que ocorreu com “cobb-douglas (função de produção)”: uma expressão é colocada entre parênteses, o que causa confusão ao consulente, pois dá a entender que o termo de entrada se trata de um termo único, uma vez que essa expressão entre parênteses participa da estrutura da entrada no dicionário. Entende-se que, nesse caso, o dicionarista pretendia demonstrar que *externalidades* é uma variante de *economias externas*, porém, o mais apropriado seria remeter o consulente para o termo *externalidades*, como fez com o próprio, que remete a *economias externas* por meio da expressão “Veja”. Ademais, contrariando a escolha do dicionarista, *externalidades* poderia ocupar satisfatoriamente o lugar de termo preferido, “carregando” a definição, uma vez que é o termo mais usual nos contextos de uso.

Importante destacar que *externalidade*, apesar de se tratar de um termo simples (monoléxico), não foi encontrado no *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (2009), uma vez que se trata de um termo decalcado do inglês *externality*. Araújo (2006) analisa a estrutura sintática do termo *externalidades* na terminologia da Economia e menciona o seguinte:

Muitos termos econômicos vernáculos são decalcados de termos originalmente ingleses. Todavia, a observação da terminologia econômica faz com que se constatem termos decalcados bem formados e alguns em que se percebe a estrutura da língua de origem. [...]. Analisando-se estruturalmente o termo *externalidade*, verifica-se que não é formado com o uso de uma base em português, e sim a partir do adjetivo inglês *external*, corresponde [correspondente] ao adjetivo *externo* do português. (ARAÚJO, 2006, p. 116, grifo do autor).

Quanto ao sentido do termo, Goolsbee, Levitt e Syverson (2018, p. 1587, grifo nosso) definem *externalidades* como “**Custo ou benefício** que afeta um ente externo não diretamente envolvido em uma transação econômica.” As *externalidades* se dividem em negativas e positivas.

Segundo os autores, “Externalidades negativas, tais como poluição, impõem custos sobre mais pessoas além daquelas diretamente envolvidas na transação econômica. Externalidades positivas conferem benefícios sobre terceiros. Fatores como educação e vacinação mais disseminada proporcionam benefícios a pessoas além daquelas diretamente envolvidas.” (GOOLSBEE; LEVITT; SYVERSON, 2018, p. 1777). Em suma, externalidades negativas se referem a uma quantidade excessiva de uma coisa ruim; e externalidades positivas se refere a uma quantidade insuficiente de uma coisa boa (GOOLSBEE; LEVITT; SYVERSON, 2018).

Na definição do *Dicionário de Economia do século XXI* (2016), pelo contexto, entende-se que Sandroni (2016) utiliza o termo *economias externas* para se referir às *externalidades positivas*, uma vez que o define apenas como **benefícios** (algo positivo), e não como **custos** (algo negativo), e *deseconomias externas* para se referir às *externalidades negativas*, uma vez que a define como algo contrário, ou seja, que traz aumento de custos. Menciona o autor:

[...] ocorrem as “deseconomias externas”, [...] por exemplo, quando indústrias contaminam com chumbo as pastagens e águas adjacentes: o leite produzido na região pode ter sua demanda em queda não apenas por constatar-se que o produto contém aquele metal, como pelo simples fato de que os consumidores, sabendo da origem do leite, se recusam a comprá-lo, por precaução. (SANDRONI, 2016, p. 509).

Percebe-se, pela citação, que *deseconomias externas* estão para *externalidades negativas*, assim como *economias externas* estão para *externalidades positivas*. Há então uma incongruência na definição do termo *economias externas*, pois ele tem sentido apenas de *externalidades positivas*. Assim, não poderia ter o sentido de *externalidades*, como dá a entender a sua remissiva, uma vez que *externalidades* e *externalidades positivas* têm sentidos diferentes. Conclui-se, então, que, apesar de o dicionário especializado informar que *economias externas* é uma variante de *externalidades*, pela própria definição do termo, essa informação não se confirma.

Na *Revista Análise Econômica*, em um universo de 131 artigos, encontraram-se 153 ocorrências para o termo *externalidades*, 32 para o termo *externalidade*, 15 para o termo *spillovers*, 7 para o termo *efeito de transbordamento*, 6 para o termo *economias externas* e 4 para o termo *efeitos externos*. Vejam-se os exemplos:

A partir das **externalidades** geradas pelo conhecimento, os países adaptarão suas tecnologias de modo a alavancarem a produção de inovação de forma eficiente, o que possivelmente trará mudanças tecnológicas mais frequentes que sejam capazes de acompanhar a evolução da eficiência. (RAE1814, grifo nosso).

A contribuição deste trabalho para a literatura evolucionária da firma reside na construção de um modelo que incorpora duas fontes diferentes de incentivo à inovação para a firma: a) por incentivos internos à firma, descrito pelo modelo patent race, que mede a relação existente entre o lucro da firma e os dispêndios em inovação; e b) por incentivos externos à firma, avaliada pela **externalidade** gerada pela existência de firmas na vizinhança que inovam. (RAE1915, grifo nosso).

Através das estimativas utilizando a matriz de pesos espaciais, os resultados mostraram que existem **externalidades (spillovers)** positivas do IED entre os estados brasileiros. (RAE1612, grifo nosso).

Os autores classificaram as exportações por intensidade tecnológica em uma amostra com 45 países no período de 1981 a 1997, identificando que os países em desenvolvimento foram beneficiados por uma maior abertura comercial, principalmente através de uma melhor alocação dos recursos, resultado direto dessa exposição ao comércio internacional. Contudo, não foram encontrados **spillovers** e outras externalidades positivas para o setor doméstico da economia. (RAE1805, grifo nosso).

Parte da literatura sobre crescimento econômico sugere a existência de efeitos favoráveis exercidos pelo setor industrial e sua participação relativa no PIB sobre a taxa de crescimento econômico, sendo que tais efeitos estão associados a elementos que envolvem maior incorporação dos avanços tecnológicos e inovações, ganhos de produtividade, maior remuneração dos fatores de produção e **efeitos de transbordamento**. [1] Dentro desse contexto, a estrutura produtiva, e, portanto, a participação relativa do setor industrial, é considerada como um fator importante para se entender as distintas trajetórias de crescimento. (RAE1609, grifo nosso).

O capital, ao se aproveitar das distintas vantagens absolutas de custos, gera tanto a possibilidade de desenvolvimento das forças produtivas nos locais atrasados, quanto a instalação de uma maior variedade de ramos produtivos. Dessa forma, acaba por aliviar a balança comercial desses países, aumentar a demanda por trabalho e criar **economias externas** que podem fomentar ainda mais os fluxos de capitais e os investimentos nesses locais. (RAE1715, grifo nosso).

Afirma-se que, quanto maior o tamanho das aglomerações urbanas, maiores são as possibilidades de **economias externas positivas**. (RAE1820, grifo nosso).

O autor argumenta que o investimento em Capital Humano gera pelo menos dois resultados. Em primeiro lugar, aumenta a produtividade do próprio trabalhador e, em segundo lugar, o resultado mais importante: todos os trabalhadores se beneficiam por trabalhar com colegas mais educados porque estes serão capazes de incrementar a produtividade da empresa e indiretamente das demais empresas da região. Portanto, diferenças de escolaridade média entre municípios podem resultar em diferenças de rendimentos do trabalho na forma de knowledge spillovers (RAUCH, 1991; LUCAS, 1988); todavia, esses **efeitos externos** são mais relevantes em alguns setores do que em outros. (RAE1724, grifo nosso).

Pode-se dizer que o menor ritmo de crescimento do valor das importações indiretas de químicos em R\$ é reflexo do aumento da parcela importada na demanda total por estes insumos, o que elevou o impacto da valorização do câmbio na segunda metade da década no cômputo do crescimento nominal medido na moeda brasileira. O segundo aspecto diz respeito ao fato de que no ano de 2009 a economia brasileira foi afetada de forma mais significativa pela crise financeira internacional eclodida nos Estados Unidos em 2008, quando houve retração anual real de 0,3% no PIB brasileiro

(CARVALHO, 2008; FERRARI FILHO; PAULA, 2008). Além disso, houve queda generalizada nos preços internacionais e redução dos volumes importados. Dessa forma, caso não tivesse havido tais **efeitos externos negativos** neste ano em particular, as taxas nominais de crescimento seriam certamente maiores. (RAE1817, grifo nosso).

Pelos excertos, é possível perceber que, para o par de lexias *externalidades / externalidade*, em que se identifica variação denominativa de número, não se evidenciaram diferenças semânticas entre as colocações, ou seja, caso elas fossem intercambiadas, contribuiriam da mesma maneira para a manutenção do sentido.

Quanto aos pares de lexias *externalidades / spillovers* e *externalidades / efeitos de transbordamento*, pelos contextos, é possível perceber que *spillovers* e *efeitos de transbordamento* se referem apenas a efeitos favoráveis, ou seja, a *externalidades positivas*.

Depois de consultada a garantia literária, buscou-se a opinião dos especialistas da área. Segundo o professor Sabino da Silva Pôrto Junior, especialista consultado, a ideia de *spillovers* e de *efeitos de transbordamento* está muito ligada aos modelos da Nova Geografia Econômica, de Krugman (1991),³ e aos modelos de Crescimento Endógeno, de Romer (1990).⁴ “Nessa literatura, *efeito de transbordamento* tem o sentido de *externalidades positivas*, e não se pode afirmar se há um uso de *spillovers* diferente em outra literatura”, menciona o especialista. Entende-se, assim, que os termos *spillovers* e *efeitos de transbordamento* só seriam empregados em determinadas representações econômicas por esses dois autores. A sugestão do especialista para o uso dos termos é não extrapolar, e referir-se apenas a externalidades positivas e negativas.

Com base nessas evidências, para os pares de lexias *externalidades / spillovers* e *externalidades / efeitos de transbordamento*, a variação não se confirma, uma vez que *spillovers* e *efeitos de transbordamento* parecem se referirem apenas a *externalidades positivas*, conforme mostram os contextos extraídos da revista e também a opinião do especialista. Não foram encontradas definições para *spillovers*, *efeitos de transbordamento* e *efeitos externos* nem no dicionário especializado, nem nos livros-texto de Microeconomia consultados. Com isso, é possível inferir que: 1) esses termos sejam pouco frequentes na literatura econômica, como no caso de *spillovers* e *efeitos de transbordamento*, que, conforme o especialista consultado, são empregados por autores específicos; 2) na obra terminográfica, existe uma lacuna quanto à

³ KRUGMAN, P. Increasing Returns and Economic Geography. *Journal of Political Economy*, v. 99, n. 3, p. 483-499, June 1991.

⁴ ROMER, P. Endogenous technological change. *Journal of Political Economy*, v 98, n. 5, p. 71-102, 1990.

referência a esses termos, uma vez que eles não aparecem nem como remissiva ao termo preferido, nem como termo relacionado a outros termos.

Com relação ao par de lexias *externalidades* / *efeitos externos*, percebe-se, pelos contextos, que eles se equivalem, pois se referem a efeitos externos causados por terceiros, que podem ser positivos ou negativos. Dessa análise, conclui-se que esse par de lexias apresenta variação denominativa do tipo termo decalcado / termo vernáculo, sem parentesco formal.

Baseado na análise das garantias utilizadas nesta pesquisa, a conclusão que se chega para o termo *externalidades*, é a de que ele é um termo simples, com sentido de “efeitos externos causados por terceiros”, que, quando acompanhado do adjetivo *positivas* / *negativas*, se converte em um sintagma com sentido específico. Então, “esses *efeitos externos* causados por terceiros” podem ser convertidos a “*efeitos externos positivos* causados por terceiros” e “*efeitos externos negativos* causados por terceiros.”. Em suma, pela análise do termo *externalidades* e suas garantias, chegaram-se aos termos listados no Quadro 31.

Quadro 31 – Variações do termo externalidades, externalidades positivas e externalidades negativas

Termo preferido	Variante
externalidades	externalidade efeitos externos
externalidades positivas	economias externas economias externas positivas <i>spillovers</i> efeitos de transbordamento
externalidades negativas	deseconomias externas efeitos externos negativos economias externas negativas

Fonte: Elaboração própria.

Devido a essa quantidade de variações do termo simples e seus sintagmas, a sugestão do especialista foi a de não extrapolar a terminologia e referir-se apenas a externalidades positivas e negativas. No entanto, as variações são impossíveis de serem contidas, uma vez que fazem parte da linguagem natural dos especialistas, que, por diversas causas, contribuem para essa diversidade de termos.

7.3 CLASSIFICAÇÃO FINAL DA VARIAÇÃO DENOMINATIVA DOS TERMOS DE MICROECONOMIA ANALISADOS

Findado o processo de garantias das lexias candidatas a variantes de termos da Microeconomia, em que foi possível evidenciar a ocorrência e o tipo de variação denominativa, pode-se agora apresentar uma classificação de variantes para os doze termos analisados. O Quadro 32 apresenta essa classificação.

Quadro 32 – Classificação final da variação denominativa dos termos de Microeconomia analisados

I VARIAÇÕES GRÁFICAS	
1. Termo e forma artificial	
a) Termo e símbolo	<i>Não ocorre</i>
b) Termo e fórmula química	<i>Não ocorre</i>
c) Termo e outra forma artificial	<i>Não ocorre</i>
2. Termo e abreviação	
a) Termo e sigla	<i>Não ocorre</i>
b) Termo e abreviatura	<i>Não ocorre</i>
3. Mudança ortográfica	
a) Presença e ausência de acentuação ou de til	<i>equilíbrio geral / equilibrio geral microeconômico / microeconomico</i>
b) Presença e ausência de hífen	<i>Não ocorre</i>
c) Erros de grafia, como troca, acréscimo e supressão de letras	<i>Não ocorre</i>
d) Presença e ausência de espaço entre as palavras	<i>Não ocorre</i>
e) Termo vernáculo e termo estrangeiro	<i>Não ocorre</i>
f) Termo decalcado [decalque] e termo vernáculo	<i>externalidades [externality] / efeitos externos externalidades [externality] positivas / economias externas externalidades [externality] positivas / economias externas positivas externalidades [externality] positivas / efeitos de transbordamento externalidades [externality] negativas / deseconomias externas externalidades [externality] negativas / efeitos externos negativos externalidades [externality] negativas / economias externas negativas</i>
g) Termo decalcado [decalque] e termo estrangeiro	<i>externalidades [externality] positivas / spillovers</i>
II VARIAÇÕES MORFOSSINTÁTICAS	
1. Mesma estrutura	
a) Ausência e presença de artigo	<i>Não ocorre.</i>
b) Alteração de número	<i>custos / custo custos de produção / custo de produção custo de transação / custo de transações custos no longo prazo / custo no longo prazo custo no longo prazo / custo longo prazo custo ao longo prazo / custo longo prazo externalidades / externalidade função de produção / funções de produção função de produção de Cobb-Douglas / funções de produção de Cobb-Douglas renda / rendas</i>

continua...

conclusão...

1. Mesma estrutura	
c) Alteração e ausência de preposição	<i>custo de transação / custo transação</i> <i>custo de transações / custo transação</i> <i>custo no longo prazo / custo ao longo prazo</i> <i>função de produção cobb-douglas / função produção de Cobb-Douglas</i> <i>função de produção cobb-douglas / função de produção de Cobb-Douglas</i> <i>função produção de Cobb-Douglas / função de produção de Cobb-Douglas</i>
d) Alteração de gênero	<i>Não ocorre</i>
2. Estrutura diferente	
e) [N+A] / [N +SP] [nome + adj.] / [nome + sintagma prepos.]	<i>Não ocorre</i>
f) Monolítico / polilítico	<i>Não ocorre</i>
g) Outras alterações de estrutura	<i>Não ocorre</i>
III REDUÇÕES	
1. Reduções da extensão	<i>microeconomia / micro</i>
2. Reduções da base	<i>Não ocorre</i>
3. Outras reduções	<i>Não ocorre</i>
IV VARIAÇÕES LEXICAIS	
1. Unidades monolíticas	<i>demanda / procura</i> <i>microeconomia / microeconômico</i>
2. Unidades polilíticas	
a) Alterações da base	<i>caderneta de poupança / conta de poupança</i>
b) Alterações da extensão	<i>função de produção cobb-douglas / função de produção do tipo cobb-douglas</i>
V DIFERENTES VARIAÇÕES COMPLEXAS	
1. Com parentesco formal	
a) Monolítico / polilítico	<i>Não ocorre</i>
b) Polilítico / polilítico	<i>Não ocorre</i>
c) Termo eponímico e termo descritivo	<i>Não ocorre</i>
2. Sem parentesco formal	
a) Monolítico / polilítico	<i>Não ocorre</i>
b) Polilítico / polilítico	<i>Não ocorre</i>
c) Termo eponímico e termo descritivo	<i>Não ocorre</i>

Fonte: Adaptado de Freixa (2002) e Araújo (2006).

Esses termos deram origem à lista de palavras-chave, com suas variantes, que será apresentada na seção a seguir.

7.4 LISTA DE PALAVRAS-CHAVE

Conforme proposta inicial, apresenta-se uma lista de palavra-chave, resultado da análise das doze lexias do subdomínio D – Microeconomia:

custo de transação
custos
custos de produção
custos no longo prazo
demanda
equilíbrio geral
externalidades
função de produção
função de produção cobb-douglas
microeconomia
poupança
renda

Esse protótipo de linguagem documentária poderá ser convertido para uma versão eletrônica, com *hiperlinks*, em que o usuário da revista possa navegar por ela, clicando, por exemplo, no termo desejado e obtendo informações sobre esse termo, como definição e suas variantes denominativas, bem como uma lista de artigos que tratam sobre o assunto desejado. Ou clicando no subdomínio e obtendo uma lista de termos ou de artigos pertencentes aquele subdomínio. Obviamente não é intenção desta pesquisa fazer isso na prática, mas levantam-se aqui essas possibilidades como sugestão de um projeto futuro. O Quadro 33 apresenta um resumo da variação encontrada para os doze termos de Microeconomia analisados.

Quadro 33 – Resumo da variação encontrada nos termos de Microeconomia analisados

JEL	Termo preferido	Variantes	Termos relacionados
D23	custo de transação	custos de transação custo de transações custo transação	ronald coase economias externas teorema de coase
D23	custos	custo	custos de produção custos de transação custos no longo prazo gráfico de custos análise dos custos custo ambiental custo UEP impacto dos custos
D24	custos de produção	custo de produção	economia da produção elasticidade da produção função de produção produção industrial
D23	custos no longo prazo	custo no longo prazo custo ao longo prazo custo longo prazo	custos custo custo variável
D11	demanda	procura	soberania do consumidor; consumo elasticidade da demanda mercado necessidade oferta
D58	equilíbrio geral	equilíbrio geral	modelo de equilíbrio geral equilíbrio geral computável ponto de equilíbrio leon walras
D62	externalidades	externalidade efeitos externos	externalidades positivas / economias externas / economias externas positivas / <i>spilloves</i> / efeitos de transbordamento externalidades negativas / deseconomias externas / efeitos externos negativos / economias externas negativas
D24	função de produção	funções de produção $Q = f(L, K, t)$	função de produção cobb-douglas
D24	função de produção cobb-douglas	função de produção do tipo cobb-douglas função produção de cobb-douglas função de produção de cobb-douglas funções de produção de cobb-douglas $q = AK^\alpha L^\beta$	função de produção função homogênea função cobb-douglas fórmula funcional de cobb-douglas equação padrão de cobb-douglas forma funcional cobb-douglas isoquantas de cobb-douglas
D00	microeconomia	micro microeconômico microeconomico	macroeconomia
D11	poupança	-	caderneta de poupança conta de poupança investimento
D31	renda	rendas	distribuição da renda desigualdade de renda imposto de renda quase renda renda da terra

Fonte: Elaboração própria.

No Quadro 33, a primeira coluna apresenta a Classificação JEL para o termo preferido e a segunda coluna apresenta o termo preferido. A prioridade para que o termo ocupe a posição de termo preferido é a preferência do usuário, na condição de que esse termo esteja na forma normativa. Por exemplo, no caso das lexias *custo no longo prazo / custo longo prazo*, ambas propostas pelo usuário, será alçada ao *status* de termo preferido a lexia *custo no longo prazo*, por representar a forma normativa do termo. A forma *custo longo prazo* será classificada como variante do termo preferido, uma vez que representa a sua forma não normativa. Caso o usuário tenha proposto apenas formas não normativas para o termo, será alçada ao *status* de termo preferido a forma proposta pelo especialista.

A terceira coluna apresenta as variantes encontradas para o termo preferido e confirmadas por meio das garantias, como foi explicado na seção anterior, em que foram analisadas as lexias *custo no longo prazo*, *cobb douglas*, *poupança* e *externalidades*. Essas lexias foram as que se destacaram quanto ao tipo de variação apresentada. As análises dos demais termos preferidos, e como se chegou a suas respectivas variantes, ficaram restritas às fichas terminológicas (Apêndice N) por não apresentarem casos diferenciados dos quatro casos dissertados na seção anterior.

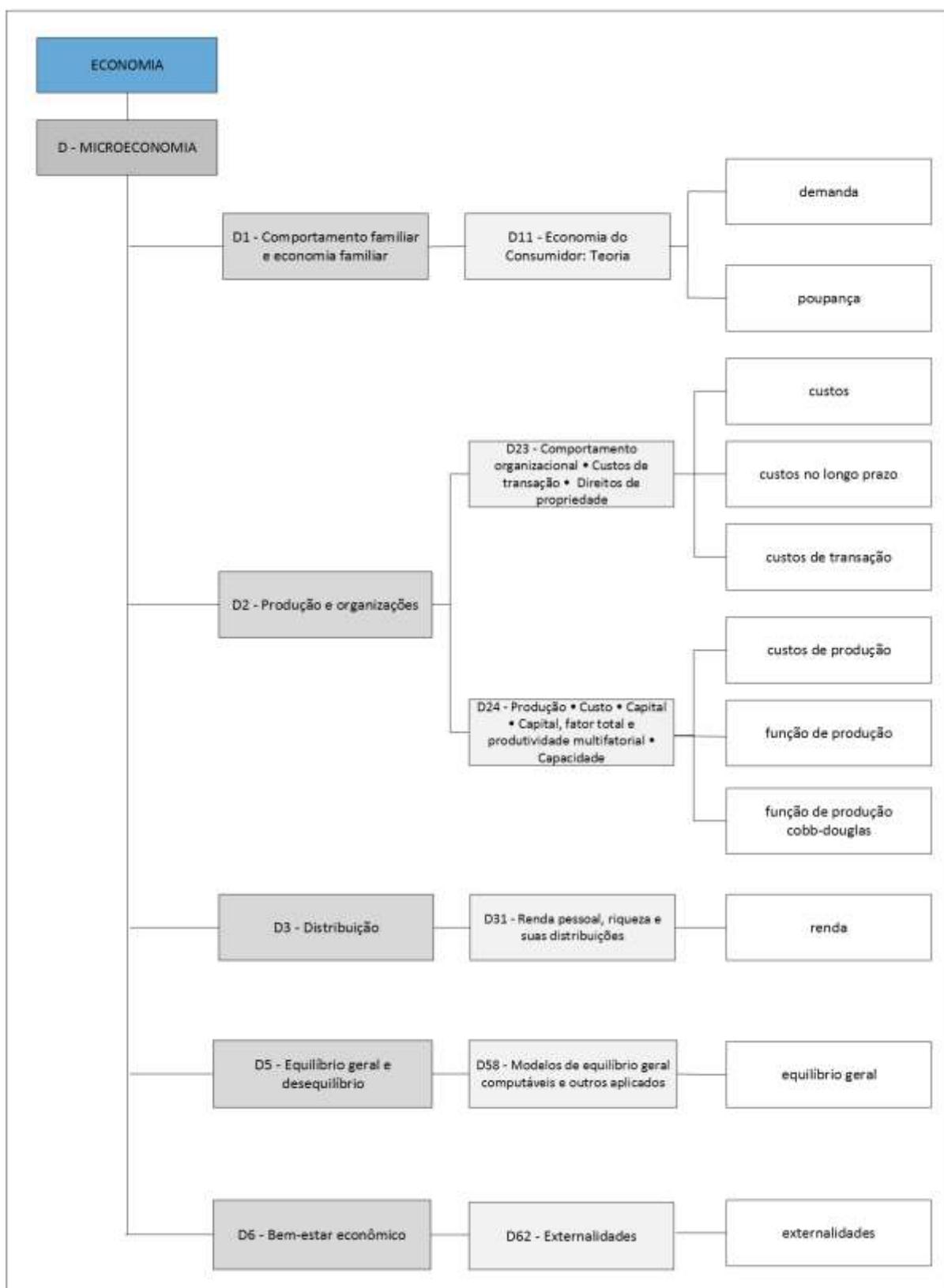
A quarta coluna apresenta os termos relacionados com o termo preferido. Esses termos foram coletados ao longo da pesquisa, tendo como fonte os *corpora* de estudo e de referência, os dicionários e os livros-texto de Microeconomia.

7.5 ÁRVORE DE DOMÍNIO

Os termos preferidos da lista de palavras-chave foram reunidos também em uma árvore de domínio, representação gráfica da hierarquia de parte dos termos do universo da *Revista Análise Econômica* dentro do Sistema de Classificação JEL.

Por meio da árvore de domínio é possível visualizar as relações lógicas entre os subdomínios da Economia, de acordo com a JEL, e os termos preferidos classificados em cada um deles, conforme Figura 11.

Figura 11 – Árvore de domínio de Microeconomia, subdomínio da área de Economia de acordo com a Classificação JEL



Fonte: Elaboração própria.

Na Figura 11, o quadro azul apresenta o domínio, que é a Economia; os quadros cinza em *dégradé* apresentam respectivamente o subdomínio (D), as categorias primárias (D1, D2, D3, D5 e D6) e secundárias (D11, D14, D23, D24, D31, D58 e D62) de acordo com a JEL; e os quadros brancos apresentam os termos preferidos, selecionados conforme a linguagem do usuário e dos especialistas. A linha continua relaciona esses termos com suas respectivas categorias e vice-versa.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No momento atual, em que os sistemas de recuperação da informação fazem a intermediação entre o usuário e a informação, o profissional que organiza a informação é imprescindível para que essa intermediação funcione bem. Cabe a esse profissional investir no aprimoramento de metodologias e de linguagens documentárias que possibilitem a recuperação da informação por parte do usuário, sendo essa a melhor forma de auxiliá-los em suas estratégias de busca da informação.

Na *Revista Análise Econômica*, os indexadores dos artigos são os próprios autores, uma vez que os termos preenchidos como palavras-chave nos metadados do sistema são propostos por eles conforme o Sistema de Classificação JEL. Nesse contexto, observou-se que a linguagem dos especialistas, representada pelas palavras-chave, e a linguagem do usuário, representada pelas expressões de busca, se mostraram, muitas vezes, incompatíveis, impossibilitando a recuperação de documentos pertinentes ao usuário. Nesse contexto, analisar as expressões de busca dos usuários da revista foi bastante instigante, uma vez que, elaborando-se uma metodologia que reconhecesse termos e suas variantes seria possível encontrar formas de minimizar a incompatibilidade existente entre as linguagens do usuário e do especialista, essa última predominante nos metadados do sistema de busca. Para tanto, utilizaram-se, como “matéria-prima”, os *logs* de pesquisa dos usuários da revista, a fim de se extrair deles as *lexias* e realizar o reconhecimento de termos e de variantes denominativas.

Como resposta ao problema de pesquisa, destaca-se que as expressões de busca presentes nos *logs* dos usuários da revista se mostraram uma importante fonte de *lexias* e de variantes denominativas. O objetivo principal da pesquisa foi alcançado, uma vez que, por meio da metodologia proposta, foi possível reconhecer termos e variantes denominativas de forma organizada e sistemática, estabelecendo-se uma forma de se trabalhar com *logs* no contexto da Organização do Conhecimento. Por meio dela, foi possível elucidar conceitos e refletir sobre o processo de indexação, que envolve a variação e que requer uma análise diferenciada para cada termo devido às suas especificidades.

Ficou evidente também que os *logs* podem servir como garantia do usuário, em justificativas para o emprego de determinado termo em detrimento de outro, uma vez que o contexto informacional que está implícito na consulta, ou seja, as relações semânticas entre as *lexias* em uma mesma sessão de busca, pode vir a determinar o assunto pretendido na recuperação, como foi o caso do conjunto de *lexias cobb douglas, economia da produção, elasticidade de produção* e *CES* (sigla em inglês para *elasticidade de substituição constante*),

grupo de termos empregados em teoria da produção, que determinaram a relação entre *cobb douglas* e *função de produção*, em detrimento à relação *cobb douglas* e *função de utilidade*.

Com relação à terminologia analisada, a aplicação da classificação formal de variantes denominativas de Freixa (2002) e da tipologia de Araújo (2006) auxiliou muito no processo de reconhecimento dos termos, pois possibilitou a analista organizar as lexias por categorias, realizar uma pré-análise e conjecturar possibilidades de variações que poderiam existir entre elas até uma confirmação final, que se deu por meio da aplicação das garantias.

Embora a proposta de classificação de Freixa (2002) tenha se mostrado bastante completa, oferecendo um grande número de tipologias, em que foi possível classificar a grande maioria das lexias mapeadas, foi inevitável a sua junção com categorias propostas por Araújo (2006), bem como a criação de uma categoria extra para dar conta do domínio de Economia. Tal necessidade também aconteceu com Laipelt (2015b) no domínio do Direito do Trabalho e do Direito Previdenciário, o que evidencia a dificuldade de se elaborar uma classificação que seja universal, uma vez que cada domínio apresenta alguma especificidade em função da natureza do próprio domínio.

Quanto às garantias, a aplicação conjunta da Linguística de *Corpus* com a Garantia Literária se mostrou uma metodologia eficiente para extração e análise dos termos. Por meio do gerenciador de *corpus Sketch Engine* foi possível verificar a ocorrência e as colocações das palavras-chave em seus contextos. Para a análise, ainda que o dicionário especializado tenha se mostrado falho em relação a algumas entradas e suas definições, não apresentando, em seu repertório, termos considerados importantes para a área, ele serviu como estímulo à reflexão sobre o que não fazer ao se apresentar determinado termo. De certa forma, os livros-texto ocuparam parte do papel do dicionário no sentido de esclarecer os conceitos mapeados.

Também a consulta ao especialista foi decisiva para a confirmação dos conceitos, principalmente em se tratando de termos com estruturas diferentes ou com variações complexas sem parentesco formal, como no caso das variantes *cobb douglas* / *função de produção*, ou de termos simples, como *poupança*, que, na linguagem não especializada adquire outro sentido: o de redução do termo *caderneta de poupança* ou *conta de poupança*. No caso dessas reduções poliléxicas / monoléxicas, é importante chamar a atenção para a perda de sentido do termo reduzido, uma vez que esse termo monoléxico se torna mais genérico, perdendo o sentido especializado, gerando, assim, ambiguidades durante a recuperação da informação. Em suma, quanto mais genérico for o termo, menos especializado ele se torna.

Além disso, fica nítida, nesse processo de análise de *logs*, a importância da aplicação da garantia do usuário, uma vez que foi possível garantir variantes denominativas por alterações

gráficas e alterações morfossintáticas dentro da própria linguagem do usuário, como *taxa de cambio / taxa de câmbio* (ausência de acentuação), *unflação / inflação* (erros de grafia) e *custo longo prazo / custo no longo prazo* (ausência de preposição), entre outras.

Quanto aos objetivos específicos propostos, acredita-se que todos eles foram alcançados. Ao final da pesquisa, chegou-se a uma árvore de domínio e a uma lista de palavras-chave, a qual reuniu termos extraídos das lexias presentes nos *logs* de busca dos usuários e dos artigos da revista. Destaca-se que essa lista representa também o *modus dicendi* próprio dos usuários da revista. Entende-se que esse “modo de dizer” deva ser levado em consideração quando da elaboração de uma linguagem documentária para a revista, a fim de que ela seja representativa também da linguagem do usuário, e não apenas da linguagem do especialista.

Em uma perspectiva global, fica evidente a interdisciplinaridade desta pesquisa, a qual demonstrou a capacidade de integração entre teorias e métodos da Terminologia, como a TCT e a Linguística de *Corpus*, e teorias e métodos da Organização do Conhecimento, como as Garantias, e de suas aplicações na parte empírica da pesquisa. Ao longo da pesquisa, foi possível constatar que ambas as teorias podem se complementar como métodos de análise e quando se trata de questões relacionadas a justificativas para validação de uso dos termos e de conceitos, seja em glossários e dicionários, seja em sistemas de organização do conhecimento. Nesse contexto, pôde-se evidenciar, de fato, uma intersecção entre as áreas.

Como sugestões para estudos futuros, as unidades terminológicas da Economia classificadas como *commodities* poderiam ser mais bem exploradas, pois elas fazem parte de um rol de termos, que, na linguagem não especializada, adquirem outro sentido, como, por exemplo, *café, arroz, carne, petróleo, gasolina*, entre outros, muitos deles não repertoriados no dicionário especializado. Também um mapeamento dos termos neológicos parece ser um estudo frutífero, uma vez que, como todas as áreas de especialidade, a área de Economia está em constante inovação léxica devido às inovações tecnológicas da sociedade. Termos como *spillovers, efeitos de transbordamento, economia colaborativa, assimetria de informação, demanda marshalliana e fintech* etc. surgem como novos termos econômicos, que não foram repertoriados na última edição da principal obra terminográfica da área, que foi utilizada na pesquisa.

Para finalizar, sugere-se também um estudo de falsas variantes, que seriam as que designam conceitos diferentes daqueles intuitivamente relacionados. Nesta pesquisa foram analisadas mais profundamente apenas 12 lexias das pertencentes aos 384 pares coletados e, surpreendentemente, muitas delas não se enquadraram como variantes como se imaginava quando foram reunidas em pares. É possível dar continuidade a este estudo, analisando-se os

demais pares de lexias candidatas a variantes classificadas nos Grupos A, B e C, a fim se se verificar se entre eles ocorre ou não variação. Acredita-se que todos esses estudos possam contribuir para organização do conhecimento econômico em obras de referência, como linguagens documentárias, dicionários especializados e glossários.

REFERÊNCIAS

- ADELSTEIN, A.; CABRÉ, M. T. Representación lexicográfica y terminográfica de las unidades terminológicas. In: SIMPÓSIO IBERO-AMERICANO DE TERMINOLOGIA RITERM, 7., 2003, Lisboa. *Actas...* Lisboa: ILTEC, Unió Latina, Fundação Calouste Gulbenkian, 2003. p. 103-116.
- AIRES, R. V.; ALUÍSIO, S. M. Como incrementar a qualidade dos resultados das máquinas de busca: da análise de logs à interação em português. *Ciência da Informação*, Brasília, DF, v. 32, n. 1, p. 5-16, jan./abr. 2003.
- AMERICAN ECONOMIC ASSOCIATION. *JEL Classification System/EconLit Subject Descriptors*. Fev. 01, 2020. Disponível em: <<https://www.aeaweb.org/econlit/jelCodes.php?view=jel>>. Acesso em: 07 jan. 2021.
- ARAÚJO, M. *A elaboração de um dicionário de Economia: aspectos da sinonímia nos discursos especializados*. 2006. 136 f. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- ARAÚJO, V. M. A. P. Sistemas de recuperação da informação: uma discussão a partir de parâmetros enunciativos. *TransInformação*, Campinas, v. 24, n. 2, p. 137-143, maio/ago. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tinf/v24n2/a06v24n2.pdf>>. Acesso em: 28 fev. 2021.
- ASSIRATI, E. T. Neologismos por empréstimo da Informática. *Alfa*, São Paulo, v. 42, n.esp. p. 121-145, 1998. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/4047/3711>>. Acesso em: 07 mar. 2021.
- BAKER, M. Is there a reproducibility crisis? *Nature*, v. 533, p. 452-454, 26 May 2016. Disponível em: <https://www.nature.com/news/polopoly_fs/1.19970!/menu/main/topColumns/topLeftColumn/pdf/533452a.pdf>. Acesso em: 29 set. 2020.
- BARITÉ ROQUETA, M. Garantía académica. In: _____. *La garantía literaria como herramienta de revisión de sistemas de organización del conocimiento: modelo y aplicación*. 2011. 382 f. Tesis (Doctorado en Información Científica) – Departamento de Biblioteconomía e Documentación, Facultad de Documentación y Comunicación, Universidad de Granada, Granada, 2011.
- BARITÉ, M. *et al.* Garantia literária: elementos para uma revisão crítica após um século. *TransInformação*, Campinas, v. 22, n. 2, p. 123-138, maio/ago. 2010.
- BARITÉ, M. *et al.* Hacia un tesoro de Organización del Conocimiento. In: JORNADAS DE INVESTIGACIÓN DE LA FACULTAD DE INFORMACIÓN Y COMUNICACIÓN, 2017, Montevideo. *Anales...* Montevideo: Facultad de Información y Comunicación, 2017. Disponível em: <<http://ji.fic.edu.uy/wp-content/uploads/2018/06/GT8-Barite-Chiacchio-Ferrer-PetroccelliRauch-y-Bevilacqua.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2019.
- BARITÉ, M. Garantía literaria y normas para construcción de vocabularios controlados: aspectos epistemológicos y metodológicos. *Scire*, v. 15, n. 2, p. 13-24, jul.-dic. 2009.

_____. La garantía literaria: vigencia y proyección teórico-metodológica. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2007, Salvador. *Anais...* Salvador: Ancib, 2007.

_____. Literary warrant. In: HJØRLAND, B.; GNOLI, C. (Ed.). ISKO Encyclopedia of Knowledge Organization. 2018. Disponível em: <http://www.isko.org/cyclo/literary_warrant>. Acesso em: 21 abr. 2020.

_____. Towards a general conception of warrants: first notes. *Knowledge. Organization*, v. 46, n. 8, 647-655, 2019.

BARROS, L. A. *Curso básico de terminologia*. São Paulo: Edusp, 2004.

BASE DE DADOS REFERENCIAL DE ARTIGOS DE PERIÓDICOS EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - BRAPCI. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br>>. Acesso em: 14 mar. 2021.

BASILIO, M. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

BEGHTOL, C. Semantic validity: concepts of warrant in bibliographic classification systems. *Library Resources & Technical Services*, v. 30, n. 2, p. 109-125, Apr.-June 1986. Disponível em:

<<https://utexas.instructure.com/courses/1160641/files/38750130/download?verifier=F7wJRuw5ku8BSNKMefyvIbtPERFBVykHRiVWkDVv&wrap=1>>. Acesso em: 01 out. 2020.

BORBA, D. S.; VAN DER LAAN, R. H.; CHINI, B. R. Palavras-chave: convergências e diferenciações entre a linguagem natural e a terminologia. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 17, n. 2, p. 26-36, abr./jun. 2012.

BRASCHER, M.; CAFÉ, L. Organização da informação ou organização do conhecimento? In: ENANCIB, 9., 2008, São Paulo. *Anais...* São Paulo: ANCIB, 2008.

CABRÉ, M. T. Consecuencias metodológicas de la propuesta teórica (I). In: CABRÉ, M. T.; FELIU, J. (Ed.). *La terminología científico-técnica: reconocimiento, análisis y extracción de información formal y semántica*. Barcelona: IULA, UPF: 2001a. p. 27-36.

_____. De la diversidad a la variación en la Teoría Comunicativa de la Terminología (TCT). In: GONZÁLEZ GONZÁLEZ, M.; SÁNCHEZ-PALOMINO, M. D.; VEIGA MATEOS, I. (Org.). *Terminología: a necessidade da colaboración*. Madrid: Iberoamericana, 2018. p. 17-38.

_____. La Teoría Comunicativa de la Terminología, una aproximación lingüística a los términos. *Revue Française de Linguistique Appliquée*, v. 14, p. 9-15, 2009. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-francaise-de-linguistique-appliquee-2009-2-page-9.htm>>. Acesso em: 05 set. 2020.

_____. Sumario de principios que configuran la nueva propuesta teórica. In: CABRÉ, M. T.; FELIU, J. (Ed.). *La terminología científico-técnica: reconocimiento, análisis y extracción de información formal y semántica*. Barcelona: IULA, UPF: 2001b. p. 19-25.

CHAUMIER, J. Indexação: conceito, etapas e instrumentos. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 21, n. 1/2, p. 63-79, jan./jun. 1988.

COSERIU, E. *Lições de lingüística geral*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

ESTOPÀ, R. Elementos lingüísticos de las unidades terminológicas para su extracción automática. In: CABRÉ, M. T.; FELIU, J. (Org.). *La terminología científico-técnica: reconocimiento, análisis y extracción de la información formal y semántica*. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 2001. p. 67-79.

FAULSTICH, E. A socioterminologia na comunicação científica e técnica. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 58, n. 2, p. 27-31, June 2006. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252006000200012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 mar. 2020.

FERREIRA; A. C.; MACULAN, B. C. M. S. Metodologias para revisão e atualização de tesouros: mapeamento da literatura. *Informação & Informação*, Londrina, v. 25, n. 1, p. 229–253, jan./mar. 2020. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/36259>>. Acesso em: 14 mar. 2021.

FIOCRUZ. A questão da reprodutibilidade. In: *Panorama Histórico da Ciência Aberta: Aula 5 - Uma ciência aberta, várias expectativas*. Disponível em: <<https://mooc.campusvirtual.fiocruz.br/rea/ciencia-aberta/serie1/curso2/aula5.html>>. Acesso em: 29 set. 2020.

FREIXA, J. La variación denominativa en terminología: tipos y causas. In: ISQUERDO, A. N.; CORNO, G. O. M. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS, 2014. p. 311-329.

_____. *La variació terminològica: anàlisi de la variació denominativa en textos de diferent grau d'especialització de l'àrea de medi ambient*. Tese (Doutorado) - Universidade de Barcelona, 2002.

_____. Otra vez sobre las causas de la variación denominativa. *Debate Terminológico*, n. 9, p. 38-46, feb. 2013.

FUJITA, M. S. L. A representação documentária de artigos científicos em educação especial: orientação aos autores para determinação de palavras chaves. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 10, n. 3, p. 257-272, set./dez. 2004.

FUJITA, M. S. L.; REDIGOLO, F. M. O uso de linguagens documentárias por indexadores em contexto de bibliotecas universitárias: uma abordagem sociocognitiva com protocolo verbal. *Ibersid*, Zaragoza, v.3, p.125-132, 2009. Disponível em: <<http://www.ibersid.eu/ojs/index.php/ibersid/article/view/3732/3493>>. Acesso em: 01 mar. 2021.

FURNIVAL, A. C. M.; ABE, V. Comportamento de busca na internet: um estudo exploratório em salas comunitárias. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Florianópolis, v. 13, n. 25, p. 156-173, jan. 2008. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2008v13n25p156/887>>. Acesso em: 28 fev. 2021.

GOOLSBEE, A.; LEVITT, S.; SYVERSON, C. *Microeconomia*. 2. ed. Trad. Teresa Cristina Padilha de Souza. São Paulo: Atlas, 2018.

GOUADEC, D. *Terminologie: constitution des données*. Paris: Afnor, 1990.

GUIMARÃES, J. A. C.; SALES, R. Análise documental: concepções do universo acadêmico brasileiro em Ciência da Informação. *DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação*, v. 11, n. 1, não paginado, fev. 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/7045>>. Acesso em: 04 jul. 2021.

HJORLAND, B. Domain analysis in Information Science: eleven approaches traditional as well as innovative. *Journal of Documentation*, v. 58, n. 4, p. 422-462, 2002.

HOUAISS, A. (Org.). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JANSEN; B. J.; POOCH, U. A review of web searching studies and a framework for future research. *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, v. 52, n. 3, p. 235-246, 2001. Disponível em: <<https://faculty.ist.psu.edu/jjansen/academic/pubs/wus.pdf>>. Acesso em: 24 maio 2020.

KINGHOST. *Localizar IP (GeoiP)*. Disponível em: <<https://king.host/wiki/geoip>>. Acesso em: 12 jan. 2021.

KRIEGER, M. G. O léxico do português do Brasil em dicionários. In LOBO, T., CARNEIRO, Z. et al. (Org.). *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias* [online]. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 391-400. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/67y3k/pdf/lobo-9788523212308-28.pdf>>. Acesso em: 06 dez. 2020.

KRIEGER, M. G.; FINATTO, M. J. B. *Introdução à terminologia: teoria & prática*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

KRUGMAN, P. Increasing Returns and Economic Geography. *Journal of Political Economy*, v. 99, n. 3, p. 483-499, June 1991.

LAIPELT, R. C. F. A análise de logs como estratégia para a realização da garantia do usuário. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 150-170, set./dez. 2015a. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/59806/36047>>. Acesso em: 27 maio 2020.

_____. *Metodologia para seleção de termos equivalentes e descritores de tesouros: um estudo no âmbito do Direito do Trabalho e do Direito Previdenciário*. 2015. 213 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2015b.

LOPES, I. L. Estratégia de busca na recuperação da informação: revisão da literatura. *Ciência da Informação*, Brasília, DF, v. 31, n. 2, p. 60-71, maio/ago. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652002000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 28 fev. 2021.

LYONS, J. *Linguagem e linguística: uma introdução*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987.

NATIONAL INFORMATION STANDARDS ORGANIZATION. *Guidelines for the construction, format and management of monolingual controlled vocabularies: an American*

National Standards developed by the National Information Standards Organization. Bethesda: NISO Press, 2005.

NOBEL da Economia para Abhijit Banerjee, Esther Duflo e Michael Kremer. In: *Economia ao Minuto*, 14 out. 2019. Disponível em:

<<https://www.noticiasao minuto.com/economia/1338801/nobel-da-economia-para-abhijit-banerjee-esther-duflo-e-michael-kremer>>. Acesso em: 23 fev. 2020.

NOBEL de Economia premia dois americanos por 'melhorar teoria dos leilões'. In: *Uol*, 12 out. 2020. Disponível em:

<<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/10/12/vencedores-premio-nobel-de-economia-2020.htm>>. Acesso em: 11 abr. 2021.

PAVEL, S.; NOLET, D. *Manual de terminologia*. Quebec: Departamento de Tradução do Governo Canadense, 2002.

PINDYCK, R. S.; RUBINFELD, D. L. *Microeconomia*. 8. ed. Trad. Daniel Vieira. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2013.

PINHO, D. B. Aspectos da evolução da Ciência Econômica: do início do século XXI às raízes do pensamento econômico. In: PINHO; VASCONCELLOS; TONETO JR. *Manual de Economia*. 6. ed. São Paulo: Saraiva, 2011. p. 26-63.

PINHO, M. *Microeconomia: teoria e prática simplificada*. 3. ed. Lisboa: Edições Sílabo, 2016.

PLATAFORMA SUCUPIRA. *Cursos avaliados e reconhecidos: Economia*. Disponível em: <<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/programa/quantitativos/quantitativoAreaConhecimento.jsf?areaAvaliacao=28>>. Acesso em: 23 fev. 2020.

_____. *Nota Qualis Periódicos*. Disponível em: <<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/#>>. Acesso em: 11 abr. 2021.

POTTIER, B. *Linguistique générale: théorie et description*. Paris, Klincksieck, 1974.

REVISTA ANÁLISE ECONÔMICA. *Pesquisa*. Porto Alegre: FCE/UFRGS, 2015-2020. Quadrimestral. Disponível em:

<<https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/search/search?simpleQuery=&searchField=query>>. Acesso em: 19 jul. 2020a.

_____. Porto Alegre: FCE/UFRGS, 1983-. Quadrimestral. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/rae>>. Acesso em: 19 jul. 2020b.

REY-DEBOVE, J. Léxico e dicionário. Trad. Clóvis Barleta de Moraes. *Alfa*, São Paulo, v. 28(supl.), p. 45-69, 1984.

ROMER, P. Endogenous technological change. *Journal of Political Economy*, v 98, n. 5, p. 71-102, 1990.

ROSSETTI, J. P. *Introdução à economia*. 21. ed. São Paulo: Atlas, 2016.

SANDRONI, P. (Org.). *Dicionário de Economia do século XXI*. 8. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2016.

_____. (Org.). *Novíssimo Dicionário de Economia*. São Paulo: Best Seller, 1999.

SARAMAGO, J. Um português de sons e pausas. *Lingua Portuguesa*, São Paulo, ano 1, n. 3, p. 16-20, dez. 2005.

SARDINHA, T. B. *Linguística de corpus*. Barueri, SP: Manole, 2004.

SCHIESSL, M.; SHINTAKU, M. Sistemas de Organização do Conhecimento. In: ALVARES, L. (Org.). *Organização da informação e do conhecimento: conceitos, subsídios interdisciplinares e aplicações*. São Paulo: B4 Editores, 2012. p. 49-118.

SILVA, M. B. Uma palavra só não basta: um estudo teórico sobre as unidades fraseológicas. *Revista de Letras*, Curitiba, v. 1/2, n. 28, p. 11-20, 2006. Disponível em: <<http://www.revistadeletras.ufc.br/rl28Art02.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2020.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. A pesquisa científica. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Org.). *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 31-42.

SKETCH ENGINE: Language corpus management and query system. Disponível em: <<https://www.sketchengine.eu>>. Acesso em: 23 jan. 2021.

SOLVIS. Cálculos de amostragem. Disponível em: <<https://www.solvis.com.br/calculos-de-amostragem>>. Acesso em: 12 mar. 2020.

SOUZA, R. R. Sistemas de recuperação de informações e mecanismos de busca na web: panorama atual e tendências. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v.11, n.2, p.161-173, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-99362006000200002&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 28 fev. 2021.

TEMMERMAN, R. Teoria sociocognitiva da terminologia. *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, n. 17, p. 31-50, out./dez. 2004.

THE NOBEL PRIZE. *The Sveriges Riksbank Prize in Economic Sciences in memory of Alfred Nobel 2018*. Disponível em: <<https://www.nobelprize.org/prizes/economic-sciences/2018/summary>>. Acesso em: 23 fev. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. *SEER Propesq*. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index>>. Acesso em 19 jul. 2020b.

VÁLLEZ, M. *et al.* Updating controlled vocabularies by analysing query logs. *Online Information Review*, v. 39, n. 7, p. 870-884, 2015.

VARIAN, H. R. *Microeconomia: uma abordagem moderna*. 9. ed. Trad. Regina Célia Simille de Macedo. Rio de Janeiro: Elsevier, 2015.

VASCONCELLOS, M. A. S.; GARCIA, M. E. *Fundamentos de Economia*. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2014.

VASCONCELOS, L. G. *Uma abordagem para mineração de logs para apoiar a construção de aplicações web adaptativas*. 120 f. Tese (Doutorado em Computação Aplicada) – Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, São José dos Campos, 2017. Disponível em: <<http://mtc-m21b.sid.inpe.br/col/sid.inpe.br/mtc-m21b/2017/07.24.15.06/doc/publicacao.pdf>>. Acesso em: 27 maio 2020.

WELKER, H. A. *Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia*. Brasília, DF: Thesaurus, 2004.

WÜSTER, E. *Introducción a la teoría general de la terminología y a la lexicografía terminológica*. Trad. Anne-Cécili Nokerman. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 1998.

APÊNDICE A – Tipologia para termos sinônimos em Economia
segundo Araújo (2006)

ASPECTOS FORMAIS DOS TERMOS SINÔNIMOS EM ECONOMIA	
a) Sinonímia entre termos totalmente diferentes	
a.1) Sinonímia entre termos simples	<i>demanda / procura</i>
a.2) Sinonímia entre termos sintagmáticos	<i>fronteira das possibilidades de produção / curva de transformação</i>
a.3) Sinonímia entre um termo simples e um termo sintagmático	<i>comportamento / tomada de decisão</i>
a.4) Sinonímia entre um termo vernáculo e um termo estrangeiro	<i>retorno realmente praticado / actual return</i> <i>tarifa dupla / two-part-tariff</i>
a.4.1) Termos decalcados (decalques)	<i>efeitos externos / externalidades (externality)</i>
a.4.2) Diferentes denominações em português devido à difícil tradução	<i>non-price competition / concorrência extra preço / concorrência não de preços / concorrência sem ser de preços</i>
a.5) Sinonímia entre um termo acronímico vernáculo e um termo acronímico estrangeiro	<i>RMe / AR*</i> <i>* RMe significa Receita Média e AR significa Average Revenue</i>
b) Sinonímia entre termos que apresentam alguma semelhança formal	
b.1) Sinonímia entre termos sintagmáticos cujos determinantes adjetivais são diferentes	<i>bem público / bens coletivos/bens indivisíveis</i>
b.2) Sinonímia entre termos sintagmáticos cujos determinantes SP são diferentes	<i>curva de contrato / curva de conflito</i> <i>barreiras à entrada de novas firmas / barreiras ao acesso de novas firmas</i>
b.3) Sinonímias entre termos sintagmáticos em que um apresenta determinante adjetival e o outro determinante em SP	<i>fatores produtivos / fatores de produção</i>
b.4) Sinonímia entre termos sintagmáticos cujos determinados são totalmente diferentes	<i>caminho de expansão / trajetória de expansão</i>
b.5) Sinonímia entre termos sintagmáticos cujos determinados são parcialmente diferentes	<i>elasticidade-preço da demanda / elasticidade da demanda</i>
b.6) Sinonímia entre termos sintagmáticos em que um apresenta determinante SP composto (base presa + s) e o outro determinantes SP sintagmático (adj + s)	<i>curvas de isocusto / curva de igual custo</i>
b.7) Sinonímia entre termos sintagmáticos em que há a inversão entre os determinantes adjetivais	<i>benefícios sociais marginais / benefício marginal social</i>
b.8) Sinonímia entre termos sintagmáticos em que há a inversão entre o determinante adjetival e o determinante SP	<i>curva de demanda quebrada / curva quebrada da demanda</i>
b.9) Sinonímia entre termos sintagmáticos em que um dos termos é expandido e especificado por um determinante SP e o outro não, ou seja, há um apagamento em um dos sintagmas	<i>barreiras à entrada de novas firmas / barreiras à entrada</i> <i>demanda de moeda por precaução / demandas por precaução</i>
b.10) Sinonímia entre termo sintagmático e termo simples (formado pelo apagamento do determinado).	<i>bens substitutos / substitutos</i>
b.11) Sinonímia entre um termo composto e um termo sintagmático	<i>elasticidadedearco / elasticidade no arco</i>
b.12) Sinonímia entre um termo derivado e um termo sintagmático	<i>bitributação / dupla tributação</i>
b.13) Sinonímia entre termos formados por prefixos diferentes	<i>lucro supernormal / lucros supranormais</i>
b.14) Sinonímia entre termos formados por sufixos diferentes	<i>exploração monopsonista / exploração monopsônica</i>

continua...

continuação...

b) Sinonímia entre termos que apresentam alguma semelhança formal	
b.15) Sinonímia entre termos sintagmáticos cujos determinantes SP são formados com preposições diferentes	<i>rendimentos de escala / rendimentos em escala</i>
b.16) sinonímia entre termos sintagmáticos cujos determinantes são formalmente idênticos, mas um constitui determinante SP e o outro determinante substantival, na função de aposto	<i>coeficiente de elasticidade-preço da demanda / coeficiente elasticidade-preço da demanda</i>
b.17) Sinonímia entre termos sintagmáticos em que um dos determinantes SP é antecedido por artigo e o outro não	<i>curva da indiferença / curva de indiferença</i>
b.18) Sinonímia entre termos sintagmáticos em que um é constituído pelo determinante no singular e o outro pelo determinante no plural	<i>fronteira de possibilidade de produção / fronteiras de possibilidades de produção</i>
b.19) Sinonímia entre termos cuja única diferença é fonético-fonológica, relativa a alguma alteração nos fonemas constituintes do termo ou ao seu acento	<i>ceteris paribus / coeteris paribus</i>
b.20) Sinonímia entre termos que apresentam mais que uma das diferenças formais acima descritas	<i>despesas de custeio / despesas com o custeio</i>
c) Sinonímia entre termo sintagmático e termo acronímico	<i>custo variável médio / CVM receita média / RMe receita marginal / RMg</i>
ASPECTOS SEMÂNTICOS DOS TERMOS SINÔNIMOS EM ECONOMIA	
a) Sinonímia entre termos com diferentes preposições	<i>curva de custo marginal de longo prazo / curva de custo marginal a longo prazo rendimentos constantes de escala / rendimentos constantes em escala capacidade de pagar / capacidade para pagar imposto de renda / imposto sobre a renda</i>
b) Sinonímia entre termos com elemento(s) definido(s) por artigo ou não definido(s)	<i>curva de demanda / curva da demanda diferenciação de produto / diferenciação do produto alocação de recursos / alocação dos recursos</i>
c) Sinonímia entre termos com elemento(s) descritivo(s) expresso(s) e termo com elemento(s) descritivo(s) elidido(s)	<i>imposto de renda progressivo / impostos progressivos equidade fiscal / equidade firmas entrantes / entrante</i>
d) Sinonímia entre termo formado com elemento(s) descritivo(s) e termo formado com elemento(s) não descritivo(s)	
d.1) Sinonímia entre termo descritivo e termo eponímico	<i>modelo de Chamberlin / solução de Chamberlin (substantivo + SP)</i>
d.1.1) Epônimos que apresentam como sinônimos sintagmas descritivos, sem o epônimo	<i>Modelo de Sweezy / modelo da curva de demanda quebrada / modelo da curva de procura quebrada / modelo de concorrência em base no preço</i>
d.2) Sinonímia entre termo sintagmático descritivo e termo formado por sigla ou acrônimo	<i>custo fixo médio / CFM custo médio / CMeL custo marginal de longo prazo / CMaL custos fixos médios / AFC (sigla em inglês) custo marginal de longo prazo / LMC (sigla em inglês) custo total de longo prazo / LTC (sigla em inglês)</i>

continua...

conclusão...

e) Sinonímia entre termo elemento(s) descritivo denotativo e termo descritivo metafórico	
e.1) no determinante	<i>curvas de possibilidades de produção / fronteira de possibilidades de produção</i>
e.2) no determinado	<i>imposto geral sobre transações / imposto em cascata curva de demanda em ângulo / curva de demanda quebrada</i>
f) Sinonímia entre termos com elementos que demonstram diferentes relações de significação	
f.1) Sinonímia entre termos com elementos que entre si apresentam relações de hiperonímia/hiponímia	<i>concorrência monopolística / concorrência imperfeita imposto seletivo tributo geral / imposto geral</i>
f.2) Sinonímia entre termos com elementos que entre si apresentam relações de antonímia	<i>curva de contrato / curva de conflito</i>
g) Sinonímia entre termos com elementos descritivos denotativos diferentes	<i>modelo de Chamberlin / solução de Chamberlin maximização da utilidade / maximização da satisfação oligopólio diferenciado-concentrado / oligopólio misto bem substituto / bem concorrente empresa pública / empresa estatal gastos públicos / gastos governamentais</i>

Fonte: Elaboração própria a partir de Araújo (2006).

APÊNDICE B – Códigos dos artigos que compõem o *corpus* de referência

ID	Referência	Palavras-chave	JEL
RAE1501	TORRES, D. A. R.; RESENDE, M. F. C. Liquidez internacional e formação bruta de capital fixo: evidências econométricas para as economias desenvolvidas e em desenvolvimento. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 33, n. 63, p. 7-34, mar. 2015. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/37166/33361 Acesso em: 20 out. 2019.	Liquidez internacional; Sistema nacional de inovações; Investimento.	O40; O43
RAE1502	MIRANDA, M. I. C.; XAVIER, C. L.; AVELLAR, A. P. M. desempenho exportador e aprimoramento tecnológico da China em comparação com Japão e Dragões Asiáticos nos anos 2000. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 33, n. 63, p. 35-61, mar. 2015. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/40421/33362 Acesso em: 20 out. 2019.	Comércio internacional; Intensidade tecnológica; Países asiáticos.	O30; F14; F50; O53; O57
RAE1503	FEISTEL, P. R.; HIDALGO, A. B.; ZUCHETTO, F. B. Determinantes do intercâmbio comercial de produtos agrícolas entre Brasil e China: o caso da soja. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 33, n. 63, p. 63-89, mar. 2015. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/42081/33363 Acesso em: 20 out. 2019.	Soja; Comércio; Brasil; China.	Q17
RAE1504	DEZORDI, L. L.; CURADO, M. Crises financeiras e o papel da política econômica: uma abordagem pós-keynesiana. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 33, n. 63, p. 91-108, mar. 2015. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/35288/33364 Acesso em: 20 out. 2019.	Fragilidade financeira; Políticas econômicas; Macroeconomia pós-keynesiana.	E44
RAE1505	BRANCO, R. S.; PAULA, L. F. O impacto da dívida pública sobre o spread bancário: uma avaliação empírica. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 33, n. 63, p. 109-138, mar. 2015. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/43632/33365 Acesso em: 20 out. 2019.	Spread bancário; Títulos públicos; Dívida pública.	G21; G28; H63
RAE1506	CAGNIN, R. F.; FREITAS, M. C. P. Tributação das transações financeiras: a experiência brasileira com o IOF e a CPMF. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 33, n. 63, p. 139-169, mar. 2015. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/35893/33366 Acesso em: 20 out. 2019.	Tributação; Transações financeiras; Fluxos financeiros; Regulação; Brasil.	E61; F41; G18
RAE1507	GOUDARD, G. C.; TERRA, F. H. B. Política macroprudencial: uma leitura keynesiana. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 33, n. 63, p. 171-190, mar. 2015. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/40732/33367 Acesso em: 20 out. 2019.	Política macroprudencial; Keynes; Política econômica.	E12; E32; E69
RAE1508	MISSIO, F. J.; JAYME JR., F. G.; OLIVEIRA, A. M. H. C. Desenvolvimento financeiro e crescimento econômico: teoria e evidência empírica para as unidades federativas do Brasil (1995-2004). <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 33, n. 63, p. 191-227, mar. 2015. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/39374/33368 Acesso em: 20 out. 2019.	Desenvolvimento financeiro; Crescimento econômico; Regressão quantílica.	O10; G20; O42; C31

continua...

continuação...

ID	Referência	Palavras-chave	JEL
RAE1509	CRUZ, I. S. <i>et al.</i> Fatores de Influência do PIB per capita dos Estados Brasileiros: uma Análise de Painel com o Uso dos Métodos PCSE e FGLS (1991-2009). <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 33, n. 63, p. 229-257, mar. 2015. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/39198/33369 Acesso em: 20 out. 2019.	Fatores de influência do PIB per capita; FGLS; PCSE.	C23; O47
RAE1510	UHR, J. G. Z.; UHR, D. A. P. crimes ambientais e agentes privados: evidências para os estados brasileiros. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 33, n. 63, p. 259-273, mar. 2015. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/22327/33370 Acesso em: 20 out. 2019.	Teoria do crime. Meio ambiente. Dados em painel	D60; K42; Q50.
RAE1511	TEIXEIRA, R. F. A. P.; BERTELLA, M. A. Distribuição espaço-temporal da produtividade média do café em Minas Gerais: 1997-2006. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 33, n. 63, p. 275-299, mar. 2015. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/25814/33371 Acesso em: 20 out. 2019.	Café; Minas Gerais; Análise Exploratória de Dados Espaciais; Econometria Espacial; β Convergência.	C31; R11
RAE1512	MONTE, E. Z. Influência da taxa de câmbio e da renda mundial nas exportações do estado do Espírito Santo. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 33, n. 63, p. 301-323, mar. 2015. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/31840/33373 Acesso em: 20 out. 2019.	Exportações; VAR/VECM; Espírito Santo.	C32; F11; F17
RAE1513	CASTRO, J. D.; PELEGRINI, M. L.; WINKLER, K. L. B. Saúde, desenvolvimento econômico e desigualdade nos municípios do Rio Grande do Sul: um estudo sobre gasto público e Idese. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 33, n. 64, p. 7-26, set. 2015. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/16626/34874 Acesso em: 20 out. 2019.	Economia da saúde; Desenvolvimento econômico; Equidade	I18; I10; O1
RAE1514	SANTANA, F. L.; NETTO JÚNIOR, J. L. S. Oferta pública educacional e o background familiar: evidências para as microrregiões brasileiras de 2000 e 2010. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 33, n. 64, p. 51-82, set. 2015. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/36912/34904 Acesso em: 20 out. 2019.	Capital humano; Oferta educacional; Mobilidade intergeracional educacional	I240; J620; C670
RAE1515	FERNANDES, C. B. S.; GUILHOTO, J. J. M. Análise de impacto de curto prazo da política fiscal: redução do IPI no período 2008-2009. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 33, n. 64, p. 83-110, set. 2015. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/43822/34905 Acesso em: 20 out. 2019.	Política fiscal; Setor automobilístico; Insumo-produto	E62; C67
RAE1516	PEREIRA, A. E. G. <i>et al.</i> A eleição de Dilma em 2010 e seus determinantes: evidências empíricas do Programa Bolsa Família. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 33, n. 64, p. 111-142, set. 2015. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/43822/34905 Acesso em: 20 out. 2019.	Eleições presidenciais; Bolsa família; Regressão beta	H53; I38; J18

continua...

continuação...

ID	Referência	Palavras-chave	JEL
RAE1517	VERNIER, L. D. S.; BAGOLIN, I. P.; JACINTO, P. A. Fatores que influenciam o desempenho escolar no estado do rio grande do sul: uma análise com regressões quantílicas. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 33, n. 64, p. 143-170, set. 2015. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomico/article/view/47054/34907 Acesso em: 20 out. 2019.	Função de produção escolar; Proficiência; Desempenho regional	I21; I28; P36
RAE1518	COSTA, R. F. R.; CASTELAR, L. I. M. O impacto das transferências constitucionais sobre os gastos dos municípios brasileiros. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 33, n. 64, p. 171-189, set. 2015. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomico/article/view/51004/34908 Acesso em: 20 out. 2019.	Transferências; Flypaper; PVAR; Quantis.	H70; H77; C33
RAE1519	PAULA, J. S.; SILVA, O. M. Fatores internos como determinantes da competitividade no comércio internacional: um enfoque gravitacional. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 33, n. 64, p. 191-214, set. 2015. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomico/article/view/39299/34909 Acesso em: 20 out. 2019.	Comércio internacional; Indicadores de competitividade; Modelo gravitacional	F13; F19; C23
RAE1520	MARQUES JÚNIOR, L. S. Equivalência ricardiana e os efeitos da política fiscal na economia brasileira. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 33, n. 64, p. 215-241, set. 2015. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomico/article/view/41890/34912 Acesso em: 20 out. 2019.	Política fiscal; Equivalência ricardiana; Modelo vetor autorregressivo	C32; E6; E62
RAE1521	SILVA, O. M.; BATISTA, J. S. Uma avaliação da similaridade e da sofisticação das exportações dos países do Cone Sul. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 33, n. 64, p. 243-264, set. 2015. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomico/article/view/42005/34913 Acesso em: 20 out. 2019.	Cone Sul; Índice de similaridade; Sofisticação das exportações	F14; F15
RAE1522	SILVA, A. C. A.; CARVALHO, P. S. A.; ARAGÓN, E. K. S. B. Quebras estruturais e estacionariedade da razão consumo-renda: novas evidências para América Latina e Estados Unidos. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 33, n. 64, p. 265-285, set. 2015. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomico/article/view/43018/34914 Acesso em: 20 out. 2019.	Razão consumo-renda; Quebras estruturais; Testes de raiz unitária	C22; C12; E21
RAE1523	ALVARENGA JÚNIOR, M.; MATTOS, F. A. M. A política econômica nos anos 1930: evidências de uma heterodoxia consciente. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 33, n. 64, p. 287-315, set. 2015. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomico/article/view/41991/34915 Acesso em: 20 out. 2019.	Ortodoxia e heterodoxia; Indústria brasileira nos anos 30; Revolução de 1930 no Brasil; Intencionalidade da política econômica; Política Creditícia.	N16; O14
RAE1524	FIRME, V. A. C.; VASCONCELOS, C. R. F. Identificação de nichos de mercado para países exportadores: uma análise multivariada para o ano de 2011. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 33, n. 64, p. 317-347, set. 2015. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomico/article/view/45127/34896 Acesso em: 20 out. 2019.	Comércio internacional; Nichos de mercado; Análise multivariada	F01; F14; R12; C38

continua...

continuação...

ID	Referência	Palavras-chave	JEL
RAE1601	CACCIAMALI, M. C.; LIMA, T. T.; TATEI, F. Crowding-Out dos trabalhadores com baixa qualificação no Brasil. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 34, n. 65, p. 7-22, mar. 2016. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/46841/36635 Acesso em: 20 out. 2019.	Efeito crowding-out; Prêmio por qualificação; Probabilidade de transição	C14; J64
RAE1602	BRAATZ, J.; MORAES, G. I. Impactos regionais assimétricos da política cambial no Brasil: uma abordagem com o método VAR. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 34, n. 65, p. 47-73, mar. 2016. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/43342/36637 Acesso em: 20 out. 2019.	Política cambial; Impactos regionais; Vetores autorregressivos	C32; E17; R11
RAE1603	SANTOS, A. A. P. Otimização de carteiras baseada em modelos de correlações condicionais. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 34, n. 65, p. 75-100, mar. 2016. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/42992/36638 Acesso em: 20 out. 2019.	Índice de Sharpe; Otimização de carteiras; Volatilidade	G11; G14; G17
RAE1604	SCHUTT, I. G.; CALDEIRA, J. F. Análise de estilo dinâmica de fundos multimercados: aplicação para o mercado brasileiro. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 34, n. 65, p. 101-129, mar. 2016. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/45779/36639 Acesso em: 20 out. 2019.	Análise de estilo dinâmica; Filtro de Kalman; Parâmetros variantes no tempo; Fundos multimercados; Persistência	C53; E43; G17
RAE1605	SILVA, G. R. S. S.; CURADO, M. L. Precificação de ativos e mercados financeiros um comparativo entre a teoria convencional das finanças, teoria pós-keynesiana e behavioral finance. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 34, n. 65, p. 131-158, mar. 2016. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/49994/36640 Acesso em: 20 out. 2019.	Mercado financeiro; Precificação de ativos; Teoria pós-keynesiana; Finanças comportamentais	B50; G01; G02; G11
RAE1606	SOUSA, L. V. C.; GUIMARÃES, S. M.; GOMES, A. P. Convergência e mudanças tecnológicas: uma análise das emissões de gases de efeito estufa. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 34, n. 65, p. 159-180, mar. 2016. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/43856/36641 Acesso em: 20 out. 2019.	Emissões de gases de efeito estufa; Eficiência; Convergência na eficiência	O3; Q54.
RAE1607	FERREIRA NETO, A. B.; CORREA, W. L. R.; PEROBELLI, F. S. Consumo de energia e crescimento econômico: uma análise do Brasil no período 1970-2009. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 34, n. 65, p. 181-204, mar. 2016. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/44622/36642 Acesso em: 20 out. 2019.	Energia; Crescimento econômico; Séries temporais; Brasil	C32; Q43
RAE1608	MOREIRA, A. G.; AREND, M. Que estratégia de desenvolvimento seguir? O debate desenvolvimentista brasileiro no século XXI. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 34, n. 65, p. 205-239, mar. 2016. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/47299/36643 Acesso em: 20 out. 2019.	Estratégias de desenvolvimento; desenvolvimentismo; planejamento econômico	B50; O11; O21

continua...

continuação...

ID	Referência	Palavras-chave	JEL
RAE1609	VIEIRA, F. V.; VERISSIMO, M. P.; AVELLAR, A. P. M. Indústria e crescimento: uma análise de painel para os estados brasileiros. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 34, n. 65, p. 241-267, mar. 2016. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/44160/36644 Acesso em: 20 out. 2019.	Indústria e crescimento; Estados brasileiros; Análise de painel	O40; L16; C23
RAE1610	CUNHA, A. M.; PRATES, D. M.; CARVALHO, C. E. O Sistema Nacional de Fomento: formato atual e propostas de reforma. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 34, n. 65, p. 269-300, mar. 2016. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/44484/36645 Acesso em: 20 out. 2019.	Bancos públicos; Sistema financeiro; Desenvolvimento; Brasil	G2; O2
RAE1611	CINQUETTI, C. A. Jean Tirole, poder de mercado e a nova organização industrial. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 34, n. 65, p. 333-344, mar. 2016. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/51484/36647 Acesso em: 20 out. 2019.	Tirole; Poder de mercado; Regulação	B3; D4; D8
RAE1612	FRAGA, G. J.; PARRÉ, J. L.; SILVA, R. R. Investimento estrangeiro direto no Brasil: efeitos diretos e espaciais sobre o crescimento econômico. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 34, n. 66, p. 35-55, set. 2016. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/45778/38620 Acesso em: 20 out. 2019.	Investimento estrangeiro direto; Spillover; Correlação especial	F21; F23; R12
RAE1613	LOPES, L. S.; TOYOSHIMA, S. H. Não linearidades na dinâmica do produto interno bruto brasileiro entre 1947 e 2012. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 34, n. 66, p. 57-82, set. 2016. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/54160/38536 Acesso em: 20 out. 2019.	Não linearidade; Produto Interno Bruto; Regimes markovianos; Teste BDS	E32; C24
RAE1614	MONTES, G. C.; NICOLAY, R. T. F. Comunicação do Banco Central, expectativas de inflação e profecia autorrealizável: evidências para o Brasil. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 34, n. 66, p. 83-118, set. 2016. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/43537/38537 Acesso em: 20 out. 2019.	Comunicação; Expectativa de inflação; Banco Central; Política monetária; Profecia autorrealizável	E31; E52; E58.
RAE1615	MÖLLER, H. D.; VITAL, T. Perspectivas brasileiras face às crises financeiras pós Plano Real. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 34, n. 66, p. 119-147, set. 2016. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/47984/38538 Acesso em: 20 out. 2019.	Crises financeiras; Economia brasileira; Econometria; Estatística	G01; E32; C10.
RAE1616	ARAUJO, A.; FERRARI FILHO, F.; BUENO, E. Existe uma bolha imobiliária no Brasil? Uma análise teórica e empírica. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 34, n. 66, p. 149-172, set. 2016. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/54872/38539 Acesso em: 20 out. 2019.	Bolha imobiliária; Teoria pós-keynesiana; Análise empírica	E30

continua...

continuação...

ID	Referência	Palavras-chave	JEL
RAE1617	LOUREIRO, P. R. A.; MOREIRA, T. B. S.; NASCIMENTO JÚNIOR, A. Discriminação racial no mercado de enfermagem no Brasil: evidências a partir de estimativa de dados em painel. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 34, n. 66, p. 173-192, set. 2016. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/51214/38610 Acesso em: 20 out. 2019.	Enfermeiros; Discriminação por raça; Decomposição de Oaxaca-Ransom; Pseudopainel	J71; J31
RAE1618	BONINI, P.; POZZOBON, F. Discriminação salarial feminina e o prêmio salarial de TI na indústria de tecnologia da Região Sul. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 34, n. 66, p. 193-223, set. 2016. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/52900/38611 Acesso em: 20 out. 2019.	Discriminação salarial feminina; Polos tecnológicos; Prêmio salarial TI	J16; J71; L86
RAE1619	NASCIMENTO, A. R.; KASSOUF, A. L. Impacto do Programa Bolsa Família sobre as decisões de trabalho das crianças: uma análise utilizando os microdados da PNAD. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 34, n. 66, p. 225-254, set. 2016. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/54855/38612 Acesso em: 20 out. 2019.	Trabalho infantil; Programa Bolsa Família; PNAD	H53; J29; C50
RAE1620	ARAÚJO, L. T.; BRITTO, J. N. P. Padrões de relacionamentos entre grupos de pesquisa e o setor produtivo do Brasil: uma análise multivariada dos tipos de relacionamento por área de conhecimento. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 34, n. 66, p. 255-284, set. 2016. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/51885/38613 Acesso em: 20 out. 2019.	Interação universidade/empresa; Sistema de ciência e tecnologia; Sistema nacional de inovação	O31; O32; O33
RAE1621	CALIARI, T.; SANTOS, U. P.; MENDES, P. S. Geração de tecnologia em universidades/institutos de pesquisa e a importância da interação com empresas: constatações através da base de dados dos grupos de pesquisa do CNPq. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 34, n. 66, p. 285-312, set. 2016. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/54149/38614 Acesso em: 20 out. 2019.	Interação universidade-empresa; Sistemas de inovação; Modelo de dados em painel; CNPq	O3; C33
RAE1622	PESAVENTO, F.; MARQUES, A. M. O mercado publicitário no Brasil e seus determinantes macroeconômicos: um estudo a partir do princípio da constância relativa. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 34, n. 66, p. 313-341, set. 2016. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/46759/38616 Acesso em: 20 out. 2019.	Fatores macroeconômicos; Despesas com propaganda; Análise de componentes principais; Economia brasileira	M21; M37; M38
RAE1623	CABRAL, J. A.; CABRAL, M. V. F.; SILVA, T. M. K. Impactos econômicos regionais e inter-regionais dos megaeventos esportivos sediados no estado do Rio de Janeiro. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 34, n. 66, p. 343-373, set. 2016. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/52812/38617 Acesso em: 20 out. 2019.	Análise regional; Insumo-produto; Impacto dos megaeventos	R11; R15
RAE1701	AIDAR, G. L.; TERRA, F. H. B. A Teoria da Firma pós-keynesiana: uma revisão dos elementos relevantes. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 35, n. 67, p. 21-45, mar. 2017. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/55545/40798 Acesso em: 03 out. 2019.	Keynes. Pós-keynesianos. Microeconomia	E12; D00; D21

continua...

continuação...

ID	Referência	Palavras-chave	JEL
RAE1702	OREIRO, J. L. C.; SANTOS, A. H. S. Acumulação de capital, metas de inflação e política fiscal em um modelo kaldoriano. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 35, n. 67, p. 47-65, mar. 2017. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/54989/40799 Acesso em: 05 out. 2019.	Investimento; Taxa de juros; Inflação; Política fiscal	E20; E22; E31
RAE1703	QUEIROZ, P. W. V.; COELHO, A. B. Alimentação fora de casa: uma investigação sobre os determinantes da decisão de consumo dos domicílios brasileiros. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 35, n. 67, p. 67-104, mar. 2017. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/57132/40800 Acesso em: 05 out. 2019.	Alimentação fora de casa; Decisão de consumo; Pesquisa de orçamentos familiares; POF	D12; C25; R22
RAE1704	VARGAS, J.; HERSCOVICI, A. A tragédia dos <i>commons</i> revisitada: uma análise crítica. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 35, n. 67, p. 105-128, mar. 2017. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/54987/40801 Acesso em: 05 out. 2019.	Commons; Propriedade privada e pública; Direito de propriedade	D71; D23; K11
RAE1705	CUNHA, D. A. <i>et al.</i> Poder de mercado na indústria de mineração de pedra britada da Região Metropolitana de São Paulo. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 35, n. 67, p. 129-146, mar. 2017. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/54068/40802 Acesso em: 05 out. 2019.	Poder de mercado; NEIO; Pedra britada; RMSP	D43; L13
RAE1706	SILVA, D. M.; PAYERAS, J. A. P. Análise da progressividade da carga tributária sobre a população da Região Sul do Brasil. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 35, n. 67, p. 147-167, mar. 2017. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/42884 Acesso em: 05 out. 2019.	Capacidade de pagamento; Carga tributária; Regressividade	H31; H22; D31
RAE1707	SILVA, F. A. <i>et al.</i> Impactos de indicadores de fronteira e de competitividade interna no comércio brasileiro de fumo. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 35, n. 67, p. 169-191, mar. 2017. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/44122/40804 Acesso em: 05 out. 2019.	Fumicultura; Facilitação de comércio; Modelo gravitacional; PPML	F13
RAE1708	YAMANE, D. F. <i>et al.</i> Avaliação da inserção do Brasil no comércio internacional por intensidade tecnológica por meio de análise de redes. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 35, n. 67, p. 193-235, mar. 2017. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/57848/40805 Acesso em: 05 out. 2019.	Redes de comércio; Exportações; Brasil	F10

continua...

continuação...

ID	Referência	Palavras-chave	JEL
RAE1709	CRUZ, A. C.; TORRES, D. A. R.; TEIXEIRA, E. C. Gastos públicos em infraestrutura e em capital humano como forma de promoção do crescimento pró-pobre nos estados brasileiros. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 35, n. 67, p. 237-267, mar. 2017. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/55856/40806 Acesso em: 05 out. 2019.	Gastos públicos; Crescimento pró-pobre; Estados brasileiros	C3; O15; O4.
RAE1710	BESARRIA, C. N. Choques nos preços dos ativos e a dinâmica das decisões de política macroeconômica: uma análise da resposta fiscal e monetária a uma bolha habitacional. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 35, n. 67, p. 269-296, mar. 2017. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/53405/40807 Acesso em: 05 out. 2019.	Bolhas racionais; Política monetária; Política fiscal; SVAR	C11; E52; E62; G12
RAE1711	SACHSIDA, A.; SCHETTINI, B. P.; GOUVÊA, R. R. Inflação, desemprego e choques cambiais: estimativas VAR para a economia brasileira. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 35, n. 67, p. 297-322, mar. 2017. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/57948/40808 Acesso em: 05 out. 2019.	Inflação; Desemprego; Choques cambiais; Curva de Phillips	E31; E24; C32
RAE1712	MORLIN, G. S.; HERRLEIN JÚNIOR, R. A superação do subdesenvolvimento e a via da democracia deliberativa. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 35, n. especial, p. 43-63, jul. 2017. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/70304/42796 Acesso em: 05 out. 2019.	Desenvolvimento; Democracia deliberativa; Subdesenvolvimento	O17; O10
RAE1713	BLACK, C. Uma avaliação da teoria da doença holandesa e da hipótese da maldição dos recursos naturais. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 35, n. especial, p. 65-82, jul. 2017. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/70302/42797 Acesso em: 05 out. 2019.	Doença holandesa; Maldição dos recursos naturais; Desenvolvimento econômico	O13; Q32; Q33
RAE1714	CASTILHO E SILVA, C. B. <i>et al.</i> Perfil socioeconômico dos beneficiários rurais do Programa Bolsa Família na Região Sul do Brasil. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 35, n. especial, p. 83-101, jul. 2017. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/70320/42798 Acesso em: 05 out. 2019.	Programa Bolsa Família; Pobreza Rural; Região Sul	I31; I38; O18.
RAE1715	RODRIGUES, L. Transferência de valor e desenvolvimento desigual: uma análise comparada. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 35, n. especial, p. 155-183, jul. 2017. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/65477/42800 Acesso em: 05 out. 2019.	Transferência de valor; Desenvolvimento desigual; Concorrência	B51; F1; F31
RAE1716	OLIVEIRA, F. S. Bases do nacionalismo econômico em Friedrich List. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 35, n. especial, p. 185-207, jul. 2017. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/57197/42801 Acesso em: 05 out. 2019.	União aduaneira; Protecionismo; Sistema americano; Economia nacional; Economia política	B10; B15; B31

continua...

continuação...

ID	Referência	Palavras-chave	JEL
RAE1717	AYRES, L. S.; FONSECA P. C. D. Liberalismo ou desenvolvimentismo associado? Uma Interpretação da política econômica do Governo Dutra (1946-1950). <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 35, n. especial, p. 209-232, jul. 2017. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomico/article/view/69270/42802 Acesso em: 05 out. 2019.	Governo Dutra; Substituição de importações; Desenvolvimentismo	N16; N46; O11; O23
RAE1718	FANELLO, M.; FEIJÓ, C.O Desenvolvimentismo no Brasil: o debate atual. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 35, n. especial, p. 233-262, jul. 2017. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomico/article/view/58564/42803 Acesso em: 05 out. 2019.	Desenvolvimentismo; Novo-desenvolvimentismo; Social-desenvolvimentismo	O11; O25; N66
RAE1719	PROCÓPIO, D. P.; TOYOSHIMA, S. H. Fatores associados à criminalidade violenta no Brasil. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 35, n. especial, p. 263-288, jul. 2017. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomico/article/view/51903/42804 Acesso em: 05 out. 2019.	Criminalidade Violenta; Mercado de Drogas; Dados em Painel	K42
RAE1720	VASCONCELOS, A. M.; RIBEIRO, F. G.; FERNANDEZ, R. N. O efeito da estrutura familiar na educação dos filhos. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 35, n. especial, p. 289-315, jul. 2017. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomico/article/view/60036/42805 Acesso em: 05 out. 2019.	Economia da Família; Educação; Estrutura familiar	F02; F14; F15; F55
RAE1721	PERES, G.; PAULA, L. F. O <i>Buffer</i> de capital contracíclico de Basileia III: uma avaliação. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 35, n. 68, p. 7-30, set. 2017. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomico/article/view/52200/45679 Acesso em: 05 out. 2019.	Sistema financeiro; Crise financeira; Regulação financeira; Buffer contracíclico	G01; G28; E44
RAE1722	ALMEIDA, F. D.; DIVINO, J. A. Determinantes do crédito bancário no Brasil: uma análise de fatores micro e macroeconômicos de 2001 a 2012. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 35, n. 68, p. 31-58, set. 2017. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomico/article/view/52337/45680 Acesso em: 05 out. 2019.	Crédito Bancário; Política Monetária; Dados em Painel	E51; E52; G21
RAE1723	PRADO, J. N. <i>et al.</i> Investimento estrangeiro direto e o setor de serviços de telecomunicações brasileiro. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 35, n. 68, p. 59-86, set. 2017. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomico/article/view/52337/45680 Acesso em: 05 out. 2019.	Inovação; Serviços de telecomunicações; Investimento direto	F23; O33
RAE1724	PEREIRA, R. M.; OLIVEIRA, C. A. Discriminação por gênero no mercado de trabalho local: um estudo para os municípios do Rio Grande do Sul. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 35, n. 68, p. 87-116, set. 2017. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomico/article/view/41462/45682 Acesso em: 05 out. 2019.	Decomposição de Oaxaca-Blinder; Discriminação; Municípios	J24; J71; R23
RAE1725	MARTINS, J. J.; CUNHA, M. S. Emprego e desigualdade de rendimentos no Brasil: uma análise a partir da estrutura de ocupações. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 35, n. 68, p. 117-148, set. 2017. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomico/article/view/52117/45683 Acesso em: 05 out. 2019.	Desigualdade de rendimentos; Diferenciais compensatórios; Mercado de trabalho	E51; E52; G21

continua...

continuação...

ID	Referência	Palavras-chave	JEL
RAE1726	SULIANO, D. C.; JESUS FILHO, J. Um estudo empírico utilizando o índice de oportunidade humana para o Brasil. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 35, n. 68, p. 149-171, set. 2017. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/44300/45684 Acesso em: 05 out. 2019.	Índice de Oportunidade Humana; Desigualdade de Oportunidades; Circunstâncias	D04; D31; D71
RAE1727	VIDIGAL, C. B. R.; KASSOUF, A. L.; VIDIGAL, V. G. Índice de bem-estar econômico: uma proposta para os estados brasileiros. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 35, n. 68, p. 199-229, set. 2017. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/43547/45686 Acesso em: 06 out. 2019.	Bem-estar econômico; Estados brasileiros; Indicador sintético	I31
RAE1728	RIBEIRO, H. M. D.; BASTOS, S. Q. A.; OLIVEIRA, A. M. H. C. Arranjos institucionais e desenvolvimento: uma análise multivariada e espacial para municípios de Minas Gerais. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 35, n. 68, p. 231-262, set. 2017. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/47686/45687 Acesso em: 06 out. 2019.	Instituições; Desenvolvimento Regional; Análise Espacial	C31; O10; O17
RAE1729	EDER, H. A. S.; SOUZA, M.; NASCIMENTO, C. A. A apropriação das rendas agrícolas por parte dos grupos ocupacionais familiares rurais no estado do Rio Grande do Sul nos anos 2000. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 35, n. 68, p. 289-315, set. 2017. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/50988/45689 Acesso em: 06 out. 2019.	Renda agrícola; PNAD; Agricultura familiar	J4; J43
RAE1730	VOGT, C. M.; LUCINDA, C. R. Custos de procura e dispersão de preços de gasolina e etanol no mercado brasileiro de combustíveis: evidências do município de São Paulo. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 35, n. 68, p. 317-344, set. 2017. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/50546/45690 Acesso em: 06 out. 2019.	Concorrência; Dispersão de preços; Custo de procura	C23; D83
RAE1801	BEJARANO ARAGÓN, E. K. S.; MOURA, B. T. L. S.; M. K. H. L. Política monetária e preços de ativos no Brasil: uma avaliação empírica para o período de metas para a inflação. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 36, n. 69, p. 7-33, mar. 2018. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/58660/48005 Acesso em: 06 out. 2019.	Política monetária; Função de reação; Forward-looking; Preços de ativos; Brasil	E52; E61
RAE1802	ALMEIDA, H. J. F. <i>et al.</i> A política de <i>quantitative easing</i> adotada pelo FED altera a volatilidade dos ativos no Brasil? <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 36, n. 69, p. 35-66, mar. 2018. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/54410/48006 Acesso em: 06 out. 2019.	Quantitative easing; Volatilidade; Ativos financeiros	E52; G15; G18
RAE1803	ARAÚJO, E. C.; PERES, S. C. Política cambial, estrutura produtiva e crescimento econômico: fundamentos teóricos e evidências empíricas para o Brasil no período 1996-2012. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 36, n. 69, p. 67-107, mar. 2018. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/57748/48008 Acesso em: 06 out. 2019.	Mudança estrutural; Comércio exterior; Política cambial	F31; F43; L16

continua...

continuação...

ID	Referência	Palavras-chave	JEL
RAE1804	COSTA, F. A.; FERNANDES, D. A.; CRISPIM, C. N. S. Constituição, situação e dinâmica de arranjos produtivos locais: o caso do APL de Açaí na Região do Grão-Pará (2002 a 2010). <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 36, n. 69, p. 109-137, mar. 2018. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomico/article/view/55792/48009 Acesso em: 06 out. 2019.	Arranjos produtivos locais; Aglomerados produtivos; Economia local; Regime de crescimento	B52; E12
RAE1805	AHUAJI FILHO, M. A. S.; RAIHER, A. P. Exportações por intensidade tecnológica dos estados brasileiros e sua importância no crescimento econômico. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 36, n. 69, p. 139-171, mar. 2018. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomico/article/view/58978/48010 Acesso em: 06 out. 2019.	Exportação; Tecnologia; Crescimento econômico	O49
RAE1806	PAIVA, C. C.; QUAGLIO, G. M.; FONSECA, G. L. Federalismo fiscal, equalização de renda institucional e a Política Nacional de Desenvolvimento Regional (PNDR): uma análise com dados em painel. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 36, n. 69, p. 173-199, mar. 2018. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomico/article/view/52459/48011 Acesso em: 06 out. 2019.	Federalismo fiscal; Equalização fiscal; PNDR	R10; R50; H72; H77
RAE1807	ROCHA, L. A. <i>et al.</i> Impactos da política na acumulação da riqueza dos estados brasileiros: a contribuição dos investimentos em infraestrutura e dos esforços em inovação. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 36, n. 69, p. 201-230, mar. 2018. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomico/article/view/54737/48012 Acesso em: 06 out. 2019.	Crescimento; Infraestrutura; Inovação; Desenvolvimento	O1; O2; O4
RAE1808	RAMALHO, H. M. B.; NETTO JUNIOR, J. L. S. Dinâmica intergeracional de educação e coresidência entre pais e filhos adultos no Brasil. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 36, n. 69, p. 231-266, mar. 2018. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomico/article/view/52942/48013 Acesso em: 06 out. 2019.	Mobilidade intergeracional; Capital humano; Coresidência	J24; J62; C24
RAE1809	SIMÃO FILHO, J. <i>et al.</i> Determinantes da percepção dos indivíduos acerca de seus próprios estados de saúde. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 36, n. 69, p. 267-289, mar. 2018. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomico/article/view/56350/48014 Acesso em: 06 out. 2019.	Economia da saúde; Índices de Theil; Doença crônica; Modelos probit.	I32
RAE1810	ROSA, A. C. <i>et al.</i> Capacidade de absorção e canais de interação universidade-empresa: uma análise empírica para empresas no Rio Grande do Sul. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 36, n. 69, p. 291-323, mar. 2018. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomico/article/view/57042/48015 Acesso em: 06 out. 2019.	Capacidade de absorção da firma; Canais de troca de conhecimento e informação; Interação universidade-empresa	L25; O31
RAE1811	ARAUJO, V. L. Bancos públicos de desenvolvimento: uma aproximação teórica. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 36, n. 70, p. 7-33, jun. 2018. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomico/article/view/53039/48802 Acesso em: 06 out. 2019.	Bancos de desenvolvimento; Financiamento do investimento; Teoria pós-keynesiana	E44, G21

continua...

continuação...

ID	Referência	Palavras-chave	JEL
RAE1812	BOTTREL, M. A. S.; PITELLI, M. M.; FIGUEIREDO, A. M. Análise da possibilidade de rivalidade no mercado bancário brasileiro entre 2000-2012. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 36, n. 70, p. 35-62, jun. 2018. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomico/article/view/56430/48803 Acesso em: 06 out. 2019.	Setor bancário; Concentração; Rivalidade	D4, G21, L22
RAE1813	CORREIA, K. D.; VASCONCELOS, C. R. F.; LIMA JÚNIOR, L. A. Volatilidade da taxa de câmbio real efetiva e exportações brasileiras. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 36, n. 70, p. 83-119, jun. 2018. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomico/article/view/59163/48805 Acesso em: 06 out. 2019.	Volatilidade cambial; Exportações; Cointegração	F31
RAE1814	ALVES, F. F.; MADEIRA, S. A.; SOUSA, L. V. C. Eficiência e convergência da inovação: um estudo do progresso tecnológico para países desenvolvidos e em desenvolvimento. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 36, n. 70, p. 121-148, jun. 2018. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomico/article/view/60686/48806 Acesso em: 06 out. 2019.	Eficiência técnica; Sistema nacional de inovação; Convergência	O10; O31; O32
RAE1815	OLIVEIRA, A. R.; AZEVEDO, A. F. Z. Os efeitos da aliança do pacífico sobre o comércio e o bem-estar da região e do Mercosul. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 36, n. 70, p. 149-177, jun. 2018. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomico/article/view/61065/48807 Acesso em: 06 out. 2019.	Integração econômica; Modelos de equilíbrio geral; Aliança do Pacífico	F15; C68
RAE1816	OLIVEIRA, E. A. <i>et al.</i> As exportações brasileiras por grau de elaboração entre 1980 e 2015: aplicação do modelo Eaton-Kortum à luz da teoria cepalina. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 36, n. 70, p. 179-201, jun. 2018. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomico/article/view/62280/48808 Acesso em: 06 out. 2019.	Exportações; Modelo Eaton-Kortum; Teoria cepalina	O24; R19; O24
RAE1817	MOREIRA, T. M.; RIBEIRO, L. C. S. Estimativa das importações indiretas do complexo industrial químico brasileiro nos anos 2000. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 36, n. 70, p. 203-238, jun. 2018. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomico/article/view/62625/48809 Acesso em: 06 out. 2019.	Importações indiretas de químicos; Matrizes de insumo-produto; Brasil	C67; F40
RAE1818	LINS, H. N. Cooperação transfronteiriça e desenvolvimento local no âmbito do Mercosul: uma experiência de consórcio intermunicipal. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 36, n. 70, p. 239-265, jun. 2018. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomico/article/view/62681/48810 Acesso em: 06 out. 2019.	Mercosul; Cooperação local; Consórcio Intermunicipal da Fronteira	F55; H70
RAE1819	BESARRIA, C. N. <i>et al.</i> Interação entre a política monetária e os preços das habitações: evidências para o caso brasileiro. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 36, n. 70, p. 267-295, jun. 2018. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomico/article/view/63200/48811 Acesso em: 06 out. 2019.	Política monetária; Mercado habitacional; SVAR	C11; E52; G12.

continua...

continuação...

ID	Referência	Palavras-chave	JEL
RAE1820	GONÇALVES, E. <i>et al.</i> Cidades inventivas no Brasil: hierarquia e determinantes da invenção. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 36, n. 71, p. 7-33, set. 2018. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomico/article/view/64780/50823 Acesso em: 06 out. 2019.	Inovação regional; Hierarquia urbana; Patentes	O30; O33; R00
RAE1821	SAIANI, C. C. S.; VERÍSSIMO, M. P. Indústria e desenvolvimento econômico nas regiões brasileiras: revisitando hipóteses da desindustrialização “natural” com dados municipais (1999 a 2011). <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 36, n. 71, p. 63-100, set. 2018. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomico/article/view/68292/50826 Acesso em: 06 out. 2019.	Desindustrialização “natural”; Desenvolvimento; Dados em painel	L60; O14; R19
RAE1822	GOMES, M. R.; SOUZA, S. C. I. Desigualdades salariais de gênero no primeiro emprego, reemprego e remanescentes nos setores econômicos: evidências para o Sul do Brasil. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 36, n. 71, p. 101-134, set. 2018. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomico/article/view/69097/50827 Acesso em: 06 out. 2019.	Diferenças salariais de gênero; Classes de emprego; Setores econômicos	J31; J71
RAE1823	SHIKIDA, C.; CARRARO, A.; ARAUJO JÚNIOR, A. F. O mando de campo em clássicos: os casos Bra-Pel e Gre-Nal. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 36, n. 71, p. 135-164, set. 2018. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomico/article/view/69288/50828 Acesso em: 06 out. 2019.	Economia dos esportes; Efeito mando de campo; Análise de desempenho	D22; D23; C25
RAE1824	SASS, K. S.; CARVALHO, T. S.; PORSSE, A. A. Decomposição dos efeitos das mudanças nos termos de troca sobre a indústria brasileira no período de 2008 a 2014. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 36, n. 71, p. 165-195, set. 2018. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomico/article/view/69751/50830 Acesso em: 06 out. 2019.	Termos de troca; Análise setorial; Equilíbrio geral computável	C68, D58, F19
RAE1825	PEREIRA, H. C. I.; SOUZA, M. C. Inflação e volatilidade de preços relativos: evidências de painéis longos e painel de vetores autoregressivos para a economia brasileira pós-Plano Real. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 36, n. 71, p. 197-221, set. 2018. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomico/article/view/70750/50832 Acesso em: 06 out. 2019.	Inflação; Volatilidade de preços relativos; Painéis econométricos	C23; C33; E31
RAE1826	FALLEIRO, M. P. S.; SILVA, C. E. L.; TIING TAI, S. H. A teoria do prospecto: estimação da função utilidade e da função ponderação das probabilidades para uma amostra específica. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 36, n. 71, p. 223-265, set. 2018. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomico/article/view/70753/50831 Acesso em: 06 out. 2019.	Teoria do prospecto; Tomada de decisão; Economia comportamental; Experimentos econômicos em laboratório	D81; D01; C91
RAE1827	WOLF, R. <i>et al.</i> Efeitos do Programa Bolsa Família sobre o bem-estar econômico das famílias nas macrorregiões brasileiras: uma análise de equilíbrio geral computável. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 36, n. 71, p. 267-294, set. 2018. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomico/article/view/69795/50829 Acesso em: 06 out. 2019.	Programas sociais; Transferência de renda; Consumo; Equilíbrio geral	C68; D33; D58; D63

continua...

continuação...

ID	Referência	Palavras-chave	JEL
RAE1828	FERRARI FILHO, F.; PICCOLOTTO, V. A dívida pública do Rio Grande do Sul: uma análise sob a ótica da hipótese de fragilidade financeira de Minsky. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 36, n. 71, p. 295-322, set. 2018. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/76936/50825 Acesso em: 06 out. 2019.	Dívida pública; Rio Grande do Sul; Minsky; Teoria pós-keynesiana	E62; H72; H77
RAE1901	CASTILHO, M. R.; COSTA, K. G. V.; TORRACCA, J. F. A importância do mercado latino-americano e da competição chinesa para o desempenho recente das exportações brasileiras de produtos manufaturados. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 37, n. 72, p. 7-38, mar. 2019. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/68199/52459 Acesso em: 06 out. 2019.	Comércio internacional; Produtos manufaturados; Integração regional; Aladi; China	F02; F14; F15
RAE1902	FONTES, L. F. C.; JACINTO, P. A.; FRANÇA, M. T. Programas de transferência de renda e migração interna: evidências do Programa Bolsa Família. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 37, n. 72, p. 39-78, mar. 2019. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/70805/52460 Acesso em: 06 out. 2019.	Programa Bolsa Família; Migração interna; Propensity score matching; Função dose-resposta	C21; J61; O15
RAE1903	PIRES, J. M.; NOIJE, P.; CONTI, B. M. Vulnerabilidade externa brasileira nos anos 1980: uma análise a partir da posição internacional de investimentos e do fluxo de rendas. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 37, n. 72, p. 79-112, mar. 2019. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/70807/52461 Acesso em: 06 out. 2019.	Vulnerabilidade externa; Posição internacional de investimentos; Fluxo de rendas; Crise da dívida; Economia brasileira	N16, G00, E01
RAE1904	SOARES, T. C.; COSTA, J. B.; LOPES, L. S. Análise espacial da eficiência dos gastos públicos em saúde em Minas Gerais. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 37, n. 72, p. 113-136, mar. 2019. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/70816/52462 Acesso em: 06 out. 2019.	Eficiência; Saúde; Análise espacial	C02; I18; R01
RAE1905	VASCONCELOS, P. G.; PAES, N. L. O impacto da reversão parcial da desoneração da folha de pagamentos. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 37, n. 72, p. 137-157, mar. 2019. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/71093/52463 Acesso em: 06 out. 2019.	Desoneração da folha de pagamento; Contribuição previdenciária; Política tributária	H21; H25; H27
RAE1906	LIMA, F. S.; MARINHO, E. L.; LEMOS, C. R. F. R. Fronteira de produção estocástica não paramétrica: uma análise da eficiência do poder judiciário estadual. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 37, n. 72, p. 159-186, mar. 2019. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/71095/52464 Acesso em: 06 out. 2019.	Eficiência; Judiciário; Não paramétrico	H49; C14; D24
RAE1907	PEREIRA, A.; LOPES, H. C. Trajetória dependente e subordinada: elementos da singularidade do atraso inovativo brasileiro. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 37, n. 72, p. 187-212, mar. 2019. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/71286/52465 Acesso em: 06 out. 2019.	Inovação; Dependência; Subordinação; Economia brasileira	O14; O33; P1.

continua...

continuação...

ID	Referência	Palavras-chave	JEL
RAE1908	MONASTERIO, L.; EHRL, P. Colônias de povoamento versus colônias de exploração: de Heeren a Acemoglu <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 37, n. 72, p. 213-239, mar. 2019. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/71287/52466 Acesso em: 06 out. 2019.	Colonização; Colônia de povoamento; Colônia de exploração	B00; N01
RAE1909	MESQUITA, S. P.; LIMA, L. R. R. O. Trabalho infantil e teoria do “U” invertido: evidências para o Brasil. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 37, n. 72, p. 241-268, mar. 2019. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/71324/52467 Acesso em: 06 out. 2019.	Trabalho infantil; Hipótese do “U” invertido; Endogeneidade; Regressão quantílica censurada	C1; J2; J7
RAE1910	COSTA, R. F. R.; LUCENA, R. D. F. Uma análise do endividamento municipal no Brasil. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 37, n. 73, p. 7-24, jun. 2019. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/72151/53563 Acesso em: 06 out. 2019.	Endividamento; Municípios; Decomposição em modos empíricos	H63; H72; C32
RAE1911	SANTOS, F. R. <i>et al.</i> Uma avaliação da política monetária nos regimes de metas cambiais e de metas para inflação. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 37, n. 73, p. 25-52, jun. 2019. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/72204/53564 Acesso em: 06 out. 2019.	Política monetária; Câmbio administrado; Metas para a Inflação; VAR; Brasil	E52; E32
RAE1912	SILVA, G. R. S. S.; CURADO, M. L. Estado de confiança e política econômica anticíclica em um modelo macroeconômico keynesiano. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 37, n. 73, p. 53-71, jun. 2019. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/72408/53565 Acesso em: 06 out. 2019.	Teoria keynesiana; Estado de confiança; Política fiscal; Teoria pós-keynesiana	E12
RAE1913	NEDUZIAK, L. C. R.; CORREIA, F. M. Equalização fiscal e crescimento econômico: uma análise do fundo de participação dos estados utilizando um painel com <i>threshold</i> . <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 37, n. 73, p. 73-97, jun. 2019. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/73190/53566 Acesso em: 06 out. 2019.	Transferência Intergovernamental; Crescimento Econômico; Estados brasileiros.	H77; O40; H72
RAE1914	RIBEIRO, L. C. S.; PEROBELLI, F. S.; DOMINGUES, E. P. Disparidades intrarregionais na Região Nordeste do Brasil. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 37, n. 73, p. 121-143, jun. 2019. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/73614/53568 Acesso em: 06 out. 2019.	Insumo-produto; Análise de decomposição espacial; Região Nordeste	R-15
RAE1915	ALMEIDA, H. J. F. <i>et al.</i> Inovação e aprendizado em um ambiente de racionalidade limitada e sujeito a externalidades de rede: uma abordagem de escolha discreta. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 37, n. 73, p. 145-174, jun. 2019. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/73622/53569 Acesso em: 06 out. 2019.	Inovação; Externalidades; Modelo de escolhas discretas	O31; O32; O33

continua...

continuação...

ID	Referência	Palavras-chave	JEL
RAE1916	ATTÍLIO, L. A.; CAVALCANTE, A. Empresas não financeiras e o impacto da estratégia <i>maximizing shareholder value</i> sobre o emprego no Brasil. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 37, n. 73, p. 175-209, jun. 2019. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/74059/53570 Acesso em: 06 out. 2019.	Financeirização; Maximizing Shareholder Value; Empresas não-Financeiras; Emprego	G00; G30; E02; J60
RAE1917	COSTA JÚNIOR, C. J.; FANTINATTI, A. M.; TELES, V. K. A política fiscal expansionista que contrai! <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 37, n. 73, p. 225-259, jun. 2019. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/68404/53572 Acesso em: 06 out. 2019.	Política fiscal; Políticas anticíclicas; Desonerações tributárias; Bens duráveis; Modelos DSGE	E62; E30; C54
RAE1918	OLIVEIRA, C. A.; COSTA, I. C. V. Ciclos econômicos e crimes contra o patrimônio: uma análise quase experimental. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 37, n. 74, p. 7-34, set. 2019. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/74222/54382 Acesso em: 12 out. 2019.	Polo Naval; Crime; Quase experimento; Quebras Estruturais	C22, K14, R11
RAE1919	SILVA, G. P. O barão e o encilhamento: os investimentos de José de Lacerda Guimarães na economia cafeeira paulista (1885-1893). <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 37, n. 74, p. 35-59, set. 2019. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/74976/54383 Acesso em: 12 out. 2019.	Encilhamento; barão; diversificação	N26; N56; N86
RAE1920	MEYRELLES FILHO, S.; ARTHMAR, R. Dennis H. Robertson: análise real e monetária do ciclo econômico na tradição de Cambridge. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 37, n. 74, p. 91-114, set. 2019. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/75627/54385 Acesso em: 12 out. 2019.	Ciclos econômicos; Sobreinvestimento; Poupança; Moeda; Taxa de juros	B13; B22; B31
RAE1921	GAMBI, T. F. R. A influência estrangeira e as ideias de Bernardo Souza Franco sobre a questão bancária no âmbito regional e nacional: Pará-Brasil (1846-1848). <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 37, n. 74, p. 115-139, set. 2019. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/76661/54386 Acesso em: 12 out. 2019.	Bancos; Souza Franco; Pará; Brasil; pensamento econômico brasileiro	B31; N46
RAE1922	VARASCHIN, J. A. A. Os sentidos da ação estatal nos anos 1930: centralização política e intervencionismo na constituição de 1934. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 37, n. 74, p. 141-164, set. 2019. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/77409/54387 Acesso em: 12 out. 2019.	Economia Brasileira; Liberalismo; Intervencionismo; Estado nacional	N16; N46
RAE1923	CARVALHO, A. R. Equilíbrio, conhecimento e a não neutralidade da moeda em Hayek. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 37, n. 74, p. 165-181, set. 2019. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/78770/54388 Acesso em: 12 out. 2019.	Hayek; Equilíbrio; Moeda; Conhecimento; Neutralidade	B40; B53
RAE1924	PONTES, R. M.; MATTOS, O. B. A crise de 2008 e a arquitetura financeira internacional: propostas de regulação do G-20 e seus desafios. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 37, n. 74, p. 183-202, set. 2019. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/78868/54389 Acesso em: 12 out. 2019.	Grupo dos Vinte (G-20); crise financeira (2007/2008); regulação internacional; Acordos de Basileia	F5; F55

continua...

conclusão...

ID	Referência	Palavras-chave	JEL
RAE1925	BRITES, M.; MARIN, S. R.; ALMEIDA, F. Economia e identidade no século XXI: uma análise das contribuições de Akerlof e Kraton, Sen e Davis. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 37, n. 74, p. 203-225, set. 2019. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/75721/54390 Acesso em: 12 out. 2019.	Identidade social; Commitment; George Akerlof; Amartya Sen; John Davis	I
RAE1926	RIBEIRO, E. P.; JACINTO, P. A. Produtividade nos serviços no Rio Grande do Sul: dinâmica, especialização e desempenho. <i>Revista Análise Econômica</i> , Porto Alegre, v. 37, n. 74, p. 227-248, set. 2019. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/71417/54391 Acesso em: 12 out. 2019.	Serviços; produtividade; Decomposição	E24; L8; L80

Fonte: Elaboração própria.

Nota: ID: identificação do *corpus*.

APÊNDICE C - Lexias de Economia extraídas dos logs de pesquisa (*corpus de estudo*) e suas ocorrências no *corpus* textual especializado (*corpus de referência*)

Nº	Lexia de busca	Ocorrência (nº de ocorrências)
01	"A Grande Depressão"	Ocorre (6)
02	"ações"	Ocorre (361)
03	"agregados"	Ocorre (67)
04	"agricultura"	Ocorre (112)
05	"agronegocio"	Não ocorre
06	"agronegócio"	Ocorre (5)
07	"agropecuaria"	Não ocorre, mas ocorre "agropecuária" (67)
08	"ajuste fiscal"	Ocorre (18)
09	"alfabetização financeira"	Não ocorre
10	"algodão"	Ocorre (10)
11	"ambiental"	Ocorre (102)
12	"análise de demonstrações financeiras"	Não ocorre
13	"análise de sensibilidade"	Ocorre (11)
14	"análise de valor"	Ocorre (2)
15	"analise de viabilidade economica"	Não ocorre
16	"Análise do Padrão do Fluxo"	Não ocorre
17	"analise dos custos"	Não ocorre, mas ocorre "análise do custo" (2)
18	"análise econômica"	Ocorre (11)
19	"Analise Economico"	Não ocorre
20	"analise pib per capita "	Não ocorre
21	"análise técnica"	Não ocorre
22	"análise"	Ocorre (1456)
23	"andina"	Ocorre (6)
24	"antidumping"	Ocorre (1)
25	"aplicações financeiras"	Ocorre (17)
26	"ARIMA-GARCH"	Ocorre (1)
27	"armazenagem"	Ocorre (5)
28	"arrocho fiscal"	Não ocorre
29	"arroz"	Ocorre (7)
30	"assimetria de informação"	Ocorre (9), e ocorre também "assimetria de informações" (9), "assimetrias de informação" (2), "assimetrias da informação" (2)
31	"assimetria informação"	Não ocorre
32	"atividade industrial"	Ocorre (17), e ocorre também "atividades industriais" (27)
33	"austeridade fiscal"	Ocorre (2)
34	"autoregulação"	Não ocorre, mas ocorre "autorregulação" (04)

continua...

continuação...

Nº	Lexia de busca	Ocorrência (nº de ocorrências)
35	"balança comercial"	Ocorre (54)
36	"balanço de pagamentos"	Não ocorre, mas ocorre "balanço de pagamentos" (69) e "balanços de pagamentos" (2)
37	"banco"	Ocorre (553)
38	"bancos"	Ocorre (610)
39	"barreira tarifária"	Não ocorre
40	"barreiras tarifárias"	Ocorre (5)
41	"bens publicos"	Não ocorre, mas ocorre "bens públicos" (19)
42	"bens"	Ocorre (690)
43	"big data"	Não ocorre
44	"blockchain"	Não ocorre
45	"bolsa de valores"	Ocorre (10)
46	"bolsa família"	Ocorre (185)
47	"bolsa"	Ocorre (217)
48	"bovespa"	Ocorre (13), e ocorre também "Bolsa de São Paulo" (1)
49	"Brasil imperio"	Não ocorre
50	"brics"	Ocorre (7)
51	"carne"	Ocorre (22)
52	"cadastro unico"	Não ocorre, mas ocorre "cadastro único" (4) e "CadÚnico" (9)
53	"café"	Ocorre (189)
54	"Cálculo da cesta básica"	Não ocorre
55	"câmbio ativos"	Não ocorre
56	"cambio"	Ocorre (1)
57	"câmbio"	Ocorre (832)
58	"capital humano no brasil "	Não ocorre
59	"capital humano"	Ocorre (181)
60	"CAPITALISMO"	Ocorre (48)
61	"carga"	Ocorre (150)
62	"central bank independence"	Não ocorre
63	"Centralização"	Ocorre (26)
64	"cepal"	Ocorre (4), e ocorre também "Comissão Econômica para América Latina e Caribe" (4) e "Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe" (1)
65	"CES"	Ocorre (6), e ocorre também "elasticidade de substituição constante" (5)
66	"ciclos de negócios"	Ocorre (6), e ocorre também "ciclo de negócios" (2) e "ciclos dos negócios" (1)
67	"ciclos"	Ocorre (271)
68	"civil society"	Não ocorre

continua...

continuação...

Nº	Lexia de busca	Ocorrência (nº de ocorrências)
69	"cobb douglas"	Não ocorre, mas ocorre "função de produção Cobb-Douglas" (5), e "função de produção do tipo Cobb-Douglas" (1).
70	"cointegração"	Ocorre (190)
71	"COLLOR I"	Não ocorre
72	"comercio internacional"	Não ocorre, mas ocorre "comércio internacional" (210)
73	"comércio nacional"	Não ocorre
74	"comercio varejista"	Não ocorre, mas ocorre "comércio varejista" (3)
75	"comércio"	Ocorre (861)
76	"commodities"	Ocorre (114)
77	"competitividade"	Ocorre (199)
78	"complexidade"	Ocorre (42)
79	"comunidade andina"	Ocorre (6)
80	"concentração"	Ocorre (191)
81	"Concorrência perfeita"	Ocorre (21)
82	"conselho de direitos humanos"	Não ocorre
83	"constante Market Share"	Não ocorre
84	"constituição"	Ocorre (98)
85	"contas nacionais"	Ocorre (22)
86	"crédito consignado"	Ocorre (2)
87	"credito rural"	Não ocorre, mas ocorre "crédito rural" (2)
88	"credito"	Ocorre (1), e ocorre "crédito" (713)
89	"crescimento economico "	Não ocorre
90	"crescimento econômico"	Ocorre (417)
91	"crescimento socioeconômico"	Não ocorre
92	"crescimento"	Ocorre (1787)
93	"crise bancaria"	Não ocorre, mas ocorre "crise bancária" (9)
94	"crise de 2008"	Ocorre (17)
95	"crise economica"	Não ocorre, mas ocorre "crise econômica" (15)
96	"crise"	Ocorre (592)
97	"crises econômicas"	Ocorre (7)
98	"curva abc"	Não ocorre
99	"custo ambiental"	Não ocorre
100	"custo ao longo prazo"	Não ocorre
101	"custo de transação"	Ocorre (11), e ocorre também "custos de transação" (24) e "custo de transações" (1)
102	"custo longo prazo"	Não ocorre
103	"custo no longo prazo"	Não ocorre
104	"custo transação"	Não ocorre
105	"custo uep"	Não ocorre

continua...

continuação...

Nº	Lexia de busca	Ocorrência (nº de ocorrências)
106	"custo"	Ocorre (320)
107	"CUSTOS DE PRODUÇÃO"	Ocorre (25), e ocorre também "custo de produção" (13)
108	"custos no longo prazo"	Não ocorre
109	"custos"	Ocorre (392)
110	"david ricardo"	Ocorre (2)
111	"day trade"	Não ocorre
112	"day"	Não ocorre
113	"DEA"	Ocorre (79), e ocorre também "análise envoltória de dados" (10) e "data envelopment analysis" (4)
114	"demanda efetiva"	Ocorre (28)
115	"demanda marshalliana"	Não ocorre
116	"demanda por alimentos"	Ocorre (2)
117	"demanda"	Ocorre (809), e ocorre também "procura" (30).
118	"descentralização"	Ocorre (26)
119	"desenvolvimento brasileiro"	Ocorre (6)
120	"DESENVOLVIMENTO ECONOMICO"	Não ocorre
121	"desenvolvimento econômico"	Ocorre (165), e ocorre também "desenvolvimento econômica" (1)
122	"desenvolvimento industrial brasileiro"	Ocorre (1)
123	"desenvolvimento regional"	Ocorre (37)
124	"desenvolvimento sustentável"	Ocorre (6)
125	"desenvolvimento"	Ocorre (1426)
126	"desenvolvimento sustentavel"	Não ocorre
127	"desigualdade de renda"	Ocorre (43), e ocorre também "desigualdades de renda" (2), "desigualdades de rendas" (1) e "desigualdades da renda" (1)
128	"desigualdade genero"	Não ocorre
129	"desigualdade gênero"	Não ocorre, mas ocorre "desigualdade de gênero" (3)
130	"desigualdade"	Ocorre (262)
131	"desindustrialização"	Ocorre (135)
132	"desnacionalização"	Não ocorre
133	"determinante"	Ocorre (83)
134	"diferença de rendimentos"	Ocorre (2), e ocorre também "diferenças de rendimentos" (4)
135	"diferença salarial"	Ocorre (13), e ocorre também "diferenças salariais" (26)
136	"diferenças em diferenças"	Ocorre (2)
137	"diferencial de rendimentos"	Ocorre (11), e ocorre também "diferenciais de rendimentos" (20) e "diferencial dos rendimentos" (1)
138	"dilma"	Ocorre (83)

continua...

continuação...

Nº	Lexia de busca	Ocorrência (nº de ocorrências)
139	"disparidades"	Ocorre (44)
140	"distribuição de renda"	Ocorre (63), e ocorre também "distribuição da renda" (9) e "distribuições de renda" (1)
141	"distribuição"	Ocorre (448)
142	"dívida em dólar"	Não ocorre
143	"dívida interna"	Ocorre (4)
144	"dlsp"	Não ocorre
145	"DSGE"	Ocorre (12), e ocorre também "modelo dinâmico estocástico de equilíbrio geral" (1), "modelos dinâmicos de equilíbrio geral estocástico" (1), "modelo dynamic stochastic general equilibrium" (2)
146	"e-comemrce"	Não ocorre
147	"e-commerce"	Não ocorre
148	"economatia"	Não ocorre
149	"economática"	Não ocorre, mas ocorre "economática" (3)
150	"econometria espacial"	Ocorre (21)
151	"econometria"	Ocorre (30)
152	"economia brasileira"	Ocorre (347)
153	"economia circular"	Não ocorre
154	"economia colaborativa"	Não ocorre
155	"economia criativa"	Não ocorre
156	"economia da produção"	Não ocorre
157	"economia de mercado"	Ocorre (1), e ocorre também "economias de mercado" (4) e "economias de mercados" (1)
158	"economia do pará"	Não ocorre
159	"economia feminista"	Não ocorre
160	"economia internacional"	Ocorre (8)
161	"economia local"	Ocorre (7)
162	"economia no pará"	Não ocorre
163	"economia política"	Não ocorre, mas ocorre "economia política" (24)
164	"economia regional"	Ocorre (5)
165	"economia urbana"	Não ocorre
166	"economia"	Ocorre (1651) e "ciência econômica" (11)
167	"economistas"	Ocorre (63)
168	"efeitos do cambio"	Não ocorre, mas ocorre "efeitos do câmbio" (1)
169	"eficiência"	Ocorre (565)
170	"EFPC"	Não ocorre
171	"elasticidade de produção"	Ocorre (1)
172	"elasticidade"	Ocorre (125)
173	"eletrônico"	Ocorre (16)

continua...

continuação...

Nº	Lexia de busca	Ocorrência (nº de ocorrências)
174	"empírico"	Ocorre (82)
175	"empreendedorismo"	Ocorre (3)
176	"emprego"	Ocorre (658)
177	"empresas"	Ocorre (876)
178	"endividamento das empresas"	Ocorre (2)
179	"endividamento das microempresas"	Não ocorre
180	"endividamento"	Ocorre (151)
181	"energia renovável"	Não ocorre
182	"envoltória"	Ocorre (19), e corre também "DEA" (79) e "análise envoltória de dados" (10)
183	"equilíbrio de mercado"	Não ocorre, mas ocorre "equilíbrio de mercado" (6)
184	"equilíbrio geral computável"	Não ocorre, mas ocorre "equilíbrio geral computável" (10)
185	"EQUILIBRIO GERAL"	Não ocorre, mas ocorre "equilíbrio geral computável" (10) e "EGC" (20).
186	"escravidão"	Ocorre (9)
187	"essencialidade"	Ocorre (5)
188	"Estado Novo (1937 a 1945)"	Não ocorre, mas ocorre "Estado Novo" (5)
189	"Estratégia"	Ocorre (451)
190	"estudo de viabilidade econômica"	Não ocorre
191	"eurico gaspar dutra"	Ocorre (2)
192	"exportação brasileira"	Ocorre (10)
193	"exportações"	Ocorre (1003)
194	"externalidades"	Ocorre (153), e ocorre também "externalidade" (32), "spillovers" (15), "efeitos de transbordamento" (7), "economias externas" (6), e "efeitos externos" (4).
195	"falhas de mercado"	Ocorre (39), e ocorre também "falha de mercado" (2), "falhas de mercados" (1), "falha de mercados" (1)
196	"feijão"	Ocorre (2)
197	"feminista"	Não ocorre
198	"fernando henrique cardoso"	Ocorre (4)
199	"fhc"	Não ocorre
200	"finanças pessoais"	Ocorre (1)
201	"finanças"	Ocorre (89)
202	"financeiro"	Ocorre (475)
203	"financiamento"	Ocorre (268)
204	"fintechs"	Não ocorre
205	"florestan fernandes"	Não ocorre
206	"fluxo de caixa"	Ocorre (15)
207	"forecasting"	Não ocorre

continua...

continuação...

Nº	Lexia de busca	Ocorrência (nº de ocorrências)
208	"Formas de organização do processo de trabalho"	Não ocorre
209	"função de produção"	Ocorre (46), e ocorre também "funções de produção" (6)
210	"fundos de pensão"	Ocorre (1)
211	"FUNDOS"	Ocorre (205)
212	"fuzzy"	Ocorre (11)
213	"gasto público"	Ocorre (29)
214	"gastos públicos"	Ocorre (102)
215	"gastos recursos humanos"	Não ocorre
216	"gastos"	Ocorre (526)
217	"GERENCIAMENTO DE RISCO"	Ocorre (1)
218	"gestão financeira"	Não ocorre
219	"gestão fiscal"	Ocorre (3)
220	"gestão pessoal"	Não ocorre
221	"gestão"	Ocorre (123)
222	"getulio vargas"	Não ocorre, mas ocorre "getúlio vargas" (8)
223	"governo lula"	Ocorre (5)
224	"GOVERNO"	Ocorre (849)
225	"gráfico de custos"	Não ocorre
226	"gráfico"	Ocorre (371)
227	"grupo andino"	Não ocorre
228	"gtap"	Ocorre (21), e ocorre também "global trade analysis project" (2)
229	"Hayek "	Ocorre (76)
230	"hecker"	Não ocorre
231	"HECKSCHer"	Não ocorre
232	"HECKSCHER-OHLIN"	Ocorre (1)
233	"hecksher ohlin"	Não ocorre
234	"hicks slutsky"	Não ocorre
235	"ibc br"	Não ocorre
236	"ida"	Ocorre (2)
237	"IDHs"	Não ocorre, mas ocorre "IDH" (12), e "índice de desenvolvimento humano" (8)
238	"IMF"	Ocorre (6), e ocorre também "função de modo intrínseco" (1), "funções de modo intrínseco" (1), "funções do modo intrínsecos" (1). "IMFs" (1)
239	"imobiliario"	Não ocorre, mas ocorre "imobiliário" (105)
240	"impacto dos custos"	Ocorre (4), e ocorre também "impacto do custo" (1)
241	"imposto de renda"	Ocorre (16)
242	"imperio"	Não ocorre
243	"império"	Ocorre (27)
244	"imposto"	Ocorre (230)

continua...

continuação...

Nº	Lexia de busca	Ocorrência (nº de ocorrências)
245	"inadimplencia"	Não ocorre
246	"inadimplência"	Ocorre (12)
247	"incentivo FISCAL a cultura"	Não ocorre
248	"incentivo FISCAL"	Não ocorre
249	"incentivo iscal"	Não ocorre
250	"incentivos fiscais"	Ocorre (12)
251	"incidência"	Ocorre (73)
252	"inconsistência intertemporal"	Não ocorre
253	"indicador municipal"	Não ocorre
254	"INDICADORES"	Ocorre (374)
255	"indicadores de gasto publico dos municipios"	Não ocorre
256	"indicadores de sustentabilidade"	Não ocorre
257	"Indicadores econômico financeiros"	Não ocorre
258	"índice de desempenho ambiental"	Não ocorre
259	"índice de gestão fiscal"	Não ocorre
260	"industria automotiva"	Não ocorre
261	"industria calçadista"	Não ocorre
262	"industria"	Não ocorre, mas ocorre "indústria" (788)
263	"industrial"	Ocorre (468)
264	"inflação de serviços"	Não ocorre
265	"inflação"	Ocorre (974)
266	"inflaçãp"	Não ocorre
267	"informação"	Ocorre (225)
268	"inovação"	Ocorre (419)
269	"institucional"	Ocorre (161)
270	"institucionalismo"	Ocorre (7)
271	"institucionalista"	Ocorre (16)
272	"Instituições"	Ocorre (605)
273	"instituições"	Não ocorre
274	"insumo-produto"	Ocorre (71), e ocorre também "insumo produto" (3)
275	"insumos agricolas"	Não ocorre
276	"integração espacial"	Não ocorre
277	"integração"	Ocorre (198)
278	"Inteligencia artificial"	Não ocorre, mas ocorre "inteligência artificial" (1)
279	"internacional"	Ocorre (700)
280	"interregional"	Ocorre (1)
281	"investimento direto liquido"	Não ocorre
282	"investimento"	Ocorre (810)
283	"investimentos"	Ocorre (480)
284	"investimentos em microempresas"	Não ocorre
285	"investimentos m microempresas"	Não ocorre

continua...

continuação...

Nº	Lexia de busca	Ocorrência (nº de ocorrências)
286	"keynes"	Não ocorre
287	"keynes"	Ocorre (182)
288	"LEI DE THIRLWALL"	Não ocorre, mas ocorre "modelo de thirlwall" (2)
289	"LEI DO SIMPLES NACIONAL"	Não ocorre
290	"leite"	Ocorre (16)
291	"lgpd"	Não ocorre
292	"logística ordenada"	Não ocorre
293	"logit multinomial"	Não ocorre
294	"logit ordenado"	Não ocorre
295	"logit"	Ocorre (12)
296	"lula"	ocorre (64)
297	"macro"	Ocorre (12)
298	"macroeconomia"	Ocorre (21)
299	"mandioca"	Ocorre (2)
300	"Manihot esculenta Crantz"	Não ocorre
301	"mão invisível"	Não ocorre
302	"mão invisível"	Ocorre (1)
303	"marshal lerner"	Não ocorre, mas ocorre "marshall-lerner" (3)
304	"marshal"	Não ocorre
305	"marshall"	Ocorre (21)
306	"marx"	Ocorre (43)
307	"marxista"	Ocorre (15)
308	"mas-colell"	Não ocorre
309	"matriz"	Ocorre (384)
310	"maximização da utilidade"	Ocorre (7)
311	"Mercado de capitais"	Ocorre (25)
312	"mercado de trabalho"	Ocorre (226)
313	"mercado mundial"	Ocorre (24)
314	"mercado"	Ocorre (1678)
315	"micro"	Ocorre (18)
316	"microeconomia "	Ocorre (17)
317	"microeconomico"	Não ocorre, mas ocorre "microeconômico" (9)
318	"microempresa"	Ocorre (5)
319	"microrregiao"	Não ocorre, mas ocorre "microrregião" (131)
320	"mincer"	Ocorre (15)
321	"minceriana"	Ocorre (3)
322	"mineração"	Ocorre (22)
323	"mmt"	Não ocorre
324	"mobile"	Não ocorre

continua...

continuação...

Nº	Lexia de busca	Ocorrência (nº de ocorrências)
325	"mobilidade"	Ocorre (122)
326	"modelo de equilibrio geral"	Não ocorre, mas ocorre "modelo de equilibrio geral" (21)
327	"modelo econometrico"	Não ocorre, mas ocorre "modelo econométrico" (72)
328	"modelo ricardiano"	Ocorre (3)
329	"modelo"	Ocorre (2100)
330	"modelos de crescimento econômico"	Ocorre (2)
331	"moder money theory"	Não ocorre
332	"moeda"	Ocorre (352)
333	"monetaria"	Não ocorre, mas ocorre "monetária" (909)
334	"monopolio"	Não ocorre, mas ocorre "monopólio" (31)
335	"neo estrutalismo"	Não ocorre
336	"neo estrutalista"	Não ocorre
337	"neodesenvolvimentismo"	Não ocorre
338	"neoestruturalismo"	Não ocorre
339	"neo-institucional"	Não ocorre
340	"nfsp"	Não ocorre
341	"ngo"	Não ocorre
342	"ngos"	Não ocorre
343	"nonprofit"	Não ocorre
344	"nota"	Ocorre (330)
345	"novo desenvolvimentismo"	Ocorre (27)
346	"novo keynesiano"	Ocorre (17)
347	"novo keynesianos"	Ocorre (3)
348	"novo-keynesiana"	Ocorre (1)
349	"o estado estacionario da economia"	Não ocorre
350	"oaxaca"	Ocorre (16)
351	"oaxaca blinder"	Não ocorre
352	"Oaxaca-blinder"	Ocorre (14)
353	"ohlin"	Não ocorre
354	"oligopólio"	Ocorre (19)
355	"ong"	Não ocorre
356	"ongs"	Ocorre (21)
357	"ordenada"	Ocorre (1)
358	"organização industriaç"	Não ocorre
359	"organização industrial"	Ocorre (13)
360	"organização social"	Ocorre (5)
361	"organizações não governamentais"	Ocorre (2)
362	"organizações sociais"	Não ocorre
363	"origem do capitalismo"	Não ocorre
364	"Padrões sectoriais de inovação"	Não ocorre

continua...

continuação...

Nº	Lexia de busca	Ocorrência (nº de ocorrências)
365	"painel"	Ocorre (246)
366	"parceria público privada "	Não ocorre
367	"parcerias público-privadas"	Ocorre (4)
368	"passivo em moeda estrangeira"	Ocorre (1)
369	"pass-through"	Ocorre (5)
370	"pauta exportadora"	Ocorre (47)
371	"percepção"	Ocorre (97)
372	"período do café"	Não ocorre
373	"petroleo"	Não ocorre, mas ocorre "petróleo" (89)
374	"pib per capita"	Ocorre (176), e ocorre também "produto interno bruto per capita" (2)
375	"pib"	Ocorre (1001), e ocorre também "produto interno bruto" (25)
376	"Pinochet"	Não ocorre
377	"planejamento financeiro familiar"	Não ocorre
378	"planejamento financeiro"	Não ocorre
379	"planejamento tributário"	Não ocorre
380	"PLANO BRASIL NOVO"	Não ocorre
381	"plano real"	Ocorre (60)
382	"pnad"	Ocorre (94), e ocorre também "pesquisa nacional por amostra de domicílios" (16), "pesquisa nacional por amostra de domicílio" (4), e "pesquisa nacional por amostras de domicílios" (1)
383	"pobreza"	Ocorre (242)
384	"politica cambial"	Não ocorre, mas ocorre "política cambial" (50)
385	"politica de economia"	Não ocorre
386	"política discricionária"	Não ocorre
387	"POLITICA DO SIMPLES NACIONAL"	Não ocorre
388	"política monetária"	Ocorre (379)
389	"política pública"	Ocorre (7)
390	"POLITICA"	Não ocorre, mas ocorre "política" (1265)
391	"Políticas industrial de ciência"	Não ocorre
392	"portfolio optimization"	Não ocorre
393	"portfólio optimization"	Não ocorre
394	"poupança"	Ocorre (281), e ocorre também "caderneta de poupança" (3) e "conta de poupança" (2).
395	"preço"	Ocorre (413)
396	"previdência complementar"	Não ocorre
397	"previdência fechada"	Não ocorre
398	"previdencia"	Não ocorre, mas ocorre "previdência" (34)
399	"previsão"	Ocorre (95)

continua...

continuação...

Nº	Lexia de busca	Ocorrência (nº de ocorrências)
400	"primeira republica"	Não ocorre, mas ocorre "primeira república" (15)
401	"private equity"	Ocorre (1)
402	"processo de trabalho"	Não ocorre
403	"PROCESSOS GERENCIAIS"	Não ocorre
404	"produção industrial"	Ocorre (78)
405	"Produtividade agrícola"	Ocorre (2)
406	"produtividade"	Ocorre (632)
407	"produto"	Ocorre (675)
408	"programa bolsa família"	Ocorre (120)
409	"PROGRAMAÇÃO LINEAR"	Não ocorre
410	"programação linear"	Ocorre (8)
411	"projeto de investimento"	Ocorre (11)
412	"projeto"	Ocorre (95)
413	"propostas de investimento"	Não ocorre
414	"public private partnership"	Não ocorre
415	"quantitative easing"	Ocorre (12)
416	"recessão"	Ocorre (57)
417	"recuperação judicial"	Não ocorre
418	"reforma previdencia"	Não ocorre, mas ocorre "reforma da previdência" (1)
419	"reforma"	Ocorre (60)
420	"regime de crescimento"	Ocorre (12)
421	"Regimes tecnológicos"	Ocorre (1)
422	"regra de taylor"	Ocorre (13)
423	"regras"	Ocorre (89)
424	"regressão"	Ocorre (267)
425	"regulamentação"	Ocorre (30)
426	"renda"	Ocorre (1918), e ocorre também "rendas" (144).
427	"rendimento"	Ocorre (123), e ocorre também "rendimentos" (244).
428	"repasse cambial"	Ocorre (4)
429	"RESPONSABILIDADE SOCIAL"	Ocorre (1)
430	"retórica"	Ocorre (3)
431	"riqueza"	Ocorre (222)
432	"risco de default"	Ocorre (1)
433	"risco engenharia"	Não ocorre
434	"risco país"	Ocorre (28), e ocorre também "risco-país" (18) e "riscopaís" (11)
435	"risco soberano"	Não ocorre
436	"risco"	Ocorre (617)
437	"roubo"	Ocorre (5)
438	"rui barbosa"	Ocorre (10)

continua...

continuação...

Nº	Lexia de busca	Ocorrência (nº de ocorrências)
439	"salário mínimo "	Ocorre (40)
440	"salario"	Não ocorre
441	"salário"	Ocorre (329)
442	"schumpeter"	Ocorre (55)
443	"seguro"	Ocorre (20)
444	"seguros de risco de engenharia"	Não ocorre
445	"Selic"	Ocorre (191)
446	"series temporais"	Não ocorre
447	"séries temporais"	Ocorre (84)
448	"setor bancario"	Não ocorre, mas ocorre "setor bancário" (51)
449	"setor publico"	Não ocorre, mas ocorre "setor público" (47)
450	"Setor siderugico"	Não ocorre
451	"Setor siderurgico"	Não ocorre
452	"simples nacional"	Ocorre (1)
453	"simulação"	Ocorre (55)
454	"sistema agroalimentar"	Não ocorre
455	"sistema bancário"	Ocorre (69)
456	"sistema nacional de fomento"	Ocorre (9), e ocorre também "SNF" (55)
457	"Smith"	Ocorre (66)
458	"socialismo"	Ocorre (5)
459	"sociedade civil"	Ocorre (22)
460	"soja"	Ocorre (63)
461	"spatial"	Ocorre (3)
462	"sraffa"	Ocorre (6)
463	"sustentabilidade no varejo"	Não ocorre
464	"sustentabilidade"	Ocorre (18)
465	"taxa de cambio"	Não ocorre
466	"taxa de câmbio"	Ocorre (470)
467	"taxa de desemprego"	Ocorre (75)
468	"Taxa Interna de Retorno"	Não ocorre
469	"tecnologia da informação"	Ocorre (11)
470	"TEORIA DA FIRMA "	Ocorre (15)
471	"Teoria da firma sob concorrência perfeita"	Não ocorre
472	"teoria de geral de precos"	Não ocorre
473	"teoria do consumidor"	Não ocorre
474	"teoria dos jogos"	Ocorre (4)
475	"teoria dos jogos no setor bancario"	Não ocorre
476	"teoria do valor de ricardo"	Não ocorre
477	"teoria economica"	Não ocorre, mas ocorre "teoria econômica" (48)

continua...

conclusão...

Nº	Lexia de busca	Ocorrência (nº de ocorrências)
478	"TEORIA EVOLUCIONISTA"	Ocorre (1), e ocorre também "teoria evolucionária" (8), "teoria econômica evolucionista" (1), "teoria evolucionária neoschumpeteriana" (1), "teoria neoschumpeteriana" (2)
479	"teoria geral keynes"	Não ocorre, mas ocorre "teoria geral de keynes" (1)
480	"TEORIA NOVO-CLÁSSICA"	Não ocorre
481	"TEORIA MACROECONOMICA NOVO-CLÁSSICA"	Não ocorre
482	"TEORIA MACROECONOMICA NOVO-CLÁSSICA"	Não ocorre
483	"TERCEIRIZAÇÃO"	Ocorre (5)
484	"terceirizado"	Não ocorre
485	"terceiro setor"	Não ocorre
486	"termos de troca"	Ocorre (152)
487	"Termos"	Ocorre (683)
488	"third sector"	Não ocorre
489	"trabalho"	Ocorre (1657)
490	"trade"	Ocorre (27)
491	"transparência"	Ocorre (31)
492	"tributação"	Ocorre (35)
493	"tripe macroeconomico do plano real"	Não ocorre
494	"unflação"	Não ocorre
495	"utilidade marginal"	Ocorre (3)
496	"valor adicionado"	Ocorre (75)
497	"valor adicionado"	Não ocorre
498	"valor agregado"	Ocorre (16)
499	"valor"	Ocorre (1259)
500	"valoracao"	Não ocorre, mas ocorre "valoração" (5)
501	"VAR"	Ocorre (149), e ocorre também "vetor autorregressivo" (9)
502	"varejo"	Ocorre (22)
503	"Variação cambial"	Ocorre (8)
504	"varian"	Ocorre (37)
505	"variáveis instrumentais"	Ocorre (43)
506	"VEC"	Ocorre (11), e ocorre também "vetor autorregressivo com correção de erros" (1)
507	"viabilidade economica"	Não ocorre, mas ocorre "viabilidade econômica" (63)

Fonte: Elaboração própria.

**APÊNDICE D – Lexias candidatas a variantes encontradas na mesma sessão de
busca (Grupo A)**

Nº	Lexias candidatas a variantes	JEL
01	david ricardo / teoria do valor de ricardo	B31
02	feminista / economia feminista	B54
03	oaxaca blinder / oaxaca	C2
04	programação lineat / programação linear	C61
05	micro / microeconomia	D11
06	demanda marshalliana / demanda	D11
07	planejamento financeiro familiar / planejamento financeiro	D14
08	finanças pessoais / finanças	D14
09	analise dos custos / custos	D23
10	custo no longo prazo / custos no longo prazo	D23
11	custo no longo prazo / custo ao longo prazo	D23
12	custo ao longo prazo / custo longo prazo	D23
13	custo ao longo prazo / custo	D23
14	gráfico de custos / gráfico	D23
15	impacto dos custos / custos	D23
16	custo de transação / custo transação	D23
17	custos / custos de produção	D24
18	DEA / envoltória	D24
19	renda / distribuição de renda	D31
20	informação / assimetria informação	D83
21	informação / assimetria de informação	D83
22	assimetria informação / assimetria de informação	D83
23	macro / macroeconomia	E0
24	keynnes / keynes	E12
25	mmt /moder money theory	E12
26	novo-keynesiana / novo keynesiano	E12
27	teoria novo-clássica / teoria macroeconômica novo-clássica	E13
28	teoria macroeconômica novo-clássica / teoria macroeconômica novo-clássica	E13
29	teoria novo-clássica / teoria macroeconômica novo-clássica	E13
30	produção industrial / atividade industrial	E23
31	unflação / inflação	E31
32	inflação de serviços / inflação	E31
33	incentivo iscal / incentivo fiscal	E62
34	modelo /modelo ricardiano	F0
35	exportação / exportações	F10
36	marshal lerner / marshal	F11
37	marshal / marshall	F11
38	heckscher-ohlin / heckscher ohlin	F11
39	heckscher-ohlin / heckscher	F11
40	heckscher-ohlin / ohlin	F11
41	comércio / comércio nacional	F13
42	barreiras tarifárias / barreira tarifária	F13
43	andina / comunidade andina	F15
44	comunidade andina / grupo andino	F15
45	efeitos do cambio / cambio	F31
46	câmbio / câmbio ativos	F31
47	pass-through / repasse cambial	F31
48	passivo em moeda estrangeira / dívida em dólar	F31
49	risco soberano / risco de default	F65
50	trabalho / processo de trabalho	F66
51	processo de trabalho / formas de organização do processo de trabalho	F66

continua...

continuação...

Nº	Lexias candidatas a variantes	JEL
52	gestão / gestão financeira	G1
53	análise / análise de valor	G10
54	bovespa / bolsa	G10
55	portfólio optimization / portfolio optimization	G11
56	trade / day trade	G17
57	day trade / day	G17
58	economatia / economatica	G2
59	teoria dos jogos no setor bancário / teoria dos jogos	G21
60	teoria dos jogos no setor bancário / teoria dos jogos setor bancário	G21
61	teoria dos jogos setor bancário / teoria dos jogos	G21
62	teoria dos jogos no setor bancario / setor bancário	G21
63	fundos de pensão / fundos	G23
64	investimento / propostas de investimento	G31
65	investimento / projeto de investimento	G31
66	projeto de investimento / projeto	G31
67	propostas de investimento / projeto de investimento	G31
68	seguros de risco de engenharia / risco engenharia	G52
69	risco engenharia / risco	G52
70	lei do simples nacional / simples nacional	H25
71	simples nacional / politica do simples nacional	H25
72	politica/ politica do simples nacional	H25
73	valor agregado / valor	H25
74	valor / valor adicionado	H25
75	valor / valor adivionado	H25
76	valor agregado / valor adicionado	H25
77	valor adicionado / valor adivionado	H25
78	bens / bens publicos	H41
79	parcerias público-privadas / parceria público privada	H44
80	parcerias público-privadas / public private partnership	H44
81	parceria público privada / public private partnership	H44
82	austeridade fiscal / ajuste fiscal	H62
83	austeridade fiscal / arrocho fiscal	H62
84	ajuste fiscal / arrocho fiscal	H62
85	dlsp / setor publico	H83
86	nfsp / setor publico	H83
87	diferença de rendimentos / diferencial de rendimentos	J31
88	salário / salário mínimo	J38
89	desigualdade genero / desigualdade gênero	J71
90	desigualdade gênero / desigualdade	J71
91	sociedade civil / civil society	K15
92	organização industriaç / organização industrial	L00
93	investimentos m microempresas / investimentos em microempresas	L25
94	investimentos em microempresas / investimentos	L25
95	organizações sociais / organização social	L3
96	terceiro setor / third sector	L31
97	organizações não governamentais / ongs	L31
98	ong / ongs	L31
99	ngo / ngos	L31
100	ong / ngo	L31
101	ongs / ngos	L31
102	setor siderurgico / setor siderugico	L52
103	e-commerce / eletrônico	L81
104	e-commerce / e-comemrce	L81
105	comercio varejista / comércio	L81
106	brasil imperio / imperio	N00

continua...

conclusão...

Nº	Lexias candidatas a variantes	JEL
107	fhc / fernando henrique cardoso	N16
108	governo lula / lula	N16
109	neodesenvolvimentismo / novo desenvolvimentismo	O10
110	desenvolvimento econômico / desenvolvimento economico	O10
111	mão invisível / mão invisível	P1
112	capitalismo / origem do capitalismo	P10
113	indicadores / indicadores de sustentabilidade	Q01
114	desenvolvimento sustentável / desenvolvimento	Q01
115	mandioca / manihot esculenta crantz	Q1
116	insumos agrícolas / insumos agrícolas	Q12
117	desenvolvimento brasileiro / desenvolvimento industrial brasileiro	Q14
118	índice de desempenho ambiental / ida	Q5
119	economia do pará / economia no pará	R11

Fonte: Elaboração própria.

APÊNDICE E – Classificação formal das lexis candidatas a variantes encontradas na mesma sessão de busca (Grupo A)

I VARIAÇÕES GRÁFICAS	
1. Termo e forma artificial	
a) Termo e símbolo	<i>Não ocorre</i>
b) Termo e fórmula química	<i>Não ocorre</i>
c) Termo e outra forma artificial	<i>Não ocorre</i>
2. Termo e abreviação	
a) Termo e sigla	<i>fernando henrique cardoso / fhc índice de desempenho ambiental / ida organizações não governamentais / ongs moder money theory / mmt</i>
b) Termo e abreviatura	<i>Não ocorre</i>
3. Mudança ortográfica	
a) Presença e ausência de acentuação ou de til	<i>desenvolvimento econômico / desenvolvimento economico desigualdade gênero / desigualdade genero</i>
b) Presença e ausência de hífen	<i>parcerias público-privadas / parceria público privada heckscher-ohlin / heckscher ohlin</i>
c) Erros de grafia, como troca, acréscimo e supressão de letras	<i>valor adicionado / valor adivionado unflação / inflação programação lineat / programação linear organização industrial / organização industriaç incentivo fiscal / incentivo iscal marshal / marshall e-commerce / e-comemrce keynes / keynes teoria maxroecômica novo-clássica / teoria macroecômica novo-clássica setor siderurgico / setor siderugico insumos agricolas / insumos agrícolas economatca / economatia investimentos m microempresas / investimentos em microempresas mão invisível / mão invisível</i>
d) Presença e ausência de espaço entre as palavras	<i>Não ocorre</i>
e) Termo vernáculo e termo estrangeiro	<i>parcerias público-privadas / public private partnership parceria público privada / public private partnership e-commerce / eletrônico terceiro setor / third sector ong / ngo ongs / ngos sociedade civil / civil society repassse cambial / pass-through portfólio optimization / portfolio optimization</i>
f) Termo decalcado [decalque] e termo vernáculo	<i>Não ocorre</i>
g) Termo decalcado [decalque] e termo estrangeiro	<i>Não ocorre</i>

continua...

continuação...

II VARIAÇÕES MORFOSSINTÁTICAS	
1. Mesma estrutura	
a) Ausência e presença de artigo	<i>Não ocorre</i>
b) Alteração de número	<i>parcerias público-privadas / parceria público privada ong / ongs ngo / ngos organizações sociais / organização social barreiras tarifárias / barreira tarifária custos no longo prazo / custo no longo prazo exportação / exportações</i>
c) Alteração e ausência de preposição	<i>custo no longo prazo / custo ao longo prazo custo ao longo prazo / custo longo prazo economia do pará / economia no pará assimetria de informação / assimetria informação teoria dos jogos no setor bancário / teoria dos jogos setor bancário custo de transação / custo transação</i>
d) Alteração de gênero	<i>novo-keynesiana / novo keynesiano</i>
2. Estrutura diferente	
e) [N+A] / [N +SP] [nome + adj.] / [nome + sintagma prepos.]	<i>Não ocorre</i>
f) Monoléxico / poliléxico	<i>Não ocorre</i>
g) Outras alterações de estrutura	<i>passivo em moeda estrangeira / dívida em dólar dlsp / setor publico nfsp / setor publico</i>
III REDUÇÕES	
1. Reduções da extensão	<i>fundos de pensão / fundos planejamento financeiro familiar / planejamento financeiro projeto de investimento / projeto comercio varejista / comércio demanda marshalliana / demanda oaxaca blinder / oxaca marshal lerner / marshal heckscher-ohlin / heckscher inflação de serviços / inflação finanças pessoais / finanças valor agregado / valor custo ao longo prazo / custo day trade / day desenvolvimento sustentável / desenvolvimento gráfico de custos / gráfico investimentos em microempresas / investimentos risco engenharia / risco teoria dos jogos no setor bancário / teoria dos jogos teoria dos jogos setor bancário / teoria dos jogos desigualdade gênero / desigualdade análise / análise de valor indicadores / indicadores de sustentabilidade custos / custos de produção câmbio / câmbio ativos bens / bens públicos modelo / modelo ricardiano salário / salário mínimo valor / valor adicionado valor / valor adivionado gestão / gestão financeira comércio / comércio nacional politica/ politica do simples nacional</i>

continuação...

conclusão...

III REDUÇÕES	
2. Reduções da base	<i>lei do simples nacional / simples nacional</i> <i>efeitos do cambio / cambio</i> <i>simples nacional / politica do simples nacional</i> <i>governo lula / lula</i> <i>analise dos custos / custos</i> <i>heckscher-ohlin / ohlin</i> <i>impacto dos custos / custos</i> <i>seguros de risco de engenharia / risco engenharia</i> <i>teoria dos jogos no setor bancario / setor bancário</i> <i>investimento / propostas de investimento</i> <i>investimento / projeto de investimento</i> <i>capitalismo / origem do capitalismo</i> <i>feminista / economia feminista</i> <i>trabalho / processo de trabalho</i> <i>trade / day trade</i> <i>andina / comunidade andina</i> <i>informação / assimetria informação</i> <i>informação / assimetria de informação</i> <i>renda / distribuição de renda</i>
3. Outras reduções	<i>teoria novo-clássica / teoria macroeconômica novo-clássica</i> <i>teoria novo-clássica / teoria macroeconômica novo-clássica</i>
IV VARIAÇÕES LEXICAIS	
1. Unidades monoléticas	<i>BOVESPA / bolsa</i> <i>DEA / envoltória</i> <i>micro / microeconomia</i> <i>macro / macroeconomia</i>
2. Unidades poliléticas	
a) Alterações da base	<i>austeridade fiscal / ajuste fiscal</i> <i>austeridade fiscal / arrocho fiscal</i> <i>ajuste fiscal / arrocho fiscal</i> <i>propostas de investimento / projeto de investimento</i> <i>produção industrial / atividade industrial</i> <i>diferença de rendimentos / diferencial de rendimentos</i> <i>desenvolvimento brasileiro / desenvolvimento industrial brasileiro</i> <i>processo de trabalho / formas de organização do processo de trabalho</i>
b) Alterações da extensão	<i>valor adicionado / valor agregado</i> <i>risco soberano / risco de default</i>
V DIFERENTES VARIAÇÕES COMPLEXAS	
1. Com parentesco formal	
a) Monolético / polilético	<i>neodesenvolvimentismo / novo desenvolvimentismo</i>
b) Polilético / polilético	<i>comunidade andina / grupo andino</i>
c) Termo eponímico e termo descritivo	<i>david ricardo / teoria do valor de ricardo</i>
2. Sem parentesco formal	
a) Monolético / polilético	<i>mandioca / manihot esculenta crantz</i>
b) Polilético / polilético	<i>Não ocorre</i>
c) Termo eponímico e termo descritivo	<i>Não ocorre</i>

Fonte: Adaptado de Freixa (2002) e Araújo (2006).

**APÊNDICE F – Lexias candidatas a variantes encontradas em diferentes sessões de
busca (Grupo B)**

Nº	Lexias candidatas a variantes	JEL
01	instituições / instituições	B15
02	marx / marxista	B31
03	mincer / minceriana	B31
04	oaxaca / oaxaca-blinder	C2
05	oaxaca / oaxaca blinder	C2
06	econometria / econometria espacial	C21
07	integração / integração espacial	C21
08	séries temporais / series temporais	C22
09	logit / logit multinomial	C25
10	modelo / modelo econométrico	C3
11	logit / logit ordenado	C35
12	logit ordenado / logística ordenada	C35
13	ordenada / logística ordenada	C35
14	indicadores / indicadores econômico financeiros	C43
15	análise econômica / análise econômico	D0
16	financeiro / planejamento financeiro	D14
17	economia / economia colaborativa	D16
18	teoria da firma / teoria da firma sob concorrência perfeita	D21
19	cobb douglas / função de produção	D24
20	elasticidade / elasticidade de produção	D24
21	distribuição / distribuição de renda	D31
22	desigualdade / disparidade	D31
23	renda / rendimento	D31
24	desigualdade de renda / diferença de rendimentos	D31
25	desigualdade de renda / diferencial de rendimentos	D31
26	diferença de rendimentos / diferencial de rendimentos	D31
27	desigualdade / desigualdade de renda	D31
28	renda / desigualdade de renda	D31
29	análise de viabilidade econômica / estudo de viabilidade econômica	D4
30	viabilidade econômica / análise de viabilidade econômica	D4
31	viabilidade econômica / estudo de viabilidade econômica	D4
32	mercado / equilíbrio de mercado	D4
33	mercado / falhas de mercado	D4
34	mercado / mercado mundial	D4
35	preço / valor	D4
36	análise de valor / valoração	D46
37	economia / economia da produção	D51
38	equilíbrio geral / equilíbrio geral computável	D58
39	equilíbrio geral / modelo de equilíbrio geral	D58
40	modelo / modelo de equilíbrio geral	D58
41	novo keynesiano / novo keynesianos	E12
42	demanda / demanda efetiva	E21
43	industrial / atividade industrial	E23
44	industrial / produção industrial	E23
45	inflação / inflação	E31
46	ciclos / ciclos de negócios	E32
47	política / política discricionária	E5
48	política / política de economia	E6
49	incentivo fiscal / incentivos fiscais	E62
50	economia / economia internacional	F0
51	internacional / economia internacional	F0

continua...

continuação...

Nº	Lexias candidatas a variantes	JEL
52	modelo / modelo ricardiano	F0
53	exportação / exportação brasileira	F10
54	hecker / heckscher-ohlin	F11
55	comércio / comercio internacional	F14
56	internacional / comercio internacional	F14
57	termos / termos de troca	F14
58	câmbio / cambio	F31
59	taxa de câmbio / taxa de cambio	F31
60	política / politica cambial	F31
61	risco / risco país	F34
62	risco / risco-país	F34
63	modelo / modelos de crescimento econômico	F43
64	política / política monetária	F52
65	monetaria / política monetária	F52
66	risco / risco soberano	F65
67	risco / risco de default	F65
68	crise / crise bancaria	G01
69	crise / crise economica	G01
70	crise / crise de 2008	G01
71	crise economica / crises econômicas	G01
72	mercado / mercado de capitais	G10
73	valor / análise de valor	G10
74	bolsa de valores / bolsa	G10
75	investimentos / aplicações financeiras	G11
76	investimento / investimentos	G11
77	investimento / investimento direto liquido	G11
78	comércio / trade	G11
79	banco / bancos	G21
80	previdência fechada / fundos de pensão	G23
81	previdencia / reforma previdencia	G23
82	previdencia / previdência fechada	G23
83	previdencia / previdência complementar	G23
84	reforma / reforma previdencia	G23
85	risco / gerenciamento de risco	G31
86	inadimplência / inadimplencia	G32
87	credito / crédito consignado	G51
88	renda / imposto de renda	H24
89	imposto / imposto de renda	H24
90	gestão fiscal / indice de gestão fiscal	H62
91	gasto público / gastos públicos	H83
92	gastos / gastos públicos	H83
93	bolsa / bolsa família	I38
94	bolsa família / programa bolsa família	I38
95	política / política pública	J18
96	trabalho / emprego	J20
97	trabalho / mercado de trabalho	J20
98	mercado / mercado de trabalho	J20
99	rendimento / diferença de rendimentos	J31
100	rendimento / diferencial de rendimentos	J31
101	salário / salario	J38
102	industrial / organização industrial	L00
103	desenvolvimento / desenvolvimento industrial brasileiro	L1
104	empresas / endividamento das empresas	L25
105	endividamento / endividamento das empresas	L25
106	endividamento / endividamento das microempresas	L25

continua...

conclusão...

Nº	Lexias candidatas a variantes	JEL
107	micro / microempresa	L25
108	custo / custo uep	L6
109	industria / industria automotiva	L62
110	industria / industria calçadista	L67
111	economia / economia circular	L99
112	gestão / gestão pessoal	M5
113	império/imperio	N00
114	café / período do café	N16
115	collor I / plano brasil novo	N16
116	economia / economia brasileira	O1
117	desenvolvimento / desenvolvimento econômico	O10
118	pib / pib per capita	O15
119	politica / politicas industrial de ciência	O38
120	crescimento econômico / crescimento economico	O41
121	crescimento / crescimento econômico	O41
122	crescimento / crescimento socioeconômico	O41
123	desenvolvimento / crescimento	O41
124	desenvolvimento econômico / crescimento econômico	O41
125	economia / economia de mercado	P1
126	mercado / economia de mercado	P1
127	neoestruturalismo / neo estrutalismo	P16
128	economia / economia politica	P16
129	politica / economia politica	P16
130	economia / economia local	P25
131	economia / economia urbana	P25
132	indicadores / indicadores de gasto publico dos municipios	P35
133	desenvolvimento sustentável / desenvolvimento sustentavel	Q01
134	sustentabilidade / indicadores de sustentabilidade	Q01
135	sustentabilidade / sustentabilidade no varejo	Q01
136	varejo / sustentabilidade no varejo	Q01
137	demanda / demanda por alimentos	Q11
138	produtividade / produtividade agrícola	Q11
139	agronegócio / agronegocio	Q13
140	credito / credito rural	Q14
141	desenvolvimento / desenvolvimento brasileiro	Q14
142	ambiental / custo ambiental /	Q56
143	desenvolvimento / desenvolvimento regional	R11
144	economia / economia regional	R11
145	micro / microrregião	R11
146	economia / economia criativa	Z10

Fonte: Elaboração própria.

APÊNDICE G – Classificação formal das lexias candidatas a variantes encontradas em diferentes sessões de busca (Grupo B)

I VARIAÇÕES GRÁFICAS	
1. Termo e forma artificial	
a) Termo e símbolo	<i>Não ocorre</i>
b) Termo e fórmula química	<i>Não ocorre</i>
c) Termo e outra forma artificial	<i>Não ocorre</i>
2. Termo e abreviação	
a) Termo e sigla	<i>Não ocorre</i>
b) Termo e abreviatura	<i>Não ocorre</i>
3. Mudança ortográfica	
a) Presença e ausência de acentuação ou de til	<i>agronegócio / agronegocio salário / salario câmbio / cambio taxa de câmbio / taxa de cambio séries temporais / series temporais império / império</i>
b) Presença e ausência de hífen	<i>oaxaca-blinder / oxaca blinder</i>
c) Erros de grafia, como troca, acréscimo e supressão de letras	<i>crescimento econômico / crescimento econômico inflação / inflaçãp desenvolvimento sustentável / desenvolvimento sustentável instituições / instituições análise econômica / analise econômico</i>
d) Presença e ausência de espaço entre as palavras	<i>neoestruturalismo / neo estruturalismo</i>
e) Termo vernáculo e termo estrangeiro	<i>comércio / trade</i>
f) Termo decalcado [decalque] e termo vernáculo	<i>Não ocorre</i>
g) Termo decalcado [decalque] e termo estrangeiro	<i>Não ocorre</i>
II VARIAÇÕES MORFOSSINTÁTICAS	
1. Mesma estrutura	
a) Ausência e presença de artigo	<i>Não ocorre</i>
b) Alteração de número	<i>investimento / investimentos bancos / banco crise economica / crises económicas gasto público / gastos públicos novo keynesiano / novo keynesianos incentivo fiscal / incentivos fiscais</i>
c) Alteração e ausência de preposição	<i>Não ocorre</i>
d) Alteração de gênero	<i>Não ocorre</i>
2. Estrutura diferente	
e) [N+A] / [N +SP] [nome + adj.] / [nome + sintagma prepos.]	<i>previdência fechada / fundos de pensão</i>
f) Monolítico / polilítico	<i>Não ocorre</i>
g) Outras alterações de estrutura	<i>logit ordenado / logistica ordenada collor I / plano brasil novo</i>

continua...

continuação...

III REDUÇÕES	
1. Reduções da extensão	<i>ciclos / ciclos de negócios</i> <i>bolsa / bolsa família</i> <i>bolsa de valores / bolsa</i> <i>comércio / comercio internacional</i> <i>credito / crédito consignado</i> <i>crédito / credito rural</i> <i>crescimento / crescimento econômico</i> <i>crescimento / crescimento socioeconômico</i> <i>crise / crise bancaria</i> <i>crise / crise econômica</i> <i>crise / crise de 2008</i> <i>custo / custo uep</i> <i>demanda / demanda efetiva</i> <i>demanda / demanda por alimentos</i> <i>desenvolvimento / desenvolvimento regional</i> <i>desenvolvimento / desenvolvimento econômico</i> <i>desenvolvimento / desenvolvimento brasileiro</i> <i>desenvolvimento / desenvolvimento industrial brasileiro</i> <i>desigualdade / desigualdade de renda</i> <i>distribuição / distribuição de renda</i> <i>econometria / econometria espacial</i> <i>economia / economia brasileira</i> <i>economia / economia circular</i> <i>economia / economia colaborativa</i> <i>economia / economia criativa</i> <i>economia / economia da produção</i> <i>economia / economia de mercado</i> <i>economia / economia evolucionista</i> <i>economia / economia internacional</i> <i>economia / economia local</i> <i>economia / economia politica</i> <i>economia / economia regional</i> <i>economia / economia urbana</i> <i>elasticidade / elasticidade de produção</i> <i>endividamento / endividamento das empresas</i> <i>endividamento / endividamento das microempresas</i> <i>mercado / mercado de trabalho</i> <i>mercado / mercado de capitais</i> <i>mercado / mercado mundial</i> <i>gastos / gastos públicos</i> <i>gestão / gestão pessoal</i> <i>hecker / heckscher-ohlin</i> <i>imposto / imposto de renda</i> <i>risco / risco país</i> <i>risco / risco soberano</i> <i>risco / risco de default</i> <i>inadimplência / inadimplencia</i> <i>indicadores / indicadores econômico financeiros</i> <i>indicadores / indicadores de gasto publico dos municipios</i> <i>industria / industria automotiva</i> <i>industria / industria calçadista</i> <i>integração / integração espacial</i> <i>investimento / investimento direto liquido</i>

continua...

continuação...

III REDUÇÕES	
1. Reduções da extensão	<p> <i>logit / logit multinomial</i> <i>logit / logit ordenado</i> <i>modelo / modelo de equilibrio geral</i> <i>modelo / modelo ricardiano</i> <i>modelo / modelos de crescimento econômico</i> <i>modelo / modelo econométrico</i> <i>oaxaca / oaxaca blinder</i> <i>oaxaca / oaxaca-blinder</i> <i>pib / pib per capita</i> <i>politica / politicas industrial de ciência</i> <i>politica / politica de economia</i> <i>politica / politica cambial</i> <i>politica / política discricionária</i> <i>politica / política pública</i> <i>politica / política monetária</i> <i>previdencia / previdência fechada</i> <i>previdencia / previdência complementar</i> <i>reforma / reforma previdencia</i> <i>produtividade / produtividade agrícola</i> <i>sustentabilidade / sustentabilidade no varejo</i> <i>termos / termos de troca</i> <i>exportação / exportação brasileira</i> <i>equilibrio geral / equilibrio geral computável</i> </p>
2. Reduções da base	<p> <i>ambiental / custo ambiental</i> <i>café / período do café</i> <i>empresas / endividamento das empresas</i> <i>trabalho / mercado de trabalho</i> <i>mercado / equilibrio de mercado</i> <i>mercado / economia de mercado</i> <i>mercado / falhas de mercado</i> <i>renda / imposto de renda</i> <i>renda / desigualdade de renda</i> <i>financeiro / planejamento financeiro</i> <i>politica / economia politica</i> <i>previdencia / reforma previdência</i> <i>rendimento / diferença de rendimentos</i> <i>rendimento / diferencial de rendimentos</i> <i>sustentabilidade / indicadores de sustentabilidade</i> <i>varejo / sustentabilidade no varejo</i> <i>valor / análise de valor</i> <i>industrial / atividade industrial</i> <i>industrial / organização industrial</i> <i>industrial / produção industrial</i> <i>monetaria / política monetária</i> <i>internacional / economia internacional</i> <i>internacional / comercio internacional</i> <i>risco / gerenciamento de risco</i> <i>ordenada / logistica ordenada</i> <i>bolsa família / programa bolsa família</i> <i>viabilidade economica / analise de viabilidade economica</i> <i>viabilidade economica / estudo de viabilidade econômica</i> <i>gestão fiscal / indice de gestão fiscal</i> <i>equilibrio geral / modelo de equilibrio geral</i> <i>teoria da firma / teoria da firma sob concorrência perfeita</i> </p>
3. Outras reduções	<i>Não ocorre</i>

continua...

conclusão...

IV VARIAÇÕES LÉXICAS	
1. Unidades monoléticas	<i>desigualdade / disparidade</i> <i>renda / rendimento</i> <i>preço / valor</i> <i>desenvolvimento / crescimento</i> <i>trabalho / emprego</i> <i>micro / microrregião</i> <i>micro / microempresa</i>
2. Unidades poliléticas	
a) Alterações da base	<i>análise de viabilidade econômica / estudo de viabilidade econômica</i> <i>desenvolvimento econômico / crescimento econômico</i> <i>diferença de rendimentos / diferencial de rendimentos</i>
b) Alterações da extensão	<i>Não ocorre</i>
V DIFERENTES VARIAÇÕES COMPLEXAS	
1. Com parentesco formal	
a) Monolético / polilético	<i>Não ocorre</i>
b) Polilético / polilético	<i>Não ocorre</i>
c) Termo descritivo e termo eponímico	<i>marx / marxista</i> <i>mincer / minceriana</i>
2. Sem parentesco formal	
a) Monolético / polilético	<i>investimentos / aplicações financeiras</i>
b) Polilético / polilético	<i>desigualdade de renda / diferença de rendimentos</i> <i>desigualdade de renda / diferencial de rendimentos</i>
c) Termo descritivo e termo eponímico	<i>cobb douglas / função de produção</i>

Fonte: Adaptado de Freixa (2002) e Araújo (2006).

APÊNDICE H – Lexias candidatas a variantes encontradas comparando-se o *corpus* de estudo com o *corpus* de referência (Grupo C)

Nº	Lexias candidatas a variantes	JEL
01	teoria economica / teoria econômica	B00
02	teoria evolucionista / teoria evolucionária	B15
03	teoria evolucionista / teoria neoschumpeteriana	B15
04	teoria evolucionista / teoria econômica evolucionista	B15
05	teoria evolucionista / teoria evolucionária neoschumpeteriana	B15
06	IMF / IMFs	C22
07	IMF / função de modo intrínseco	C22
08	IMF / funções de modo intrínseco	C22
09	IMF / funções do modo intrínsecos	C22
10	VEC / vetor autorregressivo com correção de erros	C22
11	VAR / vetor autorregressivo	C22
12	modelo econometrico / modelo econométrico	C3
13	IDHs / IDH	C43
14	IDHs / índice de desenvolvimento humano	C43
15	análise econômica / análises econômicas	D0
16	pnad / pesquisa nacional por amostra de domicílios	D1
17	pnad / pesquisa nacional por amostra de domicílio	D1
18	pnad / pesquisa nacional por amostras de domicílios	D1
19	microeconomico / microeconômico	D11
20	demanda / procura	D11
21	poupança / caderneta de poupança	D14
22	poupança / conta de poupança	D14
23	analise dos custos / análise do custo	D23
24	gastos / despesas	D23
25	custo de transação / custos de transação	D23
26	custo de transação / custo de transações	D23
27	impacto dos custos / impacto do custo	D23
28	CES [sigla em inglês] / elasticidade de substituição constante	D24
29	DEA [sigla em inglês] / análise envoltória de dados	D24
30	DEA / data envelopment analysis	D24
31	envoltória / análise envoltória de dados	D24
32	custos de produção / custo de produção	D24
33	função de produção / funções de produção	D24
34	renda / rendas	D31
35	desigualdade de renda / desigualdades de renda	D31
36	desigualdade de renda / desigualdades da renda	D31
37	diferença de rendimentos / diferenças de rendimentos	D31
38	diferença salarial / diferenças salariais	D31
39	diferencial de rendimentos / diferenciais de rendimentos	D31
40	diferencial de rendimentos / diferencial dos rendimentos	D31
41	distribuição de renda / distribuição da renda	D31
42	distribuição de renda / distribuições de renda	D31
43	equilibrio de mercado / equilíbrio de mercado	D4
44	viabilidade economica / viabilidade econômica	D4
45	falhas de mercado / falha de mercado	D4
46	falhas de mercado / falhas de mercados	D4
47	falhas de mercado / falha de mercados	D4
48	valoraçao / valoração	D46
49	equilibrio geral computavel / equilíbrio geral computável	D58
50	equilibrio geral / equilíbrio geral	D58

continua...

continuação...

Nº	Lexias candidatas a variantes	JEL
51	modelo de equilibrio geral / modelo de equilíbrio geral	D58
52	externalidades / externalidade	D62
53	externalidades / spillovers	D62
54	externalidades / economias externas	D62
55	externalidades / efeitos externos	D62
56	externalidades / efeitos de transbordamento	D62
57	assimetria de informação / assimetria de informações	D83
58	assimetria de informação / assimetrias de informação	D83
59	assimetria de informação / assimetrias da informação	D83
60	teoria geral keynes / teoria geral de keynes	E1
61	DSGE / modelo dynamic stochastic general equilibrium	E13
62	DSGE / modelo dinâmico estocástico de equilíbrio geral	E13
63	DSGE / modelos dinâmicos de equilíbrio geral estocástico	E13
64	atividade industrial / atividades industriais	E23
65	ciclos de negócios / ciclo de negócios	E32
66	ciclos de negócios / ciclos dos negócios	E32
67	economia / ciência econômica	F00
68	marshal lerner / marshall-lerner	F11
69	comercio internacional / comércio internacional	F14
70	politica cambial / política cambial	F31
71	politica / política	F31
72	efeitos do cambio / efeitos do câmbio	F31
73	balanço de pagamentos / balanço de pagamentos	F32
74	risco país / risco-país	F34
75	risco país / riscopaís	F34
76	risco / riscopaís	F34
77	risco / risco-país	F34
78	lei de thirlwall / modelo de thirlwall	F43
79	thirlwall / lei de thirlwall	F43
80	modelo / modelo de thirlwall	F43
81	monetaria / monetária	F52
82	Cepal / Comissão Econômica para América Latina e Caribe	F55
83	Cepal / Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe	F55
84	crise bancaria / crise bancária	G01
85	crise economica / crise econômica	G01
86	bovespa / bolsa de são paulo	G10
87	economica / econômica	G2
88	credito / crédito	G21
89	setor bancario / setor bancário	G21
90	reforma previdencia / reforma da previdência	G23
91	previdencia / previdência	G23
92	bens publicos / bens públicos	H41
93	setor publico / setor público	H83
94	cadastro unico / cadastro único	I38
95	cadastro unico / CadÚnico	I38
96	desigualdade gênero / desigualdade de gênero	J71
97	Estado Novo (1937 a 1945) / Estado Novo	J71
98	monopolio / monopólio	L12
99	autoregulação / autorregulação	L51
100	indústria / industria	L6
101	comercio varejista / comércio varejista	L81
102	imobiliario / imobiliário	L85
103	inteligencia artificial / inteligência artificial	L86
104	getulio vargas / getúlio vargas	N16

continua...

conclusão...

Nº	Lexias candidatas a variantes	JEL
105	primeira republica / primeira república	N16
106	desenvolvimento economico / desenvolvimento econômico	O10
107	pib per capita / produto interno bruto per capita	O15
108	pib / produto interno bruto	O15
109	GTAP / global trade analysis project	O32
110	economia de mercado / economias de mercado	P1
111	economia de mercado / economias de mercados	P1
112	economia politica / economia política	P16
113	desenvolvimento sustentavel / desenvolvimento sustentável	Q01
114	sistema nacional de fomento / SNF	Q1
115	agropecuaria / agropecuária	Q1
116	credito rural / crédito rural	Q14
117	insumo-produto / insumo produto	Q17
118	petroleo / petróleo	Q35
119	microrregiao / microrregião	R11

Fonte: Elaboração própria.

APÊNDICE I – Classificação formal das lexias candidatas a variantes encontradas comparando-se o *corpus* de estudo com o *corpus* de referência (Grupo C)

I VARIAÇÕES GRÁFICAS	
1. Termo e forma artificial	
a) Termo e símbolo	<i>Não ocorre</i>
b) Termo e fórmula química	<i>Não ocorre</i>
c) Termo e outra forma artificial	<i>Não ocorre</i>
1. Termo e abreviação	
a) Termo e sigla	<i>Cepal / Comissão Econômica para América Latina e Caribe Cepal / Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe CES [sigla em inglês] / elasticidade de substituição constante bovespa / bolsa de são paulo GTAP / global trade analysis project IDH / índice de desenvolvimento humano IMF [sigla em inglês] / função de modo intrínseco IMF [sigla em inglês] / funções de modo intrínseco IMF [sigla em inglês] / funções do modo intrínsecos VEC / vetor autorregressivo com correção de erros VAR / vetor autorregressivo DEA [sigla em inglês] / análise envoltória de dados DEA / data envelopment analysis DSGE / modelo dynamic stochastic general equilibrium DSGE [sigla em inglês] / modelo Dinâmico Estocástico de Equilíbrio Geral DSGE [sigla em inglês] / modelos dinâmicos de equilíbrio geral estocástico sistema nacional de fomento / SNF PNAD / pesquisa nacional por amostra de domicílios PNAD / pesquisa nacional por amostra de domicílio PNAD / pesquisa nacional por amostras de domicílios PIB / produto interno bruto PIB per capita / produto interno bruto per capita</i>
b) Termo e abreviatura	<i>cadastro unico / CadÚnico</i>
2. Mudança ortográfica	
a) Presença e ausência de acentuação ou de til	<i>cadastro unico / cadastro único agropecuaria / agropecuária bens publicos / bens públicos comercio varejista / comércio varejista comercio internacional / comércio internacional credito / crédito credito rural / crédito rural crise bancaria / crise bancária crise economica / crise econômica desenvolvimento economico / desenvolvimento econômico economatca / econômica economia politica / economia política equilibrio de mercado / equilíbrio de mercado equilibrio geral computavel / equilíbrio geral computável equilibrio geral / equilíbrio geral getulio vargas / getúlio vargas efeitos do cambio / efeitos do câmbio imobiliario / imobiliário industria / indústria inteligencia artificial / inteligência artificial microeconomico / microeconômico</i>

continua...

continuação

2. Mudança ortográfica	
a) Presença e ausência de acentuação ou de til	<i>modelo de equilibrio geral / modelo de equilíbrio geral</i> <i>modelo econometrico / modelo econométrico</i> <i>monetaria / monetária</i> <i>monopolio / monopólio</i> <i>petroleo / petróleo</i> <i>politica cambial / política cambial</i> <i>politica / política</i> <i>previdencia / previdência</i> <i>primeira republica / primeira república</i> <i>reforma previdencia / reforma da previdência</i> <i>setor bancario / setor bancário</i> <i>setor publico / setor público</i> <i>teoria economica / teoria econômica</i> <i>viabilidade economica / viabilidade econômica</i> <i>valoracao / valoração</i> <i>microrregiao / microrregião</i>
b) Presença e ausência de hífen	<i>risco país / risco-país</i> <i>insumo-produto / insumo produto</i>
c) Erros de grafia, como troca, acréscimo e supressão de letras	<i>autoregulacao / autorregulação</i> <i>balanco de pagamentos / balanço de pagamentos</i> <i>riscopaís / risco-país</i> <i>desenvolvimento sustentavel / desenvolvimento sustentável</i> <i>marshal lerner / marshall-lerner</i>
d) Presença e ausência de espaço entre as palavras	<i>risco país / riscopaís</i>
e) Termo vernáculo e termo estrangeiro	<i>Não ocorre</i>
f) Termo decalcado [decalque] e termo vernáculo	<i>externalidades [externality] / economias externas</i> <i>externalidades [externality] / efeitos externos</i> <i>externalidades [externality] / efeitos de transbordamento</i>
g) Termo decalcado [decalque] e termo estrangeiro	<i>externalidades [externality] / spillovers</i>
II VARIAÇÕES MORFOSSINTÁTICAS	
1. Mesma estrutura	
a) Ausência e presença de artigo	<i>desigualdades de renda / desigualdades da renda</i> <i>diferencial de rendimentos / diferencial dos rendimentos</i> <i>distribuição de renda / distribuição da renda</i> <i>assimetria de informação / assimetrias da informação</i> <i>ciclos de negócios / ciclos dos negócios</i>
b) Alteração de número	<i>IDHs / IDH</i> <i>IMF / IMFs</i> <i>analise dos custos / análise do custo</i> <i>custo de transação / custos de transação</i> <i>custo de transação / custo de transações</i> <i>externalidades / externalidade</i> <i>impacto dos custos / impacto do custo</i> <i>custos de produção / custo de produção</i> <i>função de produção / funções de produção</i> <i>desigualdade de renda / desigualdades de renda</i> <i>diferença de rendimentos / diferenças de rendimentos</i> <i>diferença salarial / diferenças salariais</i> <i>diferencial de rendimentos / diferenciais de rendimentos</i> <i>distribuição de renda / distribuições de renda</i> <i>falhas de mercado / falha de mercado</i> <i>falhas de mercado / falhas de mercados</i> <i>falhas de mercado / falha de mercados</i>

continua...

conclusão...

1. Mesma estrutura	
b) Alteração de número	<i>assimetria de informação / assimetria de informações assimetria de informação / assimetrias de informação atividade industrial / atividades industriais ciclos de negócios / ciclo de negócios economia de mercado / economias de mercado economia de mercado / economias de mercados renda / rendas</i>
c) Alteração e ausência de preposição	<i>desigualdade gênero / desigualdade de gênero reforma previdencia / reforma da previdência teoria geral keynes / teoria geral de keynes</i>
d) Alteração de gênero	<i>Não ocorre</i>
2. Estrutura diferente	
e) [N+A] / [N +SP] [nome + adj.] / [nome + sintagma prepos.]	<i>Não ocorre</i>
f) Monoléxico / poliléxico	<i>Não ocorre</i>
g) Outras alterações de estrutura	<i>Não ocorre</i>
III REDUÇÕES	
1. Reduções da extensão	<i>Estado Novo (1937 a 1945) / Estado Novo modelo / modelo de thirlwall risco / risco-país</i>
2. Reduções da base	<i>poupança / caderneta de poupança poupança / conta de poupança</i>
3. Outras reduções	<i>teoria evolucionista / teoria econômica evolucionista teoria evolucionista / teoria evolucionária neoschumpeteriana envoltória / análise envoltória de dados</i>
IV VARIAÇÕES LÉXICAS	
1. Unidades monoléticas	<i>demanda / procura gastos / despesas</i>
2. Unidades poliléticas	
a) Alterações da base	<i>lei de thirlwall / modelo de thirlwall</i>
b) Alterações da extensão	<i>teoria evolucionista / teoria evolucionária teoria evolucionista / teoria neoschumpeteriana</i>
V DIFERENTES VARIAÇÕES COMPLEXAS	
1. Com parentesco formal	
a) Monolético / polilético	<i>economia / ciência econômica</i>
b) Polilético / polilético	<i>Não ocorre</i>
c) Termo eponímico e termo descritivo	<i>thirlwall / lei de thirlwall</i>
2. Sem parentesco formal	
a) Monolético / polilético	<i>Não ocorre</i>
b) Polilético / polilético	<i>Não ocorre</i>
c) Termo eponímico e termo descritivo	<i>Não ocorre</i>

Fonte: Adaptado de Freixa (2002) e Araújo (2006).

APÊNDICE J – Classificação JEL das candidatas a variantes do Grupo A

Nº	Lexias candidatas a variantes	JEL
B - História do Pensamento Econômico, Metodologia, e Abordagens Heterodoxas		
01	david ricardo / teoria do valor de ricardo	B31
02	feminista / economia feminista	B54
C - Métodos Matemáticos Quantitativos		
01	oaxaca blinder / oaxaca	C2
02	programação lineat / programação linear	C61
D - Microeconomia		
01	micro / microeconomia	D11
02	demanda marshalliana / demanda	D11
03	planejamento financeiro familiar / planejamento financeiro	D14
04	finanças pessoais / finanças	D14
05	análise dos custos / custos	D23
06	custos no longo prazo / custo no longo prazo	D23
07	custo no longo prazo / custo ao longo prazo	D23
08	custo ao longo prazo / custo	D23
09	custo ao longo prazo / custo longo prazo	D23
10	gráfico de custos / gráfico	D23
11	impacto dos custos / custos	D23
12	custo de transação / custo transação	D23
13	custos / custos de produção	D24
14	DEA / envoltória	D24
15	renda / distribuição de renda	D31
16	informação / assimetria informação	D83
17	informação / assimetria de informação	D83
18	assimetria informação / assimetria de informação	D83
E - Macroeconomia e Economia Monetária		
01	macro / macroeconomia	E0
02	keynnes / keynes	E12
03	mmt / moder money theory	E12
04	novo-keynesiana / novo keynesiano	E12
05	teoria novo-clássica / teoria maxroecômica novo-clássica	E12
06	teoria maxroecômica novo-clássica / teoria macroecômica novo-clássica	E12
07	teoria novo-clássica / teoria macroecômica novo-clássica	E13
08	produção industrial / atividade industrial	E23
09	unflação / inflação	E31
10	inflação de serviços / inflação	E31
11	incentivo iscal / incentivo fiscal	E62
F - Economia Internacional		
01	modelo / modelo ricardiano	F0
02	exportação / exportações	F10
03	marshal lerner / marshal	F11
04	marshal / marshall	F11
05	heckscher-ohlin / heckscher ohlin	F11
06	heckscher-ohlin / heckscher	F11
07	heckscher-ohlin / ohlin	F11
08	comércio / comércio nacional	F13
09	barreiras tarifárias / barreira tarifária	F13
10	andina / comunidade andina	F15
11	comunidade andina / grupo andino	F15
12	efeitos do cambio / cambio	F31
13	câmbio / câmbio ativos	F31
14	pass-through / repasse cambial	F31

continua...

continuação...

Nº	Lexias candidatas a variantes	JEL
F - Economia Internacional		
15	passivo em moeda estrangeira / dívida em dólar	F31
16	risco soberano / risco de default	F65
17	trabalho / processo de trabalho	F66
18	processo de trabalho / formas de organização do processo de trabalho	F66
G - Economia Financeira		
01	gestão / gestão financeira	G1
02	análise / análise de valor	G10
03	bovespa / bolsa	G10
04	portfólio optimization / portfolio optimization	G11
05	trade / day trade	G17
06	day trade / day	G17
07	economatía / economática	G2
08	teoria dos jogos no setor bancário / teoria dos jogos	G21
09	teoria dos jogos no setor bancário / teoria dos jogos setor bancário	G21
10	teoria dos jogos setor bancário / teoria dos jogos	G21
11	teoria dos jogos no setor bancario / setor bancário	G21
12	fundos de pensão / fundos	G23
13	investimento / propostas de investimento	G31
14	investimento / projeto de investimento	G31
15	projeto de investimento / projeto	G31
16	propostas de investimento / projeto de investimento	G31
17	seguros de risco de engenharia / risco engenharia	G52
18	risco engenharia / risco	G52
H – Economia Pública		
01	lei do simples nacional / simples nacional	H25
02	simples nacional / política do simples nacional	H25
03	política/ política do simples nacional	H25
04	valor agregado / valor	H25
05	valor / valor adicionado	H25
06	valor / valor adivionado	H25
07	valor agregado / valor adicionado	H25
08	valor adicionado / valor adivionado	H25
09	bens / bens publicos	H41
10	parcerias público-privadas / parceria público privada	H44
11	parcerias público-privadas / public private partnership	H44
12	parceria público privada / public private partnership	H44
13	austeridade fiscal / ajuste fiscal	H62
14	austeridade fiscal / arrocho fiscal	H62
15	ajuste fiscal / arrocho fiscal	H62
16	dlsp / setor publico	H83
17	nfsp / setor publico	H83
J - Economia do Trabalho e Demografia Econômica		
01	diferença de rendimentos / diferencial de rendimentos	J31
02	salário / salário mínimo	J38
03	desigualdade genero / desigualdade gênero	J71
04	desigualdade gênero / desigualdade	J71
K - Direito e Economia		
01	sociedade civil / civil society	K15
L - Organização Industrial		
01	organização industriaç / organização industrial	L00
02	investimentos m microempresas / investimentos em microempresas	L25
03	investimentos em microempresas / investimentos	L25
04	organizações sociais / organização social	L3
05	terceiro setor / third sector	L31

continua...

continuação

Nº	Lexias candidatas a variantes	JEL
L - Organização Industrial		
06	organizações não governamentais / ongs	L31
07	ong / ongs	L31
08	ngo / ngos	L31
09	ong / ngo	L31
10	ongs / ngos	L31
11	setor siderurgico / setor siderugico	L52
12	e-commerce / eletrônico	L81
13	e-commerce / e-comemrce	L81
14	comercio varejista / comércio	L81
N - História Econômica		
01	brasil imperio / imperio	N00
02	fhc / fernando henrique cardoso	N16
03	governo lula / lula	N16
O - Desenvolvimento Econômico, Inovação, Mudança Tecnológica e Crescimento		
01	neodesenvolvimentismo / novo desenvolvimentismo	O10
02	desenvolvimento econômico / desenvolvimento economico	O10
P - Sistemas Econômicos		
01	mão invisível / mão invisível	P1
02	capitalismo / origem do capitalismo	P10
Q - Economia Agrícola e dos Recursos Naturais • Economia do Meio Ambiente e da Ecologia		
01	indicadores / indicadores de sustentabilidade	Q01
02	desenvolvimento sustentável / desenvolvimento	Q01
03	mandioca / manihot esculenta crantz	Q1
04	insumos agricolas / insumos aggricolas	Q12
05	desenvolvimento brasileiro / desenvolvimento industrial brasileiro	Q14
06	indice de desempenho ambiental / ida	Q5
R - Economia Urbana, Rural, Regional, Imobiliária e de Transportes		
01	economia do pará / economia no pará	R11

Fonte: Elaboração própria.

APÊNDICE K – Classificação JEL das candidatas a variantes do Grupo B

Nº	Lexias candidatas a variantes	JEL
B - História do Pensamento Econômico, Metodologia, e Abordagens Heterodoxas		
01	instituições / instituições	B15
02	marx / marxista	B31
03	mincer / minceriana	B31
C - Métodos Matemáticos Quantitativos		
01	oaxaca / oaxaca-blinder	C2
02	oaxaca / oaxaca blinder	C2
03	econometria / econometria espacial	C21
04	integração / integração espacial	C21
05	séries temporais / series temporais	C22
06	logit / logit multinomial	C25
07	modelo / modelo econométrico	C3
08	logit / logit ordenado	C35
09	logit ordenado / logística ordenada	C35
10	ordenada / logística ordenada	C35
11	indicadores / indicadores econômico financeiros	C43
D - Microeconomia		
01	análise econômica / análise econômico	D0
02	financeiro / planejamento financeiro	D14
03	economia / economia colaborativa	D16
04	teoria da firma / teoria da firma sob concorrência perfeita	D21
05	cobb douglas / função de produção	D24
06	elasticidade / elasticidade de produção	D24
07	distribuição / distribuição de renda	D31
08	desigualdade / disparidade	D31
09	renda / rendimento	D31
10	desigualdade de renda / diferença de rendimentos	D31
11	desigualdade de renda / diferencial de rendimentos	D31
12	diferença de rendimentos / diferencial de rendimentos	D31
13	desigualdade / desigualdade de renda	D31
14	renda / desigualdade de renda	D31
15	análise de viabilidade econômica / estudo de viabilidade econômica	D4
16	viabilidade econômica / análise de viabilidade econômica	D4
17	viabilidade econômica / estudo de viabilidade econômica	D4
18	mercado / equilíbrio de mercado	D4
19	mercado / falhas de mercado	D4
20	mercado / mercado mundial	D4
21	preço / valor	D4
22	análise de valor / valoração	D46
23	economia / economia da produção	D51
24	equilíbrio geral / equilíbrio geral computável	D58
25	equilíbrio geral / modelo de equilíbrio geral	D58
26	modelo / modelo de equilíbrio geral	D58
E - Macroeconomia e Economia Monetária		
01	novo keynesiano / novo keynesianos	E12
02	demanda / demanda efetiva	E21
03	industrial / atividade industrial	E23
04	industrial / produção industrial	E23
05	inflação / inflaçãp	E31
06	ciclos / ciclos de negócios	E32
07	política / política discricionária	E5
08	política / política de economia	E6

continua...

continuação...

Nº	Lexias candidatas a variantes	JEL
E - Macroeconomia e Economia Monetária		
09	incentivo fiscal / incentivos fiscais	E62
F - Economia Internacional		
01	economia / economia internacional	F0
02	internacional / economia internacional	F0
03	modelo / modelo ricardiano	F0
04	exportação / exportação brasileira	F10
05	hecker / heckscher-ohlin	F11
06	comércio / comercio internacional	F14
07	internacional / comercio internacional	F14
08	termos / termos de troca	F14
09	câmbio / cambio	F31
10	taxa de câmbio / taxa de cambio	F31
11	politica / politica cambial	F31
12	risco / risco país	F34
13	risco / risco-país	F34
14	modelo / modelos de crescimento econômico	F43
15	politica / política monetária	F52
16	monetaria / política monetária	F52
17	risco / risco soberano	F65
18	risco / risco de default	F65
G - Economia Financeira		
01	crise / crise bancaria	G01
02	crise / crise economica	G01
03	crise / crise de 2008	G01
04	crise economica / crises econômicas	G01
05	mercado / mercado de capitais	G10
06	valor / análise de valor	G10
07	bolsa de valores / bolsa	G10
08	investimentos / aplicações financeiras	G11
09	investimento / investimentos	G11
10	investimento / investimento direto liquido	G11
11	comércio / trade	G11
12	banco / bancos	G21
13	previdência fechada / fundos de pensão	G23
14	previdencia / reforma previdencia	G23
15	previdencia / previdência fechada	G23
16	previdencia / previdência complementar	G23
17	reforma / reforma previdencia	G23
18	risco / gerenciamento de risco	G31
19	inadimplência / inadimplencia	G32
20	credito / crédito consignado	G51
H – Economia Pública		
01	renda / imposto de renda	H24
02	imposto / imposto de renda	H24
03	gestão fiscal / indice de gestão fiscal	H62
04	gasto público / gastos públicos	H83
05	gastos / gastos públicos	H83
I - Economia da Saúde, Educação e Bem-Estar		
01	bolsa / bolsa família	I38
02	bolsa família / programa bolsa família	I38

continua...

continuação...

Nº	Lexias candidatas a variantes	JEL
J - Economia do Trabalho e Demografia Econômica		
01	politica / política pública	J18
02	trabalho / emprego	J20
03	trabalho / mercado de trabalho	J20
04	mercado / mercado de trabalho	J20
05	rendimento / diferença de rendimentos	J31
06	rendimento / diferencial de rendimentos	J31
07	salário / salario	J38
L - Organização Industrial		
01	industrial / organização industrial	L00
02	desenvolvimento / desenvolvimento industrial brasileiro	L1
03	empresas / endividamento das empresas	L25
04	endividamento / endividamento das empresas	L25
05	endividamento / endividamento das microempresas	L25
06	micro / microempresa	L25
07	custo / custo uep	L6
08	industria / indústria automotiva	L62
09	industria / indústria calçadista	L67
10	economia / economia circular	L99
M – Administração de Empresas e Economia Empresarial • Marketing • Contabilidade • Economia dos Recursos Humanos		
01	gestão / gestão pessoal	M5
N - História Econômica		
01	império/imperio	N00
02	café / período do café	N16
03	collor I / plano brasil novo	N16
O - Desenvolvimento Econômico, Inovação, Mudança Tecnológica e Crescimento		
01	economia / economia brasileira	O1
02	desenvolvimento / desenvolvimento econômico	O10
03	pib / pib per capita	O15
04	politica / políticas industrial de ciência	O38
05	crescimento econômico / crescimento economico	O41
06	crescimento / crescimento econômico	O41
07	crescimento / crescimento socioeconômico	O41
08	desenvolvimento / crescimento	O41
09	desenvolvimento econômico / crescimento econômico	O41
P - Sistemas Econômicos		
01	economia / economia de mercado	P1
02	mercado / economia de mercado	P1
03	neoestruturalismo / neo estrutalismo	P16
04	economia / economia politica	P16
05	politica / economia politica	P16
06	economia / economia local	P25
07	economia / economia urbana	P25
08	indicadores / indicadores de gasto publico dos municipios	P35
Q - Economia Agrícola e dos Recursos Naturais • Economia do Meio Ambiente e da Ecologia		
01	desenvolvimento sustentável / desenvolvimento sustentavel	Q01
02	sustentabilidade / indicadores de sustentabilidade	Q01
03	sustentabilidade / sustentabilidade no varejo	Q01
04	varejo / sustentabilidade no varejo	Q01
05	demanda / demanda por alimentos	Q11
06	produtividade / produtividade agrícola	Q11
07	agronegócio / agronegocio	Q13
08	credito / credito rural	Q14
09	desenvolvimento / desenvolvimento brasileiro	Q14

continua...

conclusão...

Nº	Lexias candidatas a variantes	JEL
Q - Economia Agrícola e dos Recursos Naturais • Economia do Meio Ambiente e da Ecologia		
10	ambiental / custo ambiental /	Q56
R - Economia Urbana, Rural, Regional, Imobiliária e de Transportes		
01	desenvolvimento / desenvolvimento regional	R11
02	economia / economia regional	R11
03	micro / microrregião	R11
Z - Outros Tópicos Especiais		
01	economia / economia criativa	Z10

Fonte: Elaboração própria.

APÊNDICE L – Classificação JEL das candidatas a variantes do Grupo C

Nº	Lexias candidatas a variantes	JEL
B - História do Pensamento Econômico, Metodologia, e Abordagens Heterodoxas		
01	teoria econômica / teoria econômica	B00
02	teoria evolucionista / teoria evolucionária	B15
03	teoria evolucionista / teoria neoschumpeteriana	B15
04	teoria evolucionista / teoria econômica evolucionista	B15
05	teoria evolucionista / teoria evolucionária neoschumpeteriana	B15
C - Métodos Matemáticos Quantitativos		
01	IMF / IMFs	C22
02	IMF / função de modo intrínseco	C22
03	IMF / funções de modo intrínseco	C22
04	IMF / funções do modo intrínsecos	C22
05	VEC / vetor autorregressivo com correção de erros	C22
06	VAR / vetor autorregressivo	C22
07	modelo econométrico / modelo econométrico	C3
08	IDHs / IDH	C43
09	IDHs / índice de desenvolvimento humano	C43
D - Microeconomia		
01	análise econômica / análises econômicas	D0
02	pnad / pesquisa nacional por amostra de domicílios	D1
03	pnad / pesquisa nacional por amostra de domicílio	D1
04	pnad / pesquisa nacional por amostras de domicílios	D1
05	microeconomico / microeconômico	D11
06	demanda / procura	D11
07	poupança / caderneta de poupança	D14
08	poupança / conta de poupança	D14
09	análise dos custos / análise do custo	D23
10	gastos / despesas	D23
11	custo de transação / custos de transação	D23
12	custo de transação / custo de transações	D23
13	impacto dos custos / impacto do custo	D23
14	CES [sigla em inglês] / elasticidade de substituição constante	D24
15	DEA [sigla em inglês] / análise envoltória de dados	D24
16	DEA / data envelopment analysis	D24
17	envoltória / análise envoltória de dados	D24
18	custos de produção / custo de produção	D24
19	função de produção / funções de produção	D24
20	renda / rendas	D31
21	desigualdade de renda / desigualdades de renda	D31
22	desigualdade de renda / desigualdades da renda	D31
23	diferença de rendimentos / diferenças de rendimentos	D31
24	diferença salarial / diferenças salariais	D31
25	diferencial de rendimentos / diferenciais de rendimentos	D31
26	diferencial de rendimentos / diferencial dos rendimentos	D31
27	distribuição de renda / distribuição da renda	D31
28	distribuição de renda / distribuições de renda	D31
29	equilíbrio de mercado / equilíbrio de mercado	D4
30	viabilidade econômica / viabilidade econômica	D4
31	falhas de mercado / falha de mercado	D4
32	falhas de mercado / falhas de mercados	D4
33	falhas de mercado / falha de mercados	D4
34	valoração / valoração	D46
35	equilíbrio geral computável / equilíbrio geral computável	D58

continua...

continuação...

Nº	Lexias candidatas a variantes	JEL
D - Microeconomia		
36	equilíbrio geral / equilíbrio geral	D58
37	modelo de equilíbrio geral / modelo de equilíbrio geral	D58
38	externalidades / externalidade	D62
39	externalidades / spillovers	D62
40	externalidades / economias externas	D62
41	externalidades / efeitos externos	D62
42	externalidades / efeitos de transbordamento	D62
43	assimetria de informação / assimetria de informações	D83
44	assimetria de informação / assimetrias de informação	D83
45	assimetria de informação / assimetrias da informação	D83
E - Macroeconomia e Economia Monetária		
01	teoria geral keynes / teoria geral de keynes	E1
02	DSGE / modelo dynamic stochastic general equilibrium	E13
03	DSGE / modelo dinâmico estocástico de equilíbrio geral	E13
04	DSGE / modelos dinâmicos de equilíbrio geral estocástico	E13
05	atividade industrial / atividades industriais	E23
06	ciclos de negócios / ciclo de negócios	E32
07	ciclos de negócios / ciclos dos negócios	E32
F - Economia Internacional		
01	economia / ciência econômica	F00
02	marshal lerner / marshall-lerner	F11
03	comercio internacional / comércio internacional	F14
04	política cambial / política cambial	F31
05	política / política	F31
06	efeitos do cambio / efeitos do câmbio	F31
07	balanço de pagamentos / balanço de pagamentos	F32
08	risco país / risco-país	F34
09	risco país / riscopaís	F34
10	risco / riscopaís	F34
11	risco / risco-país	F34
12	lei de thirlwall / modelo de thirlwall	F43
13	thirlwall / lei de thirlwall	F43
14	modelo / modelo de thirlwall	F43
15	monetaria / monetária	F52
16	Cepal / Comissão Econômica para América Latina e Caribe	F55
17	Cepal / Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe	F55
G - Economia Financeira		
01	crise bancária / crise bancária	G01
02	crise econômica / crise econômica	G01
03	bovespa / bolsa de são paulo	G10
04	economática / economática	G2
05	credito / crédito	G21
06	setor bancario / setor bancário	G21
07	reforma previdencia / reforma da previdência	G23
08	previdencia / previdência	G23
H – Economia Pública		
01	bens publicos / bens públicos	H41
02	setor publico / setor público	H83
I - Economia da Saúde, Educação e Bem-Estar		
01	cadastro unico / cadastro único	I38
02	cadastro unico / CadÚnico	I38
J - Economia do Trabalho e Demografia Econômica		
01	desigualdade gênero / desigualdade de gênero	J71
02	Estado Novo (1937 a 1945) / Estado Novo	J71

continua...

conclusão...

Nº	Lexias candidatas a variantes	JEL
L - Organização Industrial		
01	monopolio / monopólio	L12
02	autoregulação / autorregulação	L51
03	industria / indústria	L6
04	comercio varejista / comércio varejista	L81
05	imobiliario / imobiliário	L85
06	inteligencia artificial / inteligência artificial	L86
N - História Econômica		
01	getulio vargas / getúlio vargas	N16
02	primeira republica / primeira república	N16
O - Desenvolvimento Econômico, Inovação, Mudança Tecnológica e Crescimento		
01	desenvolvimento economico / desenvolvimento econômico	O10
02	pib per capita / produto interno bruto per capita	O15
03	pib / produto interno bruto	O15
04	GTAP / global trade analysis project	O32
P - Sistemas Econômicos		
01	economia de mercado / economias de mercado	P1
02	economia de mercado / economias de mercados	P1
03	economia politica / economia política	P16
Q - Economia Agrícola e dos Recursos Naturais • Economia do Meio Ambiente e da Ecologia		
01	desenvolvimento sustentavel / desenvolvimento sustentável	Q01
02	sistema nacional de fomento / SNF	Q1
03	agropecuaria / agropecuária	Q1
04	credito rural / crédito rural	Q14
05	insumo-produto / insumo produto	Q17
06	petroleo / petróleo	Q35
R - Economia Urbana, Rural, Regional, Imobiliária e de Transportes		
01	microrregiao / microrregião	R11

Fonte: Elaboração própria.

APÊNDICE M – Ocorrências das lexias da categoria D - Microeconomia nos *corpora* de pesquisa

Nº	Lexia de busca	JEL	Corpus de referência	Dicionário de Economia do século XXI (2016)	Dicionário Houaiss da língua portuguesa (2009)	Goolsbee, Levitt e Syverson (2018)	Varian (2015)	Pindyck e Rubinfeld (2013)
01	microeconomia	D00	Ocorre (17)	Ocorre	Ocorre	Ocorre	Ocorre	Ocorre
02	micro	D00	Ocorre (18)	Não ocorre	Ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Ocorre
03	microeconomico	D00	Não ocorre, mas ocorre “microeconômico” (9).	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre, mas ocorre “microeconômico”.	Não ocorre, mas ocorre “microeconômicos”.	Não ocorre, mas ocorre “microeconômicos”.
04	análise econômica	D00	Ocorre (11)	Não ocorre	Não ocorre	Ocorre	Ocorre	Ocorre
05	analise economico	D00	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre
06	pnad	D1	Ocorre (94), e ocorre também “pesquisa nacional por amostra de domicílios” (16), “pesquisa nacional por amostra de domicílio” (4), e “pesquisa nacional por amostras de domicílios” (1).	Não ocorre, mas aparece citada na definição de outros dois termos como “pesquisa nacional por amostragem domiciliar”.	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre
07	demanda marshalliana	D11	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre
08	demanda	D11	Ocorre (809), e ocorre também “procura” (30).	Ocorre, e ocorre também “procura” como variante.	Ocorre	Ocorre	Ocorre	Ocorre
09	planejamento financeiro familiar	D14	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre
10	planejamento financeiro	D14	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Ocorre	Não ocorre	Não ocorre
11	financeiro	D14	Ocorre (475)	Não ocorre	Ocorre	Ocorre	Ocorre	Ocorre
12	finanças pessoais	D14	Ocorre (1)	Não ocorre	Não ocorre	Ocorre	Não ocorre	Não ocorre

continua...

continuação...

Nº	Lexia de busca	JEL	Corpus de referência	Dicionário de Economia do século XXI (2016)	Dicionário Houaiss da língua portuguesa (2009)	Goolsbee, Levitt e Syverson (2018)	Varian (2015)	Pindyck e Rubinfeld (2013)
13	finanças	D14	Ocorre (89)	Ocorre	Ocorre	Ocorre	Ocorre	Ocorre
14	poupança	D14	Ocorre (281), e ocorre também “caderneta de poupança” (3) e “conta de poupança” (2).	Ocorre	Ocorre, e ocorre também “pecúlio” como variante.	Ocorre, e ocorre também “conta de poupança” e “contas de poupança”.	Ocorre	Ocorre (10), e ocorre também “caderneta de poupança”, “conta de poupança” e “contas de poupança”.
15	economia colaborativa	D16	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre
16	teoria da firma	D21	Ocorre (15)	Ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Ocorre
17	teoria da firma sob concorrência perfeita	D21	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre
18	análise dos custos	D23	Não ocorre, mas ocorre “análise do custo” (2).	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre, mas ocorre “análise do custo”.	Não ocorre	Não ocorre
19	custo	D23	Ocorre (320)	Não ocorre	Ocorre, e também “preço” e “despesa” como variantes.	Ocorre	Ocorre	Ocorre
20	custos	D23	Ocorre (392)	Ocorre	Não ocorre	Ocorre	Ocorre	Ocorre
21	gastos	D23	Ocorre (526)	Não ocorre	Não ocorre, mas ocorre “gasto”.	Ocorre	Ocorre	Ocorre
22	custos no longo prazo	D23	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Ocorre	Ocorre
23	custo no longo prazo	D23	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Ocorre	Não ocorre	Ocorre
24	custo ao longo prazo	D23	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre
25	custo longo prazo	D23	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre
26	gráfico de custos	D23	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre
27	gráfico	D23	Ocorre (371)	Não ocorre	Ocorre	Ocorre	Ocorre	Ocorre

continua...

continuação...

Nº	Lexia de busca	JEL	Corpus de referência	Dicionário de Economia do século XXI (2016)	Dicionário Houaiss da língua portuguesa (2009)	Goolsbee, Levitt e Syverson (2018)	Varian (2015)	Pindyck e Rubinfeld (2013)
28	impacto dos custos	D23	Ocorre (4), e ocorre também “impacto do custo” (1).	Não ocorre	Não ocorre		Não ocorre	Não ocorre
29	custo de transação	D23	Ocorre (11), e ocorre também “custos de transação” (24) e “custo de transações” (1).	Não ocorre, mas ocorre “custos de transação”	Não ocorre	Não ocorre, mas ocorre “custos de transação”.	Ocorre	Não ocorre, mas ocorre “custos de transação”.
30	custo transação	D23	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre
31	custos de produção	D24	Ocorre (25), e ocorre também “custo de produção” (13).	Ocorre	Ocorre	Ocorre	Ocorre	Ocorre
32	DEA [sigla em inglês]	D24	Ocorre (79), e ocorre também “análise envoltória de dados” (10) e “data envelopment analysis” (4).	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre
33	envoltória	D24	Ocorre (19), e ocorre também “DEA” (79) e “análise envoltória de dados” (10).	Não ocorre	Ocorre	Não ocorre	Ocorre	Ocorre

continua...

continuação...

Nº	Lexia de busca	JEL	Corpus de referência	Dicionário de Economia do século XXI (2016)	Dicionário Houaiss da língua portuguesa (2009)	Goolsbee, Levitt e Syverson (2018)	Varian (2015)	Pindyck e Rubinfeld (2013)
34	cobb douglas	D24	Não ocorre, mas ocorre “função de produção Cobb-Douglas” (5), e “função de produção do tipo Cobb-Douglas” (1).	Não ocorre, mas ocorre “Cobb-Douglas (Função de Produção)” e “Função de produção Cobb-Douglas” como remissiva.	Não ocorre	Não ocorre, mas ocorre “função produção de Cobb-Douglas”.	Não ocorre, mas ocorre “função de produção de Cobb-Douglas”.	Não ocorre, mas ocorre “função de produção de Cobb-Douglas” e “funções de produção de Cobb-Douglas”.
35	função de produção	D24	Ocorre (46), e ocorre também “funções de produção” (6).	Ocorre	Não ocorre	Não ocorre, mas ocorre “função da produção”.	Ocorre	Ocorre
36	elasticidade	D24	Ocorre (125)	Ocorre	Ocorre	Ocorre	Ocorre	Ocorre
37	elasticidade de produção	D24	Ocorre (1)	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre
38	CES [sigla em inglês]	D24	Ocorre (6), e ocorre também “elasticidade de substituição constante” (5).	Não ocorre, mas ocorre “elasticidade de substituição”	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre
39	renda	D31	Ocorre (1918), e ocorre também “rendas” (144).	Ocorre	Ocorre	Ocorre, e ocorre também “rendas”.	Ocorre. e ocorre também “rendas”.	Ocorre, e ocorre também “rendas”.
40	rendimento	D31	Ocorre (123) e ocorre também “rendimentos” (244).	Não ocorre, mas ocorre “rendimentos” como remissiva para “renda”.	Ocorre	Ocorre, e ocorre também “rendimentos”.	Ocorre, e ocorre também “rendimentos”.	Ocorre, e ocorre também “rendimentos”.

continua...

continuação...

Nº	Lexia de busca	JEL	Corpus de referência	Dicionário de Economia do século XXI (2016)	Dicionário Houaiss da língua portuguesa (2009)	Goolsbee, Levitt e Syverson (2018)	Varian (2015)	Pindyck e Rubinfeld (2013)
41	distribuição de renda	D31	Ocorre (63), e ocorre também “distribuição da renda” (9) e “distribuições de renda” (1).	Ocorre, mas remete à renda.	Ocorre	Não ocorre	Ocorre	Ocorre
42	distribuição	D31	Ocorre (448)	Ocorre	Ocorre	Ocorre	Ocorre	Ocorre
43	desigualdade de renda	D31	Ocorre (43), e ocorre também “desigualdades de renda” (2), “desigualdades de rendas” (1) e “desigualdades da renda” (1).	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Ocorre
44	desigualdade	D31	Ocorre (262)	Não ocorre	Ocorre	Ocorre	Ocorre	Ocorre
45	disparidades	D31	Ocorre (44)	Não ocorre	Não ocorre, mas ocorre “disparidade”.	Não ocorre, mas ocorre “disparidade”.	Não ocorre, mas ocorre “disparidade”.	Não ocorre, mas ocorre “disparidade”.
46	diferença de rendimentos	D31	Ocorre (2), e ocorre também “diferenças de rendimentos” (4).	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre
47	diferencial de rendimentos	D31	Ocorre (11), e ocorre também “diferenciais de rendimentos” (20) e “diferencial dos rendimentos” (1).	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre

continua...

continuação...

Nº	Lexia de busca	JEL	Corpus de referência	Dicionário de Economia do século XXI (2016)	Dicionário Houaiss da língua portuguesa (2009)	Goolsbee, Levitt e Syverson (2018)	Varian (2015)	Pindyck e Rubinfeld (2013)
48	diferença salarial	D31	Ocorre (13), e ocorre também “diferenças salariais” (26).	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre, mas ocorre “diferenças salariais”.	Não ocorre	Ocorre
49	análise de viabilidade econômica	D4	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre
50	estudo de viabilidade econômica	D4	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre
51	viabilidade econômica	D4	Não ocorre, mas ocorre “viabilidade econômica” (63).	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre
52	equilíbrio de mercado	D4	Não ocorre, mas ocorre “equilíbrio de mercado” (6).	Não ocorre	Não ocorre	Ocorre	Não ocorre, mas ocorre “equilíbrio de mercado”.	Não ocorre, mas ocorre “equilíbrio de mercado”.
53	falhas de mercado	D4	Ocorre (39), e ocorre também “falha de mercado” (2), “falhas de mercados” (1), “falha de mercados” (1).	Não ocorre	Não ocorre	Ocorre	Não ocorre, mas ocorre “falha de mercado”.	Ocorre
54	mercado mundial	D4	Ocorre (24)	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Ocorre	Ocorre
55	mercado	D4	Ocorre (1678)	Ocorre	Ocorre	Ocorre	Ocorre	Ocorre
56	preço	D4	Ocorre (413)	Ocorre	Ocorre	Ocorre	Ocorre	Ocorre
57	valor	D4	Ocorre (1259)	Ocorre	Ocorre	Ocorre	Ocorre	Ocorre
58	análise de valor	D46	Ocorre (2)	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre
59	valoração	D46	Não ocorre, mas ocorre “valoração” (5).	Não ocorre	Ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Ocorre

continua...

continuação...

Nº	Lexia de busca	JEL	Corpus de referência	Dicionário de Economia do século XXI (2016)	Dicionário Houaiss da língua portuguesa (2009)	Goolsbee, Levitt e Syverson (2018)	Varian (2015)	Pindyck e Rubinfeld (2013)
60	economia da produção	D51	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Ocorre	Não ocorre	Não ocorre
61	equilíbrio geral	D58	Não ocorre, mas ocorre “equilíbrio geral” (57).	Não ocorre, mas ocorre “equilíbrio geral”.	Não ocorre	Não ocorre, mas ocorre “equilíbrio geral”.	Não ocorre, mas ocorre “equilíbrio geral”.	Não ocorre, mas ocorre “equilíbrio geral”.
62	equilíbrio geral computável	D58	Não ocorre, mas ocorre “equilíbrio geral computável” (10).	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre
63	modelo de equilíbrio geral	D58	Não ocorre, mas ocorre “modelo de equilíbrio geral” (21).	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre, mas ocorre “modelo de equilíbrio geral”.	Não ocorre
64	modelo	D58	Ocorre (2100)	Ocorre	Ocorre	Ocorre	Ocorre	Ocorre
65	externalidades	D62	Ocorre (153), e ocorre também “externalidade” (32), “spillovers” (15), “efeitos de transbordamento” (7), “economias externas” (6), e “efeitos externos” (4).	Ocorre, e ocorre também “economias externas” como variante.	Não ocorre	Ocorre, e ocorre também “efeitos externos”.	Ocorre	Ocorre
66	assimetria informação	D83	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre
67	assimetria de informação	D83	Ocorre (9), e ocorre também “assimetria de informações” (9), “assimetrias de informação” (2), “assimetrias da informação” (2).	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre, mas ocorre “assimetrias da informação”, “assimetrias de informações” e “assimetrias de informação”.	Não ocorre	Ocorre
68	informação	D83	Ocorre (225)	Não ocorre	Ocorre	Ocorre	Ocorre	Ocorre

Fonte: Elaboração própria.

Nota: O quadro é formado por nove colunas. A primeira coluna identifica o número atribuído à lexia para fins de organização; a segunda coluna apresenta a lexia de busca, que é o conceito analisado; a terceira coluna identifica o código de Classificação JEL da lexia; a quarta coluna informa se a lexia ocorre ou não ocorre no *corpus* de referência, bem como apresenta as outras possíveis denominações relacionadas a ela (o número entre parênteses se refere ao número de ocorrências da lexia e/ou de suas possíveis denominações no *corpus*); as demais colunas informam a ocorrência da lexia nas demais fontes de garantia, que são os dicionários e os livros-texto de Microeconomia.

APÊNDICE N – Fichas terminológicas

Termo: custos	
Sigla: - Informação de categoria gramatical: s.m.p. Frequência/distribuição do termo no <i>corpus</i> de referência: 392/131 art.	Área: Economia (Sub)Domínio: Microeconomia Classificação JEL: D23 - Comportamento organizacional • Custos de transação • Direitos de propriedade

Contexto da lexia nos logs dos usuários								
Lexia	IP	Ano	Mês	Dia	Hora	Min.	Seg.	Local
"custos"	170.84.xx.yyy	2020	4	3	15	34	9	Chapecó- SC
"custo"	2804:d51:e6d:7b00:f485:8f9d:xxxx:yyyy	2019	10	31	17	26	11	Santa Maria - RS

Termo dicionarizado: custos

Definição 1: “Avaliação, em unidades de dinheiro, de todos os bens materiais e imateriais, trabalho e serviços consumidos pela empresa na produção de bens industriais, bem como aqueles consumidos também na manutenção de suas instalações. Expresso monetariamente, o custo resulta da multiplicação da qualidade dos fatores de produção utilizados pelos seus respectivos preços.”

Fonte: Sandroni (2016, p. 402).

Termos relacionados no dicionário: -

Exemplos de ocorrências no *corpus* de referência:

“As barreiras à entrada são relativamente baixas e os custos de trabalho são os responsáveis pela maior parte dos **custos**.” (RAE1502, grifo nosso).

“Especificamente no Brasil, os **custos** enfrentados pelos bancos têm se tornado mais importantes para a operação das instituições financeiras nos últimos anos porque as fontes de receitas baseadas no período de alta inflação se extinguíram a partir da implementação do Plano Real.” (RAE1505, grifo nosso)

Variante 1: custo

Frequência/distribuição do termo no *corpus* de referência: 320/131 art.

Exemplos de ocorrências no *corpus* de referência:

“Ou seja, quanto mais forte a fiscalização por parte das comunidades e das ONGs ambientais, maior é o **custo** para o agente criminoso.” (RAE1510, grifo nosso).

“Espera-se que as medidas de simplificação de comércio possam beneficiar preferencialmente os países em vias de desenvolvimento, pois nestes as ineficiências ligadas ao comércio internacional têm **custo** mais elevado para as indústrias, comparadas às barreiras tarifárias.” (RAE1519, grifo nosso).

Observações: -

Dados da coleta
Responsável pela coleta: Isabel Cristina Pereira dos Santos
Especialista consultado: Prof. Dr. Ivan Salomão
Data da entrada: 08/01/2021.
Última revisão: 19/01/2021.

Termo: custos de produção	
Sigla: - Informação de categoria gramatical: SN m.pl. Frequência/distribuição do termo no <i>corpus</i> de referência: 25/131 art.	Área: Economia (Sub)Domínio: Microeconomia Classificação JEL: D24 Produção • Custo • Capital • Capital, fator total e produtividade multifatorial • Capacidade

Contexto da lexia nos logs dos usuários								
Lexia	IP	Ano	Mês	Dia	Hora	Min.	Seg.	Local
"custos de produção"	170.84.xx.yyy	2020	4	3	15	34	33	Chapecó-SC

Termo dicionarizado: custos de produção

Definição 1: “Soma de todos os custos originados na utilização dos bens materiais (matéria-prima, mão-de-obra, depreciação e amortização de máquinas, patentes, gastos diversos) de uma indústria na elaboração de seus produtos.”

Fonte: Sandroni (2016, p. 403).

Termos relacionados no dicionário: -

Exemplos de ocorrências no *corpus* de referência:

“Para Porter (1998), as empresas precisam ter vantagens competitivas relacionadas a menores **custos de produção**, produtos diferenciados, bem como manter a vantagem conquistada por meio de uma vantagem competitiva mais sofisticada.” (RAE1707, grifo nosso).

“O processo concorrencial faz com que o capital se mova intra e intersetorialmente de modo a reduzir os **custos de produção** e atuar nos setores de maior lucratividade.” (RAE1715, grifo nosso).

Variante 1: custo de produção
Frequência/distribuição do termo no <i>corpus</i> de referência: 13/131 art.
Exemplos de ocorrências no <i>corpus</i> de referência: “Em comparação com o salário médio mundial, os baixos salários do setor moderno dessas economias levam a uma diminuição ainda maior dos custos de produção, de forma que aumenta a apropriação de mais-valia por parte das empresas desses setores tanto pelo fato de sua maior composição orgânica, quanto pelo menor custo de produção em relação a seus concorrentes.” (RAE1715, grifo nosso). “Sendo assim, a apreciação do câmbio real tende a causar um aumento do salário real, aumentando o custo de produção no país relativamente ao custo de produção no resto do mundo.” (RAE1803, grifo nosso).

Dados da coleta
Responsável pela coleta: Isabel Cristina Pereira dos Santos
Especialista consultado: Prof. Dr. Ivan Colangelo Salomão
Data da entrada: 08/01/2021.
Última revisão: 19/01/2021.

Termo: custo de transação	
Sigla: - Informação de categoria gramatical: SN m. s. Frequência/distribuição do termo no <i>corpus</i> de referência: 11/131 art.	Área: Economia (Sub)Domínio: Microeconomia Classificação JEL: D23 - Comportamento organizacional • Custos de transação • Direitos de propriedade

Contexto da lexia nos logs dos usuários								
Lexia	IP	Ano	Mês	Dia	Hora	Min.	Seg.	Local
"custo de transação"	201.11.xxx.yyy	2020	1	2	11	22	36	Vilhena - RO
"custo transação"	201.11.xxx.yyy	2020	1	2	11	22	42	Vilhena - RO

Termo dicionarizado: custos de transação

Definição 1: “Conceito relacionado com os custos necessários para a realização de contratos de compra e venda de fatores num mercado composto por agentes formalmente independentes. Esses custos são comparados com aqueles necessários à internalização dessas atividades no âmbito da própria empresa e constituem um critério importante na tomada de decisão nas empresas modernas. O conceito tem relevância também nas teorias desenvolvidas por Ronald Coase que, mediante suas formulações, denominadas Teorema de Coase, estabeleceu que as externalidades (economias externas) não determinam uma alocação imperfeita de recursos desde que os custos de transação sejam nulos. Veja também Coase, Ronald; Economias Externas; Teorema de Coase.”

Fonte: Sandroni (2016, p. 403).

Termos relacionados no dicionário: ronald coase; economias externas; teorema de coase

Exemplos de ocorrências no *corpus* de referência:
 “Vale observar que as estratégias que obtiverem custos breakeven mais altos são preferíveis, pois o **custo de transação** necessário para tornar essas estratégias isentas de lucro é mais alto.” (RAE1603, grifo nosso).
 “Por exemplo, a internalização propiciada pela integração vertical não necessariamente reduz o **custo de transação**, mas a propriedade do capital físico confere ao proprietário o direito de definir quais partes da firma incorporada serão rearranjadas.” (RAE1611, grifo nosso).

Variante 1: custos de transação
Frequência/distribuição do termo no *corpus* de referência: 24/131 art.
Exemplos de ocorrências no *corpus* de referência:
 “Uma explicação alternativa está relacionada à diferença de **custos de transação** e escala de operações no sistema financeiro, originadas em diferenças regionais de atividades econômicas, demográficas e de renda.” (RAE1508, grifo nosso).
 “Em geral, a classificação dos sistemas financeiros de Zysman (1983) serviu o propósito de definir, a partir do conjunto de agentes e estrutura financeira, qual o melhor arranjo para uma intermediação financeira eficiente (que proporcionam menores **custos de transação**).” (RAE1916, grifo nosso).

Variante 2: custo de transações
Frequência/distribuição do termo no *corpus* de referência: 01/131 art.
Exemplos de ocorrências no *corpus* de referência:
 “A economia dos direitos de propriedade suplantou a abordagem **custo de transações**, tratando-o como custo para definir, monitorar e impor direitos de propriedades.” (RAE1611, grifo nosso).

Variante 3: custo transação
Observação: Variante proposta pelo usuário durante a recuperação da informação. Observa-se o apagamento da preposição, característica comum em estratégias de busca na internet. Nesse caso, não se verificou ocorrência em textos especializados, pois se trata de linguagem informal.

Dados da coleta
Responsável pela coleta: Isabel Cristina Pereira dos Santos
Especialista consultado: Prof. Dr. Ivan Salomão
Data da entrada: 08/01/2021.
Última revisão: 19/01/2021.

Termo: custos no longo prazo	
Sigla: - Informação de categoria gramatical: s.m.p (loc. adv. tempo) Frequência/distribuição do termo no <i>corpus</i> de referência: 0/131 art.	Área: Economia (Sub)Domínio: Microeconomia Classificação JEL: D23 - Comportamento organizacional • Custos de transação • Direitos de propriedade
Observação: Faz-se importante observar que o termo <i>custo</i> está dicionarizado como <i>custos</i> , no plural (cf. SANDRONI, 2016, p. 402). No <i>corpus</i> de referência, em um total de 131 artigos, pôde-se evidenciar que <i>custos</i> , no plural, é a forma predominante, com 392 ocorrências; já <i>custo</i> , no singular, apresentou 320 ocorrências (ver ficha terminológica do termo <i>custos</i>). Assim, por <i>custos</i> ser a base do termo <i>custos no longo prazo</i> , dentre as variantes <i>custos no longo prazo</i> / <i>custo no longo prazo</i> / <i>custo ao longo prazo</i> / <i>custo longo prazo</i> , considerar-se-á <i>custos no longo prazo</i> , no plural, como termo preferido, o qual irá encabeçar a ficha terminológica.	
Termos relacionados: custo variável	

Contexto da lexia nos logs dos usuários								
Lexia	IP	Ano	Mês	Dia	Hora	Min.	Seg.	Local
"custos no longo prazo"	2804:d51:e6d:7b00:f485:aaa a:xxxx:yyyy	2019	10	31	17	25	0	Santa Maria - RS
"custo no longo prazo"	2804:d51:e6d:7b00:f485:aaa a:xxxx:yyyy	2019	10	31	17	25	16	Santa Maria - RS
"custo ao longo prazo"	2804:d51:e6d:7b00:f485:aaa a:xxxx:yyyy	2019	10	31	17	25	39	Santa Maria - RS
"custo longo prazo"	2804:d51:e6d:7b00:f485:aaa a:xxxx:yyyy	2019	10	31	17	25	53	Santa Maria - RS
"custo"	2804:d51:e6d:7b00:f485:aaa a:xxxx:yyyy	2019	10	31	17	26	11	Santa Maria - RS

Termo dicionarizado: -

Definição 1: Avaliação monetária, ao longo do tempo, de todos os bens materiais e imateriais de uma empresa. O longo prazo é o período de tempo em que todos os custos são variáveis e ajustáveis, tendo a empresa muito mais flexibilidade para escolher a combinação de insumos que seja capaz de minimizar os custos de produção de determinado produto. Não é um período preciso de tempo, porque depende das especificidades de cada empresa.

Fonte: Adaptado de Sandroni (2016, p. 402) e Pindyck e Rubinfeld (2013, p. 232).

Termos relacionados no dicionário: -

Observação: Essa definição foi corroborada pelos especialistas.

Exemplos de ocorrências no *corpus* de referência: não ocorre nos textos da revista.

Exemplos de ocorrências nas obras de Microeconomia consultadas:
 “Essa equação demonstra que a quantidade minimizadora de custos do fator variável no longo prazo é aquela que a empresa escolheria no curto prazo – caso tivesse a quantidade de fator fixo que minimiza os **custos no longo prazo**.” (VARIAN, 2015, p. 543, grifo nosso).
 “Suponhamos que você administre uma empresa que tenha acabado de entrar na atividade industrial de processamento químico e esteja diante do seguinte problema: você deve obter um nível de produção relativamente baixo, vendendo a preços elevados, ou deve aumentar sua produção e reduzir o preço? A segunda alternativa seria muito atraente caso existisse uma curva de aprendizagem nessa atividade industrial. Ou seja, um volume maior de produção poderia proporcionar uma redução nos **custos no longo prazo**, aumentando assim a lucratividade.” (PINDYCK; RUBINFELD, 2013, p. 254, grifo nosso).

Variante 1: custo no longo prazo
Frequência/distribuição do termo no *corpus* de referência: 0/131 art.
Exemplos de ocorrências nas obras de Microeconomia consultadas:

“Para a isoquanta $Q = 30$, no entanto, as combinações entre curto prazo e longo prazo são diferentes. No curto prazo, quando o capital é fixado em 6 unidades, caso a firma deseje produzir 30 unidades ela terá que utilizar a combinação de insumos no ponto Z' , com 14 unidades de mão de obra. Mas observe que Z' está fora (ou seja, a maior distância da origem) da linha de isocusto $C = \$ 300$, a qual faz a tangência com a combinação de insumos que minimizam o **custo no longo prazo** no ponto Z (que utiliza 11 unidades de mão de obra). Em vez disso, Z está sobre a linha de isocusto $C = \$ 360$. Em outras palavras, é mais dispendioso para a Ivor's Motores produzir 30 motores no curto prazo, quando não tem a capacidade de ajustar os seus insumos de capital. Isto se dá porque ela é forçada a utilizar maior quantidade de mão de obra e menos capital do que faria se pudesse livremente modificar todos os seus insumos.” (GOOLSBEE; LEVITT; SYVERSON, 2018, p. 675-76, grifo nosso).

Variante 2: custo ao longo prazo

Frequência/distribuição do termo no corpus de referência: 0/131 art.

Observação: Variante proposta pelo usuário durante a recuperação da informação. Embora apresentem construções morfosintáticas diferentes, *custo no longo prazo* / *custo ao longo prazo* preservam o mesmo sentido nas mesmas situações de uso na área de Economia. Isso foi evidenciado pelos especialistas consultados, que não identificaram diferença entre o uso de uma e outra expressão, uma vez que as duas fazem alusão ao mesmo tipo de custo.

Variante 3: custo longo prazo

Frequência/distribuição do termo no corpus de referência: 0/131 art.

Observação: Variante proposta pelo usuário durante a recuperação da informação. Observa-se o apagamento da preposição, característica comum em estratégias de busca na internet. Nesse caso, não se verificou ocorrência em textos especializados, pois se trata de linguagem informal.

Observação dos especialistas: Não há distinção entre *no* e *ao* quando usamos a expressão em sentido econômico.

Observação: Foi levantada a hipótese de o termo *custo* ser uma variante por redução de extensão de *custo no longo prazo*; porém essa hipótese não se confirmou, porque o termo *custos* tem a sua própria definição no *Dicionário de Economia do século XXI* (2016).

Dados da coleta

Responsável pela coleta: Isabel Cristina Pereira dos Santos

Especialista consultado: Prof. Dr. Ivan Colangelo Salomão e Prof. Dr. Sabino da Silva Pôrto Junior

Data da entrada: 08/01/2021.

Última revisão: 18/03/2021.

Termo: demanda	
Sigla: - Informação de categoria gramatical: s.f. Frequência/distribuição do termo no <i>corpus</i> de referência: 809/131 art.	Área: Economia (Sub)Domínio: Microeconomia Classificação JEL: D11 - Economia do Consumidor: Teoria

Contexto da lexia nos logs dos usuários								
Lexia	IP	Ano	Mês	Dia	Hora	Min.	Seg.	Local
“demanda”	200.235.xxx.yy	2019	7	2	17	57	22	Viçosa - MG

Termo dicionarizado: demanda

Definição 1: “Na teoria microeconômica, a demanda (ou procura) é a quantidade de um bem ou serviço que um consumidor deseja e está disposto a adquirir por determinado preço e em determinado momento. Dessa forma, a demanda deve explicar o comportamento de um consumidor tomado individualmente como, por exemplo, um sujeito interessado na compra de arroz. A demanda depende de fatores como: 1) preferência do consumidor — dada uma mudança na preferência do consumidor, a demanda pelo bem em questão será conseqüentemente afetada; 2) poder de compra do consumidor, sem o qual a demanda não existe em termos econômicos; 3) preços dos outros bens, tanto os bens substitutos como os complementares; 4) preço do bem em questão, pois, pelos mecanismos comuns do mercado, quanto mais alto for o preço, menor será a quantidade demandada; 5) qualidade do bem; 6) expectativas do consumidor quanto à renda pessoal e preços. Dada a impossibilidade prática de relacionar todos esses fatores com a quantidade demandada, os economistas isolam um fator, considerando os outros constantes. Veja também Consumidor, Soberania do; Consumo; Elasticidade da Demanda; Mercado; Necessidade; Oferta”

Fonte: Sandroni (2016, p. 425).

Termos relacionados no dicionário: soberania do consumidor; consumo; elasticidade da demanda; mercado; necessidade; oferta.

Definição 2: “ECON procura por bem ou serviço no mercado em determinado momento.”

Fonte: Houaiss (2009, p. 611).

Termos relacionados no dicionário: demanda efetiva; demanda excedente; demanda global

Definição 3: “A quantidade combinada de determinado bem que todos os consumidores em um mercado específico estão dispostos a comprar.”

Fonte: Goolsbee, Levitt e Syverson (2018, p. 99).

Exemplos de ocorrências no *corpus* de referência:

“Os resultados também evidenciam a importância de se conhecer melhor as relações de simultaneidade entre a **demanda** e a oferta para o estudo dos determinantes das exportações de soja para a China.” (RAE1503, grifo nosso).

“Os resultados mostraram que, para os produtos básicos, semimanufaturados e manufaturados, as exportações dependem, principalmente, das condições de **demanda** do mercado internacional, a saber: renda mundial e preços dos produtos exportados relativamente aos bens substitutos.” (RAE1512, grifo nosso).

“A política fiscal é um instrumento de gestão da **demanda** agregada.” (RAE1515, grifo nosso).

“O preço da taxa de câmbio seria determinado por dois fatores: pela ofertaedemanda por moeda estrangeira e por um fator estrutural, a doença holandesa.” (RAE1718).

Variante 1: procura
Frequência/distribuição do termo no <i>corpus</i> de referência: 30/131 art.
Exemplos de ocorrências no <i>corpus</i> de referência: “O sinal positivo para todos os parâmetros a serem estimados retrata bem o efeito que as variáveis que formam a demanda por serviços públicos e aquelas responsáveis pela geração de receitas, sendo a população e o PIB variáveis que representam a procura por bens e serviços públicos, enquanto que as transferências constitucionais e a arrecadação própria são as fontes do financiamento municipal.” (RAE1518, grifo nosso).

“Acumularam-se, portanto, os efeitos de duas crises: uma do lado da **procura** e outra do lado da oferta.” (RAE1610, grifo nosso).

“Por sua vez, a sustentação da **procura** agregada em um contexto declinante da capacidade de importar questionava a capacidade da indústria nacional em atender à demanda então represada.” (RAE1523, grifo nosso).

“Assim, a taxa de financiamento não obedece à lei da oferta e da **procura**.” (RAE1819, grifo nosso).

Dados da coleta
Responsável pela coleta: Isabel Cristina Pereira dos Santos
Especialista consultado: Prof. Dr. Ivan Salomão
Data da entrada: 08/01/2021.
Última revisão: 23/01/2021.

Termo: equilíbrio geral	
Sigla: - Informação de categoria gramatical: SN s.m. Frequência/distribuição do termo no <i>corpus</i> de referência: 57/131 art.	Área: Economia (Sub)Domínio: Microeconomia Classificação JEL: D58 - Modelos de equilíbrio geral computáveis e outros aplicados

Contexto da lexia nos logs dos usuários								
Lexia	IP	Ano	Mês	Dia	Hora	Min.	Seg.	Local
"equilíbrio geral"	179.95.x.yy	2019	11	22	1	13	1	Brasília - DF

Termo dicionarizado: equilíbrio equilíbrio geral
Observação: O conceito <i>equilíbrio geral</i> é apresentado no <i>Dicionário de Economia do século XXI</i> (2016) com duas entradas: “equilíbrio” e “equilíbrio geral”. A primeira entrada contém a definição do termo e a segunda entrada, apesar de ser a que mais ocorre em textos especializados, é apresentada como remissiva, remetendo o consulente à primeira entrada.

Definição 1: “Condição hipotética do mercado na qual a oferta é igual à procura. Expressa a estabilidade do sistema de forças que atuam na circulação e troca de mercadorias e títulos. Um sistema econômico é considerado em equilíbrio quando todas as variáveis permanecem imutáveis em determinado período. Se as condições de oferta e demanda permanecem inalteradas, os preços tendem também a permanecer estáveis. Frequentemente, condições externas (políticas, sociais) atuam sobre o equilíbrio de preços e acabam alterando essa situação de estabilidade. Se a oferta baixa os custos de mercadorias, ocorre um aumento de demanda, levando à alta dos preços. E se os preços sobem, os produtos permanecem estocados (ou os capitais não negociados) e os preços tendem a cair. Portanto, somente ao preço de equilíbrio a oferta e a demanda seriam iguais, pois as preferências dos compradores se ajustariam às dos vendedores. O equilíbrio pode ser estável ou instável, parcial ou geral. Será estável se houver uma tendência para que o equilíbrio original se restaure, mesmo que haja ligeiras perturbações no preço ou na quantidade produzida. No entanto, se uma perturbação acidental (dos preços ou das quantidades produzidas) não gerar tais tendências, diz-se que o equilíbrio é instável. Em outros termos, quando a vertente da Curva da Oferta for mais acentuada que a vertente da Curva da Demanda, ocorrerá uma situação de equilíbrio estável; por outro lado, se a vertente da curva da oferta for menos acentuada do que a vertente da curva da demanda, ocorrerá um equilíbrio instável. O equilíbrio parcial refere-se a dados restritos — por exemplo, a análise da evolução no preço de um produto, enquanto os outros se mantêm constantes — e foi estudado por Marshall. O equilíbrio geral supõe a análise de todas as variáveis relevantes para o problema em estudo — por exemplo, produção e preços de todos os setores industriais — e foi estudado por Walras. Veja também Ponto de Equilíbrio; Walras, Leon.”
Fonte: Sandroni (2016, p. 550).
Termos relacionados no dicionário: ponto de equilíbrio; leon walras

Definição 2: “O equilíbrio geral se mantém quando todos os mercados estão em equilíbrio ao mesmo tempo. Levar explicitamente em conta o modo como opera cada um dos mercados individualmente, ao mesmo tempo reconhecendo as influências dos efeitos de repercussão, é a chave para compreender os efeitos do equilíbrio geral.”
Fonte: Goolsbee, Levitt e Syverson (2018, p. 1397).

Definição 3: “O equilíbrio geral se refere ao estudo de como a economia pode ajustar-se para igualar a demanda e a oferta em todos os mercados ao mesmo tempo.”
Fonte: Varian (2015, p. 837).

Exemplos de ocorrências no corpus de referência: “No modelo de Anderson e Wincoop (2003, 2004), considera-se um sistema de demanda para o qual se pressupõe uma função de utilidade de elasticidade de substituição constante, CES (Constante elasticity of substitution), para os consumidores do país importador, sujeita à restrição orçamentária. Dessa forma, o modelo gravitacional é derivado de funções de oferta e demanda para países exportadores e importadores em condições de equilíbrio geral .” (RAE1707, grifo nosso).
--

“As metodologias mais sofisticadas que buscam incorporar a dimensão estrutural das relações entre os países se voltam para técnicas de **equilíbrio geral** para simular os efeitos do comércio sobre os países.” (RAE1708, grifo nosso).

“O princípio básico pressuposto no **equilíbrio geral** é que o processo de troca é considerado não como um processo contínuo, mas sim reduzido a um instante e a um lugar específico onde os produtos estão dispostos de maneira igualmente específicos e possuem preços para cada função exercida, para cada tempo em que é trocado, estado da natureza. (RAE1827, grifo nosso).

Variante 1: equilíbrio geral

Frequência/distribuição do termo no corpus de referência: 0/131 art.

Observação: Variante proposta pelo usuário durante a recuperação da informação. Observa-se o apagamento do acento gráfico, característica comum em estratégias de busca na internet. Nesse caso, não se verificou ocorrência em textos especializados, pois se trata de linguagem informal.

Observação: O conceito *equilíbrio geral* é apresentado no *Dicionário de Economia do século XXI* (2016) com duas entradas: “equilíbrio” e “equilíbrio geral”. A primeira entrada contém a definição do termo e a segunda entrada, apesar de ser a que mais ocorre em textos especializados, é apresentada como remissiva, remetendo o consultante à primeira entrada. Assim, foi levantada a hipótese de o termo *equilíbrio* ser uma variante de *equilíbrio geral*, porém essa hipótese não se confirma. O termo *equilíbrio*, por ser um termo simples, é muito amplo dentro da Economia, podendo se encaixar em outros contextos, representando um conceito diferente do de *equilíbrio geral*. Conforme o especialista, deve-se ter muito cuidado aqui, pois existe também o conceito de *equilíbrio parcial*.^{*} Nas palavras dele, “Equilíbrio geral é equilíbrio, equilíbrio parcial é equilíbrio, mas equilíbrio parcial não é equilíbrio geral. Então, depende do modelo que estamos analisando; se for modelo de equilíbrio geral, podemos nos referir apenas a *equilíbrio*, mas, se não for, não podemos usar como sinônimos. Ou seja, o contexto define, mas para uma procura na biblioteca usaria *equilíbrio geral* apenas.”

^{*}Equilíbrio parcial: oferta igual à demanda em um mercado isolado, as outras coisas permanecendo inalteradas (*ceteris paribus*). Não há, portanto, interação entre os diversos mercados na economia. A economia está em *equilíbrio geral* quando todos os mercados estão equilibrados simultaneamente todos os preços se ajustam para garantir oferta igual à demanda em todos os mercados na economia e não precisamos mais da hipótese *ceteris paribus*.

Dados da coleta

Responsável pela coleta: Isabel Cristina Pereira dos Santos

Especialista consultado: Prof. Dr. Sabino da Silva Pôrto Junior

Data da entrada: 08/01/2021.

Última revisão: 18/03/2021.

Termo: externalidades	
Sigla: - Informação de categoria gramatical: s.f.p. Frequência/distribuição do termo no <i>corpus</i> de referência: 153/131 art.	Área: Economia (Sub)Domínio: Microeconomia Classificação JEL: D62 - Externalidades

Contexto da lexia nos logs dos usuários								
Lexia	IP	Ano	Mês	Dia	Hora	Min.	Seg.	Local
"externalidades"	179.97.xxx.yyy	2019	11	18	10	39	14	Pomerode - SC

Termo dicionarizado: economias externas (externalidades) externalidades
Observação: O conceito externalidades é apresentado no <i>Dicionário de Economia</i> com duas entradas: “economias externas (externalidades)” e “externalidades”. A primeira entrada contém a definição do termo e a segunda entrada, apesar de ser a que mais ocorre em textos especializados, é apresentada como remissiva, remetendo o consulente à primeira entrada.

Definição 1: “Benefícios obtidos por empresas que se formam (ou já existentes) em decorrência da implantação de um serviço público (por exemplo, energia elétrica) ou de uma indústria, proporcionando à primeira vantagens antes inexistentes. Por exemplo, a construção de uma rodovia pode permitir aos produtores agrícolas próximos custos de transporte mais baixos e acesso mais rápido aos mercados consumidores. A existência de economias externas permite em geral uma redução de custos para as empresas e significa uma importante alavanca do desenvolvimento econômico. Muitas empresas, antes de tomar a decisão de se instalar em determinados locais, avaliam seu potencial presente e futuro de economias externas. O contrário acontece quando a instalação de certas atividades traz aumentos de custos para as empresas ou afugenta clientes ou, ainda, desestimula a demanda de certos produtos. Nesse caso, ocorrem as “deseconomias externas”, como, por exemplo, quando indústrias contaminam com chumbo as pastagens e águas adjacentes: o leite produzido na região pode ter sua demanda em queda não apenas por constatar-se que o produto contém aquele metal, como pelo simples fato de que os consumidores, sabendo da origem do leite, se recusam a comprá-lo, por precaução. Veja também Coase, Ronald; Teorema de Coase”
Fonte: Sandroni (2016, p. 509).
Termos relacionados no dicionário: ronald coase; teorema de coase.

Definição 2: “Custo ou benefício que afeta um ente externo não diretamente envolvido em uma transação econômica.”
Fonte: Goolsbee, Levitt e Syverson (2018, p. 1587)
Observação: As externalidades se dividem em externalidade negativa, que se refere ao custo imposto a um ente externo não diretamente envolvido em uma transação econômica; e externalidade positiva, que se refere ao benefício concedido a um ente externo não diretamente envolvido em uma transação econômica (GOOLSBEE; LEVITT; SYVERSON, 2018, p. 1587). Externalidades negativas: quantidade excessiva de uma coisa ruim; Externalidades positivas: quantidade insuficiente de uma coisa boa. “Externalidades negativas, tais como poluição, impõem custos sobre mais pessoas além daquelas diretamente envolvidas na transação econômica. Externalidades positivas conferem benefícios sobre terceiros. Fatores como educação e vacinação mais disseminada proporcionam benefícios a pessoas além daquelas diretamente envolvidas.” (GOOLSBEE; LEVITT; SYVERSON, 2018, p. 1777).

Definição 3: “Ações de um consumidor ou de um produtor que têm influência sobre outros produtores ou consumidores, mas que não são levadas em conta na fixação do preço de mercado.”
Fonte: Pindyck e Rubinfeld (2013, p. 706).
Observação: “[...] o termo <i>externalidade</i> é empregado porque os efeitos sobre outros (tanto de custos como de benefícios) são externos ao mercado.” (PINDYCK; RUBINFELD, 2013, p. 619). As externalidades podem surgir entre produtores, entre consumidores ou entre consumidores e produtores. Há externalidades negativas — quando a ação de uma das partes impõe custos à outra — e positivas — quando a ação de uma das partes beneficia a outra. (PINDYCK; RUBINFELD, 2013, p. 653).

Exemplos de ocorrências no <i>corpus</i> de referência: “O último motor do desenvolvimento é o investimento em infraestrutura por sua característica de fazer girar muitos recursos, empregos e externalidades para toda a economia.” (RAE1608, grifo nosso).
--

“A partir das **externalidades** geradas pelo conhecimento, os países adaptarão suas tecnologias de modo a alavancarem a produção de inovação de forma eficiente, o que possivelmente trará mudanças tecnológicas mais frequentes que sejam capazes de acompanhar a evolução da eficiência.” (RAE1814, grifo nosso).

Variante 1: externalidade

Frequência/distribuição do termo no corpus de referência: 32/131 art.

Exemplos de ocorrências no *corpus* de referência:

“A contribuição deste trabalho para a literatura evolucionária da firma reside na construção de um modelo que incorpora duas fontes diferentes de incentivo à inovação para a firma: a) por incentivos internos à firma, descrito pelo modelo patent race, que mede a relação existente entre o lucro da firma e os dispêndios em inovação; e b) por incentivos externos à firma, avaliada pela **externalidade** gerada pela existência de firmas na vizinhança que inovam.” (RAE1915, grifo nosso).

“A maneira utilizada para medir a **externalidade** é considerá-la como o custo incorrido pela empresa ao buscar novas tecnologias. A justificativa para isso é que nenhuma empresa vai investir para obter um retorno menor do que o custo incorrido, assim o ganho de **externalidade** tem que ser igual ou maior que o custo incorrido pela empresa.” (RAE1915, grifo nosso).

Variante 2: efeitos externos

Frequência/distribuição do termo no corpus de referência: 04/131 art.

Exemplos de ocorrências no *corpus* de referência:

“O autor argumenta que o investimento em Capital Humano gera pelo menos dois resultados. Em primeiro lugar, aumenta a produtividade do próprio trabalhador e, em segundo lugar, o resultado mais importante: todos os trabalhadores se beneficiam por trabalhar com colegas mais educados porque estes serão capazes de incrementar a produtividade da empresa e indiretamente das demais empresas da região. Portanto, diferenças de escolaridade média entre municípios podem resultar em diferenças de rendimentos do trabalho na forma de knowledge spillovers (RAUCH, 1991; LUCAS, 1988); todavia, esses **efeitos externos** são mais relevantes em alguns setores do que em outros.” (RAE1724, grifo nosso).

“Apesar da extensa discussão teórica sobre o progresso da ciência e da tecnologia em gerar crescimento e desenvolvimento para as nações, pouco se tem verificado quais são, de fato, os países que apresentam melhores desempenhos em produzir inovação. Muitos estudos abordam temas como o sistema nacional de inovação (SNI) e suas peculiaridades, os **efeitos externos** causados pela transferência de conhecimento, além de formas de fomentar o processo inovativo.” (RAE1814, grifo nosso).

“Pode-se dizer que o menor ritmo de crescimento do valor das importações indiretas de químicos em R\$ é reflexo do aumento da parcela importada na demanda total por estes insumos, o que elevou o impacto da valorização do câmbio na segunda metade da década no cômputo do crescimento nominal medido na moeda brasileira. O segundo aspecto diz respeito ao fato de que no ano de 2009 a economia brasileira foi afetada de forma mais significativa pela crise financeira internacional eclodida nos Estados Unidos em 2008, quando houve retração anual real de 0,3% no PIB brasileiro (CARVALHO, 2008; FERRARI FILHO; PAULA, 2008). Além disso, houve queda generalizada nos preços internacionais e redução dos volumes importados. Dessa forma, caso não tivesse havido tais **efeitos externos** negativos neste ano em particular, as taxas nominais de crescimento seriam certamente maiores.” (RAE1817, grifo nosso).

Observação 1: Foi levantada a hipótese de os termos *spillovers* e *efeitos de transbordamento* serem variantes de *externalidades*, mas essa hipótese não se confirmou. Conforme o especialista consultado, “a ideia de *spillovers* está muito ligada aos modelos da Nova Geografia Econômica, de Krugman (1991), e aos modelos de Crescimento Endógeno, de Paul Romer (1990). Nessa literatura, *efeito de transbordamento* tem o sentido de *externalidades positivas*, e não se pode afirmar se há um uso de *spillovers* diferente em outra literatura”. Entende-se, assim, que os termos *spillovers* e *efeitos de transbordamento* só seriam empregados em determinadas representações econômicas por esses dois autores, para se referirem a *externalidades positivas*. A sugestão do especialista para o uso dos termos é não extrapolar, e referir-se apenas a externalidades positivas e negativas.

spillovers

Frequência/distribuição do termo no corpus de referência: 15/131 art.

Exemplos de ocorrências no *corpus* de referência:

“Através das estimativas utilizando a matriz de pesos espaciais, os resultados mostraram que existem externalidades (**spillovers**) positivas do IED entre os estados brasileiros.” (RAE1612, grifo nosso).

“Os autores classificaram as exportações por intensidade tecnológica em uma amostra com 45 países no período de 1981 a 1997, identificando que os países em desenvolvimento foram beneficiados por uma maior abertura comercial, principalmente através de uma melhor alocação dos recursos, resultado direto dessa exposição ao comércio internacional. Contudo, não foram encontrados **spillovers** e outras externalidades positivas para o setor doméstico da economia.” (RAE1805, grifo nosso).

“Em outras palavras, deve-se estimular o fortalecimento das relações de comércio entre os setores nordestinos na medida em que se gerem **spillovers** intrarregionais quando, por exemplo, alguma cidade ou estado localizados na região sofrer qualquer tipo de intervenção como, por exemplo, instalação de novas unidades industriais.” (REA1914, grifo nosso).

efeitos de transbordamento

Frequência/distribuição do termo no corpus de referência: 06/131 art.

Exemplos de ocorrências no *corpus* de referência:

“Parte da literatura sobre crescimento econômico sugere a existência de efeitos favoráveis exercidos pelo setor industrial e sua participação relativa no PIB sobre a taxa de crescimento econômico, sendo que tais efeitos estão associados a elementos que envolvem maior incorporação dos avanços tecnológicos e inovações, ganhos de produtividade, maior remuneração dos fatores de produção e **efeitos de transbordamento**. [1] Dentro desse contexto, a estrutura produtiva, e, portanto, a participação relativa do setor industrial, é considerada como um fator importante para se entender as distintas trajetórias de crescimento. (RAE1609, grifo nosso).

“Na NGE, essa deficiência foi sanada e seus elementos fundamentais são abordados de seguinte forma: a) rendimentos crescentes em escala: as economias de escala favorecem a concentração regional, além de evidenciarem as importâncias dos retornos crescentes e dos **efeitos de transbordamento** do conhecimento, que são basicamente as externalidades positivas.” (RAE1612, grifo nosso).

Observação 2: Apesar de o dicionário especializado informar que economias externas é uma variante para *externalidades*, pela própria definição do termo, essa hipótese não se confirma.

Percebe-se, pela definição do termo, que *deseconomias externas* estão para *externalidades negativas*, assim como *economias externas* estão para *externalidades positivas*. Há então uma incongruência na definição do termo *economias externas*, pois ele tem sentido apenas de *externalidades positivas*. Assim, não poderia ter o sentido de *externalidades*, como dá a entender a sua remissiva, uma vez que *externalidades* e *externalidades positivas* têm sentidos diferentes.

economias externas

Frequência/distribuição do termo no corpus de referência: 06/131 art.

Exemplos de ocorrências no *corpus* de referência:

“Dessa forma, acaba por aliviar a balança comercial desses países, aumentar a demanda por trabalho e criar **economias externas** que podem fomentar ainda mais os fluxos de capitais e os investimentos nesses locais.” (RAE1715, grifo nosso).

“Os rendimentos crescentes à escala dinâmicos, por sua vez, são aqueles obtidos pelo progresso tecnológico, pelas rotinas de aprendizagem e por **economias externas** à produção.” (RAE1803, grifo nosso).

“A firma-se que, quanto maior o tamanho das aglomerações urbanas, maiores são as possibilidades de **economias externas positivas**.” (RAE1820, grifo nosso).

Dados da coleta

Responsável pela coleta: Isabel Cristina Pereira dos Santos

Especialista consultado: Prof. Dr. Sabino da Silva Pôrto Junior

Data da entrada: 08/01/2021.

Última revisão: 14/04/2021.

Termo: função de produção	
Sigla: - Informação de categoria gramatical: SN m.s. Frequência/distribuição do termo no <i>corpus</i> de referência: 46/131 art.	Área: Economia (Sub)Domínio: Microeconomia Classificação JEL: D24 Produção • Custo • Capital • Capital, fator total e produtividade multifatorial • Capacidade

Contexto da lexia nos logs dos usuários								
Lexia	IP	Ano	Mês	Dia	Hora	Min.	Seg.	Local
"função de produção"	170.84.xx.yyy	2020	4	3	15	34	33	Chapecó- SC

Termo dicionarizado: função de produção

Definição 1: “É a relação entre a produção de um bem e os insumos ou fatores de produção necessários para produzi-lo. Uma função de produção pode ser apresentada na forma genérica $Q = f(L, K, t)$, em que Q é o produto, L é a força de trabalho, K é o capital e t é o progresso técnico. Outros fatores de produção, como as matérias-primas, podem fazer parte também da função de produção. Embora tenha sido elaborada originalmente no âmbito da teoria da firma, é possível estender o conceito para uma economia em que o produto nacional resultaria do emprego dos fatores de produção existentes. Nesse caso a função de produção é uma função de produção agregada e teria a mesma forma anterior, sendo, no entanto, o Q equivalente ao Produto Nacional Bruto, e K e L o total de capital e de força de trabalho empregados, respectivamente. Veja também Cobb-Douglas (Função de Produção)”.

Fonte: Sandroni (2016, p. 661).

Termos relacionados no dicionário: Cobb-Douglas (Função de Produção)

Definição 2: “Função que mostra o produto (ou produção) máximo que uma empresa pode obter para cada combinação específica de insumos.”

Fonte: Pindyck e Rubinfeld (2013, p. 194)

Exemplos de ocorrências no *corpus* de referência:

“O crescimento é endogenamente determinado, tomando a **função de produção** da economia como sendo linearmente homogênea nos fatores de produção.” (RAE1807, grifo nosso).

“O sorteio estaria relacionado diretamente à **função de produção** do produto da base exportadora: se a produção for intensiva, o prêmio é uma sociedade igualitária e dinâmica; caso contrário, o triste destino é a desigualdade e o atraso econômico.” (RAE1908, grifo nosso).

“O modelo utiliza uma **função de produção** padrão em que o produto é uma função do estoque de capital e da quantidade de trabalho empregada, representada pela equação: $Y = FK, N(1)$.” (RAE1912, grifo nosso).

Variante 1: funções de produção

Frequência/distribuição do termo no *corpus* de referência: 06/131 art.

Exemplos de ocorrências no *corpus* de referência:

“O modelo insumo-produto é fundamentado em retornos constantes à escala, as **funções de produção** são lineares e homogêneas e o conjunto dos coeficientes técnicos diretos é considerado fixo.” (RAE1515, grifo nosso).

“Elas podem exigir competências distintas, organizar de formas diversas suas **funções de produção** e marketing, utilizar distintos níveis de tecnologia e atender diferentes mercados.” (RAE1723, grifo nosso).

Variantes encontradas nas obras de Microeconomia consultadas: $Q = f(L, K, t)$

Exemplos de ocorrências no *corpus* de referência:

“Uma função de produção pode ser apresentada na forma genérica $Q = f(L, K, t)$, em que Q é o produto, L é a força de trabalho, K é o capital e t é o progresso técnico.” (SANDRONI, 2016, p. 661).

Dados da coleta

Responsável pela coleta: Isabel Cristina Pereira dos Santos

Especialista consultado: Prof. Dr. Sabino da Silva Pôrto Junior

Data da entrada: 08/01/2021.

Última revisão: 18/03/2021.

Termo: função de produção cobb-douglas	
Sigla: - Informação de categoria gramatical: SN s.f. Frequência/distribuição do termo no <i>corpus</i> de referência: 05/131 art.	Área: Economia (Sub)Domínio: Microeconomia Classificação JEL: D24 Produção • Custo • Capital • Capital, fator total e produtividade multifatorial • Capacidade

Contexto da lexia nos logs dos usuários								
Lexia	IP	Ano	Mês	Dia	Hora	Min.	Seg	Local
"economia da produção"	177.129.xx.yyy	2020	10	21	16	18	30	Viçosa - MG
"cobb douglas"	177.129.xx.yyy	2020	10	21	16	19	29	Viçosa - MG
"elasticidade de produção"	177.129.xx.yyy	2020	10	21	16	19	47	Viçosa - MG
"CES"	177.129.xx.yyy	2020	10	21	16	24	7	Viçosa - MG

Termo dicionarizado: cobb-douglas (função de produção) função de produção cobb-douglas
Observação: O conceito função de produção Cobb-Douglas é apresentado no <i>Dicionário de Economia</i> com duas entradas: “Cobb-Douglas (Função de Produção)” e “Função de produção Cobb-Douglas”. A primeira entrada contém a definição do termo e a segunda entrada, apesar de ser a que mais ocorre em textos especializados, é apresentada como remissiva, remetendo o consulente à primeira entrada.

Definição 1: “Uma função com a fórmula $Q = A \cdot L^a \cdot K^b$, em que Q é a produção, A , a e b são constantes e L e K são, respectivamente, o trabalho e o capital. A função é homogênea do grau $a + b$, uma vez que a multiplicação de L e K por uma constante c elevará o resultado na proporção de c^{a+b} . Assim, $Q1 = A \cdot cL^a \cdot cK^b = c^{a+b} \cdot (A \cdot L^a \cdot K^b)$. Se a soma dos expoentes for igual à unidade, a função Cobb-Douglas é linear homogênea, isto é, o retorno será uma constante em relação à escala de produção: se, por exemplo, o capital e o trabalho empregados aumentarem 50%, o produto também aumentará em 50%; se esta soma for maior do que a unidade, a função terá retornos crescentes à escala; e se a soma for inferior à unidade, o retorno será decrescente à escala. Veja também Função Homogênea.”
Fonte: Sandroni (2016, p. 276).
Termos relacionados no dicionário: Função Homogênea

Definição 2: “O tipo de função produção na qual capital e mão de obra são individualmente elevados a uma determinada potência e , depois disso, multiplicados entre si (como em $Q = K_{0,5}L_{0,5}$ apresentada anteriormente) é conhecido como função produção de Cobb-Douglas. Ela tem esse nome em homenagem ao matemático Charles Cobb e ao economista da Universidade de Chicago (e, posteriormente, senador dos EUA) Paul Douglas. A função produção de Cobb-Douglas é um dos tipos mais comuns de função produção utilizados pelos economistas.”
Fonte: Goolsbee, Levitt e Syverson (2018, p. 535).

Definição 3: “Se a função de produção tiver a forma $f(x_1, x_2) = Ax^a_1 x^b_2$, dizemos então que ela é uma função de produção de Cobb-Douglas”.
Fonte: Varian (2015, p. 490).

Definição 4: “Função de produção na forma $q = AK^\alpha L^\beta$, sendo q a taxa de produção, K a quantidade de capital e L a quantidade de trabalho. Os valores de A , α e β são constantes.”
Fonte: Pindyck e Rubinfeld (2013, p. 706).

Observação: A forma funcional Cobb-Douglas foi, a princípio, utilizada para estudar o comportamento da produção, mas, na Teoria do Consumidor, atua como uma função de utilidade. No caso da lexia “cobb douglas” empregada pelo usuário em sua busca, foi possível perceber que ela está relacionada à produção e não ao consumidor, uma vez que o mesmo usuário também empregou outros termos relacionados à produção, como “economia da produção”, elasticidade da produção” e “CES”.

Exemplos de ocorrências no corpus de referência:

“No modelo de Solow (1956, 1957) existem quatro variáveis que compõem a **função de produção Cobb-Douglas**: o trabalho (L), o capital (K), a tecnologia (A) e o produto (Y).” (RAE1606, grifo nosso).

“Uma alternativa à **função de produção Cobb-Douglas** é a utilização de modelos não paramétricos como a DEA.” (RAE1606, grifo nosso).

Variante 1: função de produção do tipo cobb-douglas

Frequência/distribuição do termo no corpus de referência: 01/131 art.

Exemplos de ocorrências no corpus de referência:

“O produto é definido por uma **função de produção do tipo Cobb-Douglas**, homogênea de grau 1.” (RAE1905, grifo nosso).

Variantes encontradas nas obras de Microeconomia consultadas: função produção de Cobb-Douglas; função de produção de Cobb-Douglas; funções de produção de Cobb-Douglas; $q = AK\alpha L\beta$

Exemplos de ocorrências nas obras de Microeconomia consultadas:

“A **função produção de Cobb-Douglas** apresenta retornos constantes de escala. Por conseguinte, a curva de custo médio de longo prazo é horizontal, enquanto a curva do custo total de longo prazo é uma linha reta com inclinação ascendente.” (GOOLSBEE; LEVITT; SYVERSON, 2018, p. 1817, grifo nosso).

“Vejam agora qual é a aparência do comportamento maximizador do lucro quando se utiliza a **função de produção de Cobb-Douglas**.” (VARIAN, 2015, p. 530).

“A **função de produção de Cobb-Douglas** é muito usada na economia e pode representar diversos tipos de produção.” (PINDYCK; RUBINFELD, 2013, p. 267, grifo nosso).

“As produções das empresas pequenas, assim como das empresas grandes, podem ser descritas por **funções de produção de Cobb-Douglas**.” (PINDYCK; RUBINFELD, 2013, p. 267, grifo nosso).

Observação do especialista: A forma funcional da Cobb-Douglas implica retornos decrescentes para cada variável e retornos constantes de escala para o conjunto das variáveis. Isso pode ocorrer para função utilidade com utilidade marginal decrescente para cada bem consumido.

Função cobb-douglas é um tipo de função de produção. O termo geral é *função de produção*.

Observação: Foi levantada a hipótese de o termo *função de produção* ser uma variante de *função de produção cobb-douglas*, porém essa hipótese não se confirma, uma vez que o termo *função de produção* tem a sua própria definição no *Dicionário de Economia do século XXI* (2016).

Dados da coleta

Responsável pela coleta: Isabel Cristina Pereira dos Santos

Especialista consultado: Prof. Dr. Sabino da Silva Pôrto Junior

Data da entrada: 08/01/2021.

Última revisão: 18/03/2021.

Termo: microeconomia	
Sigla: - Informação de categoria gramatical: s.f. Frequência/distribuição do termo no <i>corpus</i> de referência: 17/131 art.	Área: Economia (Sub)Domínio: Microeconomia Classificação JEL: D00 - Geral

Contexto da lexia nos logs dos usuários								
Lexia	IP	Ano	Mês	Dia	Hora	Min.	Seg	Local
“microeconomia”	200.235.xxx.yy	2019	6	26	14	10	12	Viçosa - MG
“micro”	200.235.xxx.yy	2019	6	26	13	51	26	Viçosa - MG
"microeconomico"	187.127.xxx.yy	2019	7	1	9	2	34	Belo Horizonte - MG

Termo dicionarizado: microeconomia

Definição 1: “Ramo da ciência econômica que estuda o comportamento das unidades de consumo representadas pelos indivíduos e pelas famílias; as empresas e suas produções e custos; a produção e o preço dos diversos bens, serviços e fatores produtivos. Em outras palavras, a microeconomia ocupa-se da forma como as unidades individuais que compõem a economia — consumidores privados, empresas comerciais, trabalhadores, produtores de bens ou serviços particulares etc. — agem e reagem umas sobre as outras. Surgiu no início da década de 30, quando a ciência Econômica se dividiu em dois ramos: a microeconomia e a macroeconomia (esta se ter essa pelo estudo dos agregados como a produção, o consumo e a renda do conjunto da população). Embora esses dois ramos da ciência econômica caminhem por canais distintos, a separação é frágil, pois o fenômeno econômico requer o inter-relacionamento das teorias que se inserem nesses dois âmbitos. Apresentando uma visão “microscópica” dos fenômenos econômicos, a microeconomia engloba a teoria do consumidor, que oferece subsídios para a análise da procura; a teoria da firma que se desdobra nas teorias da produção, dos custos e dos rendimentos constitui o alicerce da análise da oferta. Os preços relativos constituem a preocupação fundamental desse ramo da ciência econômica, tanto que ela é igualmente conhecida como a teoria dos preços. Na teoria do consumidor, a microeconomia analisa a intenção dos indivíduos de se apropriarem de determinada quantidade de bens, que satisfaça ao máximo suas necessidades. Na teoria da firma, é focado o empresário que procura combinar os fatores de produção de modo a maximizar seus lucros. Mediante essa análise, obtêm-se os elementos necessários para a derivação das ofertas individuais e de mercado. A combinação das quantidades de fatores de produção, bens e serviços, que os consumidores estão dispostos a adquirir, com as quantidades desses elementos que os empresários têm condições de oferecer impõe a determinação de um denominador comum, que é o preço. Assim, é a determinação desse preço que a microeconomia se propõe a estudar a questão sob dois ângulos: o dos fatores de produção e o dos bens e serviços. A microeconomia caracteriza-se como uma ciência de natureza dedutiva ou teórica. Esse caráter dedutivo é decorrência da complexidade e entrelaçamento de influências que subjazem às situações reais que são objeto de seu estudo. O caráter dedutivo é realçado pelo fato de que muitas das variáveis consideradas pela microeconomia não podem ser observadas ou mensuradas. É o caso, por exemplo, do grau de utilidade que os consumidores desfrutam ao dispor de certos bens ou serviços. A microeconomia lança mão de modelos, ou seja, construções compostas por uma série de hipóteses, a partir das quais as conclusões são extrapoladas. São modelos a forma como os indivíduos efetuam suas decisões, a maneira como as firmas procedem etc. A partir da situação do mundo real, são selecionadas as variáveis mais significativas do fenômeno que se estuda, permitindo que a complexidade desse mundo real seja manipulada. Uma segunda característica da microeconomia é sua natureza estático-comparativa, ou seja, ela tende a confrontar duas ou mais situações de equilíbrio, sem se preocupar com o período intermediário entre essas situações inicial e final. A terceira característica é seu enquadramento dentro do ramo da ciência positiva ou científica. Isso implica a ausência de juízo de valor ou conotação ética nas teorias microeconômicas, que se mantêm exclusivamente descritivas. A quarta característica é seu caráter de análise de equilíbrio parcial. Esse tipo de análise consiste na adoção de uma hipótese, pressupondo-se que todas as demais condições que influenciem o relacionamento entre duas variáveis, funcionalmente dependentes, sejam mantidas constantes. A microeconomia encontra bastante aplicação no mundo atual, podendo ser utilizada como elemento de previsão condicionado à ocorrência de determinado evento. É importante na elaboração de modelos que retratam as situações do mundo de forma simplificada. Desempenha importante papel na teoria do comércio internacional e encontra-se presente no mundo dos negócios como auxiliar de decisões administrativas relacionadas com a procura, estrutura de custos empresariais, métodos de fixação de preços etc. Veja também Macroeconomia.”

Fonte: Sandroni (2016, p. 1001-03).
Termos relacionados no dicionário: macroeconomia

Definição 2: “ciência que trata do modo como as entidades individuais que compõem a economia – consumidores privados, empresas comerciais, trabalhadores, grandes proprietários de terras, produtores de bens ou serviços particulares etc. – atuam reciprocamente. ETM *micr(o) + economia*.”

Fonte: Houaiss (2009, p. 1287).

Definição 3: “Ramo da economia que estuda as escolhas específicas feitas pelos consumidores e produtores.”

Fonte: Goolsbee, Levitt e Syverson (2018, p. 1892)

Definição 4: “Ramo da economia que lida com o comportamento de unidades econômicas individuais — consumidores, empresas, trabalhadores e investidores —, assim como com os mercados que essas unidades englobam.”

Fonte: Pindyck e Rubinfeld (2013, p. 708).

Exemplos de ocorrências no corpus de referência:

“Com o posterior desenvolvimento da teoria dos jogos com informações privadas, fundando a teoria dos incentivos e contratos, abrem-se outras novas fronteiras na **microeconomia**.” (RAE1611, grifo nosso).

“No entanto, as teorias clássicas da localização não explicam o porquê das atividades econômicas se concentrarem e/ou se dispersarem no espaço endogenamente com o uso de modelos econômicos fundamentados na **microeconomia** do comportamento.” (RAE1612, grifo nosso).

Variante 1: micro

Frequência/distribuição do termo no corpus de referência: 08/131 art.

Observação: “Micro” é usado como variante de termos nos quais atua como prefixo, como, por exemplo, “microeconomia” e “microeconômico”, principalmente quando ocorre em contextos juntamente com os termos “macroeconomia” e “macroeconômico”. Trata-se de uma redução para os termos formados por esse prefixo. Ex.: “micro e macroeconomia” e “micro e macroeconômico”.

Exemplos de ocorrências no corpus de referência:

“O spread bancário pode ser analisado também pelas óticas **micro** e macroeconômicas.” (RAE1505, grifo nosso)

“Os agentes financeiros responsáveis por tal desempenho foram os seguintes: Banco do Brasil, Banrisul, Bradesco, Caixa Econômica Federal e Itaú, todos com amplas redes de varejo e tradição de operar com o mercado de **micro**, pequenas e médias empresas (MPMES).” (RAE1610, grifo nosso).

Variante 2: microeconômico

Frequência/distribuição do termo no corpus de referência: 09/131 art.

Exemplos de ocorrências no corpus de referência:

“Tal enfoque subdividiu os estudos sobre o tema, e os trabalhos sobre essa nova subdivisão seguem o que a literatura denomina de internalização da produção, fornecendo um respaldo **microeconômico** a um tema abordado, até então, sob o ponto de vista macroeconômico.” (RAE1723, grifo nosso).

“Com base em Hermann (1993, p. 20-26), as estruturas financeiras propostas por Minsky são analisadas em um enfoque **microeconômico**.” (RAE1828, grifo nosso).

Variante 3: microeconomico

Frequência/distribuição do termo no corpus de referência: 0/131 art.

Observação: Variante proposta pelo usuário durante a recuperação da informação. Observa-se o apagamento do acento gráfico, característica comum em estratégias de busca na internet. Nesse caso, não se verificou ocorrência em textos especializados, pois se trata de linguagem informal.

Dados da coleta

Responsável pela coleta: Isabel Cristina Pereira dos Santos

Especialista consultado: Prof. Dr. Ivan Salomão

Data da entrada: 08/01/2021.

Última revisão: 21/01/2021.

Termo: poupança	
Sigla: - Informação de categoria gramatical: s.f. Frequência/distribuição do termo no <i>corpus</i> de referência: 281/131 art.	Área: Economia (Sub)Domínio: Microeconomia Classificação JEL: D14 - Economia Doméstica • Finanças Pessoais

Contexto da lexia nos logs dos usuários								
Lexia	IP	Ano	Mês	Dia	Hora	Min.	Seg.	Local
“investimento”	200.137.xx.yy	2019	7	16	17	47	21	Vitória - ES
“poupança”	200.137.xx.yy	2019	7	16	17	50	14	Vitória - ES

Termo dicionarizado: poupança

Definição 1: “Em economia, parte da renda nacional ou individual que não é utilizada em despesas, sendo guardada e aplicada depois de deduzidos os impostos. Há vários fatores que estimulam a poupança, destacando-se a ocorrência de taxas de juros elevadas e de expectativas negativas quanto a rendimentos futuros. Um dos maiores desestímulos à poupança é a inflação: por isso, nos países em que a inflação é elevada, a poupança costuma ser direcionada para formas de aplicação que garantam rendimentos suficientes para cobrir a desvalorização do dinheiro. No Brasil, esse obstáculo foi contornado pela criação de um reajuste mensal calculado pelas Taxas Referenciais (TR). Além da poupança voluntária comum, há formas de poupança compulsória, recolhidas pelo governo: é o caso, no Brasil, dos recolhimentos efetuados para o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS). Em macroeconomia, considera-se que uma economia está em “equilíbrio” se o total de investimentos realizados no país é igual ao total de poupanças. Quando, entretanto, a poupança supera os investimentos, surge uma tendência recessiva, com declínio da produção, da receita e do nível de emprego. Quando os investimentos excedem a poupança, surge uma tendência inflacionária, com aumento de preços. Veja também Consumo; Investimento”.

Fonte: Sandroni (2016, p. 1271).

Termos relacionados no dicionário: consumo; investimento.

Definição 2: “2 despesa moderada; economia. [...] 4 ECON fração da renda nacional ou individual que não é aplicada em serviços e bens de consumo.”

“ECON red. de caderneta de poupança. SIN/VAR ver sinonímia de *pecúlio*”

Fonte: Houaiss (2009, p. 1534).

Exemplos de ocorrências no corpus de referência:

“Mais especificamente, a contribuição de Keynes pode ser entendida a partir do debate sobre a relação **poupança** /investimento e a problemática do financiamento.” (RAE1508, grifo nosso).

“Portanto, o timing dos impostos tem impactos sobre as decisões de consumo e **poupança** das famílias.” (RAE1520, grifo nosso).

“À medida que o investimento é realizado, a atividade industrial é estimulada e geram-se rendas que serão divididas entre consumo e **poupança**.” (RAE1701, grifo nosso).

Observação: Foi levantada a hipótese de o termo *poupança* ser variante de *caderneta de poupança* e *conta de poupança* ou vice versa, porém essa hipótese não se confirmou, uma vez que *poupança* representa um conceito diferente dos outros dois termos, não podendo ser considerada nem redução desses *termos*, uma vez que na área de Economia, adquire um conceito especializado. Nas palavras do professor Ivan Salomão, especialista consultado, “*Caderneta* ou *conta de poupança* não são exatamente a mesma coisa que *poupança*. As duas primeiras podem ser lidas como um tipo de investimento, ao passo que o termo *poupança*, desacompanhado, significa todo e qualquer tipo de não gasto, ou seja, todos os recursos que não são empenhados em despesas ou consumos.”

Registram-se aqui as informações levantadas sobre esses dois termos no corpus de referência:

caderneta de poupança:

Frequência/distribuição do termo no corpus de referência: 03/131 art.

Exemplos de ocorrências no corpus de referência:

“Razões não faltam para isso, quais sejam: a securitização dos contratos de financiamento imobiliário começou a ser desenvolvida apenas no final dos anos 1990, com a instituição do Sistema de Financiamento Imobiliário (SFI); o financiamento imobiliário depende essencialmente de recursos direcionados da caderneta de poupança e do FGTS, cujos montantes, em grande parte, são provenientes de bancos públicos (a Caixa Econômica Federal detém aproximadamente 70% desse mercado); [...]” (RAE1616, grifo nosso).

“A única variável que permite identificar o recebimento do programa é a variável que engloba juros de caderneta de poupança e outras aplicações financeiras, dividendos, programas sociais e outros rendimentos.” (RAE1619, grifo nosso).

conta de poupança

Frequência/distribuição do termo no corpus de referência: 02/131 art.

Exemplos de ocorrências no *corpus* de referência:

“Uma evolução semelhante ocorreu com o número de clientes com conta de poupança, que registrou alta de 41,1% na mesma base de comparação, alcançando 82,1_milhões no final de 2007 (58,2_milhões em 2002).” (RAE1506, grifo nosso).

Dados da coleta
Responsável pela coleta: Isabel Cristina Pereira dos Santos
Especialista consultado: Prof. Dr. Ivan Colangelo Salomão
Data da entrada: 08/01/2021.
Última revisão: 23/03/2021.

Termo: renda	
Sigla: - Informação de categoria gramatical: s.f. Frequência/distribuição do termo no <i>corpus</i> de referência: 1918/131 art.	Área: Economia (Sub)Domínio: Microeconomia Classificação JEL: D31 - Renda pessoal, riqueza e suas distribuições

Contexto da lexia nos logs dos usuários								
Lexia	IP	Ano	Mês	Dia	Hora	Min.	Seg.	Local
"renda"	200.144.xx.y	2020	3	11	9	14	53	Santo André - SP
"rendimento"	2804:7f7:e283:9 287:895a:oooo: yyyy:xxxx	2020	10	5	23	1	13	Fortaleza - CE

Termo dicionarizado: renda

Definição 1: “A sobre remuneração devida à inelasticidade decorrente do caráter limitado de certos fatores de produção (especialmente a terra) ou da inadaptação temporária da oferta à procura. Num sentido amplo, o termo é utilizado para designar a renda nacional. Denomina também um fluxo de unidade monetária por unidade de tempo. As teorias clássicas sobre a renda buscavam explicar os rendimentos da terra. Foi David Ricardo quem, nesse contexto, tornou mais claro o conceito de renda formulado a partir das variáveis fertilidade do solo e distância dos mercados. Após Ricardo, o conceito estendeu-se para outros setores que não o agrícola, passando a ser encarado como um excedente, uma sobre remuneração devida à inelasticidade. O economista neoclássico Alfred Marshall introduziu o conceito de “excedente do consumidor” ou “renda econômica do consumidor” para designar a diferença entre o preço que alguém se dispõe a pagar por certo bem e o preço realmente pago. Para Marshall, esse último é sempre inferior ao preço que faria a pessoa desistir da compra. Assim, essa diferença entre o “preço de desistência” e o preço pago constitui a renda do consumidor, ou seja, a medida econômica de sua satisfação complementar. Além disso, viu a terra como o caso extremo ou limitador de uma série de agentes produtivos cuja oferta também pode ser inelástica e, portanto, geradora de renda. As máquinas, por exemplo, têm oferta inelástica a curto prazo, embora seja elástica a longo prazo. Como sua oferta não é fixa, os ganhos provenientes de seu uso não poderiam ser chamados de renda, no sentido econômico. Mas, a curto prazo, não pode aumentar nem diminuir sua oferta, pois tem uso durável e produção demorada. Aos rendimentos provenientes da demora de ajustamento da oferta dessa modalidade de equipamento à procura, Marshall deu o nome de “quase renda”. Dessa maneira, a renda na produção industrial nasce da concorrência insuficiente ou de monopólios mais ou menos prolongados. A maioria das rendas tem causas temporárias, ao contrário da renda da terra, ligada em última análise à fertilidade do solo. Existem, portanto, dois tipos de renda derivados da raridade ou escassez: a renda dos agentes naturais disponíveis em quantidade limitada e inferior às necessidades; e a dos bens colocados à disposição dos consumidores, numa quantidade inferior à demanda que existiria se apresentassem preço igual a seu custo. Depois de Marshall, alguns autores modernos optaram por utilizar o termo “benefício” para designar renda de escassez. Já outros distinguem o benefício da renda de escassez. Schumpeter, em sua Teoria do Desenvolvimento Econômico, apresentou os fundamentos da distinção entre benefício e renda de escassez. Segundo ele, a renda empresarial seria benefício quando resultante da iniciativa da empresa, ou seja, da introdução de inovações no processo produtivo. A renda da empresa seria de escassez quando resultasse de uma situação de monopólio. Veja também Distribuição da Renda; Quase Renda; Renda da Terra.”

Fonte: Sandroni (2016, p. 1361).

Termos relacionados no dicionário: distribuição da renda; quase renda; renda da terra

Definição 2: “1 total das importâncias recebidas periodicamente, por pessoa física ou jurídica, como remuneração de trabalho ou de prestação de serviços, de aluguel de imóveis, de aplicação de capital etc.; rendimento. 2 qualquer rendimento sujeito a obrigações tributárias. 3 valor que é recebido, arrecadado ou apurado; receita (*renda de uma quermesse, renda de um jogo de futebol*).”

Fonte: Houaiss (2009, p. 1643).

Termos relacionados no dicionário: renda per capita; renda pública; renda tributária

Exemplos de ocorrências no corpus de referência:

“Aliada à expansão industrial, a China vem passando por um processo de urbanização e aumento de **renda** que tem levado à necessidade de importação de alimentos, a fim de suprir a crescente demanda interna.” (RAE1503, grifo nosso).

“Nesse contexto, que resultou em maior dinamismo da economia brasileira e, conseqüentemente, do mercado de trabalho, com aumento da formalização do emprego, criou-se um círculo virtuoso no qual o consumo lastreado na expansão do crédito e da **renda** gerou demanda para os setores terciários e para a indústria de transformação.” (RAE1506, grifo nosso).

“Enquanto a **renda** e as receitas provenientes do café continuam em movimento ascendente, as contestações são dirimidas e absorvidas pelo discurso dominante.” (RAE1922, grifo nosso).

Variante 1: rendas

Frequência/distribuição do termo no corpus de referência: 144/131 art.

Exemplos de ocorrências no corpus de referência:

“Ao se analisar o comércio internacional, a premissa sob a qual o modelo de gravidade se baseia postula que o volume de comércio entre dois países é uma função crescente de suas **rendas** (num contexto em que o tamanho da economia de cada país é utilizado como uma proxy da renda) e uma função decrescente da distância entre os países (utilizada como proxy dos custos de transporte entre os países).” (RAE1519, grifo nosso).

“O processo de formação do PIB, além de contribuir para as **rendas** dos indivíduos, também resulta em emissões de GEE, responsáveis pelas mudanças climáticas.” (RAE1606, grifo nosso).

“À medida que o investimento é realizado, a atividade industrial é estimulada e geram-se **rendas** que serão divididas entre consumo e poupança.” (RAE1701, grifo nosso).

Observação: Foi levantada a hipótese de o termo *rendimentos* ser uma variante de *renda*. No *Dicionário de Economia do século XXI* (2016), há uma entrada para “renda” e outra entrada para “rendimentos”, porém, para “rendimentos” não há definição, mas apenas a remissiva “Veja renda”. Isso significa que ambos teriam a mesma definição. No entanto, essa hipótese não foi confirmada pelos especialistas. Segundo eles, *renda* e *rendimento* são conceitos diferentes. *Renda* está relacionada a salário, e *rendimento* é geralmente associado a aplicações financeiras, o quanto “rende” a poupança, as ações etc.

Os contextos de uso do termo *rendimentos* confirma a opinião dos especialistas:

“A principal implicação são as armadilhas da pobreza, em que os pobres tendem a continuar pobres pela falta de **rendimentos** para investir na educação.” (RAE1514, grifo nosso).

“Para se realizar as estimativas com os dados disponíveis, considerou-se como beneficiárias do programa as famílias que declararam na questão sobre **rendimentos** provenientes de programas sociais e outros **rendimentos** receber uma das quantias pagas pelo Bolsa Família, conforme número de filhos e renda familiar..” (RAE1619, grifo nosso).

Dados da coleta

Responsável pela coleta: Isabel Cristina Pereira dos Santos

Especialista consultado: Prof. Dr. Ivan Colangelo Salomão e Prof. Dr. Sabino da Silva Pôrto Junior

Data da entrada: 08/01/2021.

Última revisão: 18/03/2021.

ANEXO A – Recorte da Classificação JEL: D – Microeconomia

D	Microeconomia
	<i>Equilíbrio, Equilíbrio, Microeconomia, Racionalidade, Satisfação, Egoísmo, Equilíbrio aproximado.</i>
	D00 Geral
	<i>Microeconomia, Estado da Microeconomia</i>
	D01 Comportamento microeconômico: princípios subjacentes
	<i>racionalidade limitada, escolhas, comportamento microeconômico, preferência, escolha racional, racionalidade</i>
	D02 Instituições: Design, Formação, Operações e Impacto
	<i>Desenho Institucional, Instituições, Instituições Microeconômicas</i>
	D04 Política Microeconômica: Formulação, Implementação e Avaliação
	<i>Microeconomia Aplicada, Política Microeconômica, Análise de Políticas, Avaliação de Políticas, Formação de Políticas, Implementação de Políticas</i>
	D1 Comportamento familiar e economia familiar
	<i>restrição orçamentária, complementaridade, consumidor, soberania do consumidor.</i>
	D10 Geral
	<i>Consumidor, Consumo, Agregado Familiar</i>
	D11 Economia do Consumidor: Teoria
	<i>Variação compensatória, Aversão ao risco relativo constante, Excedente do consumidor, Curva de demanda, Utilidade esperada, Gorman Polar, Formação de hábitos, Famílias, Indiferença, Curva de indiferença, Elasticidade intertemporal de substituição, Curva de demanda dobrada, Lexicográfica, Utilidade marginal, Preferência, Estrutura de preferências, Teoria da preferência, Hipótese da renda relativa, Preferência revelada, Gosto, Utilidade, Função da utilidade</i>
	D12 Economia do Consumidor: Análise Empírica
	<i>Preferência de Marca, Orçamento, Dívida do Consumidor, Sentimento do Consumidor, Excedente do Consumidor, Dissuasão, Elasticidade, Elasticidade da Demanda, Despesas, Consumo de Alimentos, Economia Doméstica, Escala de Equivalência Doméstica, Famílias, Efeito Renda, Individual, Lazer, Restrições de Liquidez, Produtos de Luxo, Modelo de ajuste parcial, Economia de precaução, Preferência, Propensão a economizar, Efeito de substituição, Gosto, Quer, Disposição a pagar</i>
	D13 Produção doméstica e alocação intradomiciliar
	<i>Divisão do Trabalho, Dona de Casa, Economia Doméstica, Produção Doméstica, Domicílios, Trabalho Doméstico, Trabalho e Lazer, Lazer, Produção para Não Mercados</i>
	D14 Economia Doméstica • Finanças Pessoais
	<i>Legados, Planejamento Financeiro, Bens Domésticos, Investidor Individual, Falência Pessoal, Finanças Pessoais, Poupança Pessoal, Conta de Aposentadoria</i>
	D15 Escolha intertemporal das famílias • Modelos de ciclo de vida e economia
	<i>legado, suavização do consumo, desconto, patrimônio intergeracional, transferências intergeracionais, escolha intertemporal do consumidor, elasticidade intertemporal da substituição, ciclo de vida, gerações sobrepostas, taxa de desconto no tempo</i>
	D16 Consumo Colaborativo
	<i>Economia de Acesso, Economia Colaborativa, Consumidor a Consumidor, Fornecedor de Obtenedores, Economia Sob Demanda, Ponto a Ponto, Shareconomy, Compartilhando Economia,</i>
	D18 Proteção do consumidor
	<i>Defesa do Consumidor, Consumismo, Segurança Alimentar, Rotulagem, Recolha de Produtos, Segurança de Produtos, Proteção</i>
	D19 Outros
	<i>Consumidor</i>

continua...

continuação...

D2 Produção e Organizações
<i>Restrição Orçamentária, Organizações, Produção, Teoria da Produção.</i>
D20 Geral
<i>Organizações, Produção, Dados de Produção, Medição de Produção</i>
D21 Comportamento da firma: Teoria
<i>Análise de Equilíbrio, Acumulação de Capital, Funções de Custo, Minimização de Custos, Diversificação, Economias de Escala, Economias de Escopo, Elasticidade da Oferta, Empresa, Demanda por Fatores, Empresa, Comportamento da Firma, Nível da Firma, Produção da Firma, Empresas, Preços de Transferência Interna, Inventário, Acumulação de mão-de-obra, Tamanho ideal da empresa, Excedente do produtor, Durabilidade do produto, Mix de produtos, Produção, Fator de produção, Maximização de lucros, Taxas de lucro, Restrição ao orçamento suave, Abastecimento, Teoria da oferta, X Ineficiências</i>
D22 Comportamento da firma: análise empírica
<i>Análise de Equilíbrio, Restrição Orçamentária, Acumulação de Capital, Razão Capital-Produção, Funções de Custo, Minimização de Custos, Diversificação, Economias de Escala, Elasticidade da Oferta, Empresa, Demanda de Fatores, Empresa, Comportamento da Firma, Crescimento da Firma, Nível da Firma, Empresa Produção, Empresas, Preços de transferência interna, Inventário, Acumulação de mão de obra, Excedente do produtor, Durabilidade do produto, Mix de produtos, Produção, Taxas de lucro, Restrição ao orçamento suave, Suprimento, X Ineficiências</i>
D23 Comportamento organizacional • Custos de transação • Direitos de propriedade
<i>Custo, Escolha Institucional, Organização Interna, Organização, Comportamento Organizacional, Propriedade, Direitos de Propriedade, Custos de Transação, Transações</i>
D24 Produção • Custo • Capital • Capital, fator total e produtividade multifatorial • Capacidade
<i>Restrição orçamentária, Capacidade, Substituição de mão-de-obra de capital, Produtividade de capital, Escolha da técnica, Cobb Douglas, Funções de custo, Custo, Envelopamento de dados, Economias de escala, Eficiência, Elasticidades, Elasticidade da oferta, Excesso de capacidade, demanda de fator, Produtividade de fator, Proporções de fator, Substituição de fator, Produção firme, Estimativas de fronteira, Capacidade industrial, Ativos intangíveis, Isocost, Isoquants, Produção de conhecimento, Leontief Sraffa, Eficiência marginal de capital, Produtividade marginal, Custo de menu, Produção, Capacidade de produção, Medidas de eficiência de produção, Função de produção, Índice de produção, Tecnologia de produção, Produtividade, Taxa de retorno, Saldos em dinheiro real, Nova comutação, Retornos de escala, Economias de escala, Escolha tecnológica, Translog</i>
D25 Escolha intertemporal da empresa: investimento, capacidade e financiamento
<i>Capacidade, Acumulação de Capital, Depreciação, Financiamento, Crescimento da Empresa, Ciclo de Vida da Empresa, Escolha Intertemporal da Empresa, Inventário, Investimento, Q, Teoria das Opções Reais</i>
D26 Empresas Baseadas em Multidões
<i>Economia de acesso, Business-to-Business, Economia colaborativa, Economia de gig, Economia sob demanda, Ponto a ponto, Shareconomy, Compartilhando economia, Uberização</i>
D29 Outros
<i>Desempenho em faculdades, Capital heterogêneo, Pesquisa</i>
D3 Distribuição
<i>Distribuição Distribuidora.</i>
D30 Geral
<i>Concentração, Distribuição, Dados de Distribuição, Justiça Distribuidora, Divisão Justa</i>
D31 Renda pessoal, riqueza e suas distribuições
<i>Gini, Coeficiente de Gini, Renda, Desigualdade, Herança, Curva de Kuznets, Renda Média, Riqueza Nacional, Distribuição de Renda Pessoal, Redistribuição, Distribuição Relativa, Distribuição de Salários, Diferença Salarial, Desigualdade Salarial, Riqueza, Distribuição de Riqueza</i>

continua...

continuação...

D33 Distribuição de renda por fator
<i>compartilhamento de capital, renda fatorial, ações fatoriais, distribuição de renda, juros, aluguel, lucro salarial, participação salarial</i>
D39 Outros
<i>Distribuição</i>
D4 Estrutura de mercado, preços e design
<i>Concorrência, Preço marginal de custo, Comportamento do mercado, Design de mercado, Preço de mercado, Estrutura de mercado, Preço ótimo, Preço.</i>
D40 Geral
<i>Emergência de Mercados, Criação de Mercado, Estrutura de Mercado, Intermediários, Preços</i>
D41 Competição perfeita
<i>Preço de mercado, Concorrência perfeita, Comprador</i>
D42 Monopólio
<i>Monopólio Bilateral, Monopólio de Bens Duráveis, Preços Completos, Concorrência Imperfeita, Monopolistas, Preços de Monopólio, Monopsonia, Monopólio Natural, Discriminação de Preços, Criador de Preços, Monopólio Público</i>
D43 Oligopólio e outras formas de imperfeição do mercado
<i>Ponto de base, Bertrand Edgeworth, Modelo de Bertrand, Modelo de teia de aranha, Conluio, Comportamento colusivo, Duopólio de Cournot, Modelo de Cournot, Cournot Nash, Walras de Cournot, Diferenciação, Duopólios, Duopolistas, Duopólio, Saída, Preço de custo total, Modelo de hotelaria, Concorrência imperfeita, Concorrência monopolística, Nash Stackelberg, Concorrência sem preço, Oligopolistas, Preços de oligopólio, Liderança de preços, Concorrência por quantidade, Equilíbrio Stackelberg</i>
D44 Leilões
<i>Leilão, Licitação, Licitação, Leilão Inglês, Leilão de Primeiro Preço, Loteria, Leilão de Licitações Descendente Abertas, Leilão de Valor Privado, Maldição do Vencedor</i>
D45 Racionamento • Licenciamento
<i>Licença, Licenciamento, Licenciamento de Patentes, Licenciamento Profissional, Racionamento</i>
D46 Teoria do Valor
<i>Teoria Trabalhista do Valor, Mais-Valor, Troca Desigual, Valor</i>
D47 Design de Mercado
<i>Resolução de disputas, desenho institucional, estrutura de mercado, mercados, engenharia microeconômica, determinação de preços, formação de preços, quase-mercados</i>
D49 Outros
<i>Estrutura de Mercado, Preços</i>
D5 Equilíbrio geral e desequilíbrio
<i>Arbitragem, Seta Debreu, Desequilíbrio, Equilíbrio Geral Dinâmico, Equilíbrio Geral, Gerações Sobrepostas, Walrasiano.</i>
D50 Geral
<i>Equilíbrio geral estático comparativo, Desequilíbrio, Equilíbrio, Equilíbrio, Tatonamento, Equilíbrio walrasiano</i>
D51 Economias de troca e produção
<i>Alocação, Núcleo, Cournot Walras, Dinâmica do Desequilíbrio, Economia de Câmbio, Equilíbrio Geral, Produção, Economia de Produção, Mecanismos de Alocação à Prova de Estratégia, Equilíbrio Temporário</i>
D52 Mercados incompletos
<i>Equilíbrio geral, mercados incompletos</i>
D53 Mercados financeiros
<i>Equilíbrio Financeiro, Mercados Financeiros, Equilíbrio Geral</i>

continua...

continuação...

D57 Tabelas de entrada e saída e análise
<i>Saída de entrada dinâmica, IO, Saída de entrada, Tabela de saída de entrada, Modelo Leontief, Contabilidade social, Matriz de contabilidade social, input, output</i>
D58 Modelos de equilíbrio geral computáveis e outros aplicados
<i>Equilíbrio Geral Aplicado, CGE, Equilíbrio Geral Computável, Equilíbrio Geral Computável Dinâmico</i>
D59 Outros
<i>Desequilíbrio, Equilíbrio Geral</i>
D6 Bem-estar econômico
<i>Bem-estar econômico, Melhoria do bem-estar, Melhoria do bem-estar, Bem-estar.</i>
D60 Geral
<i>Bem-estar econômico</i>
D61 Eficiência alocativa • Análise de custo-benefício
<i>Eficiência Alocativa, Custo Benefício, Teorema de Coase, Avaliação Contingente, Custo Benefício, Econômico, Perda de Peso Morto, Alocação Edgeworth, Primeira Melhor Alocação, Mecanismo de Incentivo e Eficiente, Ineficiência, Preço Marginal, Eficiência Pareto, Melhoria Pareto, Pareto Ideal, Redistribuição, Benefício de Risco, Segundo Melhor, Preços Sombra, Custo de Oportunidade Social, Mecanismos de Alocação à Prova de Estratégia, X Eficiências, X Ineficiências</i>
D62 Externalidades
<i>Externalidade do consumo, Externalidade, Externalização das externalidades, Externidade negativa, Imposto pigouviano, Externidade positiva, Externidade da produção, Efeito de transbordamento</i>
D63 Equidade, justiça, desigualdade e outros critérios e mensuração normativa
<i>Justiça distributiva, distributiva, bem-estar econômico, equidade de eficiência, igualitário, doação, igualdade, equidade, divisão justa, equidade, Gini, coeficiente de Gini, escala de equivalência doméstica, desigualdade, desigualdade, injustiça, equidade intergeracional, justiça, moralidade, critérios normativos, Reciprocidade, compartilhamento, bem-estar social, função de bem-estar social, injustiça</i>
D64 Altruísmo • Filantropia • Transferências entre gerações
<i>Altruísmo, Benevolência, Legado, Contribuição de Caridade, Caridade, Doação, Presentes, Herança, Transferências entre Gerações, Reciprocidade, Simpatia, Voluntarismo</i>
D69 Outros
<i>Economia do Bem - Estar</i>
D7 Análise da Tomada de Decisão Coletiva
<i>Tomada de Decisão Coletiva, Cooperação, Autoritarismo.</i>
D70 Geral
<i>Tomada de Decisão Coletiva, Consenso</i>
D71 Escolha Social • Clubes • Comitês • Associações
<i>Associação, Clubes, Coalizões, Ação Coletiva, Comitês, Indiferença, Majoritária, Regra da Maioria, Olsoniana, Escolha Racional, Racionalidade, Regras, Escolha Social, Função de Decisão Social, Bem-Estar Social, Função de Bem-Estar Social</i>
D72 Processos políticos: busca de aluguel, lobby, eleições, legislaturas e comportamento de voto
<i>Definição da Agenda, Repartição, Teorema da Impossibilidade da Seta, Cédula, Bicameral, Bipartidário, Por Eleição, Campanha, Caucus, Coalizões, Voto Condorcet, Congresso, Constituição, Democracia, Democratização, Ditadura, Eleição, Eleitorado, Feudalismo, Gerrymandering, Governo, Impeachment Teorema da impossibilidade, Grupo de interesse, Legislatura, Liberdade, Lobbying, Regra da maioria, Monarquia, Governo nacional, PAC, Parlamento, Sistema partidário, Política, Política, Ciclo de negócios político, Campanha política, Processo político, Político, Política econômica, Presidencial, Regional Governo, Captura de aluguel, Busca de aluguel, Representação, Representantes, Direitos, Separação de poderes, Sufrágio, Bipartido, Veto, Votação</i>

continua...

conclusão...

D73 Burocracia • Processos administrativos em organizações públicas • Corrupção
<i>Bureau Bureau, Burocracia, Corrupção, Hierarquia, Organização Pública, Tecnochrata</i>
D74 Conflito • Resolução de Conflitos • Alianças • Revoluções
<i>Aliança, Negociação, Bloqueio, Boicote, Combate, Conflito, Cooperação de Conflito, Resolução de Conflitos, Diplomacia, Embargo, Hegemonia, Insurreição, Manutenção da Paz, Pacificação, Rebelião, Rivalidade, Violência, Guerra</i>
D78 Análise positiva da formulação e implementação de políticas
<i>Análise de Políticas, Formulação de Políticas, Implementação de Políticas, Formulação de Políticas, Economia Positiva</i>
D79 Outros
<i>Análises de Candidatos, Tomada de Decisão Coletiva</i>
D8 Informação, conhecimento e incerteza
<i>Racionalidade Limitada, Conhecimento Comum, Probabilidades, Racionalidade, Avaliação de Riscos, Surpresa.</i>
D80 Geral
<i>Decisão, Análise de Dissonância, Informação, Incerteza</i>
D81 Critérios para tomada de decisão sob risco e incerteza
<i>Allais Paradox, Certeza, Equivalência de Certeza, Chance, Tomada de Decisão, Epistêmica, Teoria da Utilidade Esperada, Cobertura, Comportamento do Rebanho, Ignorância, Aversão à Perda, Utilidade Não Esperada, Probabilidade, Teoria da Perspectiva, Escolha Racional, Arrependimento, Aversão ao Risco, Aversão ao Risco, Risco, Benefício de risco, Risco amoroso, Risco neutro, Compartilhamento de risco, Assunção de riscos, Shackelian, Domínio estocástico, Incerteza</i>
D82 Informações assimétricas e privadas • Design de mecanismo
<i>Seleção adversa, agência, informações assimétricas, concursos, trapaça por especialistas, ignorância, informações imperfeitas, teoria da implementação, compatibilidade de incentivos, mecanismo compatível com incentivos, contratos incompletos, informações, aquisição de informações, informações, monitoramento, risco moral, agente principal, renegociação, Sinalização, Torneios</i>
D83 Pesquisa • Aprendizagem • Informação e conhecimento • Comunicação • Crença • Desconhecimento
<i>Expectativa Adaptativa, Crença, Competência, Enganação, Epistêmico, Informação Completa, Informação Imperfeita, Informação, Aquisição de Informação, Baseado em Informação, Transmissão de Informação, Conhecimento, Produção de Conhecimento, Aprendizagem, Aprendendo a Fazer, Pesquisa Ótima, Pesquisa, Custo de Pesquisa, Pesquisa Equilíbrio de mercado, correspondência de pesquisa, sinais, uso do conhecimento</i>
D84 Expectativas • Especulações
<i>Expectativa Adaptativa, Antecipação, Expectativa, Aquisição de Informações, Prospectiva Perfeita, Expectativa Racional, Especulação, Especulador, Incerteza</i>
D85 Formação e Análise de Redes: Teoria
<i>Rede, Design de rede, Efeito de rede, Formação de rede</i>
D86 Economia do Contrato: Teoria
<i>Contratação Bilateral, Contratos Completos, Contratos, Problema de Retenção, Contrato Implícito, Contratos Incompletos, Contratação Multilateral, Contratos Ótimos</i>
D87 Neuroeconomia
<i>Escolha, Tomada de Decisão, Neuroeconomia</i>
D89 Outros
D9 Economia comportamental micro-baseada
D90 Geral
<i>Comportamental, Microeconomia</i>
D91 Papel e efeitos de fatores psicológicos, emocionais, sociais e cognitivos na tomada de decisão
<i>Comportamental, Viés, Evolucionário, Enquadramento, Heurística, Atenção limitada, Efeitos de menu, Neuroeconomia, Não-razional, Excesso de confiança, Superotimismo, Preferências, Viés presente, Viés de projeção, Teoria da perspectiva, Dependência de referência, Teoria do arrependimento, Problemas de autocontrole, Inconsistência de tempo</i>

Fonte: American Economic Association (2020, on-line, tradução nossa).